"O melhor escritor de thrillers da atualidade." Ken Follett

John Grisham

O advogado rebelde

Ele não deixará que a verdade atrapalhe a justiça

"John Grisham aperfeiçoou a arte
de criar thrillers convincentes,
de ritmo acelerado."

– TELEGRAPH

Do lado certo da lei.
Mais ou menos.

Conheça o ilustre Sebastian Rudd, advogado.
O seu telefone não consta de nenhuma lista.
Ele carrega uma arma.
Seu escritório é uma van blindada.
Ele pega os casos que nenhum outro advogado quer pegar.
Se você se meter em apuros, certamente vai querer
este advogado rebelde do seu lado...





John Grisham é autor de 28 romances, uma obra de não ficção, uma coleção de contos e cinco romances para jovens leitores.

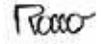
Imagens de capa: © Melanie Sinclair/ImageBrief.com, figura © Silas Manhood

Sebastian Rudd acredita que toda pessoa acusada de um crime tem direito a um julgamento justo - ainda que ele tenha que trapacear para garantir que a justiça seja feita. Ele contraria pessoas de ambos os lados da lei: seu útimo escritório foi alvo de uma bomba incendiária, que pode ter sido lançada por traficantes de drogas ou policiais. Ele não sabe e não se importa.Mas as coisas estão prestes a ficar mais complicadas para Sebastian. Arch Swanger é o principal suspeito do sequestro e possível assassinato de Jiliana Kemp, de 21 anos, filha do chefe de polícia adjunto. Quando Swanger pede a Sebastian para representá-lo, ele revela um segredo que ameaçará tudo que e mais caro ao advogado rebelde.Sebastian Rudd é um dos mais exuberantes, afrontosos e marcantes personagens de John Grisham. Realista e empolgante, O advogado rebelde exibe o melhor do mestre do thriller jurídico.

John Grisham

O advogado rebelde

Tradução de Geni Hirata



Título original
ROGUE LAWYER

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, eventos ou locais é mera coincidência.

Copyright © 2015 *by* Belfry Holdings, Inc.
Todos os direitos reservados.

Design do livro *by* Maria Carella

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Revisão técnica
FERNANDO THOMPSON

Preparação de originais
FATIMA FADEL

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

G888a Grisham, John, 1955-
O advogado rebelde / John Grisham; tradução de Geni Hirata. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

Tradução de: Rogue lawyer
ISBN 978-85-325-3041-7

1. Ficção norte-americana. I. Hirata, Geni. II. Título.

16-35071

CDD-813
CDU-821.111(73)-3

PARTE UM

DESACATO

1

Meu nome é Sebastian Rudd e, embora eu seja um advogado famoso, você não verá meu nome em outdoors, em ônibus ou em anúncios berrantes nas Páginas Amarelas. Eu não pago para ser visto na televisão, embora sempre esteja lá. Meu nome não consta de nenhum catálogo telefônico. Eu não tenho um escritório convencional. Carrego uma arma, legalmente, porque meu nome e meu rosto tendem a chamar a atenção do tipo de pessoas que também carregam armas e não têm escrúpulos em usá-las. Moro sozinho, geralmente durmo sozinho, e não possuo a paciência e a compreensão necessárias para manter amizades. A lei é a minha vida, sempre desgastante e às vezes gratificante. Eu não a chamaria de uma "amante ciumenta", como alguém já esquecido disse certa vez de forma tão memorável. É mais como uma esposa autoritária que controla o talão de cheques. Não há escapatória.

Ultimamente, tenho dormido em quartos baratos de motéis que mudam toda semana. Não estou tentando economizar dinheiro; só estou tentando me manter vivo. Há muita gente que gostaria de me matar agora mesmo, e alguns deles já declararam isso alto e bom som. Eles não lhe dizem na Faculdade de Direito que um dia você pode se ver defendendo uma pessoa acusada de um crime tão hediondo que cidadãos normalmente pacatos sentem-se impelidos a pegar em armas e ameaçar matar o acusado, seu advogado e até mesmo o juiz.

No entanto, já fui ameaçado antes. Faz parte da condição de um advogado rebelde, trapaceiro e ardiloso, uma subespecialidade da profissão para a qual eu mais ou menos descambei há dez anos. Quando terminei a Faculdade de Direito, os empregos eram escassos. Com relutância, aceitei um cargo de meio expediente na Defensoria Pública da City. De lá, aportei em uma firma pequena, não rentável, que lidava exclusivamente com defesa criminal. Após alguns anos, essa firma foi pelos ares e fiquei por conta própria, na rua com muitos outros, lutando para ganhar uns trocados.

Um caso me colocou no mapa. Não posso dizer que me tornou famoso porque, vamos e venhamos, como se pode dizer que um advogado é famoso em uma cidade de um milhão de pessoas? Muitos picaretas locais acham que são famosos. Eles sorriem em outdoors enquanto pedem sua falência e se aprumam com arrogância em anúncios de televisão enquanto parecem profundamente preocupados com seus danos pessoais, mas são obrigados a pagar por sua própria publicidade. Não eu.

Os motéis baratos mudam a cada semana. Estou no meio de um julgamento

em uma cidadezinha do interior, atrasada, caipira e tristonha chamada Milo, a duas horas de onde eu moro na City. Estou defendendo um desmiolado de dezoito anos, acusado de matar duas meninas em um dos crimes mais terríveis que já vi, e tenho visto muitos. Meus clientes são quase sempre culpados, portanto, não perco meu tempo torcendo as mãos, preocupando-me se eles estão tendo o que merecem. Neste caso, entretanto, Gardy não é culpado, não que isso tenha importância. Não tem. O que importa em Milo atualmente é que Gardy seja condenado, sentenciado a morte e executado o mais rápido possível, de modo que a cidade possa se sentir melhor a respeito de si mesma e seguir em frente. Seguir em frente para onde, exatamente? Não faço a menor ideia, nem quero fazer. Esse lugar está regredindo há cinquenta anos e uma droga de veredicto não vai alterar seu curso. Eu li e ouvi dizer que Milo precisa de "fechamento", o que quer que isso signifique. Seria preciso ser um idiota para acreditar que esta cidade irá de alguma forma crescer, prosperar e se tornar mais tolerante assim que Gardy receber a injeção.

Meu trabalho é multifacetado e complicado, e, ao mesmo tempo, é bastante simples. Estou sendo pago pelo Estado para prover uma defesa de primeira classe a um réu acusado de homicídio doloso qualificado sujeito à pena de morte, e isso requer que eu lute, esbraveje e faça um escândalo em uma sala de tribunal onde ninguém está ouvindo. Gardy foi basicamente condenado no dia em que foi preso e seu julgamento não passa de uma formalidade. Os policiais burros e desesperados anunciaram as acusações e forjaram as provas. O promotor público sabe disso, mas não tem escrúpulos e está preocupado com sua reeleição no próximo ano. O juiz dorme. Os jurados são no fundo pessoas simples e amáveis, assustadas com o processo e sempre ansiosas para acreditar nas mentiras que suas arrogantes autoridades fabricam no banco das testemunhas.

Milo tem sua cota de motéis baratos, mas não posso ficar lá. Eu seria linchado, esfolado, queimado vivo ou, se tivesse sorte, um franco -atirador me acertaria entre os olhos e tudo terminaria em um átimo de segundo. A polícia estadual está dando proteção durante o julgamento, mas tenho a clara impressão de que esses sujeitos não estão muito interessados nisso. Eles me veem do mesmo modo que a maioria das pessoas. Sou um fanático aloprado de cabelos compridos, suficientemente canalha para lutar pelos direitos de assassinos de crianças e afins.

Meu motel atual é um Hampton Inn localizado a vinte e cinco minutos de Milo. Custa sessenta dólares por noite e o Estado me reembolsará. No quarto ao lado está Partner, um sujeito parrudo, fortemente armado, que usa ternos pretos e me leva para todo lugar. Partner é meu motorista, guarda-costas, confidente,

assistente jurídico, caàdie e único amigo. Conquistei sua lealdade quando um júri o considerou inocente de matar um agente da Narcóticos infiltrado. Nós deixamos a sala do tribunal de braços dados e nos tomamos inseparáveis desde então. Em ao menos duas ocasiões, policiais à paisana tentaram matá-lo. Certa vez, vieram atrás de mim.

Ainda estamos de pé. Ou talvez eu deva dizer que ainda estamos driblando nossos adversários.

2

Às oito da manhã do dia seguinte, Partner bate em minha porta. É hora de ir. Cumprimentamo-nos e entramos no meu veículo, que é uma van de transporte Ford, preta, inteiramente adaptada às minhas necessidades. Como também serve de escritório, os bancos traseiros foram rearranjados ao redor de uma pequena mesa dobrável junto à parede da van. Há um sofá no qual muitas vezes passo a noite. Todas as janelas são obscurecidas e à prova de balas. Há também uma televisão, um aparelho de som estéreo, internet, geladeira, bar, algumas armas e uma muda de roupas. Eu me sento na parte da frente com Partner e nós desembrulhamos pãezinhos de linguiça de fast-food enquanto deixamos o estacionamento. Um carro da polícia estadual sem identificação posiciona-se à nossa frente para nos escoltar até Milo. Há outro atrás de nós. A última ameaça de morte ocorreu há dois dias e veio por e-mail.

Partner não fala a menos que alguém fale com ele primeiro. Não criei essa regra, mas eu a adoro. Ele não fica nem um pouco incomodado com longos períodos de silêncio na conversa, nem eu. Após anos sem dizer quase nada, aprendemos a nos comunicar com acenos, piscadelas e silêncio. A meio caminho de Milo, abro uma pasta de arquivo e começo a tomar notas.

O duplo homicídio foi tão horripilante que nenhum advogado local quis tocar no caso. Então, Gardy foi preso, e basta um olhar para saber que ele é culpado. Cabelos compridos pintados de um preto forte e lustroso, uma impressionante coleção de piercings acima do pescoço e de tatuagens abaixo, brincos metálicos combinando, olhos claros e frios, e um risinho afetado que diz: “O. k., fui eu mesmo, e daí? ” Em sua primeira reportagem, o jornal de Milo descreveu-o como “membro de um culto satânico, com um registro de abuso sexual de crianças”.

Que tal isso para uma reportagem honesta e imparcial? Ele nunca pertenceu a nenhum culto satânico e o caso de assédio sexual de criança não é o que parece. Mas, a partir daquele instante, Gardy foi considerado culpado e eu ainda me admiro com o fato de termos conseguido chegar aonde chegamos. Há meses que queriam encarcerá-lo.

Desnecessário dizer que todo advogado em Milo trancou sua porta e desligou o telefone. Não há nenhum sistema de defensoria pública na cidade — é pequena demais — e os casos dos que não podem pagar são distribuídos pelo juiz. Há uma regra tácita de que os advogados mais novos na cidade peguem esses casos de baixa remuneração porque 1) alguém tem que pegá-los e 2) os advogados

mais velhos o fizeram quando eram mais novos. Mas ninguém aceitou defender Gardy e, para ser franco, não posso realmente culpá-los. É a cidade deles e a vida deles, e ficar do lado de um assassino tão perverso poderia causar danos irreparáveis a uma carreira.

Como sociedade, nós nos apegamos a crença em um julgamento justo para uma pessoa acusada de um crime grave, mas alguns de nós resistem quando a questão é fornecer um advogado competente para garantir o dito julgamento justo. Advogados como eu vivem com a pergunta: “Mas como você é capaz de representar essa escória? ”

Eu respondo com um rápido: “Alguém tem que fazer isso”, enquanto me afasto.

Nós realmente queremos julgamentos justos? Não, não queremos. Queremos justiça, e depressa. £ justiça é qualquer coisa que consideramos ser em uma base casuística.

Também podemos dizer que não acreditamos em julgamentos justos porque certamente não os temos. A presunção de inocência agora é a presunção de culpa. O ônus da prova é uma farsa porque a prova em geral é constituída de mentiras. A culpa para além de qualquer dúvida razoável significa que, se ele provavelmente cometeu o crime, então vamos tirá-lo das ruas.

De qualquer modo, os advogados escafederam-se e Gardy não tinha ninguém para a sua defesa. É uma observação, lamentável ou não, em minha reputação o fato de eu logo ter recebido o telefonema. Nesta extremidade do estado, é consenso nos meios jurídicos que, se não se conseguir mais ninguém, chame Sebastian Rudd. Ele está disposto a defender qualquer um!

Quando Gardy foi detido, uma multidão apareceu diante da cadeia gritando por justiça. Quando a polícia conduziu o suspeito para uma van para o translado a sala do tribunal, o povaréu xingou-o e atirou pedras e tomates. Isso foi minuciosamente relatado pelo jornal local e até chegou ao noticiário da noite da City (não há nenhuma estação de rede de TV baseada em Milo, apenas uma conexão a cabo de baixa qualidade). Eu berrei por uma mudança de foro, pleiteei junto ao juiz que o julgamento fosse transferido para um local a pelo menos uns cento e cinquenta quilômetros de distância, de modo que pudéssemos encontrar alguns jurados que não tivessem atirado coisas no garoto ou no mínimo lhe rogado uma praga durante o jantar. Mas o pedido foi negado. Todas as minhas petições anteriores ao julgamento foram indeferidas.

Novamente, a cidade quer justiça. A cidade quer fechamento.

Não há nenhuma multidão para receber a mim e a minha van quando dobramos em um pequeno caminho de entrada de carros atrás do tribunal, mas alguns dos atores de sempre estão ali. Eles se amontoam atrás de uma barricada

da polícia não muito distante, segurando seus tristes cartazes que apregoam coisas inteligentes como “Enforquem o assassino de criancinhas”, “O diabo está a espera” e “Fora Rudd! ”. Há cerca de uma dúzia dessas almas patéticas esperando para me vaiar e, mais importante ainda, mostrar seu ódio a Gardy, que chegará ao mesmo lugar em cerca de cinco minutos. Nos primeiros dias do julgamento, essa pequena multidão atraía as câmeras e algumas dessas pessoas apareceram nos jornais com seus cartazes. Isso, é claro, encorajou-os, e desde então eles estão ali todas as manhãs. Fat Susie, ou a gorda Susie, como é chamada, segura o cartaz “Fora Rudd! ” e parece querer me fuzilar. E Bullet Bob, o Bob bala, alega ser parente de uma das meninas mortas e foi citado como tendo dito algo no sentido de que um julgamento era uma perda de tempo.

Acho que ele tinha razão a respeito disso. Eu estou com medo.

Quando a van para, Partner dá a volta rapidamente até a minha porta, onde é recebido por três jovens guardas mais ou menos do seu tamanho. Eu desço do carro e sou adequadamente protegido, em seguida sou conduzido rapidamente pela porta dos fundos do tribunal enquanto Bullet Bob me xinga de vendido. Outra entrada de segurança. Não tenho notícia de nenhum caso na era moderna em que o advogado de defesa de um criminoso leva um tiro ao entrar em um tribunal no meio de um julgamento. Entretanto, já me resignei a possibilidade de vir a ser o primeiro.

Subimos uma estreita escada dos fundos, inacessível a qualquer outra pessoa, e sou levado a uma pequena cela, um compartimento sem janelas onde antigamente mantinham os prisioneiros enquanto esperavam audiência com o juiz. Alguns minutos depois, Gardy chega são e salvo. Partner sai e fecha a porta.

— Como vai? — pergunto quando ficamos sozinhos.

Ele sorri e esfrega os pulsos, sem algemas por algumas horas.

— OK., eu acho. Não dormi muito. — Também não tomou banho, porque tem medo. De vez em quando ele faz uma tentativa, mas eles não ligam a água quente. Assim, Gardy fede a suor rançoso e lençóis sujos, e agradeço por ele ficar bem distante do júri. A tintura negra está aos poucos saindo de seus cabelos, que a cada dia ficam mais claros, e sua pele fica mais pálida. Ele está mudando de cores diante do júri, outro sinal claro de suas aptidões animalescas e tendências satânicas.

— O que vai acontecer hoje? - pergunta ele, com uma curiosidade quase infantil. Ele tem um QI de 70, apenas o suficiente para ser processado e sentenciado a morte.

— Receio que mais do mesmo, Gardy. Apenas mais do mesmo.

— Você não pode fazê-los parar de mentir?

— Não, não posso.

O Estado não tem nenhuma prova concreta ligando Gardy aos assassinatos. Zero. Assim, em vez de avaliar a falta de provas e reconsiderar o caso, o Estado está fazendo o que sempre faz. Continua plantando provas com mentiras e falsos testemunhos.

Gardy passou duas semanas no tribunal ouvindo mentiras, fechando os olhos enquanto sacudia a cabeça lentamente. Ele é capaz de sacudir a cabeça durante horas e os jurados devem achar que é maluco. Eu disse a ele para parar, sentar-se direito, pegar uma caneta e rabiscar alguma coisa em um bloco como se fosse inteligente e quisesse lutar, revidar, vencer. Mas ele simplesmente não consegue fazer isso e não posso discutir com meu cliente na sala do tribunal. Eu também lhe disse para cobrir os braços e o pescoço a fim de esconder as tatuagens, mas ele se orgulha delas. Eu lhe disse para tirar os piercings, mas ele insiste em continuar sendo quem é. As brilhantes criaturas que administram a cadeia de Milo proíbem piercings de qualquer tipo, a menos que, é claro, você seja Gardy e vá voltar a sala do tribunal. Nesse caso, use-os no rosto todo.

Pareça o mais repulsivo, doentio e satânico possível, Gardy, de modo que seus iguais não tenham nenhum problema com sua culpa.

Em um gancho, há um cabide com a mesma camisa branca e calça cáqui que ele tem usado todos os dias. Paguei por essa indumentária simples. Lentamente, ele abre o zíper do macacão laranja de presidiário e sai de dentro dele. Ele não usa roupa de baixo, algo que notei no primeiro dia do julgamento e tenho tentado ignorar desde então. Veste-se lentamente.

— Tantas mentiras — diz ele.

E ele tem razão. O Estado chamou dezenove testemunhas até agora e nenhuma resistiu a tentação de florear um pouco ou de simplesmente mentir descaradamente. O patologista que fez as autópsias no laboratório criminal do estado disse ao júri que as duas pequenas vítimas morreram afogadas, mas também acrescentou que um “traumatismo contundente’’ em suas cabeças foi um fator que contribuiu. É uma história melhor para a acusação se o júri acreditar que as meninas foram estupradas e surradas antes de serem atiradas no lago. Não há nenhuma evidência física de que tenham de algum modo sido sexualmente molestadas, o que não impediu a acusação de incluir isso como parte do caso. Eu regateei com o patologista por três horas, mas é difícil discutir com um especialista, ainda que seja um incompetente.

Como o Estado não possui provas, é forçado a fabricar algumas. O testemunho mais ultrajante veio de um informante que chamam de Smut - desbocado ou boca suja —, um apelido apropriado. Smut é um consumado mentiroso do tribunal que testemunha o tempo todo e é capaz de dizer o que quer

que os promotores queiram que ele diga. No caso de Gardy, Smut estava de volta a cadeia sob uma acusação de porte de drogas e encarando dez anos de prisão. Os policiais precisavam de algum testemunho e, como era de esperar, Smut estava a disposição. Eles lhe informaram detalhes dos crimes, depois transferiram Gardy de uma prisão regional para uma cadeia do condado onde Smut estava trancafiado. Gardy não fazia a menor ideia do motivo de estar sendo transferido e não desconfiava que estivesse sendo atraído para uma armadilha. (Isso aconteceu antes de eu me envolver no caso). Atiraram Gardy em uma pequena cela com Smut, que se mostrou ansioso para conversar e ajudar no que pudesse. Alegou detestar os policiais e conhecer alguns bons advogados. Ele também havia lido sobre os assassinatos das duas meninas e tinha um palpite de quem realmente as havia matado. Como Gardy não sabia nada a respeito dos assassinatos, nada tinha a acrescentar à conversa. Ainda assim, em vinte e quatro horas Smut alegou ter ouvido uma confissão completa. Os guardas o arrancaram da prisão e Gardy nunca mais o viu, até o julgamento. Como testemunha, Smut se arrumou, apresentou-se de camisa e gravata, os cabelos cortados, e escondeu suas tatuagens do júri. Com surpreendentes detalhes, ele repetiu o relato de Gardy de como ele seguiu as meninas até o bosque, derrubou-as de suas bicicletas, amordaçou-as e amarrou suas mãos, depois torturou-as, molestou-as e surrou-as, antes de atirá-las no lago. Na versão de Smut, Gardy estava completamente drogado e andara ouvindo heavy metal.

Foi uma grande performance. Eu sabia que era tudo mentira, assim como Gardy e Smut, bem como os promotores e os policiais, e desconfio que o juiz também tinha suas suspeitas. No entanto, os jurados engoliram a história com nojo e olharam com ódio para o meu cliente, que absorveu tudo com os olhos fechados e sacudindo a cabeça, não, não, não. O depoimento de Smut foi tão assustadoramente horripilante e rico em detalhes que às vezes era difícil acreditar que ele estivesse de fato inventando tudo aquilo. Ninguém pode mentir assim!

Eu pressionei Smut por oito horas a fio, um dia exaustivamente longo. O juiz estava mal-humorado e os jurados de olhos turvos, mas eu poderia ter continuado por uma semana. Perguntei a Smut quantas vezes ele havia testemunhado em processos criminais. Ele disse que talvez duas vezes. Apresentei os registros, refresquei sua memória e repassei os outros nove julgamentos em que ele havia realizado o mesmo milagre para nossos honestos e justos promotores. Com sua confusa memória parcialmente restaurada, perguntei-lhe quantas vezes ele tivera sua pena reduzida pelos promotores depois de mentir para eles no tribunal. Ele disse que nunca, então eu repassei cada um dos nove casos outra vez. Mostrei a papelada. Deixei Perfeitamente claro para

qualquer um, especialmente os jurados, que Smut era um informante mentiroso contumaz, que trocava falso testemunho por leniência.

Confesso - fico com raiva no tribunal e isso geralmente depõe contra mim. Perdi a calma com Smut e pressionei-o tão implacavelmente que alguns jurados se tornaram simpatizantes. O juiz finalmente me disse para seguir em frente, mas eu não o fiz. Detesto mentirosos, especialmente os que juram dizer a verdade e depois inventam um testemunho para incriminar meu cliente. Gritei com Smut e o juiz gritou comigo, e às vezes parecia que todo mundo estava gritando. Isso não ajudou a causa de Gardy.

Seria de imaginar que o promotor interrompesse seu desfile de mentirosos com uma testemunha confiável, mas isso exigiria alguma inteligência. Sua próxima testemunha era outro presidiário, outro drogado que declarou que estava no corredor perto da cela de Gardy e ouviu-o confessar a Smut.

Mentiras atrás de mentiras.

— Por favor, faça-os parar — diz Gardy.

— Estou tentando, Gardy. Estou fazendo o melhor que posso. Precisamos ir.

3

Um agente de segurança nos conduz à sala do tribunal, que novamente está lotada e com o ar carregado de tensa apreensão. Este é o décimo dia de depoimentos e agora eu acredito que não há absolutamente mais nada acontecendo nesta cidadezinha atrasada. Nós somos o entretenimento! O tribunal está lotado de ponta a ponta e as pessoas alinham-se ao longo das paredes. Ainda bem que o tempo está fresco ou estaríamos todos suando em bicas.

Todo julgamento de homicídio doloso qualificado requer a presença de pelo menos dois advogados para a defesa. Eu sou o advogado principal da causa e meu assistente, ou “second chair”, é Trots, um garoto embotado, tolo, que devia queimar seu diploma de Direito e amaldiçoar o dia em que sonhou dar as caras em um tribunal. Ele é de uma cidadezinha a uns trinta quilômetros de distância, bastante longe, ele pensou, para protegê-lo da inconveniência de se envolver no pesadelo de Gardy. Trots se ofereceu para lidar com as questões preliminares, pretendendo pular fora do navio se um julgamento se tornasse realidade. Seus planos não saíram a contento. Ele meteu os pés pelas mãos com as questões preliminares como somente um novato o faria, depois tentou se livrar do caso. De jeito nenhum, disse o juiz. Trots então pensou que poderia ser uma ideia aceitável sentar-se na segunda cadeira, ganhar alguma experiência, sentir a pressão de um verdadeiro julgamento e assim por diante, mas depois de várias ameaças de morte ele parou de tentar. Ameaças de morte simplesmente fazem parte do meu cotidiano, como café da manhã e tiras mentirosos.

Eu protocolei três petições para retirar Trots do cargo. Todas negadas, é claro, de modo que Gardy e eu estamos presos a um retardado que é mais um estorvo do que um assistente. Trots senta-se o mais longe possível, apesar de que, considerando o atual estado de higiene de Gardy, eu não possa realmente culpá-lo.

Gardy me disse meses atrás que, ao ser entrevistado pela primeira vez por Trots na cadeia do condado, o advogado ficou chocado quando Gardy alegou inocência. Chegaram até a discutir por causa disso. Que tal essa para um grande defensor?

Assim, Trots senta-se à ponta da mesa, a cabeça enterrada em anotações inúteis, os olhos sem ver nada, os ouvidos sem ouvir nada, mas ele sente os olhares fixos de todas aquelas pessoas sentadas atrás de nós, que nos odeiam e querem nos enforcar junto com nosso cliente. Trots imagina que também isso passará e ele continuará com sua vida e sua carreira no instante em que o

julgamento terminar. Ele está enganado. Tão logo seja possível, eu entrarei com uma queixa de ética junto a Ordem dos Advogados do estado, alegando que Trots forneceu uma “assistência de defesa ineficaz” antes e durante o julgamento. Já fiz isso antes e sei como fazer funcionar. Estou travando minhas próprias batalhas com a Ordem e conheço o jogo. Depois que eu acabar com Trots, ele vai querer entregar sua licença e arranjar um emprego em uma revendedora de carros usados.

Gardy senta-se ao meio da nossa mesa. Trots não olha para seu cliente, nem fala.

Huver, o promotor, aproxima-se e me entrega uma folha de papel. Não há nenhum bom dia ou olá. Estamos tão além até mesmo das mais benignas amabilidades, que um resmungo civilizado de qualquer um de nós seria uma surpresa. Eu detesto esse homem, do mesmo modo que ele me detesta, mas tenho uma vantagem nessa rivalidade. Quase mensalmente, lido com promotores hipócritas que mentem, trapaceiam, obstruem, encobrem, ignoram a ética e fazem o que for preciso para conseguir uma condenação, mesmo quando conhecem a verdade e a verdade lhes diz que estão errados. Portanto, eu conheço a raça, a laia, os advogados de segunda classe que se consideram acima da lei porque eles são a lei. Huver, por outro lado, raramente lida com um rebelde trapaceiro como eu, porque, infelizmente para ele, não vê muitos casos sensacionais e quase nenhum em que um réu se apresenta com um pit bull como protetor. Se ele lidasse com advogados de defesa raivosos mais regularmente, poderia ser mais versado em nos odiar. Para mim, é um modo de vida.

Eu pego a folha de papel e digo:

— E aí, quem é seu mentiroso do dia?

Ele não diz nada e dá alguns passos de volta a sua mesa, onde sua pequena gangue de assistentes se amontoa com ares de importância em seus ternos escuros e faz drama para a torcida da casa.

Eles estão em exposição nisso, o maior espetáculo de suas miseráveis carreiras caipiras, e eu sempre fico com a impressão de que todo mundo do Ministério Público que consegue andar, falar, usar um terno barato e carregar uma pasta nova está amontoado ao redor da mesa para garantir justiça.

O oficial de justiça berra, eu me levanto, o juiz Kaufman entra, então nos sentamos. Gardy se recusa a se levantar em homenagem ao grandioso homem. No começo, isso realmente deixou o Meritíssimo irritado. No primeiro dia do julgamento - parece que foi há meses — ele me repreendeu:

— Sr. Rudd, poderia pedir ao seu cliente para se levantar?

Eu o fiz e ele se recusou. Isso deixou o juiz embaraçado e discutimos isso mais tarde em seu gabinete. Ele ameaçou prender meu cliente por desacato e

mantê-lo na cadeia o dia inteiro durante o julgamento. Tentei encorajar isso, mas deixei escapar que uma reação tão exagerada seria repetidamente mencionada nos recursos.

Gardy sabiamente observou:

— O que podem me fazer que já não tenham feito?

Assim, todos os dias de manhã, o juiz Kaufman começa as cerimônias com um longo e maligno olhar de cara feia para o meu cliente, que geralmente está desmoronado em sua cadeira, mexendo no piercing de seu nariz ou balançando a cabeça com os olhos fechados. É impossível dizer qual de nós, advogado ou cliente, Kaufman mais despreza. Como o resto de Milo, há muito tempo ele está convencido de que Gardy é culpado. E como todos na sala do tribunal, ele me detesta desde o primeiro dia.

Não tem importância. Nesse tipo de trabalho, você raramente tem aliados e faz inimigos muito rápido.

Como ele pretende concorrer à reeleição no próximo ano, assim como Huver, Kaufman cola no rosto seu falso sorriso de político e dá as boas-vindas a todos em seu tribunal para mais um dia interessante na busca da verdade. Com base nos cálculos que fiz certo dia durante o almoço, quando a sala do tribunal estava vazia, há cerca de trezentas e dez pessoas sentadas atrás de mim. Exceto pela mãe e pela irmã de Gardy, todos os demais rezam fervorosamente por uma condenação, seguida de uma rápida execução. Cabe ao juiz Kaufman decidir. Esse é o juiz que até agora permitiu cada palavra de falso testemunho apresentada pelo Estado. Às vezes, parece que ele tem medo de perder um ou dois votos se mantiver uma de minhas objeções.

Quando todos assumem seus lugares, o júri é trazido. Há catorze pessoas comprimidas na tribuna — os doze escolhidos e mais dois suplentes, para o caso de alguém ficar doente ou fazer algo errado. Eles não estão isolados (apesar de eu ter solicitado), de modo que são livres para voltar para suas casas a noite e malhar Gardy e a mim durante o jantar. Ao final de cada tarde, eles são relembrados pelo Meritíssimo a não emitir uma única palavra sobre o caso, mas quase é possível ouvi-los matraqueando enquanto vão embora em seus carros. A decisão deles já foi tomada. Se votassem agora mesmo, antes que apresentássemos uma única testemunha de defesa, eles o considerariam culpado e exigiriam a pena de morte. Depois, voltariam para casa como heróis e falariam deste julgamento pelo resto de suas vidas. Quando Gardy receber a injeção letal, eles sentirão um grande orgulho de seu papel crucial no estabelecimento da justiça. Eles serão exaltados em Milo. Serão parabenizados, parados na rua, reconhecidos na igreja.

Ainda cheio de energia, Kaufman lhes dá as boas-vindas em seu retorno,

agradece a eles pelo seu serviço cívico, pergunta com seriedade se alguém tentou contatá-los num esforço para influenciá-los. Isso geralmente provoca alguns olhares em minha direção, como se eu tivesse o tempo, a energia e a estupidez de esgueirar-me pelas ruas de Milo a noite, perseguindo estes mesmos jurados para poder 1) suborná-los, 2) intimidá-los ou 3) tentar convencê-los. Já é uma verdade incontestável que eu sou o único escroque no aposento, apesar da torrente de pecados cometidos pelo outro lado.

A verdade é que, se eu tivesse dinheiro, tempo e pessoas suficientes, realmente subornaria e/ou intimidaria cada jurado. Quando o Estado, com seus recursos ilimitados, começa um caso fraudulento e trapaceia a cada passo, então é legítimo trapacear. Não há igualdade de condições. Não há equidade. A única alternativa honrosa para um advogado que luta para salvar um cliente inocente é trapacear na defesa.

No entanto, se um advogado de defesa for pego trapaceando, ele ou ela sofre sanções do tribunal, é repreendido pela Ordem dos Advogados do estado, talvez até mesmo processado. Se um promotor é flagrado trapaceando, ou ele é reeleito ou promovido. Nosso sistema nunca responsabiliza um mau promotor.

Os jurados asseguram ao Meritíssimo que tudo vai bem.

— Sr. Huver — anuncia ele com grande solenidade -, por favor, chame sua próxima testemunha.

A próxima testemunha do Estado é um pastor fundamentalista que converteu a antiga concessionária Chrysler no World Harvest Temple e está atraindo multidões para suas longas sessões diárias de preces e dízimos. Eu o vi certa vez na TV a cabo local; uma vez foi o suficiente. Sua alegação para estar aqui é que ele diz ter confrontado Gardy no meio de uma cerimônia religiosa de jovens, tarde da noite. Segundo sua versão, Gardy usava uma camiseta que anunciava uma banda de heavy metal e difundia uma vaga mensagem satânica, e aquela camiseta permitia que o diabo se infiltrasse no culto da igreja. Uma guerra espiritual pairava no ar e Deus não estava nada satisfeito. Por orientação divina, o pastor finalmente identificou a fonte do mal na multidão, parou a música, avançou para o lugar onde Gardy estava sentado e expulsou-o do edifício.

Gardy diz que nunca passou nem perto da igreja. Mais ainda, Gardy diz que ele nunca viu o interior de nenhuma igreja em todos os seus dezoito anos. A mãe confirma isso. Como dizem aqui no interior, a família de Gardy é severamente “descrente”.

De que maneira isso é permitido como testemunho em um caso de homicídio com pena de morte é absolutamente inconcebível. É ridículo e chega às raias da estupidez. Presumindo-se que haja uma condenação, toda essa porcaria será revista em cerca de dois anos por um tribunal de apelação imparcial a trezentos e

vinte quilômetros de distância. Esses juízes, apenas um pouco mais inteligentes do que Kaufman, mas qualquer coisa já é um avanço, verão com desaprovação esse pastor caipira relatando sua história forjada sobre uma altercação que supostamente ocorreu há uns treze meses antes dos assassinatos.

Eu protesto. Indeferido. Eu protesto, furiosamente. Indeferido, furiosamente.

Huver, no entanto, está desesperado para manter o diabo envolvido em sua teoria do caso. O juiz Kaufman escancarou os portões dias antes e agora tudo é aceito. Entretanto, ele vai bater esses portões assim que eu começar a chamar testemunhas. Teremos sorte se conseguirmos umas cem palavras no registro.

O pastor deve dinheiro ao fisco em outro estado. Ele não sabe que eu descobri isso e, assim, vamos nos divertir um pouco na hora do interrogatório. Não que vá ter importância; não vai. Este júri já está decidido, Gardy é um monstro que merece ir para o inferno. A função deles é enviá-lo para lá mais depressa.

Ele se inclina o tempo suficiente para murmurar:

Sr. Rudd, eu juro que nunca estive numa igreja.

Balanço a cabeça e sorrio, porque isso é tudo que posso fazer. Um advogado de defesa nem sempre pode acreditar em seus clientes, mas quando Gardy afirma que nunca esteve numa igreja eu acredito nele.

O pastor é genioso e eu logo acendo o pavio. Uso a dívida de imposto de renda para realmente irritá-lo e, uma vez provocado, ele continua assim. Eu o conduzo a discussões sobre a infalibilidade da escritura, a Santíssima Trindade, o apocalipse, falar em dialetos, brincar com cobras, tomar veneno e a difusão de cultos satânicos na região de Milo. Huver grita objeções e Kaufman as mantém. Em determinado momento, o pastor, vermelho e com ar devoto, fecha os olhos e ergue as duas mãos o mais alto possível. Instintivamente, eu fico paralisado, encolhido de medo, e olho para o teto como se um raio fosse cair ali a qualquer momento. Mais tarde, ele me chama de ateu e diz que vou para o inferno.

— Então, você tem autoridade para mandar gente para o inferno? - contra-ataco.

— Deus me diz que você vai para o inferno.

— Então, coloque-o no alto-falante para que todos nós possamos ouvir.

Dois jurados chegam a dar uma risadinha. É o suficiente para Kaufman. Ele bate o martelo e anuncia a hora do almoço. Desperdiçamos a manhã com esse idiota santarrão e seu falso testemunho, mas ele não é o primeiro habitante do lugar a se inserir no julgamento. A cidade está cheia de aspirantes a heróis.

4

O almoço é sempre um regalo. Já que não é seguro deixar o tribunal, na verdade nem a própria sala do tribunal, Gardy e eu comemos um sanduíche sozinhos a mesa da defensoria. É a mesma comida embalada servida aos jurados. Eles trazem dezesseis caixas, misturam-nas, tiram duas para nós aleatoriamente e levam o restante para a sala dos jurados. Gardy não entende nada; ele só está com fome. Isso foi ideia minha, porque prefiro não ser envenenado. Ele diz que a comida na cadeia é o que se espera e ele não confia nos guardas. Ele não come nada lá e, como está sobrevivendo apenas com o almoço, perguntei ao juiz Kaufman se o condado poderia talvez dar ao rapaz dois sanduíches de frango ressecado, com batatas chips extras e mais picles. Em outras palavras, duas embalagens de almoço, em vez de uma. Negado.

Assim, Gardy fica com metade do meu sanduíche e todo o meu tempero kosher. Se eu não estivesse morto de fome, ele poderia ficar com a droga da caixa inteira.

Partner vem e vai durante o dia inteiro. Ele tem medo de deixar nossa van estacionada em um único lugar devido à grande probabilidade de encontrar os pneus cortados e as janelas quebradas. Ele também tem algumas responsabilidades, uma das quais é se encontrar de vez em quando com Bishop.

Nos casos em que sou chamado para dentro de uma zona de combate, em uma cidadezinha que já cerrou fileiras e está pronta a matar um dos seus por algum crime hediondo, leva algum tempo para encontrar um contato. Esse contato é sempre outro advogado, um habitante do lugar que também defende criminosos e bate cabeça semanalmente com a polícia e os promotores. Esse contato, às vezes, nos procura, discretamente, com medo de ser considerado um traidor. Ele conhece a verdade, ou algo próximo a isso. Conhece os participantes, os maus atores e um ou outro bom. Como sua sobrevivência depende em se dar bem com os policiais, oficiais de justiça e assistentes dos promotores, ele conhece o sistema.

No caso de Gardy, meu colega informante é Jimmy Bressup. Nós o chamamos de Bishop. Eu nunca o Conheci. Ele trabalha por meio de Partner e eles se encontram em lugares estranhos. Partner diz que ele tem cerca de sessenta anos, com cabelos grisalhos, longos e ralos, roupas ruins, uma boca suja, uma natureza abrasiva e uma fraqueza pela bebida.

— Uma versão mais velha de mim mesmo? - perguntei.

— Não exatamente - veio a sábia resposta.

Apesar de toda a fanfarronada e grandiloquência, Bishop tem medo de se aproximar demais dos advogados de Gardy.

Bishop diz que Huver e sua gangue já sabem que pegaram o cara errado, mas já investiram demais para parar e admitir seus erros. Ele diz que desde o primeiro dia houve boatos sobre o verdadeiro assassino.

5

É sexta-feira e todos no tribunal estão exaustos. Eu passo uma hora interrogando um fedelho idiota e cheio de espinhas que alega que estava no mesmo culto religioso em que Gardy invocou os demônios e perturbou a ordem. Sinceramente, já vi os piores depoimentos forjados, mas nunca vi nada tão ruim. Além de ser falso, é totalmente irrelevante. Nenhum outro promotor se preocuparia com isso. Nenhum outro juiz admitiria tal testemunho. Kaufman finalmente anuncia a suspensão dos trabalhos pelo fim de semana.

Gardy e eu nos encontramos na cela de espera, onde ele troca de roupa outra vez e veste seu uniforme da prisão enquanto eu digo banalidades como ter um bom fim de semana. Eu lhe dou dez dólares para as máquinas de comida. Ele diz que amanhã a mãe lhe trará biscoitos de limão, seu preferido. Às vezes, os guardas os passam aos detentos; às vezes, guardam para sua própria alimentação. Nunca se sabe. Os guardas pesam em média cento e cinquenta quilos cada um, de modo que acho que eles precisam das calorias roubadas. Digo a Gardy para tomar um banho no fim de semana e lavar os cabelos.

— Sr. Rudd, se eu encontrar uma navalha, eu me vou daqui. — Com o dedo indicador, ele faz um movimento de cortar o pulso.

— Não diga isso, Gardy. — Ele já disse isso antes e fala a sério. O garoto não tem nenhum motivo para viver e é esperto o suficiente para ver o que o espera. Droga, até um cego poderia ver. Nós nos despedimos com um aperto de mão e eu desço depressa a escada dos fundos. Partner e os guardas me encontram na porta dos fundos e me empurram para dentro do meu carro. Mais uma saída em segurança.

Fora de Milo, minha cabeça começa a oscilar e logo adormeço. Dez minutos depois, meu telefone vibra e eu atendo. Seguimos o patrulheiro estadual de volta ao nosso motel, onde pegamos nossa bagagem, fechamos a conta e saímos. Logo estamos sozinhos, com destino à City.

— Você esteve com Bishop? — pergunto a Partner.

— Ah, sim. É sexta-feira e acho que ele começa a beber por volta do meio-dia às sextas. Mas somente cerveja, ele apressou-se a dizer. Assim, comprei um pack de seis cervejas e demos uma volta de carro até um bar. A espelunca é um verdadeiro pé-sujo, a leste, pouco depois dos limites da cidade. Ele diz que Peeley está sempre lá.

— Então, você já tomou umas cervejas? Eu devo dirigir?

— Só uma, chefe. Tomei devagarinho, até ela ficar quente. Bishop, ao

contrário, tomou as dele bem geladas. Três delas.

— E nós podemos acreditar nesse sujeito?

— Só estou fazendo meu trabalho. Por um lado, ele tem credibilidade porque morou aqui a vida toda e conhece todo mundo. Por outro, ele fala tanta besteira que dá vontade de descartar tudo que diz.

— Veremos.

Fecho os olhos e tento tirar um cochilo. Dormir é literalmente impossível no meio de um julgamento de homicídio doloso qualificado e aprendi a aproveitar qualquer oportunidade. Roubei dez minutos de sono em um banco duro na sala vazia do tribunal durante o almoço, assim como fiquei andando de um lado para outro em um quarto de motel sujo às três da madrugada. Em geral, apago no meio de uma frase quando Partner dirige e o motor da van segue zumbindo.

A partir de determinado momento, enquanto nos dirigimos de volta à nossa versão de civilização, eu vou apagando.

6

É a terceira sexta-feira do mês, e eu tenho um encontro fixo, se for possível chamar dois drinques de um verdadeiro encontro. Parece mais uma hora marcada no dentista para tratamento de canal. A verdade é que essa mulher não teria um verdadeiro encontro comigo nem sob a mira de um revólver, e a recíproca é verdadeira. Mas nós temos um passado. Nós nos encontramos no mesmo bar, no mesmo compartimento onde fizemos nossa primeira refeição juntos, em outra vida. Nostalgia não tem nada a ver com isso; é tudo uma questão de conveniência. É um bar de eventos corporativos no centro da cidade, parte de uma grande cadeia, mas o ambiente não é ruim e é animado nas noites de sexta-feira.

Judith Whitly chega primeiro e ocupa o compartimento. Eu deslizo no banco ao seu lado em poucos minutos, bem a tempo de evitar que ela fique irritada. Ela nunca se atrasa para nada e considera o atraso um sinal de fraqueza. Em sua opinião, eu possuo muitos desses sinais. Ela também é advogada - foi assim que nos conhecemos.

— Você parece cansado — diz ela, sem nenhum traço de compaixão. Ela também mostra sinais de fadiga, embora, aos trinta e nove, ainda seja extraordinariamente bonita. Toda vez que a vejo, lembro-me de por que me apaixonei por ela.

— Obrigado, e você está ótima, como sempre.

— Obrigada.

— Dez dias e já estamos todos perdendo o gás.

— Alguma sorte? — pergunta ela.

— Ainda não. - Ela conhece as informações básicas do caso e do julgamento de Gardy, e ela me conhece. Se eu acreditar que o garoto é inocente, isso é o suficiente para ela. Mas ela tem seus próprios clientes com que se preocupar e perder o sono. Pedimos nossos drinques — sua costumeira taça de chardonnay de sexta-feira à noite e meu whiskey sour.

Tomaremos dois drinques em menos de uma hora, e isso será tudo por mais um mês.

— Como vai o Starcher? - pergunto.

Sempre espero que um dia eu possa pronunciar o nome do meu filho sem detestá-lo, mas esse dia ainda não chegou. Meu nome está em sua certidão de nascimento como o pai, mas eu não estava por perto quando ele nasceu. Portanto, Judith teve total controle sobre a escolha do nome dele. Isso deveria

ser o sobrenome de alguém, se tivesse necessariamente que ser usado.

— Está indo bem — responde ela orgulhosamente, porque está completamente envolvida com a vida do garoto e eu não. — Conversei com a professora dele na semana passada e ela está satisfeita com seu progresso. Ela diz que ele é um aluno normal do segundo ano que sabe ler bem e aproveita a vida.

— É bom saber — digo. “Normal” é a palavra-chave aqui por causa de nossa história. Starcher não está sendo criado do modo normal. Ele passa metade do tempo com Judith e sua atual companheira, e a outra metade com os pais dela. Da maternidade, ela levou Starcher para um apartamento que compartilhava com Gwyneth, a mulher por quem ela me deixou. Então, elas passaram três anos tentando adotar Starcher legalmente, mas eu lutei contra elas como um animal raivoso. Não tenho nada contra casais gays adotarem crianças. Eu só não suportava Gwyneth. E eu tinha razão. Elas se separaram não muito tempo depois de uma briga terrível, que eu de longe apreciei imensamente.

Fica mais complicado. Os drinques chegam e não nos incomodamos com um educado “Saúde”. Seria apenas uma perda de tempo. Precisamos do álcool o mais depressa possível.

Eu dou a terrível notícia:

— Minha mãe vem a cidade no próximo fim de semana e gostaria de ver Starcher. Afinal, ele é o único neto dela.

— Eu sei disso — revida ela. — É o seu fim de semana. Pode fazer o que quiser.

— Verdade, mas você tem uma maneira de complicar tudo. Eu só não quero nenhum problema, só isso.

— Sua mãe não é nada além de problema.

Palavras mais verdadeiras jamais foram ditas e eu balanço a cabeça, derrotado. Seria uma dramática meia verdade dizer que Judith e minha mãe se detestaram desde o primeiro instante. Tanto assim que minha mãe informou que me tiraria de seu último testamento se eu me casasse com Judith. Na ocasião, eu estava secretamente com sérias dúvidas sobre nosso romance e nosso futuro, mas essa ameaça foi a última gota. Embora eu espere que minha mãe viva até os cem anos, seus bens serão uma alegria. Um sujeito com a minha renda precisa de um sonho. Um adendo nessa triste história é que minha mãe geralmente usa seu testamento para intimidar os filhos. Minha irmã casou-se com um republicano e foi cortada do testamento. Dois anos mais tarde, o republicano, que na verdade é um bom sujeito, tornou-se o pai da mais perfeita neta do mundo. Agora, minha irmã está de volta ao testamento, ou assim acreditamos.

Bem, eu estava prestes a romper com Judith quando ela me deu a

esmagadora notícia de que estava grávida. Presumi que eu fosse o pai, embora não tenha feito a odiosa pergunta. Mais tarde, soube a verdade brutal de que ela já estava com Gwyneth. Foi como um tiro no peito. Tenho certeza de que houve sinais de que minha bela amada era na verdade lésbica, mas eu não percebi nenhum.

Nós nos casamos. Mamãe disse que mudou o testamento e eu não ficaria com nem um centavo. Vivemos juntos ocasionalmente por cinco terríveis meses, ficamos tecnicamente casados por mais quinze e nos separamos para preservar nossa sanidade mental. Starcher nasceu no meio da guerra, uma vítima desde o nascimento, e nós temos vivido às turras desde então. Esse ritual de nos encontrarmos uma vez por mês para tomar uns drinques é nossa concessão a civilidade forçada.

Acho que estou de volta ao testamento de minha querida mãe.

— E o que mamãe pretende fazer com meu filho? — pergunta ela. Nunca é "nosso" filho. Ela nunca foi capaz de resistir aos pequenos sarcasmos, às alfinetadas mesquinhas e infantis. Ela toca nas feridas, mas nem sequer de uma maneira inteligente. É quase impossível ignorar, mas aprendi a morder a língua. Minha língua tem cicatrizes.

— Acho que vão ao zoológico.

— Ela sempre o leva ao zoológico.

— O que há de errado em ir ao zoológico?

— Bem, da última vez ele teve pesadelos com jiboias.

— OK., vou pedir a ela para levá-lo a outro lugar. - Ela já está causando problemas. O que poderia haver de errado em levar um garoto de sete anos bastante normal ao zoológico? Não sei por que nos encontramos assim. — Como vão as coisas na firma? — pergunto, minha curiosidade semelhante a de parar para ver um acidente de carro. É irresistível.

— Bem - responde ela. — A confusão de sempre.

— Você precisa de alguns rapazes naquela firma.

—Já temos problemas suficientes. - O garçom nota que os dois copos estão vazios e vai buscar uma nova rodada. Os primeiros drinques sempre desaparecem depressa.

Judith é uma das quatro sócias em uma firma de dez mulheres, todas lésbicas militantes. A firma é especializada em Direito para homossexuais: discriminação no emprego, moradia, educação, assistência médica e a questão mais recente - divórcio gay. Elas são boas advogadas, litigantes e negociadoras intransigentes, sempre no ataque e sempre no noticiário. A firma projeta uma imagem de estar em guerra com a sociedade e nunca recuar. Os embates do lado de fora, entretanto, são muito menos interessantes do que as brigas de dentro.

— Eu podia entrar para a firma como sócio sênior — digo, num esforço para tornar a atmosfera mais leve.

— Você não duraria nem dez minutos. — Nenhum homem duraria dez minutos no escritório delas. Na verdade, os homens as evitam cuidadosamente. Mencione o nome da firma e os homens dão no pé. Bons sujeitos flagrados pulando a cerca acabam pulando de uma ponte.

— Provavelmente tem razão. Em algum momento você sente falta de sexo com o sexo oposto?

— Fala sério, Sebastian, você quer conversar sobre sexo heterossexual depois de um casamento ruim e um filho indesejado?

— Gosto de sexo heterossexual. Você algum dia gostou? Parecia gostar.

— Eu fingia.

— Não, não fingia. Você era maravilhosa, pelo que me lembro. -Conheço dois caras que dormiram com ela antes de eu aparecer. Depois, ela correu para Gwyneth. Sempre me perguntei se eu era tão ruim na cama que a levei a trocar de time. Duvido. Devo dizer que ela tem bom gosto. Eu detestava Gwyneth, ainda detesto, mas a mulher podia parar o trânsito em qualquer rua da cidade. E sua companheira atual, Ava, foi modelo de lingerie de uma loja de departamentos local. Lembro-me de seus anúncios no jornal de domingo.

Os segundos drinques chegaram e nós os agarramos sofregamente.

— Se você quer falar de sexo, eu vou embora — diz ela, mas não está com raiva.

— Desculpe. Olhe, Judith, toda vez que vejo você eu penso em sexo. Problema meu, não seu.

— Procure ajuda.

— Não preciso de ajuda. Preciso de sexo.

— Está me fazendo uma proposta?

— Adiantaria alguma coisa?

— Não.

— Foi o que pensei.

— Você tem lutas esta noite? — pergunta ela, mudando de assunto, e eu não ofereço resistência.

— Tenho.

— Você é doente, sabe? É um esporte tão bruto.

— Starcher diz que ele quer ir.

— Leve Starcher a essas lutas de MMA e nunca mais o verá.

— Relaxe. Só estou brincando.

— Você pode estar brincando, mas ainda assim é doente.

— Obrigado. Tome outro drinque. - Uma asiática atraente de saia justa e

curta passa por nós e ambos a seguimos com o olhar. — Eu vi primeiro - digo.

O álcool faz efeito — leva mais tempo para ela porque é naturalmente mais controlada — e Judith esboça um sorriso, o primeiro da noite. Poderia ser o primeiro da semana.

— Está saindo com alguém? — pergunta ela, o tom de voz perceptivelmente mais suave.

— Não desde que nos vimos pela última vez — digo. - Tem sido só trabalho. — Minha última namorada deu adeus há três anos. Dou sorte de vez em quando, mas estaria mentindo se dissesse que andei à procura de uma mulher séria. Faz-se um longo e pesado intervalo na conversa conforme ficamos entediados. Quando restam apenas algumas gotas de nossos drinques, voltamos a Starcher, minha mãe e o próximo fim de semana, que agora nos apavora.

Saímos juntos do bar, trocamos beijinhos no rosto e nos despedimos. Mais um item riscado na minha lista de afazeres.

Eu a amei um dia, depois eu realmente a odiei. Agora, quase gosto de Judith e, se pudermos continuar com esses encontros mensais, talvez nos tomemos amigos. Esse é meu objetivo, porque realmente preciso de um amigo, alguém que possa entender o que eu faço e por que o faço.

E também seria muito melhor para o nosso filho.

7

Eu moro no vigésimo quinto andar de um prédio residencial no centro da cidade, com uma vista parcial do rio. Gosto daqui porque é silencioso e seguro. Se alguém quisesse explodir ou incendiar meu apartamento, seria difícil sem demolir o prédio inteiro. Há crimes no centro da cidade, então vivemos com muitas câmeras de segurança e seguranças armados. Sinto-me seguro.

Metralharam meu antigo apartamento, um duplex no térreo, e explodiram uma bomba incendiária no meu antigo escritório há cinco anos. Os criminosos nunca foram encontrados ou identificados, e tenho a clara impressão de que a polícia não está procurando com muito empenho. Como eu disse, minha linha de trabalho inspira ódio e há pessoas lá fora que adorariam me ver sofrer. Algumas dessas pessoas se escondem atrás de distintivos.

O apartamento tem pouco mais de noventa metros quadrados com dois quartos pequenos, uma cozinha ainda menor, raramente usada, e uma sala de estar que mal é suficiente para comportar meu único móvel grande. Não tenho certeza se uma mesa de bilhar vintage deveria ser classificada como um móvel, mas o apartamento é meu e eu a chamo como quiser. Tem dois metros e setenta de comprimento, tamanho oficial, e foi construída em 1884 pela Oliver L. Briggs, em Boston. Eu a ganhei em uma ação judicial, mandei restaurá-la com perfeição e depois a remontei diretamente no meio da minha sala. Em um dia comum, quando não estou fora, em motéis baratos, driblando ameaças de morte, treino sem parar por horas a fio. jogar bilhar contra mim mesmo é uma fuga, uma forma de aliviar o estresse e uma terapia barata. Também é uma volta aos meus tempos de colégio, quando eu frequentava um lugar chamado The Rack, uma verdadeira espelunca que já existia ali há décadas. É um bar de bilhar antiquado, com fileiras de mesas, camadas de fumaça, escarradeiras, cerveja barata, um pouco de pequenos jogos de azar e uma clientela que joga duro, mas sabe se comportar. O dono, Curly, é um velho amigo que está sempre lá e mantém a casa funcionando tranquilamente.

Quando a insônia ataca e as paredes do meu quarto parecem se fechar sobre mim, sempre posso ser encontrado no The Rack às duas da madrugada, jogando bola nove sozinho, em outro mundo e bem feliz.

Mas não esta noite. Deslizo ágil e silenciosamente para dentro do apartamento, flutuando no uísque, e rapidamente visto minhas roupas de ir às lutas - jeans, camiseta preta e uma jaqueta amarela, brilhante e berrante, que fecha na cintura com botão de pressão, praticamente resplandecente no escuro e

com os dizeres “Tadeo Zapate” nas costas, em letras garrafais. Prendo meus cabelos levemente grisalhos em um rabo de cavalo bem apertado e o escondo sob a camiseta. Troco de óculos e escolho um par com aro azul claro. Ajusto meu boné, também um amarelo berrante que combina com a jaqueta, com o nome Zapate na frente. Sinto-me bem disfarçado e a noite deve correr bem. Aonde eu vou, as pessoas não estão interessadas em advogados desajustados. Haverá muitos bandidos por lá, muita gente com problemas passados, presentes e futuros com a lei, mas nem vão me notar.

É outro fato triste da minha vida que eu sempre deixe o apartamento a noite com algum tipo de disfarce — boné diferente, óculos diferentes, cabelos presos, até mesmo um chapéu de feltro.

Partner me leva ao estádio da cidade velha, a oito quarteirões do meu apartamento, e me deixa em uma viela perto do prédio. Uma multidão se acotovela na frente. Música rap estronda pela praça em frente. Fachos de luz de holofotes varrem o céu loucamente, de um prédio a outro. Letreiros digitais luminosos anunciam o principal evento da noite e a luta preliminar.

Tadeo é o quarto a lutar, o último aquecimento antes do combate principal, que esta noite é uma competição de pesos-pesados, que está vendendo muitos ingressos porque o favorito é um maluco, ex-jogador da National Football League, muito conhecido na região. Eu possuo vinte e cinco por cento da carreira de Tadeo, um investimento que me custou trinta mil dólares há um ano, e ele não perdeu nenhuma luta desde então. Também estou apostando em paralelo e indo muito bem. Se ele vencer esta noite, sua parte será de seis mil dólares. Metade disso, se perder.

Em um corredor, em algum lugar bem fundo embaixo da arena, ouço dois seguranças conversando. Um deles alega que a noite vai ter lotação esgotada. Cinco mil fãs. Mostro rapidamente minhas credenciais e sou conduzido através de outra porta, depois mais outra. Entro no escuro vestiário e a tensão me atinge como um tijolo. Esta noite, fomos designados a metade de uma sala comprida. Tadeo está subindo no mundo das artes marciais mistas, mais conhecidas pela sigla MMA — Mixed Martial Arts —, e todos nós estamos começando a sentir que algo muito grande está a caminho. Ele está deitado sobre uma mesa, de barriga para baixo, nu exceto pela cueca, nem um grama de gordura em seu corpo de cinquenta e nove quilos. Seu primo Leo massageia suas omoplatas. A loção de massagem faz sua pele morena brilhar. Avanço silenciosamente pela sala e falo com Norberto, seu empresário, Oscar, seu treinador, e Miguel, seu irmão e parceiro de treino. Eles sorriem quando falam comigo porque eu, o gringo solitário, sou visto como o homem do dinheiro. Também sou o agente, o sujeito com os conhecimentos e o cérebro que colocará Tadeo na programação

do Ultimate Fighting Championship - UFC —, se ele continuar ganhando. Há mais alguns parentes ao fundo, parasitas sem nenhum papel discernível na vida de Tadeo. Não gosto desses extras porque eles esperam ser pagos em algum momento, mas depois de colecionar sete vitórias consecutivas, Tadeo acha que precisa da comitiva. Todos eles precisam.

A exceção de Oscar, todos são membros da mesma gangue de rua, uma organização de nível médio de salvadorenhos que lidam com cocaína. Tadeo pertence a gangue desde que foi iniciado aos quinze anos de idade, mas nunca aspirou a uma posição de liderança. Em vez disso, achou um velho par de luvas de boxe, arranjou um ginásio e descobriu que tinha mãos extraordinariamente rápidas. Seu irmão Miguel também lutava boxe, mas não tão bem. Miguel chefia a gangue e tem uma sórdida reputação nas ruas.

Quanto mais Tadeo vence, mais ele lucra, e mais eu me preocupo em ter que lidar com sua gangue.

Inclino-me e digo baixinho em seu ouvido:

— Como vai meu homem?

Ele abre os olhos, olha para cima, sorri de repente e retira os fones de ouvido. A massagem termina bruscamente quando ele senta-se na borda da mesa. Conversamos por alguns instantes e ele me assegura que está pronto para matar alguém. É isso aí! Seu ritual de antes da luta inclui não fazer a barba por uma semana e, com sua barba desgrenhada e seu tufo de cabelos negros, ele me faz lembrar o grande Roberto Duran. Mas as raízes de Tadeo estão em El Salvador, não no Panamá. Ele tem vinte e dois anos, é cidadão americano e seu inglês é quase tão bom quanto seu espanhol. Sua mãe tem documentos legais e trabalha em um restaurante. Ela também tem um apartamento cheio de crianças e parentes, e tenho a impressão de que tudo que Tadeo ganha é dividido de muitas maneiras.

Toda vez que converso com Tadeo, agradeço por não ter que enfrentá-lo no ringue. Ele tem pupilas negras e ferozes que gritam com raiva: “Quero ver lesão corporal. Quero ver sangue. ” Ele cresceu nas ruas, lutando contra quem quer que chegasse perto demais. Um irmão mais velho morreu numa briga de faca e Tadeo tem medo de morrer assim também. Quando entra na gaiola, ele está convencido de que alguém está prestes a ser morto, e não vai ser ele. Suas três derrotas foram por pontos; ninguém o nocauteou ainda. Ele treina quatro horas por dia e está perto de dominar o jiu-jítsu.

Sua voz é baixa, suas palavras arrastadas, o costumeiro nervosismo de antes da luta, quando o medo turva todos os pensamentos e o estômago se revira. Eu sei. Já passei por isso. Há muito tempo, disputei cinco lutas de boxe da Golden Gloves. Venci uma e perdi quatro, até que minha mãe descobriu e

misericordiosamente colocou um ponto final na minha carreira secreta. Mas eu consegui. Tive a coragem de entrar no ringue e lutar até perder o medo.

No entanto, não consigo imaginar a coragem que é necessária para entrar na gaiola com outro lutador em condições físicas excepcionais, altamente qualificado, muito bem treinado, faminto, perverso e aterrorizado, e cujo único pensamento é como arrancar seu ombro da junta, mutilar seus joelhos, abrir um corte profundo em seu supercílio ou nocauteá-lo com um soco no queixo. É por isso que eu amo esse esporte. Requer mais coragem bruta do que qualquer esporte, desde quando os gladiadores lutavam até a morte. Claro, muitos outros são perigosos -esqui de descida livre, futebol americano, hóquei, boxe, corrida de carros. Mais pessoas morrem sobre cavalos todo ano do que em qualquer outro esporte. Mas neles você não entra de bom grado no jogo sabendo que será ferido. Quando você entra na gaiola, vai se machucar, e pode ser feio, doloroso, até mesmo mortal. O próximo round pode ser seu último.

É por isso que a contagem regressiva é tão brutal. Os minutos se arrastam, enquanto o lutador trava uma batalha interior para dominar os nervos, as entranhas, os medos. A espera é a pior parte. Saio após alguns minutos, de modo que Tadeo possa voltar à sua zona interior. Ele me disse certa vez que é capaz de visualizar o duelo e ver seu adversário na lona, sangrando e suplicando por misericórdia.

Eu dou voltas pelo labirinto de corredores nas profundezas da arena e posso ouvir a multidão urrando em ecos, com sede de sangue. Encontro a porta certa e entro. É um pequeno escritório administrativo que foi sequestrado pela minha própria e pequena gangue de rua. Nós nos reunimos antes das lutas e fazemos nossas apostas. Somos seis e novas admissões estão proibidas porque não queremos nenhum vazamento. Alguns usam seus nomes verdadeiros, outros não. Slide veste-se como um cafetão de rua e já cumpriu pena por homicídio. Nino é um importador mediano de metanfetamina que cumpriu pena por tráfico de drogas. Johnny não tem antecedentes criminais (ainda) e possui metade do lutador que Tadeo vai enfrentar esta noite. Denardo faz insinuações sobre ligações com a máfia, mas duvido que suas atividades criminosas sejam tão bem organizadas. Ele ambiciona promover eventos de MMA e anseia ir morar em Las Vegas. Frankie é o sujeito mais velho, há décadas é uma peça permanente no cenário das lutas. Ele admite que foi seduzido pela violência das lutas de MMA e agora fica entediado com o antiquado boxe tradicional.

Portanto, esses são meus rapazes. Eu não confiaria em nenhum desses palhaços em uma transação legítima de negócios, mas nós não estamos fazendo nada legítimo. Analisamos o card e começamos as apostas. Eu sei que Tadeo vai matar o lutador de Johnny e evidentemente Johnny está preocupado. Ofereço

cinco mil dólares em Tadeo e ninguém aceita. Três mil e nenhum apostador. Eu caçoo deles, xingo e ridicularizo, mas eles sabem que Tadeo está em alta. Johnny tem que apostar alguma coisa e eu finalmente consigo regatear e convencê-lo a apostar quatro mil de que seu lutador não chegará ao terceiro round. Denardo decide que quer participar com mais quatro mil. Cobrimos o card com todo tipo de apostas e Frankie, o anotador, registra tudo. Deixo a sala com doze mil dólares em jogo, em quatro lutas diferentes. Nós nos encontraremos nesta mesma sala mais tarde, quando as lutas tiverem terminado, e acertaremos as contas, tudo em dinheiro vivo.

Os duelos começam a ser travados e eu fico vagando pela arena, matando o tempo. A tensão no vestiário é insuportável e não aguento ficar lá dentro enquanto o relógio continua o seu tique-taque. Sei que agora Tadeo está deitado na mesa, imóvel, coberto com um edredom grosso, fazendo suas preces a Virgem Maria e ouvindo rap latino sujo. Não há nada que eu possa fazer para ajudar, de modo que acho um lugar em um nível mais alto, bem acima da gaiola, e analiso o espetáculo. Está realmente lotado e os fãs são tão barulhentos e enlouquecidos como sempre. As lutas de MMA exercem atração sobre o instinto selvagem em algumas pessoas, inclusive em mim, e estamos todos aqui pelas mesmas razões — ver um lutador aniquilar outro. Queremos ver olhos sangrando, cortes profundos na testa, estrangulamentos, golpes de submissão de quebrar ossos e nocautes brutais, capazes de fazer os corners saírem correndo atrás de um médico. Misture um dilúvio de cerveja barata e terá cinco mil maníacos implorando por sangue.

Por fim, volto ao vestiário, onde as coisas começam a ganhar vida. As duas primeiras lutas terminaram com nocautes logo no começo, de modo que a noite está andando depressa. Norberto, Oscar e Miguel vestem suas reluzentes jaquetas amarelas, iguais à minha, e o Team Zapate está pronto para a longa caminhada até o ringue. Ficarei no Corner, junto com Norberto e Oscar, apesar de meu papel não ser importante. Providencio água para Tadeo enquanto Norberto berra instruções no espanhol mais rápido que você já ouvirá. Oscar cuida dos ferimentos faciais, se houver. No instante em que chegamos ao térreo, tudo se torna uma mancha indistinta. Ao longo do túnel, fãs bêbados tentam tocar em Tadeo e gritam seu nome. Guardas empurram as pessoas para fora do nosso caminho. O rugido é ensurdecedor e nem tudo é por causa de Tadeo. Clamam por mais, outra luta, preferencialmente uma que leve a morte.

Fora da gaiola, um funcionário verifica as luvas de Tadeo, aplica óleo em seu rosto e lhe dá a luz verde. Um apresentador grita o nome dele pelo sistema de alto-falantes e nosso homem salta para dentro da gaiola em seu calção e roupão amarelos berrantes. Seu adversário desta noite atende pelo apelido de “Jackal”,

nome verdadeiro desconhecido e desnecessário. Ele é especialista em golpes de submissão, mas as aparências enganam. Eu o vi lutar três vezes e ele é malicioso e astuto. Joga bem na defesa e busca um takedown. Ele deu um nó em seu último adversário fazendo-o parecer um pretzel e o fez gritar por misericórdia. No momento, detesto o Jackal, mas bem no fundo eu o admiro. Qualquer homem que consegue subir em uma gaiola tem muito mais coragem do que o indivíduo médio.

A campainha toca para o primeiro round, três minutos de fúria. O Tadeo boxeador parte para cima do adversário e imediatamente fiz Jackal recuar. Tanto jab quanto spar no primeiro minuto, depois tie-up, mas sem nenhum dano. Como os outros cinco mil fãs, estou gritando como um louco, embora não faça a menor ideia do motivo. Qualquer aviso é inútil e Tadeo não está ouvindo de qualquer forma. Eles caem com força e Jackal o prende em uma tesoura. Por um longo minuto, a ação morre, enquanto Tadeo se contorce e se agita, e nós prendemos a respiração. Ele finalmente se liberta e consegue um jab de esquerda direto no nariz de Jackal. Finalmente, há sangue. Não há dúvida de que o meu homem é o melhor lutador, mas basta um único erro e você tem um braço torcido a ponto de quebrar. Entre um round e outro, Norberto descarrega um pacote de instruções, mas Tadeo não ouve. Ele sabe muito mais a respeito de luta do que qualquer um de nós e já compreendeu o adversário. Quando a campainha toca para o segundo round, eu o agarro pelo braço e grito em seu ouvido:

— Acabe com ele neste round e haverá dois mil dólares extras.

Isso Tadeo ouve.

O Jackal perdeu o primeiro round e, portanto, como muitos lutadores, começa pressionando no segundo round. Ele quer entrar, conseguir fixar os braços finos e rijos em uma espécie de chave mortal, mas Tadeo sabe Perfeitamente qual é a intenção dele. Com trinta segundos de luta, Tadeo desfecha o clássico combo esquerda-direita-esquerda e derruba o adversário de traseiro no chão. Tadeo, então, comete um erro comum ao tentar se arremessar como um idiota sobre Jackal, como um bombardeiro de mergulho maníaco se lançando para a matança. Jackal consegue desfechar um chute com o pé direito, um golpe brutal que atinge Tadeo logo acima da virilha. Ele permanece de pé enquanto Jackal se arrasta tentando se levantar, e por um ou dois segundos nenhum dos dois homens força a ação. Finalmente se recompõem e começam a se mover em círculo. Tadeo encontra seu ritmo de boxe e começa a provocar Jackal com jabs não revidados. Ele abre um corte acima de seu olho direito e o amplia com um bombardeio implacável. Jackal tem o mau hábito de lançar um falso gancho de esquerda sem alvo, logo antes de se agachar e tentar atacar os joelhos do adversário, e ele tenta esse artifício mais de uma vez. Tadeo percebe,

cronometra a jogada com precisão e executa seu melhor truque, um giro do corpo com golpe cego de cotovelo, um movimento que exige coragem porque, por uma fração de segundo, ele fica de costas para o oponente. Mas Jackal é lento demais e o cotovelo direito de Tadeo colide violentamente com seu maxilar direito. O apagar das luzes. Jackal desmaia antes de aterrissar na lona. As regras permitem que Tadeo desfira alguns socos em seu rosto, para acabar com ele de uma vez por todas, mas para que se dar ao trabalho? Tadeo apenas fica parado no meio do ringue, as mãos erguidas, olhando para baixo, admirando seu trabalho, enquanto Jackal permanece deitado, imóvel como um cadáver. O juiz rapidamente para tudo.

Um pouco nervosos, esperamos alguns instantes enquanto eles tentam reavivá-lo. A multidão quer uma maca, uma vítima, algo sobre o que conversar no trabalho, mas Jackal por fim volta a vida e começa a falar. Ele senta-se e nós relaxamos. Ou tentamos relaxar. Não é fácil se acalmar logo depois de tanta ação violenta, quando você tem algo em risco e quando cinco mil maníacos batem os pés no chão.

Jackal se levanta e os maníacos vaiam.

Tadeo aproxima-se dele, diz algo amável e eles fazem as pazes.

Quando deixamos a gaiola, eu sigo Tadeo e sorrio enquanto ele bate mãos com os fas e se regozija com mais outra vitória. Ele fez uns dois movimentos estúpidos que o matariam se estivesse lutando com um adversário graduado, mas no todo foi mais uma luta promissora. Tento saborear o momento e pensar no futuro e nos ganhos em potencial, talvez até alguns patrocínios. Ele é o quarto lutador em quem invisto e o primeiro a dar lucro.

Pouco antes de deixarmos o recinto e entrar no túnel, uma voz feminina grita:

— Sr. Rudd! Sr. Rudd!

Levo um ou dois segundos para registrar o fato porque não deveria haver ninguém nesta multidão que pudesse me reconhecer. Estou usando um boné de rap estilo caminhoneiro, oficial, do Team Zapate, uma jaqueta amarela horrorosa e óculos diferentes, e meus cabelos compridos estão presos. Mas quando eu paro e olho, ela está tentando me alcançar. Uma mulher corpulenta de uns vinte e cinco anos, cabelos de cor púrpura, piercings, peitos enormes explodindo debaixo de uma camiseta muito justa, a típica garota de classe em lutas de MMA. Lanço um olhar curioso em sua direção e ela diz novamente:

— Sr. Rudd. Você não é o sr. Rudd, o advogado?

Balanço a cabeça, confirmando. Ela dá um passo ainda mais perto e diz:

— Minha mãe está no júri.

— Que júri? — pergunto, repentinamente em pânico. Existe apenas um júri

no momento.

— Somos de Milo. O julgamento de Gardy Baker. Minha mãe está no júri.

Faço um sinal com a cabeça para a esquerda, como se dissesse: “Por aqui. ” Segundos depois, estamos fora do recinto e caminhando lado a lado ao longo de um corredor estreito enquanto as paredes se sacodem a nossa volta.

— Qual é o nome dela? — pergunto, observando todos que passam por nós.

— Glynna Roston, jurada número oito.

— O. k. — Eu sei nome, idade, raça, emprego, educação, família, endereço, histórico conjugal, participação em outros júris e ficha criminal, se houver, de cada jurado. Ajudei a selecioná-los. Alguns eu queria, a maioria não. Tenho ficado sentado em uma sala de tribunal lotada com eles cinco dias por semana pelas últimas duas semanas, e estou ficando realmente cansado de todos. Acho que conheço suas posições políticas, religiões, preconceitos e sentimentos a respeito de justiça criminal. E porque sei tanto, fiquei convencido, desde que se sentaram naquela sala, que Gardy Baker está indo para o corredor da morte.

— O que Glynna tem pensado nos últimos dias? - perguntei cautelosamente. Ela poderia estar usando uma escuta. Nada me surpreende.

— Ela acha que todos são um bando de mentirosos. — Continuamos andando, devagar, sem destino, cada qual com medo de olhar o outro nos olhos. Fico perplexo ao ouvir isso. Lendo sua linguagem corporal e conhecendo seus antecedentes, eu apostaria que Glynna Roston seria a primeira a gritar “Culpado! ”.

Olho por cima do ombro para me certificar de que não há testemunhas, então digo:

— Bem, ela é uma mulher inteligente, porque eles realmente estão mentindo. Não têm nenhuma prova.

— Quer que eu diga isso a ela?

— Não me importa o que você diga a ela - respondo, olhando em volta quando paramos e esperamos que um dos pesos-pesados passe com sua comitiva. Tenho dois mil dólares no sujeito. Devo ganhar seis mil pela noite e estou me sentindo muito bem. E para fechar com chave de ouro, estou ouvindo a notícia chocante de que nem todos os meus jurados de Gardy Baker são idiotas.

— Ela está sozinha ou tem companhia?

— Ela diz que eles não estão discutindo o caso.

Tenho vontade de rir diante dessa resposta. Se ela não está discutindo o caso, como essa doçura sabe a opinião da mãe? Neste exato instante, estou violando as regras da ética e talvez o código penal também. Esse é um contato não autorizado com um jurado e, embora não seja explícito nem instigado por mim, não há dúvida de que seria mal interpretado pela Ordem dos Advogados do

estado. E o juiz Kaufman perderia as estribeiras.

— Diga a ela para ficar firme porque eles pegaram o cara errado — digo e me afasto. Não sei o que ela quer e não há nada que eu possa lhe dar. Acho que eu poderia tirar dez minutos e mostrar a ela as flagrantes deficiências nas provas da Promotoria, mas isso exigiria que ela absorvesse tudo corretamente e depois fizesse um relato preciso para sua mãe. Nem a pau. Essa garota está aqui para ver as lutas.

Pego a escada mais próxima para o andar de baixo e assim que estou a salvo dela, entro em um toalete e repasso o que ela disse. Ainda não consigo acreditar. Aquele júri, junto com o resto da cidade, condenou meu cliente no dia em que ele foi preso. A mãe dela, Glynna Roston, dá todas as indicações de ser uma cidadã padrão de Milo - baixa escolaridade, retrógrada e determinada a ser uma heroína da comunidade em sua hora de necessidade. A manhã de segunda-feira vai ser interessante. Em determinado ponto, depois que retomarmos os depoimentos, terei a chance de olhar para a plataforma do júri. Até agora, Glynna não tem demonstrado medo de devolver meus olhares. Seus olhos revelarão alguma coisa, embora eu não saiba exatamente o quê.

Afasto o assunto da minha mente e retorno à realidade. A luta de pesos pesados demora exatamente quarenta segundos, com o meu favorito ainda de pé. Mal posso esperar para me reunir com minha pequena gangue. Reencontramo-nos na mesma sala escura com a porta trancada, e a conversa cheia de insultos e gozação é brutal. Os seis apostadores tiram dinheiro vivo do bolso. Frankie tem as anotações e os cálculos. Nesta noite, lucrei oito mil dólares pelas minhas apostas, embora dois mil desse total sejam destinados a Tadeo por seu bônus improvisado. Eu os recuperarei da sua parte da bolsa. Esses irão para os registros para fins de imposto de renda; o dinheiro vivo, não.

Tadeo ganha oito mil pelos seus esforços, uma bela noite que lhe permitirá acrescentar outro membro da gangue à sua comitiva. Ele pagará algumas contas, manterá a família e não economizará nada. Eu tentei lhe dar conselhos sobre finanças, mas é uma perda de tempo.

Passo no vestiário, pago os dois mil, digo que o amo e deixo a arena. Partner e eu vamos a um bar sossegado e tomamos uns drinques. São necessários uns dois para me acalmar. Quando se fica tão perto da ação e você tem seu próprio lutador no ringue a dois segundos de uma concussão ou de um osso quebrado, e cinco mil idiotas estão gritando em seus ouvidos, seu coração dispara loucamente, seu estômago se revira e seus nervos pinicam. Há uma descarga de adrenalina como eu nunca senti.

8

Jack Peeley é um ex-namorado da mãe das duas meninas Fentress. O pai delas já tinha ido embora há muito tempo quando elas foram assassinadas, e o apartamento da mãe era uma porta giratória para vagabundos e pilantras. Peeley durou cerca de um ano e recebeu um pé no traseiro quando ela conheceu um revendedor de tratores usados com um pouco de dinheiro e uma casa sem rodas. Ela se mudou para lá e Peeley teve que ir embora, com o coração partido. Ele foi a última pessoa vista perto das meninas quando elas desapareceram. Logo no começo, perguntei à polícia por que não o trataram como suspeito, nem ao menos o investigaram, e a resposta capenga que deram era que já tinham seu homem. Gardy estava sob custódia e confessando a torto e a direito.

Tenho fortes suspeitas de que Jack Peeley matou as meninas em um ato doentio de vingança. E se os tiras não tivessem tropeçado em Gardy, poderiam ter interrogado Peeley. Gardy, no entanto, com sua aparência assustadora, inclinações satânicas e histórico de perversão sexual, tornou-se o óbvio favorito, e Milo nunca mais olhou para trás.

Segundo Bishop, que está confiando em suas fontes do submundo, Peeley é visto quase todo domingo à noite em uma espelunca chamada Blue & White. Fica a cerca de um quilômetro e meio de Milo e originalmente era uma parada de caminhoneiros. Agora é apenas um boteco caipira com cerveja barata, mesas de bilhar e música ao vivo nos fins de semana.

No sábado à noite, entramos sem alarde no estacionamento de cascalhos por volta das dez da noite. O lugar está lotado, picapes de ponta a ponta. Temos a nossa própria Dodge Ram de cabine estendida e pneus grandes, talvez um pouco chamativa demais para esse pé-sujo, mas ela pertence a Hertz, não a mim. Atrás do volante, Partner finge ser um caipira, mas não passa de uma patética imitação. Ele se livrou de sua roupa escura diária e está usando jeans e uma camiseta dos Cowboys, mas não está funcionando.

— Vamos lá, pessoal — digo do assento do passageiro da frente. Tadeo e Miguel saltam do banco traseiro, caminham descontraidamente e atravessam a porta da frente. São recebidos por um leão de chácara que cobra dez dólares de cada um para o couvert. Ele os examina de cima a baixo e não aprova. São, afinal, hispânicos de pele mais escura. Mas ao menos não são negros. Segundo Bishop, o Blue & White pode tolerar alguns mexicanos, mas um negro daria início a uma baderna. Não que haja algo com que se preocupar. Uma espelunca como essa não exerce nenhuma atração sobre nenhum negro sensato.

No entanto, uma baderna é o que eles terão, de qualquer forma. Tadeo e Miguel pedem uma cerveja no bar superlotado e fazem um trabalho razoável se misturando aos frequentadores. Atraem alguns olhares, mas nada de mais. Se esses caipiras gordos e bêbados soubessem… Tadeo poderia acabar com cinco deles de uma vez só com suas mãos em menos de um minuto. Miguel, seu irmão e parceiro de sparring, poderia destruir quatro. Após quinze minutos inspecionando a multidão e o layout do lugar, Tadeo chama um barman e diz em um inglês sem sotaque:

— Escuta, eu preciso entregar um dinheiro para um sujeito chamado Jack Peeley, mas não sei bem se consigo reconhecê-lo. — O barman, muito ocupado, faz um sinal com a cabeça para uma fileira de compartimentos perto da mesa de bilhar e diz:

— Terceiro compartimento, o sujeito de boné preto.

— Obrigado.

— De nada.

Eles pedem mais uma cerveja e ficam matando tempo. No compartimento de Peeley, há duas mulheres e outro homem. A mesa está coberta de garrafas de cerveja vazias e os quatro mastigam amendoins torrados. Parte da atração do Blue & White é que você joga as cascas de amendoim no chão. Na extremidade oposta, uma banda começa a tocar e uma dúzia de pessoas se dirige para lá para dançar. Evidentemente, Peeley não é um dançarino. Tadeo me envia uma mensagem: “JP localizado. Aguardando. ”

Eles continuam matando um pouco mais de tempo. Partner e eu permanecemos sentados, observando e esperando, nervosos. Quem pode prever o resultado de uma briga em uma sala repleta de idiotas bêbados, metade dos quais tem carteirinha da Associação Nacional de Rifles?

Peeley e seu colega dirigem-se a uma mesa de bilhar e se preparam para uma partida. Suas mulheres continuam no compartimento, comendo amendoins e bebendo cerveja.

— Lá vamos nós — diz Tadeo e começa a se afastar do balcão. Ele passa entre duas mesas de bilhar, cronometra o tempo Perfeitamente e dá um encontrão em Peeley, que está cuidando da própria vida e passando giz em seu taco.

— O que é isso?! - grita Peeley com raiva, afogueado e pronto para chutar o traseiro de algum cucaracho. Antes que ele possa brandir seu taco,

Tadeo o golpeia com três socos que ninguém nem consegue ver. Esquerda-direita-esquerda, cada qual atingindo um supercílio, onde os cortes são sempre mais fáceis, cada qual fazendo sangrar. Peeley desaba no chão, inconsciente, e demora um pouco para voltar a si. As mulheres berram e ouvem-se a costumeira gritaria e o barulho de movimentação quando uma briga se desenrola. O amigo

de Peeley demora a reagir, mas finalmente leva seu taco para trás para golpear a cabeça de Tadeo. Miguel, no entanto, intervém e desfecha um soco na base de seu crânio. O amigo de Peeley vai juntar-se a ele no chão. Tadeo dá mais alguns socos no rosto de Peeley só por garantia, em seguida agacha-se e parte para o toalete masculino. Uma garrafa de cerveja se espatifa logo acima de sua cabeça. Miguel o segue de perto, vozes iradas gritam atrás deles. Eles trancam a porta, em seguida escapam pela janela. Em poucos segundos, estão de volta a picape e nos afastamos despreocupadamente.

— Consegui — diz Tadeo ansiosamente do banco traseiro. Ele estende a mão direita para a frente e de fato está coberta de sangue. Sangue de Peeley. Paramos em uma lanchonete e eu cuidadosamente raspo sua mão.

É meia-noite quando chegamos de volta a City.

9

O monstro que matou as meninas Fentress amarrou seus tornozelos e pulsos com os cadarços de seus sapatos e depois as atirou em um lago. Durante a autópsia de Jenna, um único fio de cabelo longo e preto foi encontrado preso nos cadarços que amarravam os tornozelos. Tanto ela quanto Raley tinham cabelos louros. Na ocasião, Gardy tinha cabelos longos e pretos — embora a cor mudasse mensalmente —, e como não era de surpreender, o especialista do Estado em análise de cabelos declarou que "combinavam". Por mais de um século, verdadeiros especialistas sabem que análise de cabelos é um exame extremamente impreciso. Ainda é usado por autoridades, até mesmo pelo FBI, quando não há prova melhor e o suspeito tem que ser preso. Pedi ao juiz Kaufman que ordenasse que fosse feito teste de DNA com uma amostra do cabelo atual de Gardy, mas ele recusou. Disse que era caro demais. Estamos falando da vida de um homem.

Quando finalmente tive permissão para examinar as provas da Promotoria, praticamente inexistentes, consegui roubar um pedacinho do fio de cabelo preto. Ninguém percebeu.

Bem cedo na manhã de segunda-feira, enviei por remessa expressa o cabelo e a amostra de sangue de Jack Peeley para um laboratório de DNA na Califórnia. Vai me custar seis mil dólares para um serviço de urgência. Aposto que vou encontrar o verdadeiro assassino.

10

Partner e eu partimos a toda a velocidade para Milo, para mais uma fatigante semana de mentiras. Estou ansioso para dar minha primeira olhada em Glynna Roston, jurada número oito, e ver se há algum sinal revelador de comunicação secreta. Tipicamente, entretanto, as coisas não saem como esperado.

A sala do tribunal está mais uma vez lotada e eu me admiro com a plateia. Pelo décimo primeiro dia consecutivo no tribunal, Julie Fentress, a mãe das gêmeas, senta-se no banco da frente, diretamente atrás da mesa do promotor. Ela está acompanhada de seu grupo de apoio e elas olham para mim furiosamente, como se eu mesmo tivesse matado as meninas.

Quando Trots finalmente chega, abre sua pasta e começa a fingir que suas ações têm alguma importância, inclino-me e lhe digo:

— Observe a jurada número oito, Glynna Roston, mas não deixe que o vejam. — Trots vai ser visto porque Trots é uma besta quadrada. Ele deveria ser capaz de disfarçadamente dar uma olhada nos jurados e avaliar suas reações, estudar sua linguagem corporal, ver se estão acordados, interessados ou irritados, fazer todas as coisas que se aprende a fazer em um julgamento quando você tem curiosidade a respeito do seu júri, mas Trots já desistiu há semanas.

Gardy está razoavelmente animado. Ele me disse que gosta do julgamento porque é tirado de sua cela. Eles o mantêm trancado em solitária, em geral com as luzes apagadas porque eles sabem que ele matou as gêmeas Fentress e o duro castigo deve começar desde agora. Eu estou mais animado porque Gardy tomou banho no fim de semana.

Matamos algum tempo esperando pelo juiz Kaufman. Huver, o promotor, não está a sua mesa às 9hl5. Sua gangue de assistentes cia Juventude Hitlerista tem a testa mais franzida do que habitualmente. Alguma coisa está acontecendo. Um agente de segurança da corte aproxima-se e sussurra para mim:

— O juiz Kaufman quer vê-lo em seu gabinete.

Isso acontece quase todo dia, ao que parece. Vamos para a sua sala para disputar alguma coisa que queremos manter longe do público. Mas para que se incomodar? Depois de duas semanas eu sei que, se Huver quiser que todo mundo veja ou ouça alguma coisa, isso vai acontecer.

Entro em uma emboscada. A escrivã está lá, pronta para registrar tudo. O juiz Kaufman está andando de um lado para outro, de camisa e gravata, casaco e toga pendurados atrás da porta. Huver está de pé, com ar sombrio e presunçoso, junto a janela. O agente de segurança fecha a portei atrás de mim e Kaufman atira

alguns papéis na mesa.

— Leia isto! — rosna ele.

— Bom dia, juiz — digo, tão acintosamente quanto possível. — Huver.

Eles não respondem. É uma declaração juramentada de duas páginas em que a declarante, ou neste caso a mentirosa, alega que se encontrou comigo por acaso na noite da sexta-feira nas lutas de MMA na City e que eu discuti o caso com ela e lhe disse para dizer a sua mãe, uma jurada, que o Estado mão tinha nenhuma prova e que todas as suas testemunhas estavam mentindo. Ela assinou Mario Wilfang diante de um notário público.

— Alguma verdade nisso, sr. Rudd? - rosna Kaufman, realmente furioso.

— Ah, um pouco, eu acho.

— Quer contar seu lado da história? - pergunta ele, obviamente preparado para mio acreditar em nenhuma palavra que eu disser. Huver murmura bastante alto para ser ouvido:

— Caso claro de manipulação do júri.

Ao que eu retruquei:

— Quer ouvir meu lado primeiro ou quer me condenar sem todos os fatos, como fez com Gardy?

O juiz Kaufman diz:

— Basta. Pare com isso, sr. Huver.

Eu conto a minha versão, exatamente, Perfeitamente, sem sequer uma palavra de enfeite. Deixo bem claro que eu nunca tinha visto essa mulher, não a distinguiria de Eva — como poderia? — e que ela deliberadamente me procurou, iniciou o contato, depois mal pôde esperar para correr para casa em Milo e tentar se inserir neste julgamento.

Em geral, é preciso uma vila inteira para condenar um assassino.

Quase gritando, digo:

— Ela diz aqui que fui eu quem iniciou o contato? Como? Eu não conheço essa mulher. Ela me conhece porque esteve na sala do tribunal, assistindo ao julgamento. Ela pode me reconhecer. Como eu deveria reconhecê-la? Isso faz algum sentido?

Não faz, é claro, mas Huver e Kaufman não cedem. Estão convencidos de que conseguiram me pegar. O ódio que sentem por mim e meu cliente é tão intenso que não conseguem ver o óbvio.

Continuo martelando:

— Ela está mentindo, ok.? Planejou deliberadamente tudo isso. Esbarrou comigo, puxou conversa, depois preparou essa declaração juramentada, provavelmente em seu gabinete, Huver, e ela está mentindo. Isso é perjúrio e contumácia processual. Faça alguma coisa, juiz.

— Não preciso que você me diga…

— Ora, vamos. Mexa-se daí e faça a coisa certa, para variar.

— Ouça, sr. Rudd - diz ele, vermelho e pronto para me atacar. Nesse ponto, eu quero nulidade de julgamento. Quero provocar esses dois a cometer alguma coisa realmente estúpida.

Bem alto, eu digo:

— Quero uma audiência. Afaste o júri, convoque essa jovem senhorita ao banco das testemunhas e me deixe interrogá-la. Ela quer se envolver neste julgamento, traga-a para cá. Sua mãe é obviamente preconceituosa e instável, e eu a quero fora do júri.

— O que você disse a ela? — perguntou Kaufman.

— Acabo de lhe dizer, palavra por palavra. Eu disse a ela a mesma coisa que eu diria a qualquer outra pessoa na face da Terra: seu caso não tem base alguma, foi construído sobre um monte de testemunhas mentirosas e vocês não têm nenhuma prova verossímil. Ponto final.

— Você enlouqueceu — diz Huver.

— Quero uma audiência - praticamente grito. - Quero essa mulher fora do júri e não prosseguirei com o julgamento enquanto ela não sair.

— Está me ameaçando? — Kaufman me pergunta conforme as coisas começam a perder o controle rapidamente.

— Não, senhor. Estou lhe prometendo. Eu não continuarei.

— Então, vou acusá-lo de desacato e colocá-lo na cadeia.

—Já estive lá. Faça isso e teremos uma anulação de julgamento. Podemos voltar dentro de seis meses e fazer essa festa toda outra vez.

Eles não sabem se eu realmente já estive preso, mas neste momento imaginam que eu não esteja mentindo. Um advogado pouco convencional como eu está constantemente flertando com os limites éticos. Tempo de cadeia é um distintivo de honra. Se eu sou obrigado a enfurecer um juiz ou humilhá-lo, que assim seja.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. A escrivã olha fixamente para os pés e, se lhe dessem a chance, ela sairia correndo da sala, derrubando cadeiras no processo. Neste ponto, Huver está aterrorizado com uma inversão da sorte, em ter sua grandiosa condenação vista com reservas por um tribunal de apelação que a envia de volta para um novo julgamento. Ele não quer reviver esse calvário. O que ele quer é essa data gloriosa no futuro em que ele se dirige, provavelmente com um repórter no carro com ele, a uma penitenciária chamada Big Wheeler, onde o Estado mantém sua cela da morte. Ele será tratado como um rei porque ele será o Homem - o pistoleiro que solucionou o crime hediondo e assegurou o veredicto de culpado que mandou Gardy Baker a sua execução, permitindo

assim que Milo tivesse seu fechamento. Ele ganhará um lugar na primeira fila, atrás de uma cortina que será dramaticamente aberta para revelar Gardy deitado em uma maca com tubos nos braços. Mais tarde, ele, Huver, encontrará tempo para conversar sobriamente com a imprensa e descrever os fardos que seu trabalho coloca sobre ele. E ainda tem que assistir a uma execução, e nesse estado da boa morte isso é pior do que ser um virgem de trinta anos. Estado v. Gardy Baker é o melhor momento de Dan Huver. Vai fazer a sua carreira. Ele vai dar palestras nesses pomposos congressos de promotores realizados em cassinos baratos. Será reeleito.

No momento, entretanto, ele está suando porque exagerou a mão.

Estavam convencidos de que haviam me encurralado. Que tolice. Tentar me pegar com uma acusação forjada de contato impróprio não vai ajudar o caso deles neste ponto. É exagerado e não é incomum. Eles têm Gardy praticamente declarado culpado e condenado à morte, e por gracejo acharam que seria engraçadinho tirar um naco de mim.

— Cheira a contato impróprio para mim, juiz — diz Huver, tentando ser dramático.

— É claro que sim - digo.

— Vamos lidar com isso depois - diz Kaufman. — O júri está esperando.

— Acho que vocês são surdos. Não vou prosseguir enquanto não conseguir uma audiência. Faço questão de que isso fique registrado.

Kaufman olha para Huver e ambos parecem perder a respiração. Eles sabem que eu sou louco o suficiente para entrar em greve, recusar-me a participar de um julgamento, e, quando isso acontecer, eles terão que encarar uma anulação de julgamento. O juiz me lança um olhar fulminante e diz:

— Eu o prendo por desacato.

— Me coloque na cadeia — digo, zombando, provocando. A escrivã está anotando cada palavra. — Me coloque na cadeia.

Mas ele não pode fazer isso agora. Ele tem que tomar uma decisão, e uma decisão errada poderia colocar tudo em perigo. Se eu for para a cadeia por causa disso, o julgamento inteiro será suspenso e realmente não haverá meios de salvá-lo. Em algum momento posterior, um tribunal de apelação, provavelmente federal, vai rever os movimentos exatos de Kaufman bem aqui e marcar falta. Gardy tem que ter um advogado, um advogado verdadeiro, e eles simplesmente não poderão prosseguir se eu estiver na cadeia. Eles me deram um trunfo.

Alguns segundos se passam e os ânimos esfriam. Tentando ajudar, eu digo, quase docilmente:

— Olhe, juiz, não pode me negar uma audiência sobre isso. Fazer isso é me dar munição pesada para o recurso.

— Que tipo de audiência? - pergunta ele, cedendo.

— Eu quero essa mulher, essa Mario Wilfang, no banco das testemunhas em uma audiência fechada. Vocês estão determinados a me pegar por contato impróprio, então vamos até o fundo dessa história. Eu tenho o direito de me defender. Mande o júri para casa por hoje e vamos brigar.

— Não vou mandar o júri para casa — diz ele, enquanto desaba pesadamente na cadeira, derrotado.

— Está bem. Mantenha-os trancafiados o dia inteiro. Não me importa. Essa garota mentiu para vocês e, ao fazê-lo, meteu o nariz no meio deste julgamento. Não há hipótese de a mãe dela permanecer no júri. E motivo para uma anulação de julgamento agora e certamente motivo para uma reversão daqui a cinco anos. Escolha o seu veneno.

Eles ouvem porque de repente estão amedrontados e são lamentavelmente inexperientes. Já passei por anulações de julgamentos. Já passei por reversões de sentenças. Já estive aqui muitas vezes, no centro da arena onde a morte está em jogo e um único erro pode arruinar um caso. Eles são novatos. Kaufman presidiu dois julgamentos de pena capital nos sete anos em que ocupa a cadeira de juiz. Huver só enviou um homem para o corredor da morte, um constrangimento para qualquer promotor por aqui. Há dois anos, ele estragou um caso de morte de tal forma que o juiz (não era Kaufman) foi forçado a declarar o julgamento nulo. As acusações foram descartadas posteriormente. Estão atolados até o último fio de cabelo e acabaram de cometer um erro grosseiro.

— Quem preparou a declaração juramentada? — pergunto.

Nenhuma resposta.

— Olhem, a linguagem usada aqui definitivamente veio de um advogado. Nenhum leigo fala desse modo. Foi seu gabinete que preparou isso, Huver?

Huver, tentando permanecer calmo, mas agora muito além do desespero, diz algo que nem Kaufman pode acreditar:

—Juiz, podemos continuar com Trots enquanto o sr. Rudd fica na cadeia.

Dou uma gargalhada enquanto Kaufman parece que foi esbofeteado.

— Ah, vá em frente — digo, sarcasticamente. - Você conseguiu estragar este caso desde o primeiro dia, vá em frente e conceda uma reversão a Gardy.

Kaufman adianta-se:

— Não. O sr. Trots não disse nada até agora e seria melhor se aquele rapaz continuasse sentado lá com aquela expressão idiota no rosto. — Embora isso seja engraçado, eu olho ferozmente para o Meritíssimo e em seguida ferozmente para a escrivã, que registra tudo.

— Corta isso - grita Kaufman com ela enquanto se recompõe. Que idiota. Um julgamento sempre se parece com um mau espetáculo de circo quando

diversos atos começam a sair de controle. O que começou como uma divertida tentativa de me humilhar agora parece uma péssima ideia, ao menos para eles.

Não quero Huver apresentando nenhuma boa ideia - não que eu tenha muito com que me preocupar — e, assim, para mantê-lo desequilibrado, lanço um pouco de lenha na fogueira dizendo:

— De todas as coisas estúpidas que você já disse até agora neste julgamento, essa tem que ser a vencedora. Bennie Trots. Que piada. Você ia querer vê-lo como advogado de defesa principal.

— Qual é sua posição, sr. Rudd? - pergunta Kaufman.

— Eu não vou entrar de novo naquele tribunal enquanto não tivermos uma audiência sobre contato impróprio com a jurada número oito, a adorável sra. Glynna Roston. Se estou realmente sendo acusado de desacato, então me jogue na cadeia. No momento, eu preferia uma nulidade de julgamento a um orgasmo triplo.

— Não há necessidade de ser grosseiro, sr. Rudd.

Huver começa a ficar irrequieto e a gaguejar:

— Bem, hum, juiz, hum, acho que podemos lidar com o contato impróprio e o desacato mais tarde, sabe, depois do julgamento ou algo assim. Quanto a mim, eu preferia continuar com os depoimentos. Isso, hum, parece desnecessário neste momento.

— Então, por que você começou, Huver? - digo. — Por que vocês, palhaços, ficaram todos empolgados com contato impróprio quando sabiam muito bem que essa Wilfang estava mentindo?

— Não me chame de palhaço — retruca o juiz Kaufman com desprezo.

— Desculpe, juiz, eu não estava me referindo ao senhor. Estava me referindo a todos os palhaços do gabinete da Promotoria, inclusive o próprio procurador.

— Seria melhor elevarmos o nível do discurso aqui — diz Kaufman.

— Minhas desculpas — digo, da maneira mais sarcástica possível.

Huver afasta-se para a janela, de onde fica olhando fixamente para

as fileiras de prédios decadentes que compreendem a rua principal de Milo. Kaufman retira-se para uma estante de livros atrás de sua escrivaninha, onde fica olhando livros em que ele nunca tocou. O ambiente está pesado e tenso. Uma decisão importante tem que ser tomada, e depressa, e se o Meritíssimo cometer um erro, as ondas dos abalos sísmicos provocados pelo terremoto se propagarão por muitos anos.

Ele finalmente se vira e diz:

— Acho melhor interrogarmos a jurada número oito, mas não vamos fazer isso lá fora. Conduziremos a inquirição aqui.

O que se segue é um desses episódios em um julgamento que frustram

litigantes, jurados e observadores. Passamos o resto do dia no gabinete nada espaçoso do juiz Kaufman batendo boca e às vezes até gritando a respeito dos detalhes do meu contato impróprio com uma jurada. Glynna Roston é trazida, colocada sob juramento e está quase aterrorizada demais para conseguir falar. Ela começa imediatamente a mentir, dizendo que não discutiu o caso com a família. No interrogatório, eu a ataco com uma sede de vingança que parece espantar até Kaufman e Huver. Ela deixa a sala aos prantos. Em seguida, trazem sua imprudente filha, srta. Mario Wilfang, que repete sua pequena narrativa sob a desajeitada indagação de Dan Huver, que agora já está completamente desarvorado. Quando ela é passada para mim, eu a conduzo docemente pelo caminho da paz, depois corto sua garganta de orelha a orelha. Em menos de dez minutos, ela está chorando, arquejando e desejando mil vezes nunca ter me chamado na arena. Torna-se dolorosamente óbvio que ela está mentindo em sua declaração juramentada. Até mesmo o juiz Kaufman lhe pergunta:

— Em uma multidão de cinco mil pessoas, como o sr. Rudd a encontrou se ele nunca a conheceu antes?

Obrigado, juiz. Essa seria a grande pergunta.

De acordo com sua história, ela voltou das lutas tarde na sexta-feira. Quando finalmente acordou no sábado, telefonou para a mãe, que imediatamente telefonou para o sr. Dan Huver, que sabia exatamente o que fazer. Encontraram-se no gabinete dele na tarde de domingo, trabalharam na linguagem para a declaração juramentada e — pronto! — Huver tinha o que precisava.

Convoco Huver como testemunha. Ele protesta. Nós discutimos, mas Kaufman não tem escolha. Interrogo Huver durante uma hora, e dois linces aprisionados em um mesmo saco de aniagem seriam muito mais civilizados. Um de seus assistentes redigiu cada palavra da declaração. Uma de suas secretárias digitou-a. Outra secretária autenticou-a.

Em seguida, ele me interroga e a briga continua. Durante toda essa tediosa provação, os jurados esperam na sala de deliberação, sem dúvida informados por Glynna Roston e sem dúvida culpando-me por mais um frustrante atraso no julgamento. Como se eu me importasse. Fico lembrando a Kaufman e Huver que eles estão lidando com uma cobra aqui. Se Glynna Roston permanecer no júri, eu tenho garantida uma reversão. Não tenho certeza disso - em apelação nada é garantido —, mas gradativamente eu os vejo murchar sob a tensão e duvidar de suas próprias opiniões. Repetidas vezes, solicito anulação de julgamento. As petições são repetidamente negadas. Não me importo. Está nos autos. Quase no final da tarde, Kaufman resolve dispensar a sra. Roston e substituí-la pela srta. Mazy, uma de nossas suplentes selecionadas.

A srta. Mazy não era uma substituição extremamente animadora. Na

realidade, não era melhor do que a última a ocupar a cadeira. Ninguém em Milo seria melhor. Seria possível selecionar uma dúzia de um grupo de mil e todo júri pareceria igual e votaria da mesma forma. Então, por que desperdicei tanto tempo hoje? Para responsabilizá-los. Para deixá-los apavorados com o cenário de que eles — promotor e juiz, devidamente eleitos pelos habitantes do lugar — possam estragar o caso mais sensacional que esta cidadezinha jeca e atrasada já viu. Para coletar munição para o recurso. E para fazê-los me respeitarem.

Exijo que Mario Wilfang seja processada por perjúrio, mas o promotor está cansado. Exijo que ela seja presa por desacato. Em vez disso, o juiz Kaufman me faz lembrar que estou sendo acusado de desacato. Ele manda vir um agente de segurança, um que traga algemas.

— Desculpe-me, juiz, mas me esqueci por que o senhor me acusou de desacato. Foi há tanto tempo… - digo sarcasticamente.

— Porque você se recusou a continuar o julgamento hoje de manhã e porque desperdiçamos um dia inteiro aqui por causa de uma jurada. Além disso, você me insultou.

Há inúmeras maneiras de responder a essa tolice, mas deixo passar. Atirar-me na cadeia por causa de uma acusação de desacato só complicará a situação para eles, para as autoridades, e me dará ainda mais munição para entrar com recurso no tribunal de apelação por Gardy. Um guarda corpulento entra no gabinete e Kaufman diz:

— Levem-no para a cela.

Huver está a janela, de costas para tudo isso.

Não quero ir para a cadeia, mas mal posso esperar para sair desta sala. Começa a cheirar a suor rançoso. As algemas são fechadas em volta dos meus pulsos, mãos na frente, não nas costas, e enquanto sou levado dali, olho para Kaufman e digo:

— Presumo que poderei continuar como principal advogado de defesa pela manhã.

— Poderá, sim.

Para amedrontá-los ainda mais, acrescento:

— Da última vez em que fui preso no meio de um julgamento, a condenação foi revertida pela suprema corte estadual. Nove a zero. Vocês, palhaços, deviam ler seus casos.

Outro guarda corpulento junta-se ao nosso pequeno desfile. Eles me levam pelas portas dos fundos e ao longo de um corredor que eu uso todos os dias. Por alguma razão, paramos em um patamar enquanto os guardas murmuram em seus rádios. Quando finalmente saímos, tenho a impressão de que a notícia vazou. Ouve-se uma grande aclamação quando meus inimigos me veem sair escoltado e

algemado. Por nenhuma razão aparente, os policiais se demoram, tentando decidir que carro patrulha usar. Fico parado ao lado de um deles, exposto, sorrindo para a minha pequena turba. Vejo Partner e grito que lhe telefonarei mais tarde. Ele está perplexo e confuso. Por diversão, me empurram para o mesmo banco traseiro com Gardy. Advogado e cliente levados para a prisão. Conforme nos afastamos, com as luzes e sirenes completamente empenhadas em dar a esta cidade miserável o máximo de emoção possível, Gardy olha para mim e diz:

— Onde esteve o dia todo?

Não vou tentar explicar.

Levanto minhas mãos algemadas e digo:

— Brigando com o juiz. Adivinha quem ganhou?

— Como podem prender um advogado?

— O juiz pode fazer o que bem entender.

— Vai receber a pena de morte também?

Dou uma risadinha pela primeira vez em muitas horas.

— Não, ao menos não por enquanto.

Gardy acha graça na inesperada mudança na rotina. Diz:

— Você vai adorar a comida de lá.

— Pode apostar. -Os dois guardas no banco da frente estão se esforçando tanto para ouvir que mal conseguem respirar.

—Já esteve na cadeia antes? - pergunta meu cliente.

— Ah, sim, várias vezes. Tenho uma tendência para irritar os juízes.

— Como foi que você irritou o juiz Kaufman?

— É uma longa história.

— Bem, temos a noite toda, não é?

Acho que sim, embora eu duvide que me atirem na mesma cela que meu querido cliente. Minutos depois, paramos diante de um prédio de telhado plano, estilo década de cinquenta, com vários anexos acoplados nas laterais como tumores malignos. Estive aqui algumas vezes para me reunir com Gardy e é um lugar miserável. Estacionamos. Eles nos arrancam do carro e nos empurram para dentro de uma sala aberta, mas apertada, onde alguns policiais relaxam, fazendo trabalho burocrático e agindo como durões. Gardy desaparece na parte de trás do prédio e quando uma porta que não se pode ver dali é aberta, ouço prisioneiros gritando ao fundo.

— O juiz Kaufman disse que eu posso dar dois telefonemas - digo asperamente para o carcereiro quando ele se move na minha direção. Ele para, sem saber o que exatamente um carcereiro deve fazer quando está diante de um advogado furioso enviado por desacato. Recua.

Ligo para Judith e depois de berrar com sua recepcionista, depois com sua secretária, depois com sua assistente, consigo falar com ela, explico que estou na cadeia outra vez e preciso de ajuda. Ela pragueja, me relembra o quanto está ocupada, depois diz que está tudo bem. Ligo para Partner e o coloco a par.

Eles me entregam um macacão laranja com "Cadeia Municipal de Milo" estampado nas costas. Troco de roupa em um banheiro imundo, cuidadosamente arrumando minha camisa, gravata e terno em um cabide. Entrego-o ao carcereiro e digo:

— Por favor, não amarrote. Tenho que usar esta roupa amanhã de manhã.

— Quer que mande passar? — diz ele, soltando uma gargalhada. Os outros também desatam a rir diante dessa piada genial, e eu sorrio como um sujeito bem-humorado. Quando as risadas cessam, digo:

— E então, o que vai ser para o jantar?

O carcereiro responde:

— É segunda-feira, dia de presuntada. Sempre presuntada às segundas-feiras.

— Mal posso esperar.

Minha cela é uma casamata de concreto de três por três que fede a urina e suor. Nos beliches há dois jovens negros, um lendo e o outro cochilando. Não há uma terceira cama, de modo que dormirei em uma cadeira de plástico com manchas marrom escuras. Meus dois novos companheiros de cela não parecem nem um pouco amistosos. Eu não quero brigar, mas ser surrado na cadeia, no meio da defesa de um crime qualificado, causaria uma anulação automática do julgamento. Vou pensar nisso.

Como já tinha feito isso antes, Judith sabe exatamente o que fazer. Às 17 horas, ela entra com uma petição de habeas corpus no Tribunal de Justiça Federal na City, com um pedido urgente para uma audiência imediata. Adoro o Tribunal de Justiça Federal, na maior parte do tempo.

Ela também envia uma cópia de sua petição ao meu repórter favorito no jornal. Farei tanto barulho quanto possível. Kaufman e Huver cometeram um erro crasso e vão pagar por isso. O homem do beliche inferior, o que está lendo, decide que quer conversar, então explico por que estou aqui. Ele acha engraçado, um advogado na cadeia por deixar O juiz furioso. O outro, que estava cochilando no beliche de cima, vira-se e começa a tomar parte na conversa. Em pouco tempo, estou dando aconselhamento jurídico e esses caras precisam de quanto eu puder oferecer.

Uma hora mais tarde, um carcereiro vem me buscar com a notícia de que tenho uma visita. Eu o sigo através de um labirinto de corredores estreitos e me vejo em uma sala apertada com um bafômetro. É para cá que eles trazem os motoristas bêbados. Bishop se levanta e apertamos as mãos. Já havíamos

conversado pelo telefone, mas nunca nos encontramos. Agradeço a ele por ter vindo, mas advirto-o sobre isso. Ele diz que se danem — não tem medo dos habitantes locais. Além do mais, sabe manter-se discreto, abaixo da linha do radar. E também conhece o chefe de polícia, os policiais, o juiz — a gentalha de sempre em uma cidadezinha do interior. Ele disse que tentou ligar para Huver e Kaufman para lhes dizer que tinham cometido um grande erro, mas não conseguiu. Ele está contando com o chefe de polícia para me colocarem em uma cela melhor. Quanto mais conversamos, mais eu gosto do sujeito. Ele é um lulador de rua, um velho desgastado, acabado, que anda batendo cabeça com os policiais há décadas. Não fez um tostão e não se importa. Eu me pergunto se serei como ele daqui a vinte anos.

— E os testes de DNA? — pergunta ele.

— O laboratório receberá as amostras amanhã e prometeram um trâmite rápido.

— E se for Peeley?

Aí a coisa vai pegar fogo. — Esse sujeito está do meu lado, mas eu não o conheço. Conversamos por dez minutos e ele vai embora.

Quando retorno para a minha cela, meus dois novos amigos já espalharam a notícia de que há um advogado criminal aqui com eles. Em pouco tempo, estou gritando conselhos jurídicos para todos os lados.

11

O bom senso nem sempre é o meu forte, mas decidi não iniciar uma briga com Fonzo e Frog, meus dois novos parceiros no crime. Em vez disso, sentei em minha cadeira a noite inteira e tentei tirar um cochilo. Não funciona. Eu disse não para a presuntada do jantar e não para os ovos podres e a torrada fria do café da manhã. Felizmente, ninguém menciona uma ducha. Eles me trazem meu terno, camisa, gravata, sapatos e meias, e eu me visto depressa. Despeço-me dos meus companheiros de cela, ambos os quais ficarão atrás das grades por vários anos, independentemente dos brilhantes conselhos que eu tenha ministrado durante horas.

Gardy e eu somos levados de volta ao tribunal em carros separados. Uma multidão maior de inimigos caçoa de mim enquanto sou retirado do carro, ainda de algemas. Depois que estou dentro do edifício e longe das vistas de qualquer fotógrafo, retiram as algemas. Partner está à minha espera no corredor. Eu saí na edição matutina do Chronicle, o jornal diário da City. Seção Metro, terceira página. Nada de mais — Rudd é preso novamente.

Como instruído, sigo um agente de segurança de volta ao gabinete do juiz Kaufman, que me aguarda com Huver. Ambos exibem um sorriso afetado e estão curiosos para ver como sobrevivi a noite. Não faço nenhum comentário sobre a cadeia, não admito o fato de que não durmo, como ou tomo banho há muito tempo. Eu estou inteiro, ansioso para começar e isso parece irritá-los. É tudo muito divertido, com a vida de Gardy em jogo.

Segundos depois de eu entrar no gabinete, outro agente de segurança entra correndo e diz:

- Desculpe, juiz, mas há um oficial de justiça federal aqui que diz que o senhor tem que estar no Tribunal de Justiça Federal na City às 11 horas. O senhor também, sr. Huver.

— Que diabos é isso? - diz Kaufman.

Ah, eu, muito amavelmente, explico:

— E uma audiência de habeas corpus, juiz. Meus advogados apresentaram a petição ontem à tarde. Uma audiência de emergência para me tirar da cadeia. Foram vocês que começaram essa droga, agora eu tenho que terminar.

— Ele tem uma intimação? — pergunta Huver. O agente de segurança lhes entrega alguns papéis e Huver e Kaufman os examinam rapidamente.

— Não é uma intimação - diz Kaufman. - É uma espécie de notificação do juiz Samson. Pensei que ele já tivesse morrido. Ele não tem direito de me

notificar para estar presente para uma audiência de nenhum tipo.

— Ele já está maluco há uns vinte anos - diz Huver, um pouco aliviado. — Eu não vou. Estamos no meio de um julgamento aqui.

Ele não está errado a respeito do juiz Samson. Se os advogados pudessem eleger o juiz federal mais louco do território, Arnie Samson teria uma vitória esmagadora. Mas ele é meu amigo maluco e já me livrou da cadeia antes.

Kaufman volta-se para o agente de segurança:

Diga ao oficial de justiça federal para cair fora. Se ele começar a criar dificuldades, diga ao delegado para prendê-lo. Isso vai deixá-lo realmente furioso, não é? O delegado prendendo um oficial de justiça federal.

Ah. Aposto como isso nunca aconteceu antes. De qualquer forma, não vamos. Temos um julgamento para dar prosseguimento aqui.

— Por que você recorreu a justiça federal? — me pergunta Huver com seriedade.

— Porque não gosto de ficar na cadeia. Que pergunta idiota é essa?

O agente de segurança sai e Kaufman diz:

— Estou cancelando a ordem de desacato, ok, sr. Rudd? Acho que uma noite de castigo já é suficiente pelo seu comportamento.

Eu revido:

— Bem, certamente é suficiente para uma anulação de julgamento ou uma reversão.

— Não vamos discutir isso — diz Kaufman. - Podemos prosseguir?

— Você é o juiz.

— E quanto a audiência na justiça federal?

— Está me pedindo aconselhamento jurídico? — rebato.

— Droga, não.

— Ignore a notificação por sua própria conta e risco. O juiz Samson pode colocar vocês na cadeia por uma noite ou duas. Não seria engraçado?

12

Por fim, voltamos a sala do tribunal e leva algum tempo até todos se instalarem. Quando o júri é trazido, eu me recuso a olhar para os jurados. A essa altura, todos eles sabem que passei a noite na cadeia e tenho certeza de que estão curiosos para ver como eu sobrevivi. Assim, não lhes dou nenhuma informação.

O juiz Kaufman desculpa-se pela demora e diz que já é hora de iniciar os trabalhos. Ele olha para Huver, que se levanta e diz:

— Meritíssimo, a acusação termina.

Isso é uma manobra amadora destinada a desgraçar ainda mais a minha vida. Eu me levanto e digo furiosamente:

— Meritíssimo, ele podia ter me dito isso ontem ou mesmo hoje de manhã.

— Chame sua primeira testemunha — rosna Kaufman.

— Não estou pronto. Tenho algumas petições. Nos autos.

Ele não tem escolha senão dispensar o júri. Passamos as próximas duas horas regateando sobre se o Estado apresentou provas suficientes para continuar com o processo. Eu repito os mesmos argumentos. Kaufman toma as mesmas decisões. Tudo é para os autos.

Minha primeira testemunha é um garoto perturbado, confuso, que se parece notavelmente com meu cliente. Seu nome é Wilson; ele tem quinze anos, é drogado, já abandonou a escola, um garoto que é praticamente um sem teto, embora uma tia permita que ele durma na garagem sempre que está doente. E ele é nossa melhor testemunha!

As meninas Fentress desapareceram por volta das quatro horas em uma tarde de quarta-feira. Deixaram a escola em suas bicicletas, mas nunca chegaram em casa. Uma busca foi iniciada às seis e intensificada com o passar das horas. A meia-noite, a cidade inteira já estava em pânico e todo mundo estava nas ruas com uma lanterna. Os corpos das meninas foram encontrados em um lago poluído por volta do meio-dia do dia seguinte.

Eu tenho seis testemunhas, Wilson e mais cinco, que vão testemunhar que estavam com Gardy naquela tarde de quarta-feira, das duas horas da tarde até a noite. Estavam em um lugar denominado Pit, uma cratera de saibro abandonada no meio de um bosque cerrado ao sul da cidade.

É um refúgio isolado para vadios, fugitivos, garotos sem teto, drogados, pequenos bandidos e bêbados. O lugar atrai alguns vagabundos mais velhos, mas na maior parte do tempo é um paraíso para os garotos e garotas que ninguém quer. Eles dormem embaixo de telheiros, compartilham comida roubada, tomam

suas bebidas roubadas, consomem drogas de que nunca ouvi falar, fazem sexo aleatoriamente e de um modo geral desperdiçam os dias enquanto deslizam para mais perto da morte ou da prisão. Gardy estava lá quando outra pessoa raptou e assassinou as meninas Fentress;.

Então, temos um álibi — o paradeiro do meu cliente pode ser atestado. Ou não?

Quando Wilson sobe ao banco das testemunhas e faz seu juramento, os jurados mostram-se desconfiados. Para a ocasião, ele está usando o que sempre usa — jeans sujo com vários buracos, botas militares surradas, uma camiseta verde proclamando a grandeza de alguma banda de rock ácido e uma bandana roxa amarrada em volta do pescoço. Seu couro cabeludo é raspado acima das orelhas e leva a um gritante penacho moicano cor de laranja no centro, da testa a nuca. Ele exibe a obrigatória coleção de tatuagens, brincos e piercings. Como é apenas um garoto sem nenhuma noção de nada e agora está sendo arrastado para um ambiente tão formal, ele instantaneamente se isola por trás de um sorriso forçado que dá. vontade de lhe dar uma bofetada.

— Apenas aja normalmente — eu lhe disse. Tristemente, ele o faz. Eu não acreditaria em nenhuma palavra do que ele diz, embora esteja dizendo a verdade. Como ensaiado, repassamos aquela tarde de quarta-feira.

Huver acaba com ele no contrainterrogatório. Você tem quinze anos, filho, por que não está na escola? Fumando maconha, hein, junto com seu chapa aqui, é isso que você estava dizendo aos jurados? Bebendo, usando drogas, só um bando de perdidos, certo? Wilson tenta negar, mas não convence ninguém. Após quinze minutos de zombaria e humilhação, Wilson fica desnorteado, com medo de ser acusado de algum crime. Huver continua a intimidá-lo, um valentão no pátio da escola.

Mas, como Huver não é muito inteligente, ele vai longe demais. Mantém Willson encurralado e o faz sangrar a cada pergunta. Ele o questiona a respeito de datas — como ele pode ter certeza de que foi naquela quarta-feira lá em março? Vocês mantêm um calendário lá no Pit?

Em voz muito alta, ele diz:

— Você não faz a menor ideia de qual quarta-feira estamos falando, não é?

— Faço, sim, senhor — diz Wilson, educadamente pela primeira vez.

— Como?

— Porque a polícia foi até lá, disse que estavam procurando duas garotinhas. Foi esse dia. E Gardy esteve lá a tarde inteira.

Para um garoto desmiolado, Wilson diz isso Perfeitamente, justamente como havíamos praticado.

Evidentemente, quando há um crime em Milo ligeiramente mais sério do que

jogar lixo na rua, a polícia corre para o Pit e faz acusações. Intimida os suspeitos de sempre. Fica a cerca de cinco quilômetros do lago onde as meninas Fentress foram encontradas. É flagrantemente óbvio que nenhum dos frequentadores do Pit possui nenhum meio de transporte além dos próprios pés, ainda assim a polícia rotineiramente aparece por lá e ameaça os garotos. Gardy diz que ele se lembra dos policiais perguntando pelas meninas. Os policiais, é claro, não se lembram de ter visto Gardy no Pit.

Nada disso importa. Este júri não pretende acreditar em nenhuma palavra que Wilson diga.

A seguir, chamo uma testemunha com menos credibilidade ainda. Chamam-na de Lolo e a pobre criança tem vivido embaixo de pontes e galerias subterrâneas desde quando pode se lembrar. Os garotos a protegem e em troca ela os mantém satisfeitos. Ela agora tem dezenove anos e jamais vai conseguir emplacar vinte e cinco, não deste lado das grades. Está coberta de tatuagens e quando termina seu juramento, os jurados já estão enojados. Ela se lembra daquela quarta-feira em particular, lembra-se dos policiais chegando ao Pit, lembra-se de Gardy ter estado lá a tarde inteira.

No contrainterrogatório, Huver mal consegue esperar para mencionar o fato de que ela foi presa duas vezes por roubo de loja. Por comida! O que você pode fazer quando está com fome? Huver faz com que isso pareça que ela merece a pena de morte.

Continuamos avançando arduamente. Eu chamo minhas testemunhas do álibi, que dizem a verdade, e Huver os faz parecer criminosos. Essa é a loucura e a injustiça do sistema. As testemunhas de Huver, as que depõem em prol do Estado, são cobertas de legitimidade, como se tivessem sido santificadas pelas autoridades. Policiais, peritos, até mesmo dedos duros que tomaram banho, se arrumaram e vestiram boas roupas, todos sobem ao banco das testemunhas e contam mentiras num esforço coordenado para que meu cliente seja executado. Mas as testemunhas que conhecem a verdade, e a estão contando, são imediatamente refutadas e tratadas como idiotas.

Como muitos outros, este julgamento não tem a ver com verdade. Tem a ver com vencer. E para vencer, sem nenhuma prova real, Huver tem que fabricar, mentir e atacar a verdade como se a odiasse. Tenho seis testemunhas que juram que meu cliente não estava nem perto da cena do crime quando foi cometido, e os seis são ridicularizados. Huver apresentou quase duas dúzias de testemunhas, praticamente todas conhecidas como mentirosas pelos policiais, pelo promotor e pelo juiz, mas ainda assim o júri absorve suas mentiras como se estivesse lendo a Escritura Sagrada.

13

Mostro aos jurados um mapa de sua adorável cidade. O Pit fica muito distante do lago; não existe possibilidade de Gardy ter estado nos dois lugares na hora aproximada do assassinato das meninas. Os jurados não acreditam em nada disso porque já sabem há bastante tempo que Gardy era membro de um culto satânico com um histórico de perversão sexual. Não há nenhuma comprovação física de que as meninas Fentress tenham sido sexualmente molestadas. No entanto, cada caipira desgraçado naquele horrível lugar acredita que Gardy estuprou-as antes de matá-las.

A meia-noite, estou deitado na minha esburacada cama de motel, a 9 milímetros ao meu lado, quando meu telefone toca. É o laboratório de DNA em San Diego. O sangue que Tadeo brutalmente extraiu da testa de Jack Peeley combina com o fio de cabelo que o assassino deixou nos cadarços de sapato com que ele amarrou os tornozelos de Jenna Fentress, de onze anos.

14

É impossível dormir. Não consigo sequer fechar os olhos. Partner e eu deixamos o motel quando ainda está escuro e quase chegamos a Milo antes de vermos o primeiro indício de luz no leste. Eu me encontro com o Bishop em seu escritório enquanto a cidade aos poucos desperta. Ele liga para o juiz Kaufman na casa dele, tira-o da cama e às oito horas da manha estou em seu gabinete com Huver e a escrivã. Tudo que virá em seguida constará dos autos.

Eu coloco minhas opções na mesa. Caso se recusem a suspender o julgamento, encerrar o caso e mandar o garoto para casa — e isso é o que eu espero que façam — então eu vou 1) emitir uma intimação para Jack Peeley, arrastá-lo para o tribunal, colocá-lo no banco dos réus e denunciá-lo como assassino; ou 2) procurar a imprensa com os detalhes do exame de DNA; ou 3) anunciar ao júri o que eu sei; ou 4) todas as opções acima; ou 5) nada, deixá-los conseguir sua condenação e massacrá-los com um recurso no tribunal de apelação.

Eles querem saber como consegui uma amostra de sangue de Jack Peeley, mas não sou obrigado a lhes contar. Eu os faço lembrar que nos últimos dez meses supliquei a eles que investigassem Peeley, conseguissem uma amostra de sangue e assim por diante, mas eles não tiveram nenhum interesse. Eles tinham Gardy, um soldado de Satã. Pela décima vez, expliquei que Peeley 1) conhecia as meninas, 2) foi visto perto do lago quando elas desapareceram e 3) acabara de se separar da mãe delas depois de um longo e violento romance.

Eles ficam perplexos, estupefatos, por vezes quase incoerentes conforme caem em si. A acusação forjada e corrupta foi simplesmente desmascarada. Prenderam o homem errado!

Praticamente todos os promotores têm o mesmo defeito genético: não conseguem admitir o óbvio quando está em cima da mesa. Apegam-se às suas teorias. Sabem que têm razão porque estão convencidos disso há meses, até anos. “Eu acredito no meu caso” é um de seus bordões favoritos, e são capazes de repeti-lo calmamente mesmo enquanto o verdadeiro assassino dá um passo a frente com sangue nas mãos e diz: “Fui eu. ”

Por já ter ouvido tanta baboseira deles antes, tentei imaginar o que Huver deveveria dizer neste ponto. Mas eu desato a rir quando ele diz:

— É possível que Gardy Baker e Jack Peeley tenham agido juntos.

Kaufman não se contém:

— Você está falando sério?

— Brilhante, simplesmente brilhante - digo. - Dois homens que nunca se encontraram, um com dezoito anos, o outro com trinta e cinco, unem-se por cerca de meia hora para assassinar duas meninas, depois cada qual segue seu caminho, para nunca mais se verem, e ambos determinados a se manter calados para sempre. Quer argumentar isso no tribunal de apelação?

— Não me surpreenderia - diz Huver, coçando o queixo como se seu cérebro turbinado estivesse trabalhando sem parar, analisando novas teorias do crime.

Kaufman, cuja boca ainda está aberta em descrença, diz:

— Você não pode estar falando sério, Dan.

Dan diz:

— Quero prosseguir. Acho que Gardy Baker esteve envolvido nesse crime. Eu posso conseguir uma condenação. — É patético observá-lo mergulhar cegamente no caso quando sabe que está errado.

— Deixe-me adivinhar - digo. — Você acredita no seu caso.

— Pode ter certeza que sim. Quero prosseguir, posso conseguir uma condenação.

— Claro que pode, e obter uma condenação é muito mais importante do que a justiça — digo, extraordinariamente controlado. — Obtenha a sua condenação. Vamos nos arrastar pelos tribunais de recursos pelos próximos dez anos, enquanto Gardy definha no corredor da morte e o verdadeiro assassino anda livremente pelas ruas, até que um dia um juiz federal em algum lugar verá a luz e teremos outra exoneração de grande notoriedade. Você, o promotor, e você, o juiz, vão parecer dois idiotas por causa do que está acontecendo agora.

— Eu quero prosseguir — repete Huver, como uma gravação defeituosa.

Eu continuo:

— Acho que vou procurar a imprensa, mostrar-lhes os resultados do exame de DNA. Eles vão botar a boca no trombone e vocês vão parecer dois palhaços ainda julgando o caso. Enquanto isso, Jack Peeley desaparecerá.

— Como você conseguiu o DNA dele? — me pergunta o juiz Kaufman.

— Ele entrou numa briga de bar no último sábado no Blue & White, teve a cara arrebentada e o cara que fez isso trabalha para mim. Eu pessoalmente raspei o sangue de Peeley do punho do meu camarada e mandei-o para o laboratório, junto com uma amostra do cabelo que eu tinha recolhido antes.

— Isso é adulterar provas - diz Huver, como era de esperar.

— Ah, me processe ou me jogue na cadeia outra vez. Essa festinha acabou, Dan, desista!

Kaufman diz:

— Quero ver os resultados do exame.

— Eu os terei amanhã de manhã. O laboratório é em San Diego.

— Estamos de recesso até lá.

15

Em determinado ponto durante o dia, o juiz e o promotor se reuniram secretamente. Não fui convidado. As regras de procedimento proíbem esses encontros clandestinos, mas eles acontecem. Esses sujeitos precisam de uma saída estratégica, e rápido. A essa altura, eles sabem que sou meio maluco e de fato correrei para a imprensa com os meus resultados do exame. Nessa hora de desespero, eles ainda estão mais preocupados com política do que com a verdade. Tudo que querem é salvar as aparências.

Partner e eu retornamos à City, onde passo o dia trabalhando em outros casos. Convenço o laboratório a enviar os resultados do exame por e-mail para o juiz Kaufman e ao meio-dia ele já conhece a verdade. Às seis da tarde, recebo o telefonema. Jack Peeley acaba de ser preso.

Encontramo-nos na manhã seguinte no gabinete de Kaufman, não na sala do tribunal, que é o nosso lugar. Uma extinção do processo em sessão aberta seria embaraçosa demais para o sistema, assim o juiz e o promotor conspiraram para fazer isso a portas fechadas e o mais rápido possível. Sento-me a uma mesa com Gardy ao meu lado e fico ouvindo enquanto Dan Huver dá prosseguimento, muito a contragosto, a um pedido para retirar as acusações. Desconfio que Huver quis prosseguir com seu amado caso, aquele em que acredita tão piamente, mas Kaufman disse não; disse que essa festinha acabou; disse que vamos minorar os prejuízos e tirar logo daqui esse filho da mãe e seu cliente retardado.

Depois que a papelada é assinada, Gardy é um homem livre. Ele passou o último ano em uma prisão rígida - eu sei bem disso. Mas um ano na prisão para um homem inocente é pura sorte em nosso sistema. Há milhares trancados há décadas, mas isso é outra história.

Gardy está confuso, sem saber para onde ir ou o que fazer. Conforme nos conduzem para fora do gabinete de Kaufman, eu lhe dou duas notas de vinte dólares e lhe desejo boa sorte. Eles vão esgueirá-lo até a cadeia para ele pegar seus pertences e, de lá, sua mãe o levará a algum lugar seguro. Nunca mais o verei novamente.

Ele não me agradece porque não sabe o que dizer. Eu não quero abraçá-lo porque ele não tomou banho ontem a noite, de modo que conseguimos um rápido abraço em um comedor estreito, enquanto dois agentes de segurança nos observam.

— Acabou, Gardy — continuo dizendo, mas ele não acredita em mim.

A notícia vazou e uma turba me espera do lado de fora. A cidade de Milo

jamais acreditará que outra pessoa que não Gardy tenha assassinado as meninas Fentress, independentemente das provas. É o que acontece quando os policiais agem de acordo com um de seus inteligentes palpites e marcham na direção errada, controlando os boatos e carregando a imprensa com eles. O promotor é um dos primeiros a se juntar ao desfile e em pouco tempo o caso se torna um linchamento organizado e semilegal.

Eu escapo por uma das portas laterais, onde Partner está a minha espera. Fazemos nossa fuga sem nenhum tipo de escolta e, quando partimos a toda a velocidade, dois tomates e um ovo se espatifam em nosso para brisa. Não posso deixar de dar uma risada. Mais uma vez, estamos deixando a cidade em grande estilo.

PARTE DOIS

A SALA BUUM BUUM

1

Os ricos tendem a evitar o corredor da morte. Link Scanlon não teve tanta sorte, embora não seja possível encontrar três pessoas nesta cidade que se preocupem com Link ou com sua sorte. Há cerca de um milhão de pessoas aqui, e quando Link por fim foi condenado e retirado de circulação, praticamente todo mundo sentiu algum tipo de alívio. O tráfico de drogas sofreu um sério golpe, embora logo tenha se recuperado. Várias boates de striptease fecharam as portas, o que agradou a muitas jovens esposas. Pais de adolescentes disseram a si mesmos que suas filhas estavam mais seguras agora. Proprietários de sofisticados carros esportivos relaxaram à medida que os roubos de carros despencaram. Mais importante ainda, a polícia e os agentes da Narcóticos relaxaram e esperaram pela queda dos índices de criminalidade. Aconteceu, mas não durou muito.

Link foi condenado a morte por um júri inclemente por ter assassinado um juiz. Logo depois de ter ido para o corredor da morte, seu principal advogado de defesa apareceu enforcado. Assim, suponho que a Ordem dos Advogados da City também ficou aliviada em ver Link trancafiado.

Pensando bem, deve ter havido algumas centenas de pessoas aqui que realmente sentiram falta de Link, no começo. Coveiros, dançarinas de striptease, traficantes de drogas, donos de desmanches e policiais corruptos, para mencionar alguns. Mas agora isso pouco importa. Isso foi há seis anos e, uma vez na prisão, Link provou ser capaz de dirigir a maior parte de seus negócios de trás das grades.

Tudo que ele sempre quis foi ser um gângster do tipo antigo, estilo Al Capone, com sede de sangue, violência e dinheiro a rodo. Seu pai havia sido um contrabandista de bebidas alcoólicas que morreu de cirrose. Sua mãe casara novamente, várias vezes e em geral muito mal. Sem as rédeas de uma vida familiar normal, Link foi para as ruas aos doze anos e logo dominou pequenos furtos. Aos quinze, tinha sua própria gangue e vendia maconha e pornografia nos colégios. Foi preso aos dezesseis, ganhou um puxão de orelhas e assim começou um longo e animado relacionamento com o sistema de justiça criminal.

Até os vinte anos, seu nome era George. Não combinava com ele, então ele adotou e descartou vários apelidos, pérolas como Lash e Boss. Finalmente se decidiu por Link, porque ele, George Scanlon, era sempre linkado a vários crimes. Link combinava Perfeitamente e ele contratou um advogado para torná-lo oficial. Apenas Link Scanlon, sem nenhuma inicial no meio, nada agregado

no fim. O novo nome lhe deu uma nova identidade. Era um novo homem com algo a provar. Ele se tornou imprudente em seu desejo de se tornar o gângster mais poderoso da cidade, e teve pleno sucesso. Aos trinta anos, os capangas de Link estavam matando regularmente enquanto ele assumia o comando do negócio de prostituição e seu quinhão do tráfico de drogas na City.

Ele está no corredor da morte há apenas seis anos e sua execução está programada para as dez da noite de hoje. Seis anos não é muito tempo para o corredor da morte. Em média, ao menos neste estado, os recursos se arrastam por catorze anos antes de uma execução. Vinte não é incomum. O mais rápido foi de dois anos, mas esse sujeito implorou para ser executado. Pode-se dizer que o caso de Link foi apressado ou acelerado. Mate um juiz e todos os outros se ofendem. Seus apelos foram recebidos com bem poucos atrasos. Sua condenação foi confirmada e reconfirmada. Todos os veredictos foram unânimes, nem uma única divergência em nenhum lugar, estadual ou federal. A Suprema Corte recusou-se a considerar seu caso. Link enfureceu aqueles que realmente dominam o sistema e esta noite o sistema obtém sua vingança máxima.

O juiz Nagy foi quem Link matou. Não foi ele, Link, quem realmente puxou o gatilho. Em vez disso, mandou dizer aos subordinados que queria Nagy morto. Um assassino profissional chamado Knuckles recebeu a incumbência e executou a ordem de maneira esplêndida. O juiz Nagy e sua mulher foram encontrados na cama, de pijamas, com buracos de bala na cabeça. Knuckles depois disso falou demais, e os policiais colocaram uma escuta no local certo. Knuckles também ficou no corredor da morte, por cerca de dois anos, até que o encontraram com a boca e a garganta cheias de um produto de limpeza a base de soda cáustica. Os policiais interrogaram Link, mas ele jurou que não sabia nada a respeito disso.

Qual foi o delito do juiz Nagy? Ele era um homem da lei durão e implacável, que detestava drogas e era famoso por condenar traficantes severamente. Estava prestes a sentenciar dois cúmplices favoritos de Link —um deles era seu primo - a cem anos cada um, e isso aborreceu Link. Era a sua cidade, não de Nagy. Ele, Link, há anos tinha vontade de derrubar um juiz, uma espécie de humilhação final. Mate um juiz, se mande e o mundo saberá que você de fato está acima da lei.

Depois que seu advogado de defesa foi assassinado, as pessoas acharam que eu era um idiota em aceitar o caso dele. Mais um resultado desfavorável a Link e eles poderiam me encontrar no fundo de um lago. Mas isso foi há seis anos e Link e eu nos damos muito bem. Ele sabe que tentei salvar sua vida, e poupará a minha. O que ele ganharia matando seu último advogado?

2

Partner e eu paramos no portão principal de Big Wheeler, o complexo penitenciário de segurança máxima onde o Estado mantém seu corredor da morte e realiza suas execuções. Um guarda aproxima-se da porta do passageiro e diz:

— Nome?

— Rudd, Sebastian Rudd. Para ver Link Scanlon.

— Claro.

O nome do guarda é Harvey e já conversamos antes, mas não esta noite. Nesta noite, Big Wheeler está trancada e há uma sensação eletrizante no ar. É hora de execução! Do outro lado da rua, alguns manifestantes, segurando velas, entoam um solene hino religioso, enquanto outros propagam seu apoio à pena de morte. De um lado para outro. Há carros de reportagem de TV ao longo da estrada.

Harvey rabisca alguma coisa em uma prancheta e diz:

— Unidade Nove. - Quando estamos prestes a seguir em frente, ele se inclina e sussurra: - Quais são as suas chances?

— Poucas - respondo, conforme começamos a nos mover. Seguimos um caminhão da segurança do presídio com pistoleiros em pé na parte de trás; outro nos segue. Refletores quase nos cegam à medida que avançamos, passando por prédios feericamente iluminados onde três mil homens estão presos em suas celas, esperando a morte de Link para que as coisas possam voltar ao normal. Não há nenhuma razão plausível para um presídio enlouquecer quando há uma execução. Nenhuma segurança extra é necessária. Ninguém jamais escapou do corredor da morte. Os condenados que estão ali vivem isolados, de modo que não têm uma gangue de colegas que possam resolver invadir a Bastilha e libertar todo mundo. Mas os rituais são importantes para os homens que administram os presídios e nada provoca neles mais descargas de adrenalina do que uma execução. Suas vidinhas são mundanas e monótonas, mas de vez em quando o mundo entra em sintonia quando é hora de matar um assassino. Nenhum esforço para intensificar o drama pode ser omitido.

A Unidade Nove fica bem distante das demais unidades, com correntes e cercas de arame farpado capazes de impedir a entrada de Ike nas praias da Normandia. Por fim, chegamos a um portão onde um pelotão de guardas agitados mal pode esperar para revistar Partner e a mim, assim como nossas pastas. Esses rapazes estão empolgados demais com as festividades da noite.

Com escoltas, entramos no prédio e sou conduzido a um escritório improvisado onde o diretor do presídio, McDuff, nos aguarda, roendo as unhas, obviamente tenso. Quando ficamos sozinhos em uma sala sem janelas, ele diz:

— Você soube?

— Soube o quê?

— Há dez minutos, uma bomba explodiu no antigo Palácio da Justiça, o mesmo onde Link foi condenado.

Já estive naquele tribunal uma centena de vezes, então, sim, estou chocado em saber que foi bombardeado. Por outro lado, não estou nem um pouco surpreso em descobrir que Link Scanlon não pretende partir tranquilamente.

— Alguém ferido? — pergunto.

— Acho que não. O tribunal tinha acabado de fechar.

— Nossa!

— Pois é. É melhor você falar com ele, Rudd, e depressa.

Dou de ombros e lanço um olhar desanimado ao diretor. Tentar ser razoável com um gângster como Link Scanlon é uma perda de tempo.

— Sou só seu advogado - digo.

— E se ele acabar ferindo alguém…

— Ora, diretor. O Estado vai executá-lo em poucas horas. O que mais pode fazer a ele?

— Eu sei, eu sei. Onde estão as apelações? — pergunta ele, triturando um pedaço da unha do polegar entre os dentes da frente. Ele está prestes a ter um colapso nervoso.

— Na 15a Vara - respondo. — Uma Ave Maria. São todas Ave-Marias neste ponto, diretor. Onde está Link?

— Na cela de espera. Tenho que voltar ao meu escritório e falar com o governador.

— Diga olá por mim. Diga-lhe que ele ainda não julgou meu último pedido de suspensão da execução.

— Farei isso - diz o diretor ao sair da sala.

— Obrigado.

Poucas pessoas neste estado amam tanto uma execução quanto nosso formoso governador. Sua rotina é esperar até o derradeiro instante possível, então aparecer com ar grave diante das câmeras e anunciar ao mundo que ele não pode, em sã consciência, conceder uma suspensão da execução. A beira das lágrimas, ele falará a respeito da vítima e fará a declaração solene de que a justiça deve ser feita.

Eu sigo dois guardas completamente paramentados em trajes militares através de um labirinto e chego a Sala Buum Buum. Ela nada mais é do que uma

grande cela de espera onde o condenado é colocado precisamente cinco horas antes de seu grande momento. Ali, ele espera com seu advogado, conselheiro espiritual e talvez alguns familiares. O contato direto é permitido e podem ocorrer alguns instantes bastante tristes quando mamãe chega para o abraço final. A última refeição é servida precisamente duas horas antes da última caminhada e, depois disso, somente o advogado pode permanecer no recinto.

Décadas atrás, o Estado usava um pelotão de fuzilamento. Algemado e amarrado, o condenado era preso a uma cadeira com correias, um véu preto colocado sobre a cabeça e uma grande cruz vermelha pregada em sua camisa, sobre o coração. A quinze metros de distância, cinco voluntários esperavam atrás de uma cortina com rifles potentes, embora somente quatro estivessem carregados. A teoria era de que nenhum dos cinco jamais ficaria sabendo ao certo se tinha matado um homem, e isso supostamente deveria aplacar o sentimento de culpa mais tarde na vida, no caso de algum deles mudar de opinião e se arrepender. Que besteira! Havia uma longa lista de voluntários, todos ansiosos para puxar o gatilho e acertar uma bala bem no meio do coração de outra pessoa.

De qualquer forma, o jargão da prisão é vibrante e criativo, e assim, com o tempo, a sala de execução ganhou seu apelido. Reza a lenda que um respiradouro foi intencionalmente instalado para que o barulho dos tiros ecoasse pela prisão. Quando adotamos a injeção, por motivos humanitários, não era mais necessário tanto espaço. O corredor da morte foi reconfigurado. Paredes foram acrescentadas aqui e ali. Supostamente, a Sala Buum Buum atual inclui o lugar exato em que o condenado ficava sentado, à espera das balas.

Eles me revistam outra vez e eu atravesso a porta. Link está sozinho, sentado em uma cadeira dobrável, encostada contra uma parede de blocos de concreto. As luzes são fracas. Ele está com o olhar fixo em uma pequena televisão sem som pendurada em um dos cantos da sala e não reage a minha chegada. Seu filme favorito é O poderoso chefão. Link assistiu a esse filme mais de cem vezes e há anos começou a trabalhar em sua imitação de Marlon Brando. Voz arranhada, difícil, que ele atribui ao fumo. Maxilares cerrados. Movimentos lentos. Alheio. Completamente desprovido de emoção.

Nosso corredor da morte tem uma regra singular que permite que o condenado morra com quaisquer roupas que escolher. É uma regra ridícula porque, depois de viver aqui por dez, quinze ou vinte anos, esses sujeitos não têm nada que se pareça com roupas sociais. Macacões padrão, talvez um par de calças cáqui e uma camiseta para usar durante as visitas, sandálias, meias grossas para o inverno. Link, entretanto, tem dinheiro e quer ser enterrado completamente de preto. Ele está usando uma camisa de linho preta de mangas

compridas com punhos abotoados, calça jeans preta, meias pretas e sapatos de corrida pretos. Está longe de ser estiloso como ele acredita, mas a essa altura, quem se importa com moda?

Finalmente, ele diz:

— Achei que você fosse me salvar.

— Eu nunca disse isso, Link. Até coloquei isso por escrito.

— Mas eu lhe paguei todo aquele dinheiro.

— Honorários gordos não são garantia de um bom resultado. Também está por escrito.

— Advogados - resmunga ele com desdém, e eu não levo isso levianamente. Nunca me esqueço do que aconteceu ao seu último advogado. Ele inclina-se lentamente para a frente, inclinando também a cadeira, e se levanta. Link está com cinquenta anos e durante a maior parte do tempo no corredor da morte conseguiu manter a boa aparência. Mas ele está envelhecendo rapidamente, embora eu duvide que alguém com uma data de execução marcada se preocupe muito com rugas e cabelos grisalhos. Ele dá alguns passos e desliga a televisão.

A sala deve ter uns quatro metros e meio de lado, com uma pequena escrivaninha, três cadeiras dobráveis e um catre barato, como os do exército, para o caso de o condenado querer dar um cochilo antes de ser enviado ao seu descanso eterno. Eu estive aqui uma vez antes, há três anos, quando meu cliente chegou a trinta minutos de receber a injeção letal e então a 15a Vara nos agraciou com um milagre.

Link não vai ter tanta sorte. Ele senta-se na ponta da escrivaninha e olha para mim. Resmunga e diz:

— Eu confiei em você.

— E com boa razão, Link. Eu lutei como uma fera por você.

— Mas eu sou louco, na verdade, e você não convenceu ninguém disso. Completamente maluco. Por que você não consegue fazê-los ver isso?

— Eu tentei e você sabe disso, Link. Ninguém ouviu porque ninguém queria ouvir. Você matou a pessoa errada, um juiz. Mate um juiz e seus irmãos se ofendem.

— Eu não o matei.

— Bem, o júri disse que matou. É tudo que importa. - Já tivemos essa conversa mil vezes, e por que não a ter novamente? No momento, faltando menos de cinco horas, eu conversaria com Link sobre qualquer assunto.

— Sou louco, Sebastian. Minha mente se foi.

Costuma-se dizer que todo mundo enlouquece no corredor da morte. Vinte e três horas por dia em isolamento destrói um homem mental, física e emocionalmente. Link, entretanto, não sofreu exatamente como o resto. Anos

antes, eu expliquei a ele que a Suprema Corte determinou que um estado não pode executar uma pessoa mentalmente retardada ou que passe a sofrer de doença mental. Logo depois disso, Link decidiu que ele devia enlouquecer e tem agido como tal desde então. O diretor do presídio naquela ocasião concordou em transferir Link para a unidade psiquiátrica, onde ele passou a desfrutar de um cárcere muito mais confortável. Link viveu lá por três anos até que um jornalista investigou suficientemente a fundo para descobrir um rastro de dinheiro entre vários membros da família imediata do diretor e certo sindicato do crime. O diretor aposentou-se rapidamente e conseguiu se esquivar de uma acusação. Link foi levado de volta ao corredor da morte, onde permaneceu por cerca de um mês, antes de ser removido para a PP - prisão protegida. Lá, ele tinha uma cela maior e mais privilégios. Os guardas lhe davam o que ele quisesse porque os garotos de Link lá fora estavam cuidando dos guardas com dinheiro e drogas. Com o tempo, ele conseguiu manipular uma transferência de volta a unidade psiquiátrica.

Em seus seis anos em Big Wheeler, ele passou apenas doze meses trancafiado com os outros assassinos no corredor da morte.

— O diretor acabou de me dizer que o Tribunal de Justiça foi bombardeado esta tarde. O mesmo em que você foi condenado. Que coincidência, hein? — comento.

Ele franze o cenho e encolhe os ombros de uma forma descontraída, ao estilo Brando, não revelando nada.

— Eu tenho uma apelação flutuando em algum lugar neste momento? — diz ele.

— Está na 15a Vara, mas não fique empolgado.

— Está me dizendo que eu vou morrer, Sebastian?

— Eu lhe disse na semana passada, Link. É um jogo de cartas marcadas. Apelações de última hora são inúteis. Tudo tem sido contestado. Cada possibilidade coberta. Não há nada que possamos fazer agora senão esperar e torcer por um milagre.

— Eu devia ter contratado aquele advogado judeu radical, qual era o nome dele, Lowenstein?

— Talvez, mas não contratou. Ele teve três clientes executados nos últimos quatro anos.

Marc Lowenstein é um conhecido meu e um bom advogado. Ele e eu lidamos com a maioria dos casos intocáveis em nossa ponta do estado. Meu celular vibra. É uma mensagem de texto. A 15a Vara acaba de negar.

— Más notícias, Link, a 15a acabou de rejeitar.

Ele não diz nada, apenas estende o braço e liga a televisão. Aciono o

interruptor para iluminar mais a sala e pergunto:

— Seu filho vai passar por aqui esta noite?

Ele resmunga.

— Não.

Ele tem um filho, um rapaz que acabou de sair da prisão federal. Extorsão. Ele cresceu em meio aos negócios da família e adora seu pai, mas ninguém pode culpá-lo por evitar uma prisão, ainda que apenas para uma visita. Link continua:

— Já nos despedimos.

— Então, nenhuma visita esta noite?

Ele dá um grunhido, não diz nada. Não, nenhuma visita para o último abraço. Link foi casado duas vezes, mas detesta as duas ex mulheres. Ele não fala com a mãe há vinte anos. Seu único irmão desapareceu misteriosamente depois de um mau negócio. Link enfia a mão no bolso, tira um celular e dá um telefonema. Telefones celulares são estritamente proibidos a presos, e pegaram Link com uma dúzia ao longo dos anos. Os guardas os trazem furtivamente. Um dos guardas que foi pego disse que recebeu mil dólares em espécie de um estranho no estacionamento de um Burger King, depois do almoço.

É um telefonema rápido - não consigo entender nem uma palavra -, e Link guarda o telefone no bolso outra vez. Usando o controle remoto, ele muda os canais e agora assistimos ao noticiário de um canal de televisão local. Há muito interesse em sua execução. Um repórter faz uma boa recapitulação do assassinato dos Nagy. Exibem fotos do juiz e de sua esposa, uma bonita mulher.

Eu conhecia bem o juiz e apareci diversas vezes em sua sala de tribunal. Ele era durão, mas justo e inteligente. Ficamos chocados quando ele foi assassinado, mas não surpresos quando as pistas levaram a Link Scanlon. Eles exibem um clipe de Knuckles, o assassino de aluguel, quando deixa o tribunal algemado. Que desgraçado.

— Sabe que você tem direito a um conselheiro espiritual?

Ele emite um grunhido. Não.

— O presídio tem um capelão, se quiser dar uma palavra com ele.

— O que é um capelão?

— Um homem de Deus.

— E o que ele poderia me dizer?

— Ah, não sei, Link. Disseram-me que algumas pessoas, logo antes de morrer, gostam de acertar as coisas com Deus. Confessar os pecados, coisas assim.

— Isso poderia levar algum tempo.

A contrição seria um ato imperdoável de fraqueza para um bandido como Link. Ele não tem absolutamente nenhum remorso, nem pelos assassinatos dos

Nagy, nem por todos os outros que os antecederam. Ele me olha com raiva e pergunta:

— O que você está fazendo aqui?

— Sou seu advogado. É meu dever estar aqui, para me certificar de que os últimos apelos sigam seu curso. Para aconselhar.

— E seu conselho é conversar com um capelão?

Somos surpreendidos por uma forte batida na porta. Ela se abre imediatamente e um homem em um terno barato entra devagar, escoltado por dois guardas.

— Sr. Scanlon, sou Jess Foreman, sub diretor.

— Muito prazer — diz Link, sem tirar os olhos da televisão.

Foreman me ignora e diz:

— Tenho uma lista de todos que vão testemunhar a execução. Não há ninguém em sua lista, certo?

— Certo.

— Tem certeza?

Link ignora essa última pergunta. Foreman espera, depois diz:

— E o seu advogado? — Ele olha para mim.

— Estarei lá - digo. O advogado sempre é convidado a assistir.

— Alguém da família do juiz Nagy? — pergunto.

— Sim, seus três filhos. — Foreman coloca a lista sobre a escrivaninha e se retira. Quando a porta bate atrás dele, Link diz:

— Aqui está.

Ele ergue o controle remoto, aumenta o volume.

É uma notícia de última hora - uma bomba acabara de explodir no majestoso prédio do Palácio da Justiça onde funciona a 15a Vara. O cenário do lado de fora é frenético, com policiais e bombeiros correndo de um lado para outro. Rolos de fumaça são expelidos por uma janela do segundo andar. Um repórter ofegante percorre a rua com seu cinegrafista a reboque, buscando um ângulo melhor e narrando o que está acontecendo.

Os olhos de Link brilham enquanto ele assiste.

— Nossa, outra coincidência — digo.

Mas Link não me ouve. Tento agir de forma controlada, calma, como se não fosse grande coisa. Uma bomba aqui, uma bomba ali. Uns dois telefonemas do corredor da morte e os estopins são acesos. Mas estou abismado.

Quem seria o seguinte? Outro juiz, talvez o que presidiu seu julgamento e o condenou a morte? Esse foi o juiz Cone, aposentado desde então, e durante cerca de dois anos, antes e depois do julgamento, ele manteve proteção armada. Talvez os jurados? Passaram a viver cautelosamente depois do julgamento, com os

policiais bem perto. Ninguém foi ferido ou ameaçado.

— Para onde o apelo vai agora? - pergunta ele.

Imagino que ele pretenda explodir cada tribunal daqui a Washington. Ele sabe a resposta a sua pergunta. Já discutimos bastante isso.

— A Suprema Corte, em D. C. Por que pergunta?

Ele me ignora. Assistimos a televisão por algum tempo. A CNN transmite a história e, em seu modo histérico usual, logo nos coloca em alerta vermelho, como se uma invasão de jihadistas estivesse em andamento.

Link está sorrindo.

Meia hora mais tarde, o diretor está de volta, mais nervoso do que nunca. Ele me leva para fora da sala e diz entre os dentes:

— Soube da 15a Vara?

— Estamos assistindo.

— Você tem que fazê-lo parar.

— Quem?

— Não me venha com “Quem? ”, droga! Sabe do que estou falando.

— Nós não estamos no controle aqui, diretor. Os tribunais têm seus próprios horários. Os garotos de Link têm suas ordens, evidentemente. Além do mais, as bombas podem ser uma coincidência.

— Ah, claro. O FBI está vindo para cá agora mesmo.

— Ah, isso é muito bom, muito inteligente. Meu cliente recebe sua injeção em exatamente três horas e catorze minutos, e no entanto o FBI quer vir interrogá-lo, fazê-lo confessar esses ataques a bomba. Ele é um bandido experiente, diretor, um gângster das antigas. Endurecido pela batalha. Ele vai cuspir em qualquer agente do FBI a menos de seis metros.

O diretor parece a ponto de desmaiar.

— Temos que fazer alguma coisa - diz ele, os olhos arregalados. — O governador está gritando comigo. Todo mundo está gritando comigo.

— Bem, depende do governador, se quer saber. Ele concede a suspensão da execução e imagino que Link pare o bombardeio. Mas não tenho certeza, porque ele não está me ouvindo.

— Pode perguntar a ele?

Dou uma risada.

— Claro, diretor, vou ter um tête-à-tête amistoso com meu cliente, fazê-lo confessar e convencê-lo a parar o que quer que admita estar fazendo. Sem problemas.

Ele está abalado demais para revidar, então sai, sacudindo a cabeça, roendo as unhas, outro burocrata completamente aturdido com tomada de decisões. Volto para a sala e sento-me em uma cadeira. Link está grudado na televisão.

— Era o diretor — digo. — E eles realmente gostariam que você cancelasse os ataques.

Nenhuma resposta. Nenhuma reação.

A CNN finalmente liga os pontos e de repente meu cliente se torna a notícia mais quente da hora. Exibem um instantâneo de Link, uma versão em que ele está muito mais novo, enquanto entrevistam o promotor que o condenou. Do outro lado da escrivaninha, Link pragueja baixinho, embora ainda esteja sorrindo. Não é da minha conta, mas se eu estivesse inclinado a plantar bombas, o gabinete desse sujeito estaria no topo da minha lista.

Seu nome é Max Mancini, o procurador-chefe da City e uma verdadeira lenda em sua própria opinião. Ele andou aparecendo na imprensa durante toda a semana, conforme a contagem regressiva se tornava mais iminente. Link será sua primeira execução e ele não a perderia por nada. Francamente, nunca entendi por que Link preferiu eliminar seu próprio advogado de defesa, em vez de ir atrás de Mancini. Mas não vou perguntar.

Evidentemente, Link e eu estamos na mesma página. Exatamente quando o repórter está encerrando a entrevista, ouve-se um estrondo em algum lugar ao fundo, atrás de Mancini. A câmera recua e fica claro para mim que eles estão na calçada, do lado de fora do seu gabinete na cidade.

Outra explosão.

3

O Palácio da Justiça foi bombardeado exatamente às cinco da tarde; a 15a Vara precisamente às seis; o gabinete do procurador precisamente às sete da noite.

Quando nos aproximávamos das oito da noite, muitas pessoas que tiveram o infortúnio de ter seus caminhos cruzados com o do meu cliente ficam nervosas. A CNN, agora em total e desenfreado frenesi, relata que a segurança foi reforçada ao redor do prédio da Suprema Corte em Washington. O repórter em cena nos mostra alguns poucos gabinetes com as luzes acesas e devemos acreditar que os juízes estão lá em cima, trabalhando duro, debatendo os méritos do caso de Link. Não estão. Estão todos na segurança de suas casas ou jantando. Um de seus funcionários negará nossa petição a qualquer instante.

A mansão do governador está fervilhando de policiais do estado, alguns armados da cabeça aos pés em indumentária de combate completa, como se Link fosse decidir lançar um ataque por terra. Com tantas câmeras por toda parte, tanto drama ao redor, nosso belo governador não pode se conter. Dez minutos atrás, ele saiu correndo de seu bunker para conversar com os repórteres, ao vivo, é claro. Disse que não tinha medo, que a justiça tinha que prosseguir, ele tinha que cumprir seu dever sem medo, etcetera, ad nauseam. Ele tentou fingir que estava realmente travando uma luta com a questão do adiamento da execução, de modo que ainda não estava pronto para anunciar sua decisão. Fará isso mais tarde, digamos às 21h55. Há anos ele não se diverte tanto.

Sou tentado a perguntar a Link: “Quem é o próximo? ”, mas deixo passar. Estamos jogando gin rummy enquanto o relógio continua em contagem decrescente e Roma pega fogo. Ele me disse várias vezes que eu podia ir embora, mas estou ficando por aqui. Não vou admitir que tenho vontade de assistir à sua execução, mas estou fascinado com isso.

Ninguém foi ferido. As três bombas eram principalmente gasolina, segundo um suposto especialista arrastado pela CNN para a frente das câmeras a fim de conferir mais autenticidade a reportagem. Bombas-relógio de baixa tecnologia, provavelmente em pequenos pacotes, destinadas a fazer pouco barulho e muita fumaça.

As oito da noite, todos inspiram fundo. Tudo está quieto por enquanto. Eles batem na porta e deslizam para dentro um carrinho com a última refeição. Para a ocasião, Link escolheu bife com batatas fritas e torta de coco de sobremesa, mas não tem nenhum apetite. Come dois pequenos pedaços do bife e me oferece as

batatas fritas. Digo “não, obrigado” e misturo as cartas do baralho. Alguma coisa a respeito de comer a última refeição de um homem não me parece correta. As 20hl5, meu telefone vibra. Nossa petição foi negada na Suprema Corte. Nenhuma surpresa. Não resta mais nada. Todas as Ave-Marias foram negadas.

Entramos ao vivo do lado de fora da Suprema Corte em Washington, onde o repórter da CNN só falta implorar por algum tipo de explosão. Dezenas de policiais vagueiam de um lado para outro, sentindo cócegas no dedo do gatilho. Uma pequena multidão se formou para ver a carnificina, mas não há nada. Link mantém um olho na televisão enquanto dá as cartas.

Desconfio que ele ainda não terminou.

4

A penitenciária tem um depósito de armazenamento de alimentos no lado oeste de seu amplo complexo e uma oficina de manutenção de veículos no lado leste. Os prédios ficam separados por cerca de cinco quilômetros de distância. As oito e meia, ambos pegam fogo misteriosamente e o presídio enlouquece. Evidentemente, há uns dois helicópteros da mídia nas vizinhanças. Eles não têm permissão de sobrevoar Big Wheeler, então ficam pairando sobre as fazendas vizinhas e, graças às suas teleobjetivas, podemos observar o alvoroço, cortesia da CNN.

Enquanto Link brinca com sua torta de coco e joga gin rummy, o âncora pergunta por que o Estado não acelera sua execução antes que ele destrua o presídio. Um gaguejante porta-voz do gabinete do governador tenta explicar que as regras e leis não permitem isso. É às dez da noite, ponto final, ou o mais rápido possível depois disso. Link assiste a tudo como se fosse um filme sobre algum outro sujeito no corredor da morte.

As 20h45, uma bomba explode no prédio da administração, não muito longe do gabinete do diretor.

Dez minutos mais tarde, o diretor irrompe na Sala Buum Buum e grita:

— Você tem que parar isso!

Link o ignora enquanto embaralha as cartas.

Dois guardas nervosos agarram Link, levantam-no, revistam-no, encontram seu celular, em seguida atiram-no de volta em sua cadeira. A expressão de seu rosto não se altera.

— Tem um telefone, Rudd? - grita o diretor para mim.

— Sim, mas você não pode ficar com ele. Regra 36, seção 2, parágrafo 4. Regra sua. Desculpe.

— Seu filho da mãe!

— Acha que estou dando telefonemas para os caras maus? Acha que faço parte da conspiração, com todos os meus telefonemas sendo rastreados? É isso mesmo, diretor?

Ele está apavorado demais para responder. De trás do diretor, um guarda grita para dentro da sala:

— Há uma rebelião na Unidade Seis!

5

A rebelião começou quando um preso, um velho sentenciado a prisão perpétua com um histórico de problemas de coração, fingiu um ataque cardíaco. No começo, os guardas resolveram ignorá-lo e deixá-lo morrer, mas depois, pensando melhor, resolveram se envolver. Seu colega de cela esfaqueou dois guardas com uma faca improvisada, em seguida se apoderou de suas armas de eletrochoque, fritou-os, depois bateu neles até deixá-los inconscientes. Os presos rapidamente vestiram os uniformes dos guardas e conseguiram abrir as portas de cerca de cem celas. Com uma coordenação quase impecável, os presos invadiram outras alas da unidade e logo várias centenas de milhares de convictos extremamente perigosos estavam a solta. Começaram a incendiar colchões, roupas, qualquer coisa que pudesse pegar fogo. Oito guardas foram surrados; dois vieram a morrer mais tarde. Três guardas com pistolas se esconderam em um escritório e pediram ajuda. Em pouco tempo, os presos encontraram armas e o tiroteio podia ser ouvido por todo o presídio. Na confusão, quatro delatores foram enforcados com cabos de extensão elétrica.

Só viríamos a saber desses detalhes mais tarde, de modo que no momento Link e eu jogamos baralho descontraidamente, enquanto Big Wheeler explode a nossa volta. A CNN leva menos de cinco minutos para tomar conhecimento da rebelião e, quando ouvimos, paramos de jogar e ficamos assistindo a televisão. Após alguns minutos, eu digo:

— E aí, Link, você também é responsável por rebeliões de presídio?

Para minha surpresa, ele diz:

— Sim, ao menos neste momento.

— É mesmo? Então, diga-me. Como esta começou?

— Tudo tem a ver com pessoal - diz ele, como um refinado CEO. — É preciso ter a pessoa certa, no lugar certo, na hora certa. Você tem três sujeitos na Unidade Seis em prisão perpétua sem direito a condicional, então eles nada têm a perder. Você arranja um contato lá fora que lhes promete todo tipo de coisa, como uma van e um motorista esperando no bosque se os caras conseguirem fugir. E muito dinheiro. Você dá a eles bastante tempo para planejarem tudo e exatamente às nove, esta noite, quando o diretor e seus asseclas só estão pensando em uma coisa, me dar a injeção, você deslancha o ataque. A Unidade Quatro deve explodir a qualquer instante.

— Não vou dizer a ninguém. E as bombas? Quem plantou as bombas?

— Não posso lhe dar os nomes. Você tem que compreender como funcionam

as prisões e como as pessoas que as administram são idiotas. Tudo aqui é projetado para nos manter aqui dentro, com pouca atenção a manter coisas ruins do lado de fora. Essas bombas incendiárias foram plantadas há dois dias, bem escondidas; elas têm temporizador e tudo, realmente coisas básicas. Ninguém percebeu, moleza.

É um alívio ouvi-lo falar assim. Acho que seus nervos estão começando a saltar, embora ele pareça mais calmo do que nunca.

— Qual é o fim do jogo esta noite, Link? Esses caras vão atacar o corredor da morte e resgatá-lo?

— Não funcionaria. Muitas armas por aqui. Só estou me divertindo um pouco, só isso. Estou em paz.

Quando ele diz isso, eles exibem outra imagem do presídio em chamas, outro ângulo de um helicóptero próximo. Estamos muito para dentro do prédio para ouvir alguma coisa, mas parece um caos total. Prédios em chamas, um milhão de luzes azuis e vermelhas piscando, um tiro aqui e ali. Link não consegue conter o sorriso. Pura diversão.

— A culpa é do próprio diretor estúpido — diz ele. — Para que toda a pompa e circunstância apenas para uma execução? Ele traz para cá todo guarda disponível, lhes dá armas automáticas e coletes a prova de balas como se alguém, eu, o cara que vai receber a injeção, pudesse de alguma forma armar uma ofensiva. São todos uns idiotas. Depois, ele acende todas as luzes e tranca a prisão inteira. Por quê, exatamente? Nenhuma razão plausível. Droga, dois guardas sem armas poderiam facilmente me acompanhar pelo corredor na hora marcada e me amarrar na mesa. Nada de mais. Nenhum motivo para todo esse drama. Mas, não, o diretor gosta de seus rituais. É uma grande ocasião para as forças da lei e, é claro, eles têm que tirar o máximo proveito disso. O que qualquer idiota pode ver, qualquer um menos o diretor, é que ele está lidando com homens que vivem em jaulas e que odeiam qualquer um que vista um uniforme. Eles estão sempre procurando confusão, então ele aumenta a pressão sobre eles e eles perdem as estribeiras. Só é preciso alguém como eu para facilitar as coisas.

Ele toma um gole de um refrigerante sabor cereja e belisca uma batata frita. Restam-lhe quarenta minutos.

A porta se abre outra vez e o subdiretor Foreman está de volta, agora com três guerreiros fortemente armados. Foreman diz:

— Como vocês estão indo?

— Beleza - digo.

Link não diz nada.

— Parece que vocês estão atarefados lá fora, hein? - digo.

— As coisas estão pipocando. Só queria checar o prisioneiro e me certificar de que está tudo bem.

Link olha com raiva para ele e diz:

— Esta é a minha última hora. Por que não posso ter um pouco de paz? Por favor, você e seus asseclas caiam fora daqui, o.k.?

— Podemos acomodá-lo - diz Foreman.

— E leve ele também — diz Link, apontando para mim. — Quero ficar sozinho.

— Bem, sinto muito, Link, mas o sr. Rudd não pode ir a lugar nenhum. As ruas estão bloqueadas no momento. Estamos em confinamento total. Não é seguro lá fora.

— E por alguma razão não me sinto muito seguro aqui dentro — diz Link, sarcasticamente. — Não consigo imaginar por quê.

— Parece que deveríamos adiar a execução - digo.

— Provavelmente isso não vai acontecer — diz Foreman, recuando.

Eles vão embora, batendo a porta e trancando-a pelo lado de fora.

O governador tem necessidade de se dirigir aos seus cidadãos. Na tela, vemos seu semblante transtornado. Ele está em um palanque com microfones e câmeras à sua frente, o sonho de todo político. Perguntas aleatórias lhe são endereçadas e logo ficamos sabendo que a situação em Big Wheeler é “tensa”. Há baixas, até mortes. Há cerca de duzentos presos “fora de suas celas”, embora nenhum tenha transpassado as cercas externas do presídio. Vários incêndios estão controlados agora. No entanto, parece que esses atos foram coordenados de fora da prisão e, não, não há nenhuma prova de que Link Scanlon esteja por trás disso, pelo menos ainda não. Ele, o governador, convocou a Guarda Nacional, embora a polícia estadual tenha controle da situação. E, ah, a propósito, ele está negando o apelo final para uma suspensão temporária da execução.

6

O protocolo requer que o condenado seja algemado às 21h45 e escoltado em sua caminhada final até a sala da execução. Ali, ele é amarrado a uma maca com seis grossas correias de couro, dos pés à testa. Enquanto está sendo amarrado, um médico apalpa seus braços procurando uma veia adequada enquanto outro de alguma especialidade verifica seus sinais vitais. A três metros dali, atrás de janelas de vidro e cortinas negras, as testemunhas esperam em duas salas separadas, uma para a vítima, outra para o assassino.

Uma intravenosa é inserida e presa com esparadrapo. Um relógio grande na parede permite que a alma infeliz faça a contagem regressiva de seus últimos minutos. Exatamente às dez da noite, o advogado do presídio lê o anúncio da morte e o carcereiro pergunta ao condenado se ele quer dizer suas últimas palavras. Ele pode dizer o que quiser. É gravado e fica disponível on-line. Ele vai dizer algumas palavras, talvez proclamar sua inocência outra vez, talvez perdoar todo mundo, talvez pedir perdão. Quando ele termina, o carcereiro faz um sinal com a cabeça para um sujeito oculto em uma sala próxima e os produtos químicos são liberados. O condenado começa a perder a consciência e sua respiração fica difícil. Cerca de doze minutos depois, o médico o declara morto.

Link sabe de tudo isso. Evidentemente, ele tem outros planos. Eu sou apenas um sujeito no lugar errado, na hora errada.

As nove e meia, toda a eletricidade de Big Wheeler é cortada — um blecaute completo. Mais tarde, eles iriam rastrear o corte de luz a um poste cortado ao meio com uma serra elétrica. O gerador de emergência da Unidade Nove — corredor da morte — não funcionou porque seus injetores de combustível haviam sido destruídos.

As nove e meia, nós não sabemos disso. Tudo que sabemos é que a Sala Buum Buum está um breu. Link fica de pé num salto e diz:

— Saia da frente. — Ele empurra a escrivaninha para barrar a porta. Vê-se um rápido flash de luz acima de nós, e barulho, um grunhido. Um painel se abre no teto falso e uma voz diz:

— Link, aqui.

A luz da lanterna varre a sala. Uma corda cai e Link a agarra.

— Devagar, agora — diz uma voz e, pouco a pouco, Link vai subindo, literalmente agarrando-se à corda para salvar sua vida. Há ruídos lá em cima, grunhidos e passos, mas não sei dizer quantos homens estão envolvidos.

Em poucos segundos, Link desaparece, e, se eu não estivesse tão perplexo, desataria a rir. Então, compreendi que provavelmente eu levaria um tiro. Removo o casaco e a gravata e me estico no catre militar. Guardas abrem a porta a pontapés e invadem a sala com armas e uma torrente de luz.

— Onde ele está? — rosna um dos guardas para mim.

Eu aponto para o teto.

Eles gritam e xingam, enquanto dois deles me levantam com um safanão e me arrastam para o corredor, onde dezenas de guardas, policiais e funcionários correm de um lado para outro em completo pânico.

— Ele fugiu! Ele fugiu! - gritam. - Verifiquem o telhado.

No corredor, e no meio de uma incrível confusão, posso ouvir o barulho de um helicóptero. Eles me arrastam para dentro de uma sala, depois para outra. Em meio ao caos, ouço um guarda gritar que Link Scanlon desapareceu. Ainda leva uma hora para a luz retornar. Por fim, sou detido pela polícia estadual e levado para a cadeia mais próxima. A teoria inicial deles é a de que eu sou um cúmplice.

7

As peças logo se encaixam e, como estou sendo parcialmente culpado pela fuga, tenho acesso às informações. Não estou preocupado com as acusações; elas não vão colar.

As nove e meia dessa noite, havia dois novos helicópteros zumbindo pela periferia de Big Wheeler. Os agentes penitenciários e a polícia os haviam advertido para se manterem distantes, mas estavam perto. Em uma demonstração de força, a polícia estadual colocou em operação dois de seus próprios helicópteros para garantir o espaço aéreo sobre o presídio, e isso foi útil quando a confusão começou. Também mostrou ser capaz de distrair as atenções. Havia uma enorme quantidade de fumaça pairando sobre o presídio conforme seis diferentes focos de incêndio ardiam ao mesmo tempo. Testemunhas disseram que o barulho era ensurdecedor - quatro helicópteros na área, dezenas de veículos de emergência com sirenes, rádios chiando, guardas e policiais berrando, tiros espocando, incêndios rugindo. Na hora exata e com uma precisão impecável, o pequeno helicóptero preto de Link apareceu do nada, desceu pelo meio das nuvens de fumaça e tirou-o do telhado da Unidade Nove. Houve testemunhas. Vários guardas e funcionários do presídio viram o helicóptero pairar no ar por alguns segundos, jogar um cabo para baixo, em seguida desaparecer novamente dentro da fumaça com dois homens balançando-se do cabo de resgate. Um guarda em uma torre da unidade conseguiu disparar alguns tiros, mas não atingiu nada.

Um dos helicópteros do Estado ainda iniciou uma perseguição, mas não era páreo para qualquer que tenha sido a marca e o modelo que Link arrendou para a noite. Nunca foi encontrado; nunca nenhum registro desse helicóptero foi rastreado. Ele voou baixo para evitar os radares; o controle de tráfego aéreo não o viu. Um fazendeiro a quase cem quilômetros de Big Wheeler disse às autoridades que viu um pequeno helicóptero pousar em uma estrada rural a um quilômetro e meio de sua varanda da frente. Um carro estava à espera, depois ambos desapareceram.

Uma investigação se arrastou por algum tempo e três funcionários foram demitidos. Por fim, foi revelado que 1) a Sala Buum Buum faz parte de uma antiga seção da Unidade Nove e foi construída nos idos de 1940; 2) seu telhado é um metro mais alto do que o restante do corredor da morte; 3) entre o teto e o telhado há um espaço apertado — o forro - atulhado de dutos, respiradouros do sistema de aquecimento e fios; 4) o forro dá voltas e tem ramificações, e uma

parte dele leva a uma velha porta que se abre no telhado plano; e 5) os dois guardas que deveriam dar plantão no telhado naquela noite tinham sido despachados para ajudar com a rebelião, de modo que não havia ninguém no telhado quando Link executou sua dramática fuga.

E se os guardas estivessem lá? Considerando-se a habilidade e a perícia do homem que resgatou Link, pode-se especular que os guardas teriam recebido um tiro no meio dos olhos. Esse Homem-Aranha, como foi apelidado pelos investigadores, já é uma lenda.

Há muitas suposições, mas poucas respostas. Diante da morte certa, Link Scanlon viu que não tinha nada a perder em tentar uma fuga ridícula. Ele tinha dinheiro suficiente para contratar a equipe e os equipamentos certos. Teve sorte e funcionou.

Houve uma suposta visão, não confirmada, do nosso homem no México.

Nunca mais tive notícias do meu cliente, e realmente não espero ter.

8

Além de Big Wheeler, há mais ou menos uma dúzia de prisões neste estado, cada qual com uma classificação de segurança diferente. Tenho clientes na maioria delas e eles me escrevem cartas pedindo dinheiro e exigindo que eu faça alguma coisa para tirá-los de lá. Na maior parte, eu ignoro essa correspondência. i que uma carta minha apenas encoraja um preso a escrever outra vez e pedir mais. Para aqueles de nós que defendem criminosos, sempre há o cenário possível em que um ex-cliente com rancor apareça depois de anos na prisão querendo discutir erros cometidos no julgamento. Mas eu não perco tempo com isso. Faz parte do trabalho e é mais uma razão para eu andar armado.

Para me manter no meu lugar, nossos estimados agentes penitenciários me proibiram de visitar qualquer presídio por um mês inteiro depois da fuga de Scanlon. No entanto, depois que ficou claro que Link passou a perna em todos eles sem nenhuma ajuda de minha parte, acabaram cedendo.

Há alguns clientes que visito de vez em quando. Essas pequenas viagens pelas estradas me tiram da cidade por um dia. Partner e eu estamos nos dirigindo a uma prisão de segurança média afetuosamente denominada Old Roseburg, o nome de um governador da década de 1930 que mais tarde foi, ele mesmo, mandado para a prisão. Ele morreu ali, em um xilindró que tinha seu próprio nome. Sempre me perguntei como ele deve ter se sentido. Segundo a lenda, sua família tentou em vão conseguir a condicional para que ele pudesse morrer em casa, mas o governador em exercício não permitiu. Ele e Roseburg eram arqui-inimigos. A família, então, tentou mudar o nome da penitenciária, mas isso teria estragado uma história pitoresca, e a Assembleia Legislativa negou. A prisão continua a ser a Nathan Roseburg Correctional Facility.

Nossa entrada é liberada no portão principal e paramos em um estacionamento para visitantes vazio. Dois guardas com rifles de alta potência nos observam da torre, como se pudéssemos estar levando para dentro algumas armas ou um ou dois pacotes de cocaína. No momento, não há mais ninguém para vigiarem, de modo que recebemos toda a sua atenção.

9

Depois de Partner ter sido inocentado da morte de um traficante de drogas, ele me suplicou para lhe dar um emprego. Eu não estava contratando ninguém na época, nem contratei desde então, mas não consegui dizer não. Ele estava de volta às ruas e se eu não o ajudasse acabaria morto ou na prisão. Ao contrário de muitos de seus amigos, ele tinha um diploma de ensino médio e até conseguira acumular alguns créditos em uma faculdade comunitária. Paguei por mais aulas, a maioria à noite. Passou de forma brilhante pelo curso de técnico jurídico e obteve seu certificado de paralegal.

Partner mora com sua mãe em um apartamento subsidiado na City. A maioria das unidades em seu prédio é lotada com famílias numerosas, mas nenhuma do tipo tradicional — mãe, pai, filhos. Quase todos os pais estão ausentes, ou porque estão presos ou foram morar em outro lugar e produzir mais filhos. O apartamento típico pertence a uma avó, uma alma sofrida que tem que cuidar de um bando de crianças que podem ser parentes de sangue ou não. Metade das mães está na prisão. A outra metade trabalha em dois ou três empregos. Primos jovens entram e saem; quase todas as famílias se encontram em um modo caótico de fluxo permanente. O principal objetivo é manter as crianças na escola, longe das gangues, vivas e, espera-se, fora da prisão. Partner acha que metade delas abandonará a escola de qualquer forma e a maioria dos garotos vai acabar na prisão. Ele diz que tem sorte de ser apenas ele e sua mãe no apartamento. Há um pequeno quarto de hóspedes que ele usa como escritório para o seu trabalho — nosso trabalho. Muitos dos meus arquivos e pastas estão guardados lá. Sempre me pergunto o que meus clientes fariam se soubessem que seus arquivos confidenciais estavam na verdade guardados em armários do exército em um apartamento do décimo andar de um conjunto habitacional do governo. Eu não me importo porque confio em Partner com minha própria vida. Ele e eu temos passado horas naquele quartinho escavando relatórios policiais e tramando estratégias de julgamento.

Sua mãe, srta. Luella, é parcialmente deficiente por causa de um grave diabetes. Ela faz algumas costuras para amigos, mantém o apartamento imaculadamente limpo e cozinha de vez em quando. Sua principal função, no que me diz respeito, é atender ao telefone para o sr. Sebastian Rudd, advogado. Como eu disse, não estou relacionado em nenhuma lista telefônica, mas o número do meu “escritório” é conhecido. Na realidade, as pessoas ligam para esse número o tempo todo e são atendidas pela srta. Luella, que soa tão eficiente

quanto qualquer recepcionista em uma bonita escrivaninha em um prédio alto, passando telefonemas para uma firma de centenas de advogados.

Ela dirá: “Sebastian Rudd, advogado. A quem devo direcionar sua chamada? ”, como se a firma tivesse dezenas de divisões e especialidades. Ninguém jamais consegue falar comigo na primeira vez que telefona porque eu nunca estou no escritório. Que escritório? Ela dirá: “Ele está em uma reunião”, ou “Ele está em um depoimento”, ou “Ele está em um julgamento”, ou, meu preferido, “Ele está na Justiça Federal”. Depois de ter conseguido reduzir o autor da chamada a sua insignificância, ela se volta para o problema legal dele com: “E é a respeito de quê?” Um divórcio. A resposta será: “Desculpe-me, mas o sr. Rudd não lida com questões de família.”

Falência, inventários, testamentos, escrituras, contratos. A mesma resposta: “O sr. Rudd não lida com isso.”

Uma questão criminal pode chamar sua atenção, mas ela sabe que a maioria não leva a nada. Bem poucos acusados podem pagar os honorários. Ela conduz o interessado pela sua lista de perguntas padrão para determinar se ele pode ou não pagar.

Alguém foi ferido? Agora, sim, podemos conversar. Ela entra em seu modo de simpatia e extrai todo tipo de informação. Ela não os deixa desligar enquanto não conseguiu todos os detalhes e ganhou sua confiança. Se os fatos se encaixam e o caso demonstra ter verdadeiro potencial, ela promete fazer o sr. Rudd ir vê-lo no hospital naquela mesma tarde.

Se o autor da chamada for um juiz ou alguma outra pessoa importante, ela os trata com grande respeito, termina o telefonema e imediatamente me envia uma mensagem de texto. Eu pago a ela quinhentos dólares por mês em dinheiro vivo e um ou outro bônus quando fecho um bom acidente automobilístico. Partner, também, é pago em dinheiro.

A família da srta. Luella era do Alabama e ela aprendeu a fazer comida do Sul. Ao menos duas vezes por mês, ela frita frango, cozinha repolho e assa bolo de milho, e eu como até quase perder a respiração. Ela e Partner conseguiram transformar o apartamento pequeno, barato, produzido em massa, em um lar, um lugar de calor humano. No entanto, há uma tristeza, uma nuvem que paira como uma espessa névoa e se recusa a se dissipar. Partner tem apenas trinta e oito anos, mas tem um filho de dezenove em Old Roseburg. Jameel está cumprindo pena de dez anos por envolvimento com uma gangue e ele é a razão de nossa visita hoje.

10

Depois de preenchermos a papelada e sermos revistados, Partner e eu andamos uns oitocentos metros por calçadas ladeadas de telas e cercas de arame farpado até o Campo D, uma unidade muito bem guardada. Passamos pela segurança outra vez e lidamos com guardas sisudos que gostariam de nos mandar embora. Como Partner é um paralegal formado e sempre leva seus documentos consigo para provar, tem permissão de entrar na ala de visitas comigo. Um guarda seleciona uma sala de consultas para advogados e nos sentamos diante de uma tela. Advogados podem visitar sempre que desejarem, com aviso prévio, enquanto as famílias estão limitadas somente às tardes de domingo. Enquanto esperamos, Partner, que já fala pouco, agora diz ainda menos. Nós vamos verificar como Jameel está indo pelo menos uma vez por mês, e as visitas cobram um preço do meu parceiro. Ele carrega um fardo pesado porque se culpa por muitos dos problemas de seu filho. O garoto estava destinado a ter problemas, mas, depois da absolvição, os policiais e promotores queriam vingança. Mate um policial, ainda que em autodefesa, e faz alguns inimigos cruéis. Quando Jameel foi preso, não houve espaço para negociação. A pena máxima era de dez anos e os promotores se recusaram a ceder. Eu o representei, pro bono naturalmente, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Ele foi flagrado com uma mochila cheia de maconha.

— Faltam só nove anos — diz Partner baixinho enquanto olhamos para a cortina. — Ah, cara. Fico acordado à noite, me perguntando como ele será daqui a nove anos. Vinte e oito anos e de volta às ruas. Sem emprego, sem educação, sem qualificação, sem esperança, sem nada. Apenas mais um condenado procurando confusão.

— Talvez não — digo cautelosamente, embora eu tenha pouco a acrescentar. Partner conhece esse mundo bem melhor do que eu. — Ele vai ter um pai à espera dele, e uma avó. Eu estarei por perto, espero. Nós três juntos pensaremos em alguma coisa.

— Talvez você precise de outro paralegal até lá — diz ele com um raro sorriso, ainda que fugaz.

— Nunca se sabe.

Uma porta se abre do outro lado e Jameel a atravessa, seguido de um guarda. O guarda lentamente abre as algemas e olha para nós.

— Bom dia, Hank — digo.

— Olá, Rudd - diz ele. Hank é um dos bons sujeitos, segundo Jameel.

Suponho que seja uma espécie de observação em minha prática profissional que eu esteja sempre em bons termos com alguns dos guardas da prisão.

Alguns, mas certamente não todos.

— Não precisam ter pressa - diz ele, e desaparece. A duração da visita é determinada por Hank e somente por ele, e como sou amável, ele não se importa com o tempo que demorarmos. Já tive alguns ossos duros de roer que dizem coisas como “Têm uma hora no máximo” ou “Andem depressa”, mas não Hank.

Jameel sorri para nós e diz:— Obrigado por virem.

— Olá, filho - diz Partner adequadamente.

— Que bom te ver, Jameel — digo.

Ele se deixa cair em uma cadeira de plástico. O garoto tem quase dois metros de altura, magro e aparentemente feito de borracha. Partner tem um metro e noventa e é forte e corpulento. Ele diz que a mãe é alta e magra. Ela já saiu de cena há alguns anos, desapareceu no buraco negro da vida nas ruas. A mãe de Jameel tinha um irmão que jogou basquete por uma pequena faculdade e Partner sempre presumiu que Jameel tivesse os mesmos genes. No nono ano, ele já tinha um metro e noventa e dois e olheiros começavam a notar. No entanto, em determinado momento, ele descobriu o crack e a maconha e se esqueceu do jogo.

— Obrigado pelo dinheiro — ele me diz. Eu lhe envio cem dólares por mês, que ele deve usar para comida na cantina e artigos básicos como lápis, papel, selos e refrigerantes. Ele comprou um ventilador — Old Roseburg não tem ar-condicionado. Nenhuma das nossas prisões tem. Partner também lhe envia dinheiro, embora eu não faça a menor ideia de quanto. Dois meses depois de ter ido parar ali, vasculharam sua cela e encontraram um pouco de maconha escondida no colchão. Um delator o entregara, e Jameel passou duas semanas na solitária. Partner o teria estrangulado se pudesse atravessar a tela, mas o garoto jurou que aquilo jamais aconteceria de novo.

Conversamos sobre suas aulas. Ele está fazendo cursos supletivos num esforço para obter o equivalente ao diploma de ensino médio, mas Partner não está muito impressionado com seu progresso. Depois de alguns minutos, peço licença e deixo a sala. Pai e filho precisam de um tempo a sós, que é o motivo de estarmos aqui. Segundo Partner, as conversas se tornam ásperas e emocionais. Ele quer que o filho saiba que seu pai se preocupa muito com ele e o está observando de longe. Old Roseburg é cheia de gangues e Jameel é presa fácil. Ele jura que não está envolvido, mas Partner se mostra cético. Acima de tudo, quer que o filho esteja seguro e fazer parte de uma gangue muitas vezes é a melhor proteção. Também leva a guerras, vinganças e a um círculo de violência. Sete prisioneiros foram mortos no ano anterior em Old Roseburg. Poderia ter sido pior. Perto dali, há uma penitenciária federal, uma espelunca federal, e eles

têm em média dois assassinatos por mês.

Compro um refrigerante em uma máquina automática e escolho um lugar em uma fileira de cadeiras de plástico vazias. Nenhum outro advogado está fazendo visita hoje e o lugar está deserto. Abro minha pasta e espalho papéis em uma mesa coberta de revistas velhas. Hank aparece e cumprimenta outra vez. Batemos papo por alguns minutos. Pergunto como o garoto está indo.

— Tudo bem. Nada de mais. Está sobrevivendo e ele não foi ferido. Está aqui há um ano e sabe se virar. Mas não quer trabalhar. Arranjei um emprego para ele na lavanderia e ele só durou uma semana. Vai à maioria das aulas, mas não a todas.

— Uma gangue?

— Não sei, mas estou vigiando.

Outro guarda entra por uma porta distante e Hank de repente tem que ir. Não pode ser visto confraternizando com o advogado de defesa de um criminoso. Tento ler um grosso relatório, mas é entediante demais. Eu me aproximo de uma janela que dá para um amplo pátio demarcado por uma dupla fileira de cercas de arame. Centenas de prisioneiros, todos em roupas brancas da prisão, matam o tempo enquanto os guardas vigiam do alto de uma torre.

Jovens e negros, quase todos eles. Segundo os números, estão presos por crimes não violentos relacionados a drogas. A pena média é de sete anos. Depois da soltura, sessenta por cento estarão de volta aqui em três anos.

E por que não? O que há do lado de fora para evitar sua volta? Eles agora são criminosos condenados, uma marca da qual jamais conseguirão se livrar. Desde o começo, as probabilidades estavam contra eles e, agora que estão rotulados como criminosos, a vida no mundo livre deve de alguma forma melhorar? Eles são as verdadeiras baixas de nossas guerras. A guerra contra as drogas. A guerra contra o crime. Vítimas involuntárias de leis duras passadas por políticos duros nos últimos quarenta anos. Um milhão de jovens negros agora armazenados em prisões decadentes, passando os dias no ócio à custa do contribuinte.

Nossas prisões estão lotadas. Nossas ruas estão cheias de drogas. Quem está vencendo a guerra?

Nós perdemos o juízo.

11

Depois de duas horas, Hank diz que é hora de encerrar. Eu bato na porta e entro novamente na sala, uma pequena caixa sem ventilação que está sempre abafada. Jameel está sentado com os braços cruzados, os olhos no chão. Partner também está sentado com os braços cruzados, olhando fixamente para a tela, e tenho a sensação de que, apesar de muita coisa ter sido dita, há algum tempo que nenhuma palavra é pronunciada.

— Temos que ir — digo.

É o que ambos querem ouvir. Conseguem se despedir com algum afeto. Jameel nos agradece por termos vindo, manda lembranças a srta. Luella e se levanta quando Hank entra na sala por trás dele.

No caminho de volta, enquanto nos afastamos, Partner não diz nada por uma hora.

12

Link Scanlon não é meu primeiro gângster. Essa honra vai para um pilantra sensacional chamado Dewey Knutt, um homem que não visito na prisão. Enquanto Link gostava de sangue, ossos quebrados, intimidação e notoriedade, Dewey vivia sua vida de crimes o mais discretamente possível. Enquanto Link sonhava desde a infância em ser um don da máfia, Dewey era, na verdade, um honesto vendedor de mobília que só foi preso aos trinta e tantos anos. Enquanto o patrimônio líquido de Link era substancial, mas em grande parte indetectável, uma revista de negócios alegou que Dewey valia trezentos milhões de dólares antes de seus problemas. Eles mandaram Link para o corredor da morte; Dewey recebeu quarenta anos em um xadrez federal. Link conseguiu escapar. Dewey tem cabelos compridos até a cintura e cultiva verduras e legumes orgânicos em uma horta da prisão.

Dewey Knutt era um vendedor de grande poder de persuasão que movimentava toneladas de mobília barata e, com seu lucro, comprou uma casa para alugar. Depois outra, depois várias outras. Ele aprendeu o truque de usar o dinheiro de outras pessoas e adquiriu um prodigioso apetite pelo risco. Multiplicava suas propriedades e aplicava empréstimos em centros comerciais e ramificações. Durante uma curta recessão, um banco lhe negou um empréstimo, então ele comprou o banco e demitiu todos os executivos que trabalhavam lá. Ele memorizava os regulamentos bancários e descobria todas as brechas a seu favor. Durante uma recessão mais longa, escolheu mais alguns bancos e algumas empresas regionais de financiamento imobiliário. O dinheiro era barato e Dewey Knutt provou ser um mestre na arte de pedir empréstimos. Sua derrocada, como viemos a saber mais tarde, começou com sua queda por ativos dupla e triplamente colateralizados. Um visionário no mundo de lucros escusos, ele foi um dos primeiros a agitar os campos férteis das hipotecas de alto risco, ou subprime. Fez ajustes finos em todos os meandros da agiotagem. Tornou-se hábil na arte do suborno e da propina a políticos e reguladores. Acrescente a isso sonegação de impostos, lavagem de dinheiro, fraude postal, abuso de informações privilegiadas e a pilhagem escancarada de fundos de pensão, e Dewey mereceu de sobra seus quarenta anos.

Aqueles que ainda buscam remanescentes ocultos de sua fortuna incluem um elenco inteiro de inimigos antigos e atuais, alguns reguladores bancários, ao menos duas cortes de falência, os advogados de sua ex-mulher e diversas ramificações do governo federal. Até agora, não encontraram nada.

Quando Dewey tinha quarenta e nove anos, seu irrequieto filho, Alan, foi pego com a mala do carro cheia de cocaína. Alan tinha vinte anos, era um garoto muito problemático, e estava tentando impressionar o pai com seu próprio estilo de empreendedorismo. Dewey ficou tão irado e envergonhado que se recusou a contratar um advogado para Alan. Um amigo me recomendou a ele. Dei uma olhada na apreensão e percebi que os policiais haviam estragado tudo. Eles não tinham nenhum mandado e nenhuma causa provável para revistar o carro. Estava absolutamente claro e inequívoco, era preto no branco. Entrei com as devidas petições e peças processuais, e a City, indiferentemente, contestou o caso. O arresto da cocaína foi considerado inconstitucional, a prova desqualificada e todas as acusações contra Alan foram rejeitadas. Isso foi notícia por alguns dias e tive minha foto publicada nos jornais pela primeira vez.

Dewey usava seus advogados preferidos para o trabalho pesado, mas ficou tão impressionado com minhas astutas manobras que resolveu me dar algumas migalhas. A maioria dos casos era fora da minha área de competência, mas um me intrigou e eu aceitei.

Dewey adorava golfe, mas tinha muita dificuldade em encaixá-lo em seus horários frenéticos. Além disso, tinha pouca paciência com as tradições antiquadas da maioria dos country clubs e clubes de golfe, poucos dos quais considerariam a presença de um fora da lei corno ele em seus quadros. Ele ficou obcecado com a ideia de construir seu próprio campo de golfe e iluminá-lo, para que pudesse jogar à noite, quer sozinho ou com alguns camaradas. Na época, havia apenas três outros campos de golfe iluminados no país inteiro, e nenhum no raio de mil e seiscentos quilômetros dali. Dezoito buracos, completamente particular, iluminado — o mais recente brinquedo de um ricaço. Para driblar os nazistas do zoneamento da City, ele escolheu cerca de oitenta hectares a um quilômetro e meio dos limites da cidade. O condado se opôs. Os vizinhos processaram. Eu lidei com a parte legal e finalmente consegui a aprovação. Mais manchetes nos jornais.

Entretanto, a verdadeira notoriedade estava prestes a acontecer. Uma bolha imobiliária estourou. Os juros foram à estratosfera. Uma tempestade perfeita soprou no mundo financeiro e Dewey não conseguiu empréstimos com rapidez suficiente. Seu castelo de cartas desmoronou de uma maneira espetacular. Com uma noção de oportunidade impecável, o FBI, IRS, SEC e um séquito de outros caras durões com distintivos chegaram à cena, todos agitando seus mandados. O processo de acusação tinha quase três centímetros de espessura, carregado de brutais alegações contra Dewey, o alvo óbvio. Também alegava grandes conspirações envolvendo seus banqueiros, contadores, advogados, um corretor de ações e dois vereadores. O documento detalhava, em narrativas muito

convincentes, dezenas de violações sob uma lei de controle do crime organizado denominada Racketeer Influenced and Corrupt Organizations Act. Chamada pela abreviatura RICO, a lei foi o maior presente que o Congresso já conferiu aos promotores públicos federais.

Fui investigado e fiquei convencido de que seria acusado também, apesar de não ter feito nada de errado. Felizmente, eu conseguira ficar atuando pelas margens. Durante algum tempo, pareceu ser uma inquisição do tipo “atire primeiro, faça perguntas depois”. Mas os federais recuaram e perderam o interesse em mim. Tinham bandidos muito maiores do que eu para pegar.

Alan foi indiciado, basicamente por ser filho de Dewey. Quando o FBI ameaçou indiciar a filha de Dewey, ele desmoronou e concordou com um acordo de quarenta anos. As acusações fictícias contra os filhos foram retiradas e a maioria de seus corréus pleitearam sentenças leves. Todos conseguiram evitar penas graves. Em resumo, Dewey teve uma atitude honrada e pegou a pena maior.

Ele estava construindo seu campo de golfe - grandiosamente denominado Old Plantation - quando os federais chegaram. Todo o dinheiro desapareceu em questão de semanas e a construção parou - depois do décimo quarto green.

Atualmente, é o único campo de golfe de catorze buracos com iluminação em todo o mundo, até onde se saiba. Em homenagem a Dewey, chama-se Old Rico. O quadro de membros consiste exclusivamente em seus colegas e colaboradores. O trabalho de Alan hoje em dia é tomar conta do campo de golfe e mantê-lo em condições de uso, o que ele consegue fazer. Ele próprio joga o tempo todo e sonha em se tornar um profissional. Ele coleta o suficiente em mensalidades para contratar alguns jardineiros, todos imigrantes ilegais, e desconfio que ele sabe onde está enterrada parte do velho espólio de Dewey. Eu pago cinco mil dólares por ano e vale a pena só pela privacidade. Os greens e teen boxes geralmente estão em bom estado. Os fairways podem ficar um pouco irregulares, mas ninguém se importa. Se quiséssemos um campo de golfe impecável, entraríamos para um clube de verdade, embora nenhum de nós do Old Rico possa sobreviver ao processo de seleção.

Toda quarta-feira, às sete da noite, nos reunimos para Dirty Golf, um jogo que tem bem pouco a ver com o que se pode assistir na CBS. Os planos originais de Dewey eram construir o campo primeiro, de modo que ele tivesse um lugar para jogar, e depois construir a sede do clube, de modo que ele tivesse um lugar para beber. Sem uma sede apropriada, nós nos reuníamos para os drinques e as apostas que antecedem o jogo em um galpão de trator adaptado, onde Dewey em determinada época se divertia com briga de galo, talvez o único crime não contemplado em seu indiciamento. Alan mora em cima com duas mulheres,

nenhuma das duas sua mulher, e ele é o organizador do Dirty Golf. As duas mulheres comandam o bar, assimilam o palavreado sujo e fazem brincadeiras com a turma. O ritual requer que a primeira rodada de chope, servida em jarras de suco, seja erguida em um brinde a Dewey, que está sorrindo de um retrato ruim acima do bar. Essa noite, somos onze, um bom número já que o Old Rico tem somente doze carrinhos de golfe. Depois de algumas jarras de chope, Alan começa a tarefa turbulenta de escalonar o torneio, estabelecendo handicaps e recolhendo o dinheiro. Dirty Golf custa duzentos dólares cada um, o vencedor fica com tudo, um bolo nada mau, mas eu nunca ganhei nenhum.

É preciso habilidade para ganhar, é claro, mas também um handicap mais alto e a capacidade de fraudar sem ser descoberto. As regras são flexíveis. Por exemplo, uma bola ruim, que vai para fora dos limites do fairway, continua válida se puder ser encontrada. Não existe tal coisa como out-of-bounds em Old Rico. Se a encontrar, jogue-a. Um putt de três pés ou menos, cerca de noventa e um centímetros, sempre é concedido, a menos que um adversário esteja em uma noite ruim e queira jogar duro. Cada participante tem o direito de exigir que outro participante finalize toda jogada. Um grupo de quatro jogadores pode combinar que cada um tem direito a um mulligan ou a um free shot depois de uma jogada ruim. E, se todos os quatro estiverem de acordo, cada um pode ter um mullie nos sete da frente e mais outro nos fundos. Desnecessário dizer, a excessiva flexibilidade das regras leva ao desacordo e ao conflito. Como nenhum golfista em dez conhece as verdadeiras regras de qualquer modo, cada rodada de Diriy Golf é carregada de reclamações, implicâncias, queixas e até ameaças.

Partner dirige meu carrinho de golfe e eu não sou o único ali com um guarda-costas. Como jogo sozinho, essa noite faço par com Toby Chalk, um ex-vereador que cumpriu uma pena de quatro meses no rastro da queda de Dewey. Ele dirige seu próprio carrinho de golfe. Caddies são proibidos em Old Rico.

Depois de uma hora de preliminares e bebidas, vamos para o campo. Está escurecendo, as luzes estão acesas e nós realmente nos sentimos privilegiados por estarmos jogando golfe à noite. A largada é dada com um tiro de espingarda. Toby e eu somos designados para o quinto tee e quando Alan dá a partida, saímos a toda a velocidade, os carrinhos sacolejando, tacos chocalhando e retinindo, homens adultos meio bêbados, soltando baforadas de grandes charutos, gritando alegremente na noite.

Partner exibe um largo sorriso e sacode a cabeça. Esses brancos malucos.

PARTE TRÊS

TROPA DE CHOQUE

1

Eis o que aconteceu.

Meus clientes, sr. e sra. Douglas Renfro, Doug e Kitty para todos, viveram por trinta tranquilos e felizes anos em uma rua arborizada em um bonito bairro do subúrbio. Eram bons vizinhos, atuantes em ações beneficentes e na igreja local, sempre prontos a ajudar. Tinham setenta e poucos anos, aposentados, com filhos e netos, dois cachorros e um apartamento pelo sistema time-share na Flórida. Não tinham dinheiro e liquidavam sua fatura de cartão de crédito todo mês. Eram razoável e confortavelmente saudáveis, apesar de Doug estar lidando com fibrilação atrial e Kitty estar se recuperando de um câncer de mama. Ele passara catorze anos no exército, depois se dedicara a vender equipamentos médicos pelo resto de sua carreira. Ela possuía os benefícios de uma companhia de seguros. Para se manter ocupada, ela trabalhava como voluntária em um hospital, enquanto ele remexia nos canteiros de flores e jogava tênis em um parque municipal. Por insistência de seus filhos e netos, os Renfro adquiriram, com relutância, um laptop para cada um e entraram no mundo digital, embora despendessem pouco tempo on-line.

A casa vizinha fora comprada e vendida dezenas de vezes ao longo dos anos, e os atuais proprietários eram uma gente estranha que evitava contato com os outros. Tinham um filho adolescente, Lance, um desajustado que passava a maior parte do tempo trancado em seu quarto jogando videogames e negociando drogas pela internet. Para esconder seus hábitos, ele rotineiramente pegava carona no roteador wireless dos Renfro. Eles, é claro, não sabiam disso. Sabiam como ligar seus laptops, enviar e receber e-mails, fazer compras básicas e verificar a previsão do tempo, mas, fora isso, não faziam a menor ideia de como funcionava a tecnologia nem tinham muito interesse nisso. Não se incomodavam com senhas ou nenhum tipo de segurança.

A polícia estadual iniciou uma ampla operação para reprimir o tráfico de drogas pela internet e rastreou um endereço de IP até a casa dos Renfro. Alguém ali estava comprando e vendendo uma grande quantidade de Ecstasy, e foi tomada a decisão de lançar um ataque em larga escala da equipe da SWAT. Mandados - um para dar busca na casa e um para prender Doug Renfro — foram obtidos e, às três da madrugada em uma noite tranquila e estrelada, uma equipe de oito policiais municipais correu pela escuridão e cercou a casa dos Renfro. Oito agentes — todos em equipamento de combate completo, com colete à prova de balas, uniformes camuflados, capacetes como os usados em veículos

blindados de combate, visores noturnos, rádios táticos, pistolas semiautomáticas, rifles de assalto, joelheiras, alguns tinham até máscaras faciais e outros até mesmo o rosto pintado de preto para o máximo de efeito dramático - abaixavam-se, agachavam-se e se deslocavam destemidamente pelos canteiros de flores dos Renfro, os dedos inquietos, ansiosos por ação. Dois carregavam granadas de atordoamento com flash e dois carregavam aríetes.

Tropa de choque. A maior parte, como viríamos a saber mais tarde, era lamentavelmente despreparada, mas todos estavam empolgados de entrar em combate. Ao menos seis admitiram posteriormente consumir bebidas energéticas altamente cafeinadas para se manterem acordados àquela hora terrível.

Em vez de simplesmente tocar a campainha, acordar os Renfro e explicar que eles, a polícia, queriam conversar e fazer uma busca na casa, os policiais deslancharam o assalto com um estrondo, chutando as portas da frente e dos fundos simultaneamente. Mais tarde, iriam mentir e alegar que tinham chamado os ocupantes, mas Doug e Kitty estavam profundamente adormecidos, como seria de esperar. Eles não ouviram nada até a invasão começar.

O que aconteceu nos sessenta segundos seguintes levou meses para ser deslindado e esclarecido. A primeira vítima foi Spike, o labrador amarelo que dormia no chão da cozinha. Spike tinha doze anos, velho para um labrador, e dificuldades de audição. Mas certamente ouviu o arrombamento da porta a poucos passos de distância. Seu erro foi dar um salto e começar a latir, quando então foi abatido três vezes por uma pistola 9 milímetros semiautomática. Nesse momento, Doug Renfro saía atabalhoadamente da cama e pegava sua própria arma, uma arma adequadamente registrada e guardada em uma gaveta para proteção. Ele também possuía uma espingarda Browning calibre 12 que usava duas vezes por ano para caçar gansos, mas estava bem guardada em um closet.

Na tentativa de defender a invasão do domicílio, nosso inábil chefe de polícia alegaria posteriormente que o assalto da SWAT era necessário porque eles sabiam que Doug Renfro estava fortemente armado.

Doug conseguira chegar ao corredor, quando viu várias figuras escuras aglomerando-se ao pé da escada. Sendo um veterano do exército, ele se jogou no chão e começou a atirar. Os tiros foram revidados. O tiroteio foi breve e mortal. Doug levou dois tiros, um no braço, outro no ombro. Um policial chamado Keestler foi atingido no pescoço, presumivelmente por Doug. Kitty, que saíra correndo do quarto, em pânico, atrás de seu marido, levou três tiros no rosto e quatro no peito e morreu no local. O outro cachorro dos Renfro, um schnauzer que dormia com eles, também levou um tiro e morreu.

Doug Renfro e Keestler foram levados às pressas para o hospital. Kitty foi levada para o necrotério. Os vizinhos observavam boquiabertos, perplexos,

conforme sua rua era iluminada por lu2es intermitentes e ambulâncias partiam a toda a velocidade com as vítimas.

A polícia permaneceu na casa durante horas e coletou todas as provas possíveis, inclusive os laptops. Em duas horas, antes de o sol nascer, já sabiam que os computadores dos Renfro jamais tinham sido usados para negociar drogas. Viram que haviam cometido um erro, mas vir a público e confessar o erro simplesmente não consta do manual deles. O acobertamento começou imediatamente quando o comandante da equipe da SWAT informou solenemente a repórteres de televisão no local que os ocupantes da casa eram suspeitos de tráfico de drogas e que o dono da casa, sr. Doug Renfro, tentara matar vários policiais.

Quando Doug acordou da cirurgia, seis horas depois de ser baleado, contaram-lhe sobre a morte de sua mulher. Ele também foi informado de que os invasores eram na verdade policiais da tropa de choque. Ele não fazia a menor ideia. Achou que eram criminosos armados invadindo sua casa.

2

Meu celular toca às 6h45. Estou olhando para uma impossível tacada de tabela para encaçapar a bola 9 em uma bolsa de canto e continuar ganhando. Andei tomando muito café forte e perdendo muitas jogadas nesta última hora. Pego o telefone, olho para a identificação da chamada e dou um bom dia.

— Está acordado? — pergunta Partner.

— Adivinhe. — Há anos que não estou dormindo às 6h45. Nem Partner.

— Talvez você queira dar uma espiada nas notícias.

— O.k., o que houve?

— Ao que parece, nossos soldadinhos de brinquedo já meteram os pés pelas mãos em uma nova invasão de domicílio. Vítimas.

— Merda! — digo, pegando o controle remoto da televisão. — Mais tarde. — Encaixados em um canto da minha sala, há um pequeno sofá e uma cadeira. Um aparelho de televisão HD widescreen pendura-se do teto contra uma parede. Deixo-me cair na cadeira no instante em que a primeira imagem aparece.

O sol mal acaba de nascer, mas há luz suficiente para captar o pandemônio. O jardim da frente da residência dos Renfro fervilha de policiais e pessoal do resgate. Luzes piscam ao fundo, atrás do repórter ofegante e gaguejante. Vizinhos de roupão observam boquiabertos do outro lado da rua. A fita amarela de isolamento da cena do crime usada pela polícia foi estendida no alto, abaixo e em todas as direções. Sem dúvida é uma cena de crime, mas eu já estou desconfiado. Quem são os verdadeiros criminosos? Ligo para Partner, digo-lhe para ir ao hospital e começar a bisbilhotar.

Plantado no caminho da garagem dos Renfro está um veículo blindado com um cano de vinte centímetros, grossos pneus de borracha, em vez de bandas de rodagem, uma pintura camuflada e uma pequena torre de tiro aberta onde, no momento, um policial soldado está sentado, o rosto escondido por trás de óculos de motociclista, a expressão de prontidão extrema. O departamento de polícia da City possui apenas um desses carros blindados e tem muito orgulho dele. Eles o usam sempre que possível. Eu conheço esse tanque; já lidei com ele antes.

Há vários anos, não muito tempo depois dos ataques terroristas de 11 de Setembro, nosso departamento de polícia conseguiu extrair alguns milhões de dólares da Homeland Security - o Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos - para se armar e unir-se a loucura nacional do ETF - Extreme Terror Fighting. Não importa que nossa cidade esteja muito distante das principais áreas metropolitanas ou que não tenha havido absolutamente nenhum

sinal de nenhum jihadista por aqui, ou que nossos policiais já tivessem armas e equipamento ninja suficientes. Esqueçam tudo isso — tínhamos que estar prontos! Assim, na corrida armamentista que se seguiu, nossos policiais conseguiram um veículo blindado. E depois que aprenderam a dirigi-lo, então, ora bolas, era hora de usá-lo.

A primeira vítima foi um sujeito meio simplório chamado Sonny Werth, que vivia à beira dos limites da cidade em uma área que os corretores de imóveis tendiam a evitar. Sonny, sua namorada e dois filhos dela dormiam às duas da madrugada quando a casa pareceu explodir. Não era uma grande casa, mas isso não importava. As paredes estremeceram, ouviu-se um rugido, e Sonny a princípio achou que se tratava de um tornado.

Não, era apenas a polícia. Mais tarde, os policiais alegariam que haviam batido na porta e tentado a campainha, mas ninguém dentro da casa ouviu nada até que o tanque atravessou a janela da frente e foi parar na sala. Um vira lata, mistura de spaniel, tentou escapar pelo buraco na porta, mas foi abatido a tiros por um bravo guerreiro. Felizmente, não houve outras vítimas, embora Sonny tenha passado duas noites no hospital com dores no peito, depois do que foi para a prisão por uma semana antes de poder pagar fiança. Seus crimes: jogo e apostas. Os tiras e os promotores alegaram que Sonny fazia parte de uma coligação de bookmakers, portanto, era um conspirador, portanto, um membro do crime organizado e assim por diante.

Em nome de Sonny, processei a cidade por “força excessiva” e consegui um milhão de dólares. Nem um centavo dos quais, aliás, veio do bolso dos policiais que planejaram o ataque. Como sempre, veio dos contribuintes. As acusações criminais contra Sonny foram mais tarde rejeitadas, de modo que o assalto foi um desperdício completo de tempo, dinheiro e energia.

Enquanto tomo meu café e observo a cena, penso comigo mesmo que os Renfro tiveram sorte de que o tanque não tenha sido usado para destruir sua casa. Por motivos que jamais conheceremos, foi tomada a decisão de mantê-lo no caminho de entrada, só por precaução. Se os oito soldados não fossem suficientes, se os Renfro de algum modo conseguissem contra-atacar, então o tanque seria enviado para destruir a sala.

A câmera fecha-se em dois policiais de pé ao lado do tanque, cada qual com um rifle de assalto. Ambos pesam acima de cento e trinta quilos. Um deles usa um uniforme camuflado verde e cinza, como se estivesse caçando veados na floresta. O outro usa um uniforme camuflado marrom e bege, como se estivesse caçando rebeldes no deserto. Esses dois palhaços estão de pé no caminho de entrada de uma casa do subúrbio, a cerca de quinze minutos do centro, em uma cidade bem desenvolvida de um milhão de habitantes, e estão usando

camuflagem. O triste e o assustador a respeito dessa imagem é que esses sujeitos não fazem a menor ideia de como parecem idiotas. Em vez disso, mostram-se orgulhosos, arrogantes. Estão em exposição, caras durões lutando contra os bandidos. Um de seus irmãos foi atingido, ferido, caído no cumprimento do dever, e eles estão furiosos com isso. Amarram a cara para os vizinhos do outro lado da rua. Uma palavra errada e podem começar a atirar. Seus dedos estão nos gatilhos.

Entra a previsão do tempo e eu vou para o chuveiro.

Partner me pega às oito e nos dirigimos ao hospital. Doug Renfro ainda está em cirurgia. Os ferimentos do agente Keestler não são graves, ele não corre o risco de morrer. Há policiais por toda parte. Em uma sala de espera lotada, Partner aponta para um grupo de pessoas em estado de choque, sentadas muito juntas e de mãos dadas.

Não pela primeira vez, eu me faço a pergunta óbvia: por que os policiais simplesmente não tocaram a campainha em uma hora decente e bateram um papo com o sr. Renfro? Dois policiais à paisana ou talvez apenas um de uniforme? Por que não? A resposta é simples: esses sujeitos acham que fazem parte de uma força de elite, radical, e precisam de emoção, de modo que aqui estamos nós em mais um hospital agitado com as baixas de uma operação militar.

Thomas Renfro tem cerca de quarenta anos. Segundo Partner, ele é um optometrista em algum subúrbio. Suas duas irmãs não moram perto daqui e ainda não chegaram ao hospital. Engulo em seco e aproximo-me dele. Ele quer se livrar de mim, mas repito várias vezes que é importante que a gente converse. Ele finalmente se afasta e encontramos alguma privacidade em um canto. O pobre sujeito está esperando as irmãs para irem ao necrotério e começar a fazer os preparativos para o funeral de sua mãe. Enquanto isso, seu pai está em cirurgia. Peço desculpas por interferir, mas obtenho sua atenção quando explico que já passei por isso antes com esses policiais.

Ele enxuga os olhos vermelhos e diz:

— Acho que já o vi antes.

— Provavelmente no noticiário. Eu cuido de alguns casos muito problemáticos.

Ele hesita e depois pergunta:

— Que tipo de caso é este?

— Eis o que vai acontecer, sr. Renfro. Seu pai não vai para casa tão cedo. Quando os médicos terminarem com ele, os policiais o levarão para a prisão. Ele será acusado de tentativa de assassinato de um policial. Pena máxima de vinte anos. Sua fiança será fixada em um milhão de dólares mais ou menos, algo

exorbitante, e ele não conseguirá pagá-la porque o promotor congelará seus bens. Casa, contas bancárias, o que for. Ele não poderá tocar em nada porque é assim que eles manipulam as ações penais.

Como se esse pobre sujeito já não tivesse sido atingido por crueldades suficientes nas últimas cinco horas. Ele fecha os olhos e sacode a cabeça, mas está ouvindo. Eu continuo:

— A razão para eu o estar incomodando com isso é porque é importante protocolar uma ação civil imediatamente. Amanhã, se possível. Morte de sua mãe por engano, ataque a seu pai, força excessiva, incompetência policial, violação de direitos et cetera. Vou jogar tudo isso em cima deles. Já fiz isso antes. Se conseguirmos o juiz certo, terei acesso aos relatórios internos da polícia num piscar de olhos. Eles estão encobrindo seus erros neste mesmo momento em que estamos conversando e são muito bons nisso.

Ele desata a chorar, luta contra isso, consegue se controlar um pouco e diz:

— Isso tudo é demais.

Eu lhe entrego meu cartão e digo:

— Compreendo. Ligue para mim assim que puder. Eu enfrento esses caras o tempo todo e conheço o jogo. Você está passando por um inferno no momento, mas infelizmente as coisas só vão piorar.

Ele consegue dizer:

— Obrigado.

3

Mais tarde naquele mesmo dia, a polícia vai ter uma conversa com Lance, o garoto indolente e inepto, vizinho dos Renfro. Apenas três policiais, à paisana, corajosamente aproximam-se da casa sem armas de assalto ou coletes à prova de balas. Nem sequer trouxeram seu tanque. As coisas se passam tranquilamente; ninguém é ferido.

Lance tem dezenove anos, está desempregado, sozinho em casa, um verdadeiro fracassado, e seu mundo está prestes a mudar dramaticamente. A polícia tem um mandado de busca. Depois de apreenderem seu laptop e seu celular, Lance começa a falar. Ele está na sala quando sua mãe chega em casa e está confessando tudo. Ele vem invadindo o wifi dos Renfro há cerca de um ano. Ele negocia na Dark Web, em um site denominado Millie's Market, onde pode comprar qualquer quantidade de qualquer droga, ilegal ou com prescrição. Ele prefere Ecstasy porque é acessível e os garotos, seus clientes, adoram. Ele faz suas transações em Bitcoin, saldo atual avaliado em sessenta mil dólares. Todos os detalhes fluem torrencialmente e, depois de uma hora, ele é levado algemado.

Assim, às cinco da tarde, ou cerca de catorze horas após o ataque, a polícia finalmente conhece a verdade. Mas seu plano de acobertamento já está em andamento. Deixam vazar algumas mentiras aqui e ali, e logo cedo na manhã seguinte já estou lendo o Chronicle on-line e vendo as notícias da primeira página. Há fotos de Douglas e Katherine Renfro, ela agora morta, e do agente Keestler. Ele é retratado como um herói; os Renfro como bandidos. Doug é suspeito de fazer parte de uma organização de tráfico de drogas pela internet. Chocante, diz um vizinho. Não fazia a menor ideia. Pessoas muito amáveis. Kitty simplesmente foi pega no fogo cruzado quando seu marido atirou nos pacíficos agentes da lei. Será enterrada na próxima semana. Ele será processado dentro de pouco tempo. Keestler deve sobreviver. Não há uma única palavra sobre Lance.

Duas horas mais tarde, encontro-me com Nate Spurio em uma loja de bagels em um shopping ao norte da cidade. Não podemos ser vistos em público, nem ao menos ser identificados por alguém que possa ser um policial ou conhecer um policial, então alternamos nossos encontros secretos entre A, B, C e D. A é uma espelunca de carnes da Arby's nos subúrbios. B é uma de duas lojas de bagels. C é a terrível Catfish Cave, a quase dez quilômetros da City. D é uma loja de donuts. Quando precisamos conversar, simplesmente escolhemos uma letra de nosso pequeno jogo alfabético e marcamos uma hora. Spurio é um veterano de

trinta anos de polícia, um policial autêntico, honesto, que segue as normas e menospreza quase todos os outros policiais do departamento. Nós temos uma história que começou quando eu era um estudante universitário de vinte anos que se embebedou demais em um festival de cerveja e se viu na calçada do lado de fora sendo agredido por policiais, um dos quais era Nate Spurio. Ele disse que eu o xinguei e empurrei, e quando acordei na cadeia ele passou por lá para ver como eu estava. Pedi milhões de desculpas. Ele aceitou e fez questão de retirar as acusações. Meu maxilar quebrado sarou Perfeitamente e o policial que me agrediu foi posteriormente demitido. O incidente me inspirou a estudar Direito. Ao longo dos anos, Spurio tem se recusado a fazer o jogo político necessário para progredir na carreira e ficou estacionado. Ele geralmente está sentado a uma escrivaninha, arquivando papéis, contando os dias. Mas há uma rede de outros policiais que foram relegados ao ostracismo pelos poderes vigentes e Spurio passa muito tempo rastreando os boatos. Ele não é um dedo duro de maneira alguma. É apenas um policial honesto que detesta aquilo em que seu departamento se transformou.

Partner fica na van, no estacionamento, de sobreaviso para o caso de outros guardas passarem por ali e quererem comer um bagel. Nós nos encolhemos em um canto e ficamos observando a porta.

— Rapaz, essa foi das grandes — diz ele.

— Conte-me.

Ele começa com a prisão de Lance, o confisco de seu computador, a prova inequívoca de que o garoto é um traficante de menor importância e sua detalhada admissão de ter hackeado o wifi dos Renfro. Os computadores dos Renfro estão absolutamente limpos, mas eles serão indiciados depois de amanhã. Keestler será inocentado de qualquer transgressão. O típico acobertamento.

— Quem estava lá? - pergunto, e ele me entrega uma folha de papel dobrada.

— Oito, todos do nosso departamento. Ninguém da polícia estadual, nem federal.

Se eu puder, eles serão pronunciados réus em uma ação judicial por danos no valor de, ah, não sei, que tal cinquenta milhões de dólares?

— Quem comandou o grupo? — pergunto.

— Quem você acha?

— Sumerall?

— Exatamente. Pode-se saber pelo noticiário. Novamente, o tenente Chip Sumerall comanda suas destemidas tropas a uma casa tranquila onde todos dormem e pega seu homem. Vai processar?

— Ainda não tenho o caso, mas estou trabalhando nisso — respondo.

— Pensei que você fosse o melhor em sair correndo atrás de ambulâncias.

— Só as que eu quero. Vou pegar essa.

Spurio mastiga um pedaço de um bagel de cebola, engole tudo com um bocado de café.

— Esses caras estão fora de controle, Rudd. Você tem que fazê-los parar.

— De jeito nenhum, Nate. Não posso pará-los. Talvez eu possa deixá-los constrangidos de vez em quando, custar algum dinheiro à cidade, mas o que eles estão fazendo aqui está acontecendo por toda parte. Vivemos em um Estado policial e todos apoiam as forças policiais.

— Então, você é a última linha de defesa?

— Pois é.

— Que Deus nos ajude.

— É verdade. Obrigado pela dica. Manterei contato.

— Não há de quê.

4

Doug Renfro está física e emocionalmente traumatizado demais para se reunir comigo e, como um encontro teria que se dar em seu quarto de hospital, essa não é uma boa ideia de qualquer modo. Os policiais mantêm a única porta guardada como se ele estivesse no corredor da morte. Nenhuma privacidade seria possível. Assim, reúno-me com Thomas Renfro e suas duas irmãs em um café mais abaixo na rua do hospital. Os três estão atravessando seu pesadelo como sonâmbulos, exaustos, perplexos, revoltados, enlutados e desesperados por aconselhamento. Ignoram seu café e no começo parecem satisfeitos em me deixar falar. Sem nenhuma ponta de arrogância, explico quem sou, o que faço, de onde venho e como protejo meus clientes. Eu lhes digo que eu não sou o advogado típico. Não tenho um belo escritório repleto de mogno e couro. Não pertenço a uma grande firma, de prestígio ou não. Não faço boas ações através da Ordem dos Advogados. Sou um lobo solitário, um advogado rebelde, ardiloso, que luta contra o sistema e odeia injustiças. Estou ali agora porque sei o que está prestes a acontecer ao pai deles e a eles.

Fiona, a irmã mais velha, diz:

— Mas eles mataram nossa mãe.

— É verdade, foi o que fizeram, mas ninguém será acusado da morte, Eles vão investigar, mandar os especialistas e assim por diante, e no final todos concordarão que ela simplesmente foi pega no fogo cruzado. Processarão seu pai e o culparão por ter dado início ao tiroteio.

Susanna, a irmã mais nova, diz:

— Mas nós conversamos com nosso pai, sr. Rudd. Eles dormiam profundamente quando a casa foi invadida com um grande estrondo. Ele achou que eram ladrões. Pegou sua arma, correu para o corredor e jogou-se no chão quando viu vultos na escuridão. Alguém atirou, então ele começou a revidar. Ele diz que se lembra de ouvir mamãe gritando e correndo para o corredor para ver o que estava acontecendo a ele.

— Ele tem sorte de estar vivo - digo. — Eles mataram os dois cachorros, não foi?

— Quem são esses imbecis? — pergunta Thomas, desarvorado.

— A polícia, os mocinhos. — Então, eu lhes conto a história de meu cliente Sonny Werth, com o veículo blindado estacionado no meio da sala e a ação judicial que ganhamos. Explico que uma ação civil, montada por um bom advogado, é claro, garante um fluxo mais seguro de informações. O

acobertamento já está em andamento, eu digo mais de uma vez.

Eles se esforçam para ouvir com atenção, mas estão em outro mundo. Quem poderia culpá-los? O encontro termina com as duas mulheres aos prantos e Thomas sem fala.

É hora de eu recuar.

5

Sem ser convidado, embora seja aberta ao público, chego a enorme igreja metodista pouco antes da cerimônia fúnebre por Katherine Renfro. Encontro as escadas, subo para o balcão e sento-me na semi escuridão. Estou sozinho ali em cima, mas o restante da igreja está lotado. Olho para a multidão embaixo. Todos brancos, todos de classe média, todos incrédulos que sua amiga tenha sido morta com sete tiros, ainda de pijama, pela polícia.

Essas tragédias estúpidas não deveriam acontecer em outras partes da cidade? Essas pessoas são ferrenhas cumpridoras da lei. Votam na direita e querem leis severas. Quando chegam a pensar em equipes da SWAT, acham que são necessárias para combater o terrorismo e as drogas em outros lugares. Como isso pôde ter acontecido a eles?

Ausente dessa cerimônia está Doug Renfro. Segundo a edição do Chronicle de ontem, ele acaba de ser indiciado. Ainda está hospitalizado, embora se recuperando lentamente. Ele suplicou aos médicos e à polícia que permitissem que comparecesse ao funeral de sua mulher. Os médicos disseram com certeza, os policiais disseram de jeito nenhum. Ele é uma ameaça à sociedade. Uma observação cruel a essa tragédia é que Doug viverá o resto da vida sob a névoa de estar de alguma forma envolvido com o tráfico de drogas. A maioria dessas pessoas acreditará nele e em seus desmentidos, mas para alguns haverá dúvidas. Em que o velho Doug realmente estaria metido? Sem dúvida, deve ter tido algum tipo de culpa ou nossa corajosa polícia não teria ido atrás dele.

Eu acompanho penosamente a cerimônia, como todos os demais. O ar está carregado de confusão e raiva. O pastor procura reconfortar, mas às vezes claramente não sabe ao certo o que aconteceu. Ele tenta dar algum sentido a tudo aquilo, mas é um desafio impossível. E quando está encerrando e o choro se torna mais alto, eu desço discretamente as escadas e saio por uma porta lateral.

Duas horas mais tarde meu telefone toca. É Doug Renfro.

6

Um advogado como eu é obrigado a trabalhar nas sombras. Meus adversários são protegidos por distintivos, uniformes e toda a miríade de adereços do poder governamental. Prestam juramento e têm o dever de defender a lei, mas como trapaceiam o tempo inteiro, sou forçado a trapacear mais ainda.

Eu tenho uma rede de contatos e fontes. Não posso chamá-los de amigos porque amizades requerem compromissos. Nate Spurio é um desses exemplos, um policial honesto que não aceitaria nem um tostão por informações privilegiadas. Eu ofereci. Outro contato é um repórter do Chronicle, e nós trocamos mexericos quando conveniente. Nenhum dinheiro troca de mãos. Um dos meus preferidos é Okie Schwin, e Okie sempre aceita o dinheiro.

Okie é um burocrata mediano do cartório da Justiça Federal em um fórum no centro da cidade. Ele detesta seu trabalho, despreza seus colegas e está sempre à procura de uma maneira fácil de ganhar uns trocados. Também é divorciado, bebe demais e constantemente testa os limites do assédio sexual no ambiente do trabalho. O valor de Okie é sua habilidade de manipular a designação aleatória de casos aos juízes. Quando uma ação civil é protocolada, ela é supostamente designada ao acaso a um de nossos seis juízes federais. Um computador faz isso e o pequeno procedimento parece ir bem. Sempre há um juiz que você preferiria, dependendo do tipo de caso e talvez de sua história em diversos tribunais, mas quem se importa quando a escolha é completamente aleatória? Okie, entretanto, sabe como burlar o sistema e encontrar o juiz que você de fato quer. Ele cobra por isso, generosamente, e provavelmente será pego, apesar de me assegurar que não há como ele ser descoberto. Se for, será demitido e talvez processado, mas Okie não parece preocupado com essas possibilidades.

Por sugestão dele, encontramo-nos em um decadente clube de striptease longe do centro da cidade. Os frequentadores são decididamente da classe operária. As strippers não são dignas de descrição. Viro-me de costas para o palco para não ter que olhar. Num tom logo abaixo da gritaria, eu digo:

—Vou mover uma ação amanhã. Renfro, a última invasão domiciliar pelos nossos garotos da SWAT.

Ele ri e diz:

— Que surpresa. Deixe-me adivinhar, você acha que a justiça será mais bem servida se o ilustre juiz Arnie Samson presidir.

— Esse é o meu homem.

— Ele tem cento e dez anos, com status sênior, semi morto, e diz que não

está mais aceitando casos. Por que não conseguimos fazer esses caras se aposentarem?

— Isso é entre você e a Constituição. Ele vai aceitar esse. A taxa padrão?

— Sim. Mas e se ele disser não e jogar para a frente?

— Vou ter que correr o risco. — Entrego-lhe um envelope com três mil dólares em espécie. Sua taxa padrão. Ele rapidamente enfia o envelope no bolso sem nem mesmo um obrigado, depois volta sua atenção para as garotas.

7

Às nove da manhã seguinte, entro no cartório judicial e protocolo uma ação de cinquenta milhões de dólares contra a City, o departamento policial, o chefe de polícia e os oito rapazes da SWAT que atacaram a residência dos Renfro há seis dias. Em algum lugar nas profundezas sombrias do cartório, Okie faz sua mágica e o caso é “aleatória e automaticamente” designado ao juiz Arnold Samson. Eu envio por e-mail uma cópia do processo para o meu amigo no Chronicle.

Também entro com o pedido de uma medida cautelar temporária para impedir que o promotor possa congelar os bens de Doug Renfro. Essa é uma tática truculenta favorita usada pelo governo para acossar réus criminais. A ideia original era bloquear os bens supostamente acumulados em qualquer que fosse a atividade criminosa em que o réu estivesse implicado, especialmente tráfico de drogas. Confisque os ganhos obtidos ilegalmente e torne as coisas difíceis para os cartéis. E como acontece com tantas outras leis, não levou muito tempo para os promotores se tornarem criativos e expandir sua aplicação. No caso de Doug, o governo estava preparado para argumentar que seus bens — casa, carros, aposentadoria e contas de bancos - foram acumulados, em parte, com dinheiro sujo que ele ganhou negociando Ecstasy.

Dizer o quê? Quando conseguimos a audiência de emergência sobre a medida cautelar temporária, os promotores públicos já estão recuando e procurando uma saída. O juiz Samson, mal-humorado como sempre, os repreende e até os ameaça de desacato. Vencemos o primeiro round.

O segundo round é uma audiência sobre fiança no tribunal estadual, onde a acusação de tentativa de homicídio está pendente. Com seus bens liberados, posso argumentar que Doug Renfro não representa nenhum risco de fuga e se apresentará no tribunal sempre que for solicitado. Sua casa vale quatrocentos mil dólares sem nenhuma hipoteca e eu proponho lançar a escritura como segurança. Para minha surpresa, o juiz concorda e eu já saio do tribunal com meu cliente liberado. Vencemos o segundo round, mas esses são os mais fáceis.

Oito dias depois de ser baleado e perder sua mulher e os dois cachorros, Doug Renfro retorna para casa, onde seus três filhos, sete netos e alguns amigos o aguardam. Será um triste regresso ao lar. Educadamente, me convidam para me juntar a eles, mas não aceito.

Eu luto com unhas e dentes pelos meus clientes e sou capaz de infringir muitas leis para protegê-los, mas nunca me aproximo demais.

8

As dez horas de uma perfeita manhã de sábado, estou sentado em um banco de playground, esperando. Fica a apenas alguns quarteirões do meu apartamento, nosso ponto de encontro habitual. Na calçada, uma bela mulher se aproxima com um garoto de sete anos. Ele é meu filho. Ela é minha ex-mulher. A ordem judicial me permite vê-lo uma vez por mês durante trinta e seis horas. Conforme ele for ficando mais velho, terei direito a uma visita mais benevolente, mas por enquanto as coisas são restritas. Há razões para isso, mas prefiro não discuti-las agora.

Starcher não sorri quando chegam ao banco. Eu me levanto e dou um rápido beijo no rosto de Judith, mais para beneficio do garoto do que dela. Ela prefere que não haja contato.

— Ei, amigão - digo, afagando sua cabeça.

— Ei - diz ele, depois se dirige ao balanço e senta-se nele. Judith senta-se ao meu lado no banco e nós o observamos dar impulso e começar a se balançar.

— Como ele vai? - pergunto.

— Bem. Seus professores estão satisfeitos. — Uma longa pausa. — Vejo que andou bastante ocupado.

— De fato. E você?

— A batalha de sempre.

— Como vai a Ava? — pergunto sobre sua companheira.

— Está ótima. Quais são seus planos para o dia?

Judith não gosta de deixar nosso filho comigo. Novamente, consegui ofender a polícia e isso a preocupa. Preocupa-me também, mas eu jamais admitiria isso.

— Acho que vamos sair para almoçar. Depois, há um jogo de futebol na universidade hoje a tarde — digo.

Ela acha que um jogo de futebol é bastante seguro.

— Gostaria de tê-lo de volta esta noite, se estiver de acordo.

— Eu só tenho trinta e seis horas por mês e isso é demais?

— Não, Sebastian, não é demais. Só estou preocupada, só isso.

Nossos dias de briga estão quase acabados, espero. Junte dois advogados durões e sem papas na língua, dê a eles uma gravidez indesejada, um divórcio desagradável com brutais abalos sísmicos secundários e terá duas pessoas que podem causar sérios danos. Ainda temos as cicatrizes, então não brigamos, muito.

— Está bem — digo, me retirando. Na verdade, não há nada atraente em

meu apartamento e Starcher não gosta muito de ficar lá, ao menos ainda não. Ele é pequeno demais para jogar bilhar em minha mesa vintage e eu não possuo nenhum videogame. Talvez quando ele for mais velho.

Ele está sendo criado por duas mulheres que surtam toda vez que outra criança o empurra na escola. Não sei se posso endurecê-lo apenas aparecendo em sua vida uma vez por mês, mas estou tentando. Mais tarde, desconfio que ele se cansará de viver com um casal de mulheres irritáveis, nervosas, e vá querer passar mais tempo com seu velho. Meu desafio é me manter suficientemente relevante em sua vida para lhe dar essa opção.

— A que horas devemos nos encontrar? — pergunta ela.

— Quando quiser.

— Eu o encontrarei aqui às seis - diz enquanto se levanta e começa a se afastar. Starcher, de costas para nós, voa alto e não a vê ir embora. Não deixo de perceber que Judith não se deu ao trabalho de trazer uma bagagem de mão para o garoto passar a noite. Ela não tinha nenhuma intenção de permitir que ele dormisse no meu apartamento.

Eu moro no vigésimo quinto andar porque me sinto mais seguro lá. Estou sempre recebendo ameaças de morte por uma série de razões e fui franco com Judith sobre isso. Ela não está errada por querer o garoto na sua casa, onde tudo é provavelmente mais calmo. Provavelmente, mas não tenho certeza. No mês passado, Starcher me contou que suas “duas mães” gritam uma com a outra o tempo todo.

Para o almoço, vamos a minha pizzaria favorita, um lugar a que suas mães jamais o levariam. A verdade é que eu não me importo com o que ele come. De certa forma, sou como um avô que mima as crianças antes de enviá-las de volta para casa. Se ele quiser Ben & Jerry’s antes e depois do almoço, que assim seja.

Conforme comemos, ele se anima enquanto eu o interrogo sobre a escola. Ele está na segunda série de uma escola pública não muito longe de onde eu cresci. Judith insistiu para que ele frequentasse uma pequena escola alternativa e natureba, onde qualquer plástico é proibido e todos os professores usam meias de lã grossas e sandálias antigas. A quarenta mil dólares por ano, eu disse não, de jeito nenhum. Ela voltou aos tribunais e dessa vez o juiz ficou do meu lado. Assim, Starcher está em uma escola comum, normal, com crianças de todas as cores e uma professora realmente bonita, recém-divorciada.

Como eu dissera, Starcher foi um erro. Judith e eu estávamos em processo de terminar nosso caótico relacionamento quando ela engravidou. A separação ficou ainda mais complicada. Eu me mudei e ela assumiu a posse integral dele. Eu mantive distância a cada fase, embora, para ser franco, nunca clamei ser pai. Ele é todo da mãe, ao menos na opinião dela, de modo que está ficando hilário vê-lo

crescer e se transformar em um garoto igualzinho a mim. Minha mãe encontrou uma fotografia minha da segunda série. Aos sete, poderíamos passar por gêmeos idênticos.

Conversamos sobre lutas, do tipo do pátio da escola. Pergunto a ele se vê lutas durante o recreio e ele diz: “As vezes. ” Ele me conta a história do dia em que as crianças começaram a gritar: “Luta! Luta! ”, e todos correram para ver. Dois alunos da terceira série, um negro e o outro branco, estavam no chão chutando e esperneando, mordendo, arranhando e trocando socos, enquanto a multidão gritava, encorajando.

— Foi divertido assistir? — pergunto.

Ele sorri e diz:

— Claro. Foi legal.

— O que aconteceu?

— Os professores vieram, pegaram os dois e levaram para o gabinete. Acho que eles se meteram em encrenca.

— Sem dúvida. Sua mãe já conversou com você sobre lutas?

Ele sacode a cabeça. Não.

— O.k. Eis as regras. Lutar é ruim e só vai metê-lo em encrenca, portanto não lute. Nunca comece uma briga. Mas se outra pessoa bater em você, empurrá-lo ou derrubá-lo, ou se dois garotos saltarem sobre um amigo seu, então às vezes você tem que lutar. Nunca se acovarde quando o outro garoto começar uma briga. E quando você lutar, nunca, nunca, nunca se dê por vencido.

— Você já se meteu em brigas?

— O tempo todo. Nunca persegui ninguém e nunca comecei uma briga. E não gosto de lutar, mas se o outro sujeito me empurrasse, então, eu revidava.

— Você ficava encrencado?

— Ficava. Era castigado.

— Como assim?

— O professor gritava comigo, minha mãe gritava comigo e às vezes me expulsavam da escola por meio dia ou algo assim. Mais uma vez, vou lhe dizer, amigão, brigar é errado.

— Por que você sempre me chama de amigão?

Porque detesto o nome que sua mãe escolheu para você.

— É só uma maneira de falar.

— Mamãe diz que você não gosta do meu nome.

— Não é verdade, amigão. - Judith sempre vai brigar pela posse da alma de seu filho. Ela não consegue se colocar acima da tentação de dar um golpe baixo, por mais tolo que seja. Por que um pai ou uma mãe diria ao filho de sete anos que o outro pai ou mãe não gosta do nome dele? Tenho certeza de que eu ficaria

chocado com todas as outras bobagens que ela já deve ter dito a ele.

Partner tem o dia de folga, de modo que eu dirijo minha van para o estádio de futebol no campus. Starcher acha a van legal, com seu sofá, cadeiras giratórias, pequena mesa e televisão. Ele não entende bem por que eu a uso como escritório e não entrei em detalhes sobre as janelas à prova de balas e a pistola automática no painel.

É um jogo de futebol feminino, não que isso faça diferença para mim. Não acompanho o esporte, de modo que, se for forçado a assistir ao jogo, prefiro ver garotas de short do que rapazes de pernas cabeludas. Starcher, no entanto, adora a animação. As mães dele não acreditam em esportes de equipe, de modo que ele só foi matriculado na aula de tênis. Nada de errado com tênis, mas se ele tiver o meu jeito não vai ficar nisso muito tempo. Sempre gostei de bater. No basquete juvenil, eu era o jogador com quatro faltas antes do intervalo. Sempre mais faltas do que pontos. No futebol americano, eu jogava como linebacker porque adorava o contato.

Depois de uma hora, alguém finalmente marca um gol, mas a essa altura estou pensando no caso Renfro e o pouco interesse que eu tinha no jogo já se foi. Starcher e eu dividimos uma pipoca e conversamos sobre uma coisa e outra. A verdade é que estou tão distante de seu pequeno mundo que não consigo manter uma conversa razoável.

Sou um pai patético.

9

A sensatez aos poucos chega a tragédia Renfro. Sob pressão de todos os lados, mas especialmente do meu chapa no Chronicle, a City patina em sua resposta. O chefe de polícia ficou calado, alegando que não pode comentar o caso por causa de pendências judiciais. O prefeito corre para se esconder, obviamente tentando criar alguma distância do problema. Nos seus calcanhares, sem dar trégua, estão seus inimigos, alguns vereadores que querem projeção política e adorariam ocupar a cadeira do prefeito. Mas é uma minoria, porque na verdade ninguém quer problemas com o departamento de polícia.

Lamentavelmente, a dissidência hoje em dia é considerada impatriótica e em nosso ambiente pós-11 de Setembro, qualquer crítica aos que usam uniforme, qualquer uniforme, é sufocada. Ser rotulado de indulgente em crime ou terrorismo é a maldição de um político.

Estou passando todas as informações para meu contato no jornal. Citando fontes anônimas, ele está se divertindo criticando sem piedade os policiais e suas táticas, trapalhadas e tentativas de acobertamento. Usando material dos meus arquivos, ele escreve uma longa matéria sobre a história de invasões equivocadas e uso excessivo de força.

Estou conseguindo mais atenção da mídia do que poderia gerar. Eu não poderia mentir dizendo que não gosto disso. Na verdade, vivo para isso.

Os réus entram com um pedido junto ao juiz Samson solicitando-lhe, na realidade, para colocar uma mordaça em “todos os advogados envolvidos na ação civil”. O juiz Samson nega o pedido sem sequer o benefício de uma audiência. No momento, os procuradores da City estão aterrorizados com o juiz e correndo para se esconder. Estou disparando tantos tiros quanto possível.

Eu trabalho sozinho, sem um escritório real e certamente sem uma verdadeira equipe. É extremamente difícil para um atirador solitário como eu trabalhar em contenciosos criminais e cíveis de grande influência sem algum suporte, que é onde os dois Harrys entram. Harry Gross e Harry Skulnick administram um escritório com quinze advogados em um antigo depósito no centro da cidade, perto do rio. Eles lidam na maior parte com apelações e tentam evitar julgamentos pelo tribunal do júri. Assim, passam suas horas mergulhados em livros e passando blocos de notas e peças processuais de uma mesa para outra.

Nosso arranjo é simples: eles fazem minhas pesquisas e cuidam da papelada, e eu lhes dou um terço dos meus honorários. Isso permite que trabalhem com

segurança, mantenham certa distância de mim, de meus clientes e das pessoas que eu costumo irritar. Podem preparar uma pilha de apelações de três centímetros de espessura, entregá-las a mim para revisão e assinatura, e nada poderá ser rastreado até eles. Trabalham atrás de portas fechadas e nunca se preocupam com a polícia. No caso de Sonny Werth — o cliente que acordou com o tanque roncando em sua sala de estar —, a City fechou um acordo de um milhão de dólares. Minha parte foi de vinte e cinco por cento. Os dois Harrys receberam um belo cheque e todos ficaram felizes, exceto Sonny.

Neste estado, todos os danos em processos civis são limitados a um milhão de dólares. Isso é porque todas as brilhantes pessoas que fazem as leis em nosso legislativo estadual decidiram há dez anos que seu julgamento era muito superior ao dos verdadeiros jurados que veem as provas e avaliam os danos. Eles, os legisladores, foram ludibriados pelas companhias de seguro que ainda estão financiando o movimento nacional de reforma de responsabilidade por reparação de perdas e danos, uma cruzada política muito bem-sucedida. Praticamente todo estado está em conformidade com limites de indenizações por perdas e danos e outras leis destinadas a manter as pessoas longe do tribunal. Até agora, ninguém viu uma redução nas taxas de seguros. Um repórter investigativo colega do meu amigo no Chronicle revelou que noventa por cento de nossos legisladores aceitaram dinheiro de campanha da indústria de seguros. E isso é considerado democracia.

Todo advogado neste estado pode lhe contar uma história de horror de um cliente seriamente aleijado e permanentemente lesionado que, depois das despesas médicas, não ficou com quase nada.

Não muito depois de terem batido as portas do Tribunal de Justiça na cara dos cidadãos, esses mesmos brilhantes e corajosos legisladores aprovaram outra lei que proíbe moradores de atirar contra policiais que invadam suas casas, independentemente do fato de a polícia ter a casa certa ou não. Assim, quando Doug Renfro jogou-se no chão e começou a atirar, ele estava violando a lei, sem possibilidade de nenhuma defesa real.

E quanto aos verdadeiros criminosos? Bem, nossos legisladores aprovaram outra lei que concede imunidade criminal a equipes da SWAT que ultrapassam um pouco os limites e atiram na pessoa errada. Na tragédia Renfro, quatro policiais dispararam pelo menos trinta e oito tiros. Não ficou claro quem realmente atingiu Doug e sua mulher, e isso não importa. Todos são imunes a acusação penal.

Eu passo horas com Doug tentando explicar esses princípios legais, nenhum dos quais faz sentido. Ele quer saber por que a vida de sua mulher vale apenas um milhão de dólares. Explico que o senador de seu estado votou a favor desse

limite por danos — e que ele também recebe dinheiro de lobistas de seguros - e, portanto, talvez Doug devesse entrar em contato com esse servidor público eleito e reclamar da maneira como ele vota. Doug pergunta:

— Então, por que processamos por cinquenta milhões quando o máximo que podemos ganhar é apenas um milhão? - Outra pergunta com uma longa resposta. Primeiro, chama-se afirmar uma posição. Fazer uma declaração. Estamos com raiva e revidando, e processar por cinquenta milhões soa bem mais agressivo do que meramente por um milhão. Segundo, uma singularidade nessa lei já bastante confusa proíbe que os jurados saibam do limite de um milhão. Eles podem atravessar um mês inteiro no júri, avaliando as provas, deliberar ponderadamente e chegar a um veredicto apropriado de, digamos, cinco milhões a dez milhões. Então, vão para casa e no dia seguinte o juiz silenciosamente reduz o veredicto para o limite. Os jornais podem anunciar outro grande veredicto, mas os advogados e os juízes (e as companhias de seguro) sabem a verdade.

Não faz sentido, mas não se esqueça de que essa lei foi escrita pelos mesmos conspiradores que inserem uma interminável quantidade de lixo em suas apólices de seguro.

— Mas como um policial pode arrombar minha porta e atirar em mim impunemente, mas se eu revidar o ataque sou um criminoso que posso pegar até vinte anos de prisão? — questiona Doug.

A resposta simples é que eles são policiais. A resposta complicada é que nossos legisladores muitas vezes aprovam leis que não são justas.

Meu cliente ainda está de luto, mas um pouco do choque e da dor começam a diminuir. Seu raciocínio está desanuviando, a realidade começa a se instalar. Sua mulher se foi, assassinada por homens que não serão responsabilizados pelo que fizeram. A vida dela vale apenas um milhão de dólares. E ele, sr. Doug Renfro, é o centro de uma ação criminal que um dia vai arrastá-lo para um tribunal onde sua única esperança será um júri que não consiga chegar a um veredicto.

A estrada para a justiça está cheia de barreiras e minas terrestres, muitas das quais criadas por homens e mulheres que alegam buscar a justiça.

10

Meu pequeno lutador de MMA, Tadeo Zapate, venceu suas quatro últimas lutas, todas por nocautes brutais. Foram onze lutas seguidas, com apenas três derrotas na carreira, todas por pontos. Ele agora ocupa a trigésima segunda posição no ranking dos pesos leve e está subindo muito bem. Os promotores de eventos do UFC estão de olho. Fala-se de uma luta em Vegas daqui a seis meses, se ele continuar ganhando. Oscar, seu treinador, e Norberto, seu empresário, me dizem que não conseguem tirar o rapaz do ginásio. Ele é focado, faminto, quase maníaco em sua busca por uma disputa de cinturão. Eles o treinam duramente e estão convencidos de que ele pode ser um dos cinco melhores candidatos ao título.

Esta noite ele luta com um garoto negro que atende pelo pseudônimo de Crush. Eu já vi Crush lutar duas vezes e ele não me preocupa. Ele é só um brigão, um lutador de rua com formação limitada em MMA. Nas duas lutas, acabou nocauteado no final do terceiro round por fadiga. Ele começa com muita porrada, não consegue manter o ritmo e paga por isso no final.

Eu acordo com um grave caso de nervosismo, sem conseguir pensar em nada que não a luta e não consigo comer nada no café da manhã. Estou completamente ocioso em meu apartamento no final da tarde quando Judith liga para o meu celular. Há uma emergência — sua colega de quarto na faculdade foi gravemente ferida em um acidente de carro em Chicago. Judith está correndo para o aeroporto. Ava, sua companheira, não está na cidade, de modo que cabe a mim agir à altura e ser um pai. Mordo a língua e não digo a ela que tenho planos. É noite de luta!

Encontramo-nos no parque e ela me entrega nosso filho, sua mochila e uma enxurrada de avisos e instruções. Normalmente, eu reagiria e discutiriamos, mas Starcher parece estar de bom humor e ansioso para se livrar dela. Eu não Conheci sua colega de faculdade, então não faço perguntas. Ela vai embora, enfurecida, entra no carro e desaparece. Enquanto comemos pizza, eu pergunto a Starcher se ele já viu uma luta de MMA na televisão. Claro que não! Suas mães monitoram tudo que ele lê, vê, come, bebe e pensa.

No mês passado, entretanto, ele passou a noite na casa de um amigo, Tony, que tem um irmão mais velho chamado Zack, e bem tarde da noite Zack pegou um laptop e eles assistiram a toda sorte de programas proibidos, inclusive uma luta do UFC.

— E que tal? — pergunto.

— Muito legal — diz ele com um largo sorriso. - Você não está zangado?

— Claro que não. Adoro essas lutas.

Então, explico para ele como será nossa noite. O rosto do menino se ilumina como eu nunca havia visto. Eu o faço jurar que ele não vai, em nenhuma hipótese, contar a suas mães sobre ter ido ver as lutas. Eu explico que não tenho escolha, que tenho que estar lá como parte da equipe; e que em circunstâncias normais ele não seria convidado.

— Deixe que eu falo com sua mãe — digo, sem muita convicção, mas depois me lembro que ele será implacavelmente interrogado a respeito da noite.

— Vamos dizer apenas que comemos pizza e ficamos vendo TV no meu apartamento, o que será verdade porque estamos comendo pizza agora e ligaremos a televisão quando chegarmos ao meu apartamento.

Por um segundo, ele parece confuso, em seguida se ilumina outra vez.

De volta ao meu apartamento, ele vê um desenho animado enquanto eu mudo de roupas. Ele gosta da minha jaqueta amarelo berrante com “Tadeo Zapate” enfeitando as costas, e levo algum tempo para explicar que eu trabalho com os corners. Todo lutador tem uma equipe de corners para ajudá-lo entre um round e outro e, bem, eu estou encarregado da água e de qualquer outra coisa que Tadeo possa precisar. Não, não sou muito necessário, mas certamente é muito divertido.

Partner nos apanha na van preta e nos dirigimos para o estádio da cidade. Pelas duas horas seguintes, Partner atuará como baby-sitter, um novo papel para ele. Motorista, guarda-costas, garoto de recados, investigador confidente, estrategista e agora isso. Ele não se importa. Mexo alguns pauzinhos e consigo dois lugares para eles no térreo, a seis fileiras para trás da gaiola. Depois de deixá-los instalados com pipoca e refrigerantes, digo a Starcher que eu tenho que ir ver como está o meu lutador. Ele está empolgado, com os olhos arregalados, falando sem parar com Partner, que já é seu melhor amigo. Apesar de saber que o garoto está em segurança, ainda estou preocupado. Preocupado de que sua mãe descubra e me processe por negligência, corrupção de menor e tudo o mais que ela possa jogar em cima de mim. Preocupado também de que, com esse tipo de plateia, tudo pode acontecer. Eu assisto a muitas lutas e muitas vezes acho que é mais seguro dentro do ringue do que no meio da multidão. Os torcedores estão bebendo e são arruaceiros sedentos de sangue.

Uma vereadora em algum lugar como Wichita tentou aprovar um regulamento que proibia qualquer pessoa com menos de dezoito anos de ser admitido em uma luta de MMA. Não foi aprovado, mas há certa razão por trás disso. Como não existe tal lei em nossa cidade, o jovem Starcher Whitly tem um assento perto do ringue.

Zapate versus Crush é o principal evento, que é fantástico, é claro, e é o que mais nos interessa, mas requer uma longa espera por todos os combates do undercard. Esta noite, haverá cinco aquecimentos, de modo que o tempo passará penosamente devagar.

Vou verificar como vai o Team Zapate e todos estão de bom humor. Quietos, como sempre, mas confiantes. Tadeo ainda está em suas roupas comuns, deitado em uma mesa e com seus fones de ouvido. Seu irmão Miguel diz que ele está pronto. Oscar sussurra que será um nocaute no primeiro round. Eu me demoro por ali alguns minutos, mas não consigo suportar a tensão. Saio dali e atravesso um túnel para um andar mais baixo onde minha pequena gangue de criminosos está à espera em uma sala de almoxarifado. Slide, o assassino condenado, tem perdido ultimamente e tem reduzido suas apostas. Nino, o traficante de metanfetamina, tem, como sempre, uma bolada de dinheiro e o está distribuindo. Denardo, o aspirante a mafioso, não gosta de nenhuma das lutas. Johnny está ausente. Frankie, o mais velho e nosso anotador, está bebericando um uísque duplo, provavelmente não o seu primeiro. Repassamos o undercard e fazemos nossas apostas. Como sempre, ninguém apostará contra meu homem. Eu zombo deles, provoco e xingo, mas eles não se alteram. Ofereço dez mil dólares por um nocaute no primeiro round, mas não consigo ninguém. Frustrado, saio com apenas cinco mil dólares na mesa, um mil para cada luta no undercard.

Pago oito dólares por uma cerveja aguada e subo para o “setor de hemorragia nasal” — como são chamados os assentos mais altos na arena — e que está apinhado de gente. Lotação esgotada, agora só há espaço em pé. Tadeo está se tornando uma grande atração em sua cidade natal e eu insisti com o promotor do evento por um prêmio dos cofres públicos, independentemente do resultado. Oito mil dólares — ganhe, perca ou empate. Encosto-me em uma viga de aço acima da última fileira e assisto a primeira luta. Mal consigo ver meu filho na multidão, lá embaixo.

Eu perco minhas apostas nas quatro primeiras lutas, ganho a quinta, depois corro atropeladamente para o vestiário. O Team Zapate se amontoa em volta de seu herói, que também usa o amarelo berrante. Parecemos uma saca de limões orgânicos. Nós o conduzimos pelo túnel, para os holofotes, e a multidão vai a loucura. Eu aceno para Starcher e ele acena de volta com um enorme sorriso no rosto.

Primeiro round. Três minutos de tédio, enquanto Crush, para nossa surpresa, não se arremete pelo ringue como um cachorro louco. Em vez disso, joga na defesa, se esquiva e consegue evitar danos graves. Usando um jab de esquerda que às vezes é difícil de ver, Tadeo abre um corte acima do olho direito de Crush. Mais tarde no round, Crush retribui o favor com um corte feio na testa de

Tadeo. Oscar consegue fechá-lo entre um round e outro. Os cortes não são muito graves em lutas na gaiola porque as lutas são muito curtas. No boxe, um corte no primeiro round é aterrador porque se torna um alvo pela próxima meia hora.

Segundo round. Eles vão ao chão e se agarram durante toda a primeira metade do round. Crush tem um torso forte e Tadeo não consegue imobilizá-lo. Ouvem-se vaias. Novamente de pé, eles trocam golpes leves e chutes sem que nenhum dos dois marque muitos pontos. Pouco antes da campainha soar, Tadeo desfecha um duro soco de direita no queixo do adversário que teria derrubado qualquer um dos últimos doze homens que ele enfrentou, mas Crush permanece de pé. Quando Tadeo se lança para o golpe final, Crush consegue agarrá-lo pela cintura e mantê-lo preso até a campainha tocar. De repente, passo a não gostar nada daquela luta. Tadeo está obviamente à frente em pontos, mas eu não confio em juízes.

Talvez seja a natureza de minha profissão.

Gosto de nocautes, não de decisões.

Terceiro round. Tendo controlado seu ritmo, Crush imagina que ainda tem um pouco de gasolina no tanque. Ele se arremete pelo ringue e surpreende todo inundo com uma enxurrada de socos que leva a plateia ao delírio. Sem dúvida é empolgante, mas não causa muito dano. Tadeo se protege bem, em seguida desfecha dois fortes jabs e tira mais sangue. Crush ataca outra vez, e mais outra. Tadeo, o boxeador, aproveita as aberturas e desfecha jabs que atingem maravilhosamente o alvo. Eu estou gritando, a multidão está gritando, o chão parece tremer. Enquanto isso, o relógio continua marcando e Crush ainda está lá, investindo, investindo, o rosto disforme e ensanguentado. Ele desfecha um forte golpe de direita e Tadeo vai ao chão, mas apenas por um segundo. Crush salta em cima dele, eles chutam, se agarram e finalmente conseguem se desvencilhar um do outro. Há muito tempo Tadeo não se demora tanto em uma luta e começa a pressionar. Crush ataca novamente e no minuto final eles ficam de igual para igual no centro do ringue, apenas dois cachorros loucos, cada um tirando o couro do outro.

Meu coração está batendo com força, meu estômago se revirando e eu sou apenas o garoto da água. Nós asseguramos a Tadeo que ele está ganhando outra vez enquanto esperamos e esperamos. Finalmente, o árbitro leva os lutadores para o centro do ringue. O apresentador anuncia uma decisão dividida, com Crush vencendo por um ponto. Uma onda estrondosa de vaias e gritos sacode o estádio. Tadeo está perplexo, chocado, boquiaberto, os olhos inchados cheios de ódio. Os fas atiram coisas na gaiola e estamos a beira de um violento distúrbio.

Os próximos quinze segundos mudarão a vida de Tadeo para sempre.

Ele gira nos calcanhares repentinamente e desfecha um forte golpe de direita

na face esquerda de Crush. É um soco inesperado, um soco maldoso que pegou Crush completamente desprevenido. Ele desaba, encolhido, no tatame, desmaiado. Instantaneamente, Tadeo ataca o árbitro, que também é negro, e o esmurra freneticamente. O árbitro cambaleia e bate contra a cerca da gaiola, meio sentado, e Tadeo o agride com uma furiosa saraivada de socos. Por alguns segundos, todo mundo fica paralisado, perplexo demais para reagir. Afinal, eles estão em uma gaiola e leva tempo para organizar um resgate. Quando Norberto consegue fazer Tadeo parar, o pobre árbitro está inconsciente.

O estádio entra em polvorosa à medida que brigas eclodem por toda parte. Os fas de Tadeo, a maioria dos quais é de hispânicos, e os fas de Crush, a maioria dos quais é de negros e em grande desvantagem numérica, atacam-se como gangues na rua. Copos de cerveja e embalagens de papelão de pipoca chovem como confetes. Um guarda de segurança próximo é atingido na cabeça com uma cadeira dobrável. O caos é total e ninguém está a salvo. Eu esqueço a carnificina dentro da gaiola e saio correndo para o meu filho. Ele não está em seu assento, mas através da confusão eu vejo a figura volumosa de Partner enquanto eles fogem. Vou atrás deles e em poucos segundos estamos a salvo. Quando saímos do estádio, agachados, passamos por policiais em pânico correndo em direção ao tumulto. Na van, eu seguro Starcher com força no banco da frente, enquanto Partner pega as ruas laterais.

— Você está bem, amigão? - pergunto.

— Vamos fazer isso de novo — diz ele.

Minutos depois, entramos no meu apartamento e respiramos fundo. Eu pego bebidas — cervejas para Partner e para mim, e um refrigerante para Starcher — e ligamos a TV no noticiário local. O caso ainda está se desdobrando e os repórteres estão frenéticos. O garoto está empolgado e fala o suficiente para eu ver que não está traumatizado. Tento, em vão, explicar o que aconteceu.

Partner dorme no sofá. Eu o acordo às quatro da manhã para combinarmos uma estratégia. Ele sai para a cadeia local, para tentar encontrar Tadeo, e para o hospital, para cavar informações sobre o árbitro. Não consigo me livrar da imagem de Tadeo socando o rosto do sujeito. Ele caiu desmaiado no primeiro soco e houve dezenas de outros depois disso, todos desfechados por um homem completamente ensandecido. Tento não pensar sobre o que acontecerá ao meu lutador.

Começo moendo os grãos e, quando o café está coando, entro on-line para verificar as notícias. Felizmente, ninguém morreu ainda, mas pelo menos vinte pessoas estão no hospital. As equipes de resgate ainda estão no local. E a culpa está sendo atribuída a um tal de Tadeo Zapate, vinte e dois anos, um lutador de MMA promissor, que agora está na cadeia.

Judith liga às seis e meia para saber como está seu filho. Ela está a horas de distância e não sabe de nada a respeito da baderna a que sobrevivemos. Eu pergunto sobre sua colega da faculdade. Está sobrevivendo, mas a situação não é promissora. Judith estará de volta amanhã, domingo, e eu lhe asseguro que o garoto está bem. Tudo está bem.

Com um pouco de sorte, ela nunca ficará sabendo.

A sorte, entretanto, não está do meu lado. Poucos minutos depois de nossa breve conversa, eu acesso o Chronicle on-line. A edição da noite conseguiu publicar a notícia de última hora do que estava acontecendo no velho estádio, e na primeira página vê-se uma foto colorida bastante grande de duas pessoas correndo em direção a uma saída. Uma delas é Partner e ele está segurando um garoto. Starcher parece estar olhando diretamente para o fotógrafo, como se posasse para a foto. Seus nomes não são fornecidos; não houve tempo para perguntar. Mas para os que o conhecem sua identidade é incontestável.

Quanto tempo demorará até uma das amigas de Judith ver a foto e ligar para ela? Quanto tempo até ela abrir seu laptop e ver por si mesma? Enquanto espero, ligo a televisão e vou para SportsCenter. A reportagem é irresistível porque está tudo lá, em vídeo, golpe por golpe. Fico enjoado vendo o vídeo repetidamente, sem parar.

Partner liga do hospital com a notícia de que o árbitro, um sujeito chamado Sean King, ainda está em cirurgia. Não é nenhuma surpresa que Partner não seja a única pessoa xeretando pelos corredores, esperando alguma notícia. Ele ouviu falar em “ferimentos graves na cabeça”, mas não tem nenhum detalhe. Ele já esteve na delegacia, onde um contato confirmou que o sr. Zapate está preso e não pode receber visitas.

Às oito, nosso chefe de polícia trapalhão resolve que o mundo precisa ouvi-lo. Marca uma coletiva de imprensa, um desses pequenos desfiles de músculos onde homens brancos uniformizados alinham-se formando uma grossa parede por trás do chefe e olham para os repórteres com a cara fechada, enquanto agem como se na verdade não quisessem ser vistos. Durante trinta minutos, o chefe conversa, responde a perguntas e não revela nem um único fato que não tenha sido postado on-line duas horas atrás. Ele está obviamente desfrutando o momento, porque nenhuma culpa pode ser atribuída a ele ou aos seus homens. Exatamente quando estou ficando entediado, Judith telefona.

A conversa é previsível — tensa, implicante e acusatória. Ela viu a foto de primeira página de seu filho fugindo da confusão e quer respostas, e agora, droga. Eu lhe asseguro que nosso filho está dormindo profundamente e provavelmente sonhando com um ótimo dia com seu pai. Ela diz que vai pegar o primeiro voo e estará na City no máximo às cinco da tarde, que é o momento

exato em que devo encontrá-la no parque e entregá-lo. Ela entrará com os documentos necessários na primeira hora da manhã de segunda-feira para acabar com todos os direitos de visitação. Vão ser arquivados, eu digo, porque não vai funcionar. Nenhum juiz na cidade vai me excluir totalmente de ver meu filho uma vez por mês. E, quem sabe, talvez o juiz designado seja fã de lutas de MMA. Ela xinga, eu xingo de volta e finalmente saímos do telefone.

Parece que acabamos de começar a brigar.

11

Os jornais de domingo investem furiosamente contra as lutas de MMA, com condenações impulsivas vindas de todos os lados. A internet pega fogo com a notícia. Um vídeo do YouTube do ataque ao árbitro alcança quatro milhões de visualizações antes do meio-dia, e Tadeo instantaneamente se tornou o mais famoso lutador de MMA do mundo, embora nunca mais vá poder lutar. Pouco a pouco, os feridos são liberados dos hospitais e, felizmente, não houve ferimentos graves entre os fãs. Apenas um bando de bêbados desfechando socos e atirando cadeiras. Sean King permanece em coma, em estado grave. Crush está de repouso com o queixo seriamente fraturado e uma concussão.

Ao final da tarde, obtenho permissão de visitar meu cliente em uma das salas de advogados da cadeia. Ele está sentado do outro lado de uma grossa tela de metal quando eu entro e me sento. Seu rosto está cortado e bastante inchado da luta, mas esse é o menor de seus problemas. Ele está tão quieto e subjugado que eu me pergunto se ele teria sido drogado. Conversamos por alguns instantes.

— Quando é que vou poder sair daqui? — pergunta ele.

É melhor você ir se acostumando, tenho vontade de dizer.

— Sua primeira apresentação no tribunal é de manhã. Eu estarei lá. Não vai acontecer muita coisa. Eles vão esperar para ver o que vai acontecer com o árbitro. Se ele morrer, então você vai ficar realmente enrascado. Se ele se recuperar, vão acusá-lo de muitas coisas, mas não será de assassinato. Talvez em uma ou duas semanas possamos voltar ao tribunal e pedir uma fiança razoável. Não posso adivinhar o que o juiz vai fazer. Portanto, para responder a sua pergunta, há uma chance de que você possa sair sob fiança em poucos dias. Há uma chance maior ainda de que você continue preso até o julgamento.

— Quanto tempo isso levará?

— Um julgamento?

— Sim.

— Difícil dizer. Seis meses no mínimo, provavelmente um ano. O julgamento em si não demorará muito porque não haverá muitas testemunhas. Eles simplesmente passarão o vídeo.

Ele abaixa os olhos, como se quisesse chorar. Eu amo esse garoto, mas não há muito que eu possa fazer por ele, nem agora, nem dentro de seis meses.

— Você se lembra do que ocorreu? — pergunto.

Devagar, ele começa a balançar a cabeça.

— Eu simplesmente surtei. Eles trapacearam, era uma vitória clara.

O árbitro me fez lutar da maneira dele, não da minha. O árbitro estava sempre interferindo na luta, sabe, eu simplesmente não podia lutar como eu sei. Quero dizer, eu não queria ferir o árbitro, mas simplesmente surtei. Estava com tanta raiva, tão destruído quando ele levantou a mão daquele cara. Eu acabei com ele, não foi?

— Crush ou o árbitro?

— Vamos, cara. Crush. Eu arrasei, não foi?

— Não, não arrasou. Mas você ganhou a luta. — Eu vi cada segundo da luta e em nenhum momento achei que o árbitro estava atrapalhando.

No que diz respeito a defesas jurídicas, esta não é grande coisa: o árbitro me restringiu, me fez perder a luta, então eu quebrei a cara dele. Foi justificado.

— Eles tiraram a vitória de mim - diz ele.

— O árbitro não é um juiz, Tadeo. Os três árbitros marcaram a pontuação. Você foi atrás do cara errado.

Ele toca nos pontos em sua testa e diz:

— Eu sei, eu sei. Eu errei, Sebastian, mas você precisa fazer alguma coisa, o.k.?

— Você sabe que farei tudo que for possível.

— Eu vou cumprir pena?

Já está cumprindo; acostume-se. Eu já andei analisando os números. Se Sean King morrer, penso em vinte anos por homicídio sem premeditação, talvez quinze por homicídio culposo. Se ele sobreviver, três a cinco por lesão corporal qualificada. Como não estou pronto para compartilhar esses pensamentos, jogo a bola para a frente dizendo:

— Vamos nos preocupar com isso mais tarde.

— Provavelmente, sim, certo?

— Provavelmente.

Há uma lacuna na conversa enquanto ouvimos o ruído de portas metálicas ao fundo. Um carcereiro grita uma obscenidade. Uma lágrima brota do olho esquerdo inchado de Tadeo e rola por sua face machucada.

— Não consigo acreditar, cara. Não consigo acreditar. - Sua voz é baixa e dolorosa.

Se não pode acreditar, pense naquele pobre árbitro e sua família.

— Tenho que ir, Tadeo. Eu o verei pela manhã, no tribunal.

— Tenho que usar isto no tribunal? - pergunta ele, puxando seu macacão cor de laranja.

— Receio que sim. É apenas um primeiro comparecimento em juízo.

12

As nove da manhã de segunda-feira, estou em um tribunal com um bando de outros advogados de defesa e promotores públicos. Em um dos cantos, há um grupo de homens de ar sombrio em macacões cor de laranja, todos algemados juntos e vigiados por agentes de segurança armados. Esses são os novos detentos e essa é a segunda parada deles na linha de montagem judicial. A primeira parada foi a cadeia. Um a um, seus nomes são chamados e, depois de serem libertados das algemas, eles se dirigem a um local diante da bancada, na qual está sentado um |juiz um de vinte em nosso sistema que lida com as questões preliminares. O juiz faz algumas perguntas a eles, a mais importante sendo: "Você tem um advogado? " Bem poucos têm e o juiz, então, os designam a defensoria pública. Um novato manifesta-se subitamente, coloca-se de pé ao lado de seu novo cliente e o instrui a não dizer mais nada. São marcadas as datas de visitas.

Tadeo Zapate, no entanto, tem um advogado. Eles chamam seu nome, e nós nos encontramos diante do juiz. Seu rosto tem um aspecto pior ainda. A maior parte das conversas sussurradas para, quando o público percebe que esse é o sujeito de quem todo mundo está falando, o promissor lutador de MMA que agora é estrela no YouTube.

Você é Tadeo Zapate? — pergunta o juiz com interesse, a primeira vez nesta manhã em que parece atento.

— Sim, senhor.

— E presumo que o sr. Sebastian Rudd seja seu advogado.

— Sim, senhor.

Um promotor público assistente posiciona-se atrás dele.

O juiz continua:

— Você é acusado, neste ponto, de lesão corporal qualificada. Você compreende isso?

— Sim, senhor.

— Sr. Rudd, o senhor explicou ao seu cliente que as acusações podem se tomar mais sérias?

— Sim, senhor, ele está ciente.

— Aliás, qual a última notícia sobre o árbitro? — pergunta ele ao promotor assistente, como se o sujeito fosse o médico responsável pelo tratamento.

— Pelo que soube da última vez, a condição do sr. King ainda é grave.

— Muito bem - diz o Meritíssimo. - Vamos nos encontrar aqui novamente

em uma semana e ver como as coisas estão. Até lá, sr. Rudd, não discutiremos a questão de fiança.

— Claro, Meritíssimo — digo.

Somos dispensados. Conforme Tadeo se afasta, eu sussurro:

— Vejo você amanhã na cadeia.

— Obrigado - diz ele, em seguida olha para os espectadores e faz um sinal com a cabeça para sua mãe, sentada com um bando inteiro de parentes chorosos. Ela emigrou de El Salvador há vinte e cinco anos, possui seu green card, trabalha até tarde em um restaurante popular e cria uma multidão de filhos, netos e diversos outros parentes. Tadeo e suas habilidades na gaiola eram seu bilhete para uma vida melhor. Miguel segura a mão dela e sussurra em espanhol. Ele já foi triturado pelo nosso sistema judiciário algumas vezes e sabe bem como são as coisas.

Falo com eles rapidamente, asseguro-lhes de que estou fazendo tudo que é possível ser feito, em seguida saio com eles do tribunal e entro em um saguão onde alguns repórteres aguardam, dois com câmeras. É para isso que eu vivo.

13

Uma manhã muito atarefada. Enquanto estou no tribunal com Tadeo, Judith faz exatamente o que prometeu e entra com um pedido maldoso para acabar com todos os meus direitos de visitação, até mesmo as três horas que tenho na noite de Natal e as duas horas no aniversário de meu filho. Ela alega que sou um pai inapto, um perigo para a segurança física do menino e uma "terrível influência" na vida da criança. Ela exige uma audiência expressa. Quanto drama. Como se a criança estivesse em perigo.

Harry & Harry preparam uma resposta igualmente maldosa e eu dou entrada nos papéis na segunda à tarde. Mais uma vez, nos enfrentamos em sua permanente cruzada para me dar lições valiosas. Nenhum juiz acolherá suas exigências e ela sabe disso. Mas ela está fazendo isso porque está com raiva e acha que, se me fizer passar pelo desgastante processo de uma batalha judicial mais uma vez, finalmente acabarei me rendendo e sairei da vida deles. Estou quase ansiando pela audiência.

Primeiro, entretanto, temos outro problema. Na quarta-feira, ela liga para o meu celular por volta do meio-dia e anuncia rispidamente:

— Temos uma reunião na escola hoje à tarde.

Ah, é mesmo? Essa é talvez a segunda vez que me pede para aparecer na escola e agir como um pai. Até agora, Judith tem conseguido me manter longe dos assuntos de nosso filho.

— O.k., o que houve?

— Starcher está encrencado. Ele brigou no colégio, deu um soco em outro garoto.

Fico inundado de orgulho paterno e quase dou uma risada. Mas mordo a língua e digo:

— Ah, nossa, o que aconteceu?

Tenho vontade de acrescentar perguntas como: "Ele venceu? ", "Quantas vezes ele socou o garoto? ", e "O outro garoto era da terceira série? ", mas consigo controlar minha empolgação.

— A reunião é sobre isso. Encontro-me com você no gabinete da diretora às quatro.

— Quatro, hoje?

— Sim - diz ela, com arrogância e firmeza.

— O.k.

Terei que transferir um comparecimento em juízo, mas isso não é problema.

Eu não perderia essa reunião por nada neste mundo. Meu filho — um garotinho amável que nunca teve a oportunidade de ser durão — deu um soco em alguém!

Não consigo parar de sorrir durante todo o trajeto para a escola. A diretora tem um gabinete grande com várias cadeiras ao redor de uma mesinha de centro. Encontramo-nos lá, muito descontraidamente. O nome dela é Doris - uma veterana experiente e estressada, de pelo menos quarenta anos na educação pública. Mas ela possui um sorriso amável e uma voz reconfortante. Quem sabe por quantas reuniões como essa ela já passou? Judith e Ava já estão lá quando eu chego. Cumprimento-as com um sinal de cabeça, sem falar. Judith está usando um vestido de grife e está maravilhosa. Ava, a ex-modelo de lingerie, está usando calça de couro muito justa e uma blusa também colada ao corpo. Ela pode ter o cérebro de um rato do deserto, mas ainda tem um corpo digno de capas de revista. As duas mulheres estão fabulosas e é óbvio, ao menos para mim, que passaram algum tempo se arrumando para a ocasião. Mas por quê?

Então, a srta. Tarrant chega e as coisas ficam mais claras. Ela é a professora de Starcher, uma beldade de trinta e três anos que se divorciou recentemente e, segundo uma fonte, já está nas paradas de novo. Seus cabelos são louros e curtos, com um corte moderno, e possui grandes olhos castanhos que forçam qualquer um que a encontre a olhar para eles ao menos uma segunda vez. Judith e Ava já não são as garotas mais atraentes na sala. Na verdade, elas estão ficando passadas. Eu me levanto e me desdobro em gentilezas para com a srta. Tarrant, que parece apreciar a atenção. Judith imediatamente entra no modo megera — já está quase sempre lá, por natureza —, mas os olhos de Ava demoram-se um pouco na professora. Os meus estão simplesmente vidrados nela.

Doris nos informa o básico: Na hora do recreio ontem à tarde, alguns garotos da segunda série jogavam bola no pátio. Houve uma discussão, umas palavras ásperas, então um garoto chamado Brad empurrou Starcher, que revidou com um soco na boca de Brad. Isso causou um pequeno corte, portanto, sangue, portanto, é um incidente grave. Como era de esperar, os garotos se fecharam quando os professores chegaram e não disseram muita coisa.

Eu logo digo sem pensar:

— Isso me parece bastante inofensivo. Apenas garotos sendo garotos.

Nenhuma das quatro mulheres concorda, não que eu esperasse que o fizessem. A srta. Tarrant diz:

— Um dos garotos me disse que Brad estava zombando de Starcher porque sua foto estava no jornal.

— Quem deu o primeiro soco? — pergunto, quase rispidamente.

Elas se contorcem e não gostam da pergunta.

— Isso realmente importa? — dispara Judith de volta.

— Pode ter certeza que sim.

Pressentindo problemas, Doris apressa-se a interferir:

— Temos regras rígidas contra brigas, sr. Rudd, independentemente de quem começa a altercação. Ensinamos nossos alunos a não entrarem nesse tipo de atividade.

— Eu entendo, mas não pode esperar que um garoto seja vítima de bullying sem se defender.

Bullying é um assunto quente. Com meu garoto agora a vítima, elas não sabem como reagir. A srta. Tarrant diz:

— Bem, eu não tenho certeza se ele estava sofrendo bullying.

— Esse Brad é um encrenqueiro? - pergunto à professora.

— Não, certamente não. Eu tenho um excelente grupo de garotos este ano.

— Claro que sim. Inclusive o meu. São crianças pequenas, certo? Não podem se machucar. Assim, eles se empurram no pátio na hora do recreio. Afinal, são garotos, droga! Deixe-os serem garotos. Não aplique uma punição toda vez que eles discordarem.

— Estamos lhes dando lições, sr. Rudd — diz Doris virtuosamente.

Judith range os dentes.

— Você conversou com ele sobre luta?

— Sim, conversei. Disse a ele que brigar é errado, nunca comece uma briga, mas se por acaso outra pessoa começar, então, sem dúvida ele deve se proteger. E o que, exatamente, há de errado nisso?

Nenhuma das quatro se atreve a responder a isso, então eu continuo, sem dar trégua.

— É melhor ensinar a ele a se defender agora ou sofrerá bullying pelo resto de sua vida. São crianças. Eles vão brigar. Vão ganhar algumas, perder outras, mas vão superar isso. Acreditem-me, quando um garoto cresce e leva uns socos de vez em quando, ele perde o entusiasmo por brigas.

Pela segunda vez, eu pego Ava olhando para as pernas da srta. Tarrant. Eu também estou olhando, não consigo evitar. Elas merecem toda atenção. Doris observa esses rituais de acasalamento. Já viu tudo isso antes.

— Os pais de Brad estão muito aborrecidos — diz ela.

— Então, terei prazer em conversar com eles, pedir desculpas e fazer Starcher pedir desculpas também. Que tal isso? — apresso-me a sugerir.

— Eu resolvo isso - retruca Judith.

— Então, por que me convidou para esta reunião? Vou lhe dizer por quê. Quer se certificar de que toda a culpa seja jogada aos meus pés. Há cinco dias, eu levei o garoto às lutas de MMA e agora ele está brigando no pátio da escola. Prova evidente de que a culpa é toda minha. Você venceu. Queria algumas

testemunhas. Então, aqui estamos. Sente-se melhor agora?

Isso, é claro, tirou todo o ar da sala. Os olhos de Judith brilham de ódio e eu quase posso ver vapor saindo de seus ouvidos. Doris, a relações públicas, interrompe apressadamente:

— O.k., o.k. Gosto da ideia de um de vocês ter uma conversa com os pais de Brad.

— Um de nós dois ou um de nós três? — pergunto. Que espertinho. — Desculpe, mas é que começa a ficar lotado demais.

Ava lança faíscas em minha direção. Olho para as pernas da professora. Que reunião ridícula.

Doris demonstra firmeza olhando para mim e dizendo:

— Acho que o senhor deve fazer isso. Tem razão, é uma coisa de garotos. Ligue para os pais de Brad e peça desculpas.

— Feito.

— Qual a punição para Starcher? - pergunta Ava, porque Judith está sem fala no momento.

Doris pergunta:

— O que acha, srta. Tarrant?

— Bem, tem que haver uma punição.

Eu torno as coisas piores dizendo:

— Não me digam que vão expulsar o garoto.

A sra. Tarrant diz:

— Não, ele e Brad são amigos e acho que já deixaram essa história para trás. Que tal uma semana sem recreio?

— Mas ainda assim ele pode almoçar? - pergunto, tentando emperrar as rodas da justiça. Sou um advogado, é instintivo.

Ela sorri, mas ignora minha pergunta. Costuramos o acordo e eu sou o primeiro a sair. Quando saio do estacionamento, percebo que estou sorrindo. Starcher se manteve firme!

Mais tarde naquela noite, mando um e-mail para a srta. Tarrant - seu nome é Naomi - agradecendo a ela pelo excelente trabalho. Dez minutos depois, ela responde ao meu e-mail agradecendo. Eu contra-ataco na mesma hora e a convido para jantar. Vinte minutos mais tarde ela me responde dizendo que não é uma boa ideia sair com pais dos alunos. Em outras palavras, agora não, talvez no futuro.

E quarta-feira e chove. Já jogamos Dirty Golf muitas vezes com mau tempo, mas esta noite Alan disse não; nada mais de sulcos nos fairways. Old Rico ficará fechado esta noite. Estou completamente acordado, entediado, preocupado com Tadeo e Doug Renfro, e também bastante agitado com as débeis perspectivas de

caçar a srta. Tarrant. O sono me escapa, mais uma vez, então pego o guarda-chuva e dirijo-me ao The Rack. A meia-noite, estou perdendo dez dólares por jogo em bola 9 para um garoto que não parece ter mais do que quinze anos. Perguntei a ele se ele frequenta a escola, ao que ele respondeu:

— De vez em quando.

Curly nos observa e em determinado ponto sussurra para mim:

— Nunca o vi antes. Incrível.

Felizmente, Curly fecha o local à uma da manhã. O garoto me levou noventa dólares.

Vou evitá-lo na próxima vez. Às duas horas, consigo fechar os olhos e adormecer.

14

Partner me chama às quatro. Sean King morreu de hemorragia cerebral. Faço café e o tomo no escuro, fitando a City lá embaixo, imóvel e silenciosa a essa hora. É lua cheia e sua luminosidade se reflete nos prédios altos do centro da cidade.

Que tragédia. Tadeo Zapate agora passará pelo menos a próxima década atrás das grades. Ele tem vinte e dois anos, de modo que será velho demais para lutar quando sair. Velho demais para muitas coisas. Penso no dinheiro, mas apenas por um instante. Investi trinta mil dólares no garoto pela quarta parte de seus ganhos na carreira, o que até a data totaliza oitenta mil dólares. Além disso, ganhei mais vinte mil apostando nele. De modo que estou com certa vantagem no que tange a dinheiro. Tento não pensar em seus ganhos futuros, que seriam substanciais. Tudo isso parece sem importância agora.

Em vez disso, penso em sua família, a vida dura que levam e a esperança que ele lhes dava. Ele era a passagem deles para fora da vida nas ruas e da violência, para a classe média e além. Agora, afundarão ainda mais na pobreza enquanto ele apodrece na prisão.

Não há defesa, nenhuma estratégia legal verossímil para salvá-lo. Já vi o vídeo umas cem vezes. A última enxurrada de socos no rosto de Sean King foi recebida quando ele já estava inconsciente. Não será difícil encontrar um especialista que dirá que foram aqueles socos que provocaram os danos fatais. Mas não será necessário um especialista. Esse caso nem vai a julgamento. Farei um bom serviço para o meu cliente se puder, de alguma forma, pressionar o Estado a nos fazer uma boa oferta. Só espero que sejam dez anos e não trinta, mas algo me diz que estou sonhando. Nenhum promotor neste país perderia a oportunidade de condenar um assassino de tal notoriedade.

Forço-me a pensar em Sean King, mas eu não o Conheci. Tenho certeza de que a família dele está devastada e tudo o mais, porém meus pensamentos retornam a Tadeo.

As seis, tomo uma ducha, visto-me e me dirijo a cadeia. Tenho que dizer a Tadeo que sua vida, como ele a conhecia, acabou.

15

Na segunda-feira seguinte, Tadeo Zapate e eu nos apresentamos em juízo outra vez, embora o estado de espírito seja totalmente diferente. Agora, ele é acusado de homicídio e, graças à internet, é famoso. Parece que poucas pessoas resistem à tentação de vê-lo matar Sean King com as mãos.

Como esperado, o juiz nega fiança e eles levam Tadeo. Tive duas breves conversas com o promotor e ao que parece eles vão querer sangue. Homicídio qualificado tem pena máxima de trinta anos. Com uma contestação, poderão concordar em vinte. Sob nosso fracassado sistema de condicional, ele cumprirá pena de ao menos dez anos. Eu ainda vou ter que explicar isso ao meu cliente. Ele ainda está em negação, ainda naquela névoa na qual está arrependido pelo que aconteceu, não consegue explicar. Mas ainda acredita que um bom advogado pode mexer alguns pauzinhos e tirá-lo da prisão.

É um dia triste, m as não um desperdício completo. No saguão espaçoso e aberto fora da sala do tribunal, há uma multidão de repórteres à minha espera. Ainda mão há ordem de mordaça, de modo que sou livre para dizer todas as coisas ridículas que os advogados dizem muito antes dos julgamentos. Meu cliente é uma boa pessoa que surtou quando sofreu um tratamento injusto. Agora ele está arrasado com o que aconteceu. E chora de arrependimento pela família de Sean King. Ele daria qualquer coisa para ter aqueles poucos e preciosos segundos de volta. Montaremos uma defesa vigorosa. Sim, claro, ele espera lutar outra vez. Ele ajudava sua pobre mãe a sustentar sua família e uma casa cheia de parentes.

E assim por diante..

16

Com Harry & Harry tratando da papelada e com o juiz Samson dando bronca nos advogados da City sempre que se aproximam de seu tribunal, a ação cível caminhou com uma rapidez incomum.

Estamos numa corrida, uma que não venceremos. Eu adoraria testar o caso civil de Doug Renfro em uma sala de tribunal lotada antes que o caso criminal fosse a julgamento. O problema é que temos uma norma para julgamentos rápidos em processos penais, mas não em ações cíveis. Em teoria, um caso criminal deve ser levado a julgamento ou resolvido de outra forma dentro de cento e vinte dias da acusação, embora isso normalmente seja dispensado pelo advogado do réu porque é necessário mais tempo para preparar. Não existe tal regra em casos civis, que muitas vezes se arrastam durante anos. No meu cenário perfeito, tentaríamos o caso civil primeiro, obteríamos um enorme veredicto que seria manchete de primeira página e, mais importante, influenciaria jurados em potencial no caso criminal. A imprensa não se cansa de noticiar o fiasco Renfro e eu adoraria a oportunidade de interrogar os tiras no banco das testemunhas em benefício de toda a cidade. Se a ação penal ocorrer primeiro, e se Doug Renfro for condenado, a ação cível será muito mais difícil de ser vencida. Como testemunha, ele será impedido por causa de sua condenação.

O juiz Samson entende isso e tenta ajudar. Menos de três meses depois da malograda incursão da SWAT, ele ordena que os oito tiras compareçam em seu gabinete para uma tomada de depoimento por mim. Nenhum juiz, federal ou não, jamais consideraria a possibilidade de passar por um único depoimento — isso estaria muito abaixo de sua dignidade. Mas para definir o clima e dar o recado aos tiras e seus advogados de que eles são altamente suspeitos em sua visão, o juiz Samson ordena que os depoimentos sejam tomados em seu território, com seu assistente e seu assessor na sala.

É uma maratona brutal que coloca minha resistência à prova. Começo com o tenente Chip Sumerall, o líder da equipe da SWAT. Eu extraio seu testemunho em relação à sua experiência, treinamento e participação em outras invasões de domicílio. Procuro ser deliberadamente maçante, tedioso, mostrando um semblante impassível. Trata-se apenas de um depoimento, cuja finalidade é estabelecer o testemunho sob juramento. Usando mapas, fotos e vídeos, repassamos o caso Renfro durante horas.

São necessários seis dias inteiros para obter o depoimento dos oito policiais. Mas agora estão nos autos e eles não podem mudar suas histórias nem no

julgamento criminal, nem no civil.

17

Só compareço à vara de família quando sou arrastado para lá para prestar conta dos meus pecados. Eu não aceitaria um caso de divórcio ou adoção nem sob a mira de um revólver. Judith, entretanto, ganha a vida na guerra suja dos julgamentos de divórcio e esse é o seu território. O juiz hoje é Stanley Leef, um velho e rabugento veterano que já perdeu o interesse há muitos anos. Judith representa a si mesma, como eu. Para a ocasião, ela arrastou Ava, que permanece sentada como única espectadora, em uma saia tão curta que se podem ver seu nome e endereço. Surpreendo o juiz Leef observando-a, desfrutando a vista.

Como nós dois somos advogados e representamos a nós mesmos, o juiz Leef dispensa as formalidades e permite que nos sentemos para uma conversa, como se estivéssemos em arbitragem. Mas estamos nos autos e uma estenógrafa está registrando tudo.

Judith fala primeiro, declara os fatos e faz parecer que sou o pior pai da história porque levei meu filho a uma luta de MMA. Então, quatro dias depois, Starcher brigou na escola. Prova evidente de que eu o transformei num monstro.

O juiz Leef franze a testa como se isso fosse simplesmente terrível.

Com toda a dramaticidade que consegue reunir, Judith proclama que todos os direitos de visitação deveriam ser eliminados para que o garoto nunca mais fique sujeito à minha influência. O juiz Leef me lança um rápido olhar que diz: “Ela está maluca? ”

No entanto, não estamos ali para que se faça justiça, estamos ali para um espetáculo. Judith é uma mãe furiosa e mais uma vez ela me arrastou para o tribunal. Meu castigo não é a perda de direitos de visita; em vez disso, é apenas a inconveniência de ter que lidar com ela. Ela não vai se deixar intimidar! Vai proteger seu filho a qualquer custo!

Do meu assento, eu conto o meu lado da história sem uma única palavra de floreio.

Ela apresenta um exemplar do jornal, com “seu filho” na primeira página. Que humilhação! Ele podia ter se ferido gravemente. O juiz Leef está quase dormindo.

Ela apresenta uma especialista, uma psicóloga infantil. A dra. Salabar, tinha que ser uma mulher, informa ao tribunal que entrevistou Starcher, passou uma hora inteira com ele, conversou sobre as lutas de MMA e a “briga” no pátio da escola, e agora é de opinião que a carnificina que ele testemunhou quando estava sob minha supervisão teve um efeito nocivo sobre ele e o encorajou a iniciar

uma briga própria. Judith consegue esticar esse testemunho até que o juiz Leef praticamente entra em coma.

Na minha vez de interrogar a testemunha, eu pergunto:

— Você é casada?

— Sim.

— Tem um filho ou filhos?

— Dois garotos, sim.

— Você alguma vez levou algum deles a lutas de boxe, luta livre ou lutas de MMA?

— Não.

— Algum dos filhos algum dia se meteu em uma briga com outro garoto?

— Bem, tenho certeza que sim, mas realmente não sei dizer.

O fato de a psicóloga não responder à pergunta fala por si mesmo. O juiz Leef sacode a cabeça.

— Seus garotos alguma vez já brigaram um com o outro?

— Não me lembro.

— Não se lembra? Você era uma mãe amorosa que dava aos seus filhos toda a atenção possível?

— Gostaria de pensar que sim.

— Então, você sempre estava lá por eles?

— O máximo possível, sim.

— E não consegue se lembrar de uma única vez em que um deles entrou numa briga?

— Bem, não, não no momento.

— E em outro momento? Deixe pra lá. Nada mais a acrescentar.

Lanço um rápido olhar ao juiz e ele está frustrado. Mas as coisas se animam consideravelmente quando a testemunha seguinte sobe à tribuna de testemunhas. É Naomi Tarrant, a professora de Starcher, e ela está usando um vestido justo e sapatos de salto agulha. Quando ela jura dizer a verdade, o velho juiz Leef está bem acordado. Eu também.

Professores de colégio detestam ser arrastados para batalhas de custódia e visitação. Naomi não é nenhuma exceção, embora ela saiba lidar com essa situação. Já temos trocado e-mails há um mês. Ela ainda não aceita meu convite para jantar, mas estou progredindo. Ela diz em seu depoimento que Starcher nunca mostrou nenhuma tendência violenta até a alguns dias depois de sua primeira ida às lutas de MMA. Ela descreve o incidente no pátio de recreio sem se referir a ele como uma luta ou uma briga. Apenas dois garotos que tiveram um desentendimento.

Judith a convoca como testemunha não para ajudar em sua busca pela

verdade, mas para mostrar a Naomi, bem como a todos os demais, que ela tem o poder de arrastá-los ao tribunal e importuná-los.

No contrainterrogatório, consigo fazer Naomi admitir que, mais cedo ou mais tarde, quase todo garoto normal que já teve como aluno se envolveu em algum tipo de rixa no pátio do colégio. Ela sobe e desce do banco das testemunhas em quinze minutos, e quando o juiz Leef a dispensa, ele parece um pouco decepcionado.

Para encerrar, Judith repete o que ela já disse e faz um pedido estridente para que todos os direitos de visitação sejam suspensos.

O juiz a interrompe imediatamente dizendo:

— Mas o pai só tem trinta e seis horas por mês. Isso não é muito.

— Obrigado — digo.

— É o suficiente - Judith me repreende.

— Desculpe.

O juiz olha para mim e pergunta:

— Sr. Rudd, o senhor concorda em manter a criança longe das lutas de MMA, bem como de lutas de boxe e combates de mestling?

— Sim, prometo.

— E também concorda em ensinar à criança que a luta é uma maneira ruim de resolver disputas?

— Sim, prometo.

Ele olha furiosamente para Judith e diz:

— Sua petição está negada. Mais alguma coisa?

Judith hesita por um segundo, depois diz:

— Bem, vou ter que recorrer.

— A senhora tem esse direito — diz ele enquanto bate o martelo. -Esta audiência está encerrada.

18

O julgamento da ação penal de Doug Renfro começa na segunda-feira de manhã, e a sala do tribunal está lotada de jurados em potencial. Enquanto eles são registrados e conduzidos a seus assentos pelos atendentes do tribunal, os advogados se reúnem no gabinete do juiz Ryan Ponder, um veterano de dez anos de experiência em nossas comarcas e um de nossos melhores juízes presidentes. Como sempre acontece no primeiro dia de um julgamento importante, a atmosfera é tensa; todos estão com os nervos a flor da pele. Os advogados parecem não ter dormido o fim de semana inteiro.

Nós nos sentamos em volta de uma mesa grande e repassamos algumas questões preliminares. Quando estamos encerrando, o juiz Ponder olha para mim e diz:

— Quero deixar isso bem claro, sr. Rudd. O Estado está oferecendo um acordo pelo qual seu cliente se declara culpado de um delito menor, uma transgressão que fugiu de controle, e não cumpre pena. Ele sai daqui livre. Em troca, concorda em retirar o processo civil contra a City e todos os demais réus. Correto?

— Correto, senhor.

— E ele está dizendo não a esse acordo?

— Correto.

— Coloquem isso nos autos.

Doug Renfro é trazido de uma sala de testemunhas e conduzido ao gabinete do juiz. Ele está usando um terno de lã escuro, camisa branca, gravata escura, e está mais bem vestido do que qualquer outra pessoa na sala, com a possível exceção de mim mesmo. Ele permanece de pé, empertigado e altaneiro, um velho soldado ansioso para entrarem ação. Passaram-se dez meses desde que sua casa foi invadida pela polícia e, embora ele tenha envelhecido consideravelmente, suas feridas sararam e ele age com confiança.

O juiz Ponder o faz prestar juramento. Em seguida, diz:

—Bem, sr. Renfro, o Estado está lhe oferecendo um acordo, um acordo judicial. Está por escrito. O senhor o leu e discutiu com seu advogado?

— Sim, senhor.

— E compreende que se aceitar esse acordo o senhor evitará este julgamento, sairá daqui como um homem livre e nunca mais terá que se preocupar em ir para a prisão?

— Sim, compreendo. Mas não vou me declarar culpado de nada. A polícia

invadiu minha casa e matou minha mulher. Não serão incriminados e isso é errado. Vou correr o risco com o júri. - Ele olha fixamente para o promotor, um olhar enojado, e volta-se outra vez para o juiz Ponder.

O promotor, um veterano chamado Chuck Finney, esconde o rosto por trás de alguns documentos. Finney não é um mau sujeito e não gostaria de estar sentado onde está agora. Seu problema é simples e óbvio - um tira entusiasta se feriu em um ataque malfeito e equivocado, e a lei, em branco e preto, diz que o sujeito que atirou nele é culpado. É uma lei ruim escrita por pessoas ignorantes, e agora Finney é obrigado a aplicá-la. Ele não pode simplesmente retirar as acusações. O sindicato da polícia está nos seus calcanhares.

Agora, uma palavra sobre Max Mancini. Max é o procurador-chefe da City, indicado pelo prefeito e aprovado pela Câmara Municipal. Ele é espalhafatoso, extravagante, ambicioso, um homem determinado que pretende chegar a algum lugar, embora não se saiba exatamente qual. Adora as câmeras tanto quanto eu, e é capaz de derrubar qualquer um que esteja no caminho para ficar em frente a uma delas. É habilidoso no tribunal e se vangloria de uma taxa de condenação de noventa e nove por cento, a mesma de qualquer outro promotor de justiça nos Estados Unidos. Como ele é o chefe, consegue manipular os números, de modo que tem prova concreta de que seus noventa e nove por cento são legítimos.

Normalmente, em um caso de grande repercussão como o de Doug Renfro, com cobertura de primeira página garantida e tomadas ao vivo de manhã, à tarde e à noite, Max estaria vestindo seus melhores trajes e se apropriando dos holofotes. No entanto, este caso é perigoso e Max sabe disso. Todo mundo sabe disso. Os policiais erraram. Os Renfro são vítimas. Um veredicto de culpado parece improvável e se há uma coisa que Max Mancini não pode arriscar é o veredicto errado.

Assim sendo, ele está se escondendo. Nem sinal de nosso procurador-chefe. Tenho certeza de que ele está espreitando de algum lugar nas sombras, babando de admiração pelas câmeras e se mortificando por dentro, mas Max não se deixará ver durante este julgamento. Em vez disso, ele o jogou em cima de Chuck Finney.

19

São necessários três dias para escolher o júri e é evidente que todos os doze jurados conhecem bem o caso. Eu me debati com a estratégia de solicitar uma mudança de foro, mas resolvi abandonar a ideia. Há algumas razões para isso, uma legítima e a outra puramente baseada em ego. A primeira é que muitas pessoas nesta cidade estão fartas dos policiais e de suas táticas brutais. A segunda é que há repórteres e câmeras por toda parte, e este é o meu território. Entretanto, acima de tudo, meu cliente prefere ser julgado por um júri de seus concidadãos.

Em um tribunal lotado, o juiz Ponder diz:

— Senhoras e senhores do júri, vamos começar este julgamento com as declarações iniciais. Primeiro, o procurador do Estado, sr. Finney, em seguida a defesa, sr. Rudd. Eu os advirto de que nada do que estão prestes a ouvir constitui realmente evidências. As provas vêm de uma única fonte, que é o banco de testemunhas. Sr. Finney.

O promotor se levanta solenemente de seu lugar à mesa, uma mesa repleta de promotores adjuntos e assistentes inúteis. É uma demonstração de força jurídica, uma tentativa de impressionar o júri com a gravidade do caso contra o sr. Renfro. Eu tenho uma estratégia diferente. Doug e eu nos sentamos sozinhos, somente nós dois. Dois sujeitos simples enfrentando os infindáveis recursos do governo. A mesa da defensoria parece quase deserta quando comparada ao exército do outro lado do corredor entre as fileiras de assentos. Eu vivo para essa imagem de Davi versus Golias.

Chuck Finney é terrivelmente maçante e ele começa com um sério comentário:

— Senhoras e senhores, este é um caso trágico.

Não diga, Chuck. Isso é o melhor que você consegue fazer?

Finney pode não estar empenhado neste caso, mas não está disposto a sucumbir. Há muita gente observando, há muita coisa em risco. Agora que a campainha do início dos trabalhos soou, o jogo começou. E o jogo não tem a ver com justiça. Daqui em diante, tudo tem a ver com vencer. Ele faz um bom trabalho ao descrever os perigos do trabalho policial, especialmente nesta época de armas de assalto, criminosos sofisticados, gangues de drogas e terroristas. Os policiais de hoje geralmente são alvos, vítimas de bandidos extremamente violentos que não têm nenhum respeito por autoridade. Há uma guerra lá fora, uma guerra contra as drogas, uma guerra contra o terrorismo, uma guerra contra

praticamente tudo, e nossos corajosos agentes policiais têm todo direito de se armarem até os dentes. É por isso que os brilhantes representantes do povo que elegemos para fazer nossas leis decidiram há seis anos transformar em crime para uma pessoa, sim, até mesmo o proprietário de uma casa, atirar em nossa polícia quando estão simplesmente fazendo seu trabalho.É por isso que Doug Renfro é culpado perante a lei. Ele atirou contra a nossa polícia e feriu o policial Scott Keestler, um veterano que só estava fazendo o seu trabalho.

Finney está tocando nos pontos certos e marcando alguns pontos. Dois jurados olham para o meu cliente com desaprovação. Afinal, ele realmente atirou contra um policial. Mas Finney é cauteloso. Os fatos não são favoráveis a ele, independentemente do que a lei estabeleça. Ele é conciso, objetivo, e senta-se depois de apenas dez minutos. Um recorde para um promotor.

O juiz Ponder diz:

— Sr. Rudd, pela defesa.

Como um advogado de defesa criminal, eu raramente tenho os fatos a meu favor. Mas, quando tenho, acho impossível ser sutil. Atinja-os com força e rapidez, e veja-os espernear. Acreditei desde o primeiro dia que posso vencer este caso com a declaração de abertura. Atiro meu bloco de notas no pódio e olho para os jurados. Diretamente nos olhos de cada um deles e começo.

— Primeiro, eles mataram seu cachorro Spike, um labrador amarelo de doze anos que estava dormindo pesadamente em sua cama na cozinha. O que Spike fez para merecer ser abatido a tiros? Nada, ele só estava no lugar certo na hora errada. Por que matariam Spike? Eles vão tentar responder a essa pergunta com uma de suas mentiras de praxe. Eles lhe dirão que Spike os ameaçou, o mesmo que dizem em relação a todo cachorro que matam quando invadem casas particulares no meio da noite. Nos últimos cinco anos, senhoras e senhores, nossos valentes rapazes da SWAT mataram pelo menos trinta cachorros inocentes nesta cidade, de velhos vira latas a filhotinhos, todos os quais só estivam cuidando da própria vida.

Atrás de mim, Chuck Finney se levanta e diz:

— Objeção, Meritíssimo. Relevância. Não sei por que as outras manobras da SWAT são relevantes para este caso.

Volto-me para o juiz e antes que ele possa decidir, eu digo:

— Ah, é relevante, sim, Meritíssimo. Vamos permitir ao júri ouvir exatamente como esses ataques são feitos. Provaremos que esses policiais têm sempre o dedo no gatilho e estão sempre prontos a atirar em qualquer coisa que se mova.

O juiz Ponder ergue a mão e diz:

— Basta, sr. Rudd. A objeção está indeferida. É apenas uma declaração de

abertura e não evidência.

É verdade, mas os jurados já me ouviram. Volto-me novamente para eles e digo:

— Spike não teve nenhuma chance. A equipe da SWAT arrombou a porta da frente e dos fundos ao mesmo tempo e oito policiais da tropa de choque fortemente armados invadiram a casa dos Renfro. Quando Spike conseguiu ficar em pé e latir, já estava morto. Explodiu com três balas de uma pistola semiautomática, o mesmo tipo usado pelos Rangers do exército americano. E a matança só tinha começado.

Eu paro e olho para os jurados, alguns dos quais estão mais transtornados com o que aconteceu ao cachorro do que com qualquer outra coisa que tenha acontecido naquela noite.

— Oito policiais, oito membros da equipe da SWAT, todos equipados com mais armas e apetrechos do que qualquer soldado americano que lutou no Vietnã ou na Segunda Guerra Mundial. Coletes a prova de balas, visores noturnos, armas altamente sofisticadas, até mesmo pintura preta para o rosto para acrescentar um pouco de drama. Mas por quê? Por que eles estavam lá? — Estou andando agora, de um lado para outro, em frente à tribuna do júri. Encaro os espectadores, a sala está lotada, e vejo o chefe de polícia na primeira fila, lançando-me um olhar de ódio. Sua rotina habitual em qualquer caso envolvendo a polícia é alinhar cerca de duas dúzias de policiais uniformizados nas primeiras fileiras, onde permanecem sentados de braços cruzados, olhando feio para os jurados. O juiz Ponder, entretanto, não aceita nada disso. Eu entrei com uma petição para manter os policiais uniformizados fora do tribunal e ele concordou. Os oito rapazes da SWAT estão mantidos em salas de testemunhas e estão perdendo a diversão.

— Essa tragédia começou com o rapaz da casa vizinha, um garoto problemático chamado Lance, um desocupado de dezenove anos. Lance estava legalmente desempregado, mas não inteiramente improdutivo. Ele ganhava um bom dinheiro vendendo drogas ilegais, especialmente Ecstasy. Ele era muito esperto para trabalhar nas ruas, assim Lance usava a internet. Mas não a internet que conhecemos. Lance vivia no mundo sombrio e proibido da Dark Web, um lugar onde Google e Yahoo e outros grandes mecanismos de busca não vão. Lance estava comprando e vendendo drogas na Dark Web havia dois anos quando percebeu que os Renfro possuíam um roteador wifi sem segurança. Para um garoto esperto como Lance foi fácil hackear. Durante um ano, Lance comprou e vendeu Ecstasy usando o sistema wifi dos Renfro e, naturalmente, eles não faziam a menor ideia. Este caso, entretanto, não é a respeito de tráfico de drogas, portanto não se enganem. É sobre um erro estúpido e gigantesco de

nosso departamento de polícia. Os investigadores estaduais estavam dando uma batida em traficantes de drogas on-line e se depararam com o endereço de IP dos Renfro. Sem nenhuma outra prova e nenhuma investigação verdadeira, lançaram um ataque surpresa. Obtiveram dois mandados: um mandado de prisão para Doug Renfro e um mandado de busca para a sua casa.

Nesse ponto, faço uma pausa e tomo um gole de água. Nunca senti tanta quietude em um tribunal. Todos os olhos estão concentrados em mim. Todos os ouvidos atentos. Eu me volto novamente para a tribuna dos jurados e me apoio no pódio, como se estivesse mantendo uma conversa amistosa com meu avô.

— Agora, de volta aos velhos tempos, e nem faz tanto tempo assim, quando o trabalho da polícia era feito por policiais que conheciam seu ofício e sabiam lidar com criminosos, quando a polícia sabia que era polícia e não SEALs da Marinha, quando, senhoras e senhores, um mandado de prisão seria cumprido por dois policiais que iriam de carro à casa do sr. Renfro, em uma hora razoável, tocariam a campainha, entrariam em sua casa e lhe dariam voz de prisão. Eles o algemariam e o levariam, e o fariam com muito profissionalismo. Outra dupla de policiais apareceria com o mandado de busca e levaria o computador do sr. Renfro. Em duas horas, a polícia perceberia seu erro. Pediriam mil desculpas ao sr. Renfro e o levariam de volta para casa. Então, solucionariam o crime. Comparem essa época com a época de hoje. Hoje, ao menos nesta cidade com as atuais lideranças, a polícia lança ataques surpresa a cidadãos cumpridores da lei, acima de qualquer suspeita, no meio da noite. E atiram neles, e em seus cachorros, e quando percebem que estão na casa errada, mentem e encobrem o erro. — Mais uma longa pausa quando passo para trás do pódio, passo os olhos por algumas anotações de que eu não preciso e volto a olhar para os jurados. Se algum deles está respirando, não dá para notar. — Senhoras e senhores, temos uma lei errada neste estado que diz que o dono de uma casa, alguém como Doug Renfro, que atira em um agente da lei, mesmo que o policial esteja na casa errada, é automaticamente culpado. Então, para que serve este julgamento? Por que alguém simplesmente não lê o estatuto e diz ao sr. Renfro para ir para a prisão pelos próximos quarenta anos? Bem, porque não existe tal coisa como culpa automática. É para isso que temos jurados e seu trabalho será decidir se Doug Renfro sabia o que ele estava fazendo. Ele sabia que a polícia estava em sua casa? Quando ele saiu atabalhoadamente para o corredor e viu figuras movendo-se na escuridão, o que pensou? Eu vou lhes dizer. Ele ficou aterrorizado. Estava convencido de que criminosos perigosos haviam invadido sua casa e começado a atirar. E, mais importante ainda, ele não sabia que eram policiais. Se ele não sabia, não pode ser considerado culpado. Não poderiam ser policiais, não é? Por que a polícia atacaria sua casa quando ele não havia feito

nada de errado? Por que apareceriam as três da madrugada, quando todo mundo estava profundamente adormecido? Por que não bateram na porta ou tocaram a campainha? Por que arrombaram a porta da frente e a porta dos fundos? Por que, por que, por quê? Policiais não agem de maneira tão revoltante. Ou agem?

20

A primeira testemunha é um chefão da polícia estadual. Seu nome é Ruskin e ele é colocado na tribuna para começar a tarefa impossível de justificar o que a polícia estava fazendo na noite que atacaram a casa de Renfro. Com Finney propondo perguntas diretas que obviamente haviam sido tão ensaiadas que perderam toda a espontaneidade, eles avançam claudicantemente pelo aumento "insidioso" do tráfico de drogas na internet, pelo aumento "perturbador" no número de adolescentes que compram e vendem na internet, e assim por diante. Eu me levanto constantemente para protestar:

— Meritíssimo, eu objeto com base em relevância. O que esse depoimento tem a ver com Doug Renfro?

Depois que o juiz Ponder me indefere três vezes, ele começa a ficar frustrado. Finney percebe e segue em frente. Eles percorrem uma entediante narrativa na tentativa de explicar como a polícia estadual montou uma fraude para pegar traficantes de drogas na internet. Contudo, foi bastante bem-sucedida. Prenderam cerca de quarenta pessoas em nosso estado. Não são policiais inteligentes?

— Vocês mataram mais alguém? - É a minha primeira pergunta, feita da minha cadeira quando eu me lanço no que virá a ser um contrainterrogatório litigioso.

Eu pergunto a Ruskin sobre as outras prisões. As equipes da SWAT estavam acostumadas a cumprir mandados de prisão? Houve invasões de domicílio às três da madrugada? Mais alguém perdeu um cachorro? Vocês mandaram os tanques? No meio do meu interrogatório, eu o forço a admitir o que o mundo já sabia havia meses: eles pegaram a casa errada. Sua relutância em admitir isso, entretanto, danifica sua credibilidade.

Em duas horas, reduzo Ruskin a um idiota balbuciante, alguém que mal pode esperar para descer da tribuna de testemunhas.

Em geral, sou um imbecil hipócrita quando meus clientes são notoriamente culpados. Mas, se me derem um homem inocente, eu exalo arrogância e superioridade. Sei disso e luto com todas as forças para dar a impressão, ao júri pelo menos, de que de fato sou uma pessoa amigável. Na verdade, não me importo se me odiarem, desde que não odeiem meu cliente. Mas, quando represento um santo como Doug Renfro, é essencial que eu vá até o fim igualmente zeloso, mas não ofensivo. Incrédulo com a injustiça, mas também confiável.

A próxima testemunha é Chip Sumerall, o líder da invasão, um tenente na força policial. Ele é trazido de uma sala de testemunhas e faz o juramento. Como sempre, está usando seu uniforme com o máximo de medalhas e insígnias possível. Uniforme completo, de gala, com todos os paramentos e adornos, mas sem o revólver e as algemas de serviço. Ele é um idiota, empertigado, com braços grossos e cabelos cortados a escovinha. Trocamos palavras ásperas durante seu depoimento e eu olho furiosamente para ele como se ele já estivesse mentindo. Finney o conduz pela narrativa previamente acertada. Demoram-se em sua extensa formação e experiência, sua gloriosa ficha. Percorrem metodicamente a linha do tempo do episódio Renfro. Ele passa a bola da melhor maneira que pode, dizendo mais de uma vez que estava apenas cumprindo ordens.

Tenho a sensação de que o tribunal inteiro só está esperando para que eu o aniquile no contrainterrogatório e eu luto para me controlar. Começo comentando seu uniforme, o quanto é bonito e profissional. Com que frequência ele o usa? O que algumas das medalhas significam? Em seguida, peço-lhe que descreva o uniforme que estava usando na noite em que arrombou a porta da casa dos Renfro. Camada por camada, item por item, arma por arma, de suas botas de cano alto e ponteira de aço a seu capacete de combate como os usados nos panzers — os tanques de guerra blindados da Segunda Guerra Mundial —, descrevemos cada parte de seu uniforme, armas e equipamentos. Eu pergunto a respeito de sua submetralhadora, a Heckler & Koch MP5, projetada para combate frente a frente e a melhor do mundo, ele diz com orgulho. Pergunto a ele se a usou naquela noite e ele diz que sim. Pergunto se foi ele quem disparou os tiros que mataram Kitty Renfro e ele alega não saber. Estava escuro e tudo aconteceu muito rápido. Balas voavam, a polícia estava “sendo atacada”.

Enquanto ando pela sala do tribunal, olho para Doug. Seu rosto está entre as mãos enquanto ele revive aquele pesadelo. Eu olho para os jurados; alguns estão incrédulos.

— Você diz que estava escuro, policial. Mas vocês estavam equipados com óculos de visão noturna, não estavam?

— Sim. - Ele foi bem treinado e mantém suas respostas o mais sucintas possível.

— E são destinados a permitir que os policiais vejam no escuro, certo?

— Sim.

— O.k., então por que vocês não conseguiam ver no escuro?

A resposta é óbvia; ele se remexe um pouco, mas é um osso duro de roer. E tenta esquivar-se da pergunta:

— Bem, como eu disse, tudo aconteceu muito rápido. Antes que eu pudesse

focalizar, foram feitos tiros e nós apenas revidamos.

— E não puderam ver Kitty Renfro no final do corredor, em seu pijama branco?

— Eu não a vi, não.

Eu o atormento implacavelmente com o que ele viu ou deveria ter visto. Depois de ter marcado todos os pontos possíveis com isso, volto para a questão do procedimento da polícia. Quem autorizou a missão SWAT? Quem estava na sala quando a decisão foi tomada? Ele ou alguma outra pessoa teve o bom senso de dizer que talvez tal missão não fosse necessária? Por que esperaram até as três da madrugada para entrar, quando estava escuro? O que os levou a acreditar que Doug Renfro fosse um honrem tão perigoso? Ele começa a desmoronar, a perder o sangue-frio. Ele olha para Finney em busca de ajuda, mas não há nada que Finney possa fazer. Ele olha para o júri e não vê nada além de suspeita.

Eu continuo a triturá-lo e a expor a idiotice de seus procedimentos. Falamos de seu treinamento e de seus equipamentos. Consigo até mesmo levar o tanque para dentro do processo judicial, e o juiz Ponder permite que eu mostre ao júri uma foto ampliada do veículo.

A verdadeira diversão começa quando recebo a permissão de explorar outros ataques em que meteram os pés pelas mãos. Sumerall foi suspenso em duas outras ocasiões anteriores por excesso de força e eu o faço repassar esses episódios. As vezes, seu rosto fica vermelho. Em outras vezes, ele começa a suar. Finalmente, às seis da tarde, depois que Sumerall passou quatro horas torturantes na tribuna das testemunhas, o juiz Ponder me pergunta se eu já estou terminando.

— Não, senhor, só estou começando - digo, realmente animado, olhando com raiva para Sumerall. Estou tão cheio de gás que poderia continuar até meia-noite.

— Muito bem, então, ficaremos em recesso até as nove da manhã.

21

Às nove em ponto da manhã de sexta-feira, os jurados são conduzidos para dentro da sala do tribunal e cumprimentados pelo juiz Ponder. O policial Sumerall é chamado e sobe à tribuna das testemunhas outra vez. Um pouco de sua arrogância desapareceu, mas não por completo.

— Por favor, continue o seu contra interrogatório, sr. Rudd - diz Ponder. Com o auxílio de um oficial de justiça, eu desenrolo e monto um grande diagrama da casa de Renfro, tanto do primeiro quanto do segundo andar. Peço a Sumerall, como líder dessa equipe, para nos dizer como os oito homens foram selecionados. Por que foram divididos em duas equipes, uma para a porta da frente e outra para os fundos? Qual o papel de cada homem? Que armas cada policial tinha? Quem tomou a decisão de não tocar a campainha, mas de arrombar e invadir? Como as portas foram arrombadas? Quem as arrombou? Quem foram os primeiros oficiais a entrar? Quem atirou em Spike e por quê?

Sumerall não consegue, ou não quer, responder a maioria das minhas perguntas e em pouco tempo fica parecendo um idiota. Ele era o comandante, e se orgulha disso, mas na tribuna não tem certeza de muitos detalhes. Eu o infernizo por duas horas e temos um intervalo. Enquanto tomamos um café rapidamente, Doug me diz que os jurados estão céticos e desconfiados. Alguns parecem estar furiosos.

— Nós os pegamos — diz ele, mas eu o advirto. Dois jurados em particular me preocupam porque têm ligações com o departamento de polícia, de acordo com meu velho amigo Nate Spurio. Nós nos encontramos ontem à noite para um drinque e ele diz que os policiais estão se apoiando nos números quatro e sete. Lidarei com isso depois.

Resisto a vontade incontrolável de acossar Sumerall o dia inteiro, algo que faço com mais frequência do que deveria. Existe uma arte no contra interrogatório, e parar enquanto você está na dianteira faz parte da habilidade. Eu ainda não aprendi isso porque meu instinto é continuar chutando um brutamontes como Sumerall quando ele já está no chão.

Doug diz, sabiamente:

— Acho que você já fez o bastante com essa testemunha.

Ele tem razão, e então digo ao juiz que já terminei com Sumerall. A próxima testemunha é Scott Keestler, o policial que levou um tiro, aparentemente disparado por Doug Renfro. Finney o interroga primeiro e tenta fazer o melhor possível para evocar alguma compaixão. A verdade é que - e eu tenho todos os

relatórios médicos - o ferimento a bala em seu pescoço foi apenas um pouco mais grave do que superficial. Em combate, ele teria recebido uns dois band-aids e teria sido mandado de volta para o front. Mas a acusação precisa marcar pontos aqui e Keestler faz parecer que tomou um tiro entre os olhos. Eles arrastam essa farsa por um tempo longo demais e finalmente paramos para o almoço.

Quando voltamos ao tribunal, Finney diz:

— Sem mais perguntas, Meritíssimo.

— Sr. Rudd.

A plenos pulmões, começo a atacar Keestler:

— Policial, você assassinou Kitty Renfro?

Parece que todo o ar foi tragado da sala. Finney levanta-se atrapalhadamente, protestando. O juiz Ponder diz:

— Sr. Rudd, se o senhor…

— Estamos falando de assassinato aqui, juiz, não estamos? Kitty Renfro estava desarmada quando alguém atirou e a matou em sua própria casa. Isso é assassinato.

Finney diz em voz alta:

— Não, não é. Temos um estatuto sobre isso. Oficiais de polícia não estão sujeitos…

— Talvez não possam ser responsabilizados — interrompo. — Mas ainda assim é homicídio. - Abro os braços para o júri e pergunto: - De que outra maneira chamamos a isso? — Três ou quatro chegam a balançar a cabeça afirmativamente.

O juiz Ponder diz:

— Por favor, evite usar a palavra “assassinato”, sr. Rudd.

Eu respiro fundo; todos fazem o mesmo. Keestler parece um homem enfrentando o pelotão de fuzilamento. Retorno ao pódio, encaro-o e digo educadamente:

— Policial Keestler, “agente de paz”, como são chamados os integrantes das forças policiais, não é mesmo? Pois bem, agente de paz Keestler, na noite desse ataque da SWAT, o que o senhor estava usando?

— O quê?

— O que estava usando, por favor? Diga ao júri tudo que estava sobre seu corpo.

Ele engole com força, em seguida começa a retirar a armadura, o armamento e assim por diante. É uma longa lista.

— Continue — digo.

Ele termina com:

— Cueca boxer, camiseta, meias esportivas brancas.

— Obrigado. Isso é tudo?

— Sim.

— Tem certeza?

— Sim.

— Certeza absoluta?

— Sim, tenho certeza.

Eu olho para ele como se ele fosse um mentiroso nojento, em seguida caminho até a mesa de exposição e pego uma fotografia grande, colorida, de Keestler em uma maca quando era levado às pressas para a Emergência. Seu rosto é Perfeitamente visível. Como a foto já foi apresentada como prova, eu a entrego a Keestler e pergunto:

— Este é você?

Ele olha para a foto, confuso, e diz:

— Sou eu.

O juiz permite que eu passe a foto aos jurados. Eles não se afobam, examinam a foto com calma, absorvem a imagem, em seguida eu a pego de volta.

— Bem, agente de paz Keestler, olhando para você nessa foto, o que é esse material preto que cobre o seu rosto?

Ele sorri, aliviado. Ora, bolas.

— Ah, isso, é apenas tinta preta de camuflagem.

— Também conhecida como pintura de guerra?

— Acho que sim. Tem vários nomes.

— Qual a finalidade da tintura de guerra?

— É para fins de camuflagem.

— Então, é muito importante, não?

— Sim, claro que sim.

— É necessário garantir a segurança dos homens em terra, hein?

— Sem dúvida.

— Quantos dos oito policiais de paz de sua equipe da SWAT naquela noite tinham os rostos cobertos com pintura preta de guerra?

— Não contei.

— Todos os nossos policiais de paz usavam pintura preta de guerra naquela noite?

Ele sabe a resposta e imagina que eu também saiba.

— Eu realmente não sei ao certo - diz ele.

Caminho até minha mesa e pego um grosso depoimento. Asseguro-me de que ele veja.

— Bem, agente de paz Keestler…

Finney levanta-se e diz:

— Meritíssimo, eu protesto. Ele fica usando o termo “agente de paz”. Eu acho que…

— Você usou esse termo primeiro — retruca o juiz Ponder. — Você o usou primeiro. Indeferido.

Por fim, estabelecemos que quatro dos policiais se decoraram com tinta preta e, quando eu passo para a questão seguinte, Keestler parece tão idiota quanto um adolescente brincando com lápis de cores. É hora da verdadeira diversão.

— Bem, agente de paz Keestler, você costuma jogar muitos videogames, certo?

Finney levanta-se outra vez.

— Protesto, Meritíssimo. Relevância.

— Indeferido. — O juiz fala rápido sem sequer olhar para o promotor. O juiz Ponder torna-se cada vez mais, e obviamente, farto da polícia e de suas mentiras e táticas. Temos todo o momentum — uma raridade para mim — e eu não tenho certeza de como lidar com ele. Apresso o desfecho e passo o caso para os jurados enquanto eles estão do nosso lado? Ou vou arrastando o caso, marcando cada ponto possível?

Marcar pontos é muito divertido, além do que eu tenho o palpite de que o júri está totalmente do nosso lado e se divertindo com o descarrilamento desse trem.

— Quais são alguns dos videogames que você gosta de jogar?

Ele cita alguns - benignos, quase jogos infantis, que o fazem parecer um aluno da quinta série que cresceu demais. Ele e Finney sabem o que está por vir e estão tentando amortizar o golpe. Ao tentar fazer isso, Keestler dá uma impressão ainda pior.

— Quantos anos você tem, sr. Keestler?

— Vinte e seis - diz ele com um sorriso, finalmente uma resposta honesta.

— E ainda brinca com videogames?

— Bem, sim, senhor.

— Na realidade, você tem passado milhares de horas jogando video games , certo?

— Creio que sim.

— E um dos seus preferidos é Mortal Attack Three, correto? — Tenho em mãos seu depoimento, um grosso volume de sua declaração sob juramento em que consegui inserir o fato de que ele era viciado em videogames quando criança e ainda se encanta com eles.

— Sim, creio que sim — responde ele.

Eu aceno com seu depoimento como se fosse veneno e digo:

— Bem, você já não testemunhou, em depoimento sob juramento, que vem

jogando Mortal Attack Three nos últimos dez anos?

— Sim, senhor.

Eu olho para o juiz Ponder e digo:

— Meritíssimo, eu gostaria de mostrar ao júri um clipe de Mortal Attack Three.

Finney se desespera. Vínhamos discutindo isso há um mês, com Ponder evitando uma decisão até este exato instante. Finalmente, de diz:

— Estou intrigado. Vamos dar uma olhada.

Finney atira um bloco de notas em cima de sua mesa, totalmente frustrado. Ponder parece rosnar.

— Chega de teatro, sr. Finney. Sente-se!

Eu raramente tenho o juiz do meu lado e fico sem saber ao certo como agir.

As luzes da sala do tribunal são diminuídas enquanto uma tela cai do teto. Um técnico editou um clipe de cinco minutos do videogame. A meu pedido, ele aumentou o som, e o júri leva um susto pela imagem repentina de um soldado volumoso arrobando uma porta com um chute enquanto explosões irrompem ao fundo. Um animal semelhante a um cachorro, mas com dentes brilhantes e garras enormes arremete-se para a frente e nosso herói o abate a tiros. Vilões surgem em portas e janelas e todos são mandados para o inferno e de volta. Balas, do tipo que você pode ver, explodem e ricocheteiam. Partes dos corpos são arrancadas. Um verdadeiro banho de sangue. As pessoas gritam, atiram e morrem de forma extremamente dramática e, após dois minutos, já vimos o suficiente.

Depois de cinco minutos, o tribunal inteiro precisa de um intervalo. A tela fica vazia e as luzes se acendem. Olho fixamente para Keestler, que ainda está na tribuna das testemunhas, e digo:

— É tudo pura diversão, não é, agente de paz Keestler?

Ele não responde. Eu o vejo submergir por alguns segundos, depois digo:

—E você também gosta de um jogo chamado Home Invasion, correto?

Ele encolhe os ombros, olha para Finney em busca de ajuda e finalmente resmunga:

— Acho que sim.

Finney se levanta e diz:

—Juiz, isso é realmente relevante?

O juiz está apoiado nos cotovelos e pronto para mais.

— Ah, acho que é muito relevante, sr. Finney. Vamos passar o vídeo.

As luzes são diminuídas e por três minutos assistimos ao mesmo caos e carnificina. Se eu pegasse Starcher jogando esse lixo, eu o internaria para reabilitação. Em determinado ponto, o jurado número seis murmura

audivelmente:

— Santo Deus!

Eu os observo, enquanto olham para a tela, perplexos e completamente enojados.

Quando os vídeos terminam, forço Keestler a admitir que ele também gosta de um jogo chamado Crack House — Special Ops. Ele admite que os policiais têm uma sala de estar no porão do departamento de polícia. Cortesia dos contribuintes, está equipada com televisão de tela plana de cinquenta e quatro polegadas e, por diversão, os rapazes se reúnem lá entre uma e outra manobra da SWAT e jogam torneios de video games. Sob os fracos protestos de Finney, arranco essas informações de Keestler, detalhe por detalhe. A essa altura, ele não quer mais falar sobre isso, o que torna a situação pior para ele e a acusação. Quando termino com ele, ele está destruído e desacreditado.

Quando me sento, olho para a plateia. O chefe de polícia se foi, e para sempre.

O juiz Ponder pergunta:

— Quem é sua próxima testemunha, sr. Finney?

Finney tem a expressão derrotada de um promotor que não deseja chamar mais nenhuma testemunha. O que real mente gostada de fazer era pegar o próximo trem para longe da cidade. Ele olha para seu bloco de notas e diz:

— Policial Boyd.

Boyd disparou sete tiros naquela noite. Aos dezessete anos, foi condenado por dirigir embriagado, mas conseguiu ter sua ficha apagada mais tarde. Finney não sabe sobre essa condenação, mas eu sei. Aos vinte anos, Boyd foi dispensado com desonra do exército. Aos vinte e quatro anos, sua namorada ligou para a emergência da polícia e deu queixa de violência doméstica. Tudo foi varrido para debaixo do tapete; nenhuma acusação foi adiante. Boyd também é veterano em dois outros ataques malogrados da SWAT e é aficionado pelos mesmos video games que mantêm Keestler tão ocupado.

Pegar Boyd no contra interrogatório poderia muito bem ser o auge da minha carreira de advogado.

O juiz Ponder diz de repente:

— Vamos entrar em recesso até as nove horas de segunda-feira. Quero falar com os advogados em meu gabinete.

22

Assim que a porta se fecha, o juiz Ponder olha furiosamente para Finney e rosna:

— O seu caso é uma droga. É a pessoa errada que está em julgamento.

O pobre Finney sabe disso, mas não pode admitir. Na realidade, neste momento, ele não consegue dizer absolutamente nada. O juiz prossegue implacavelmente.

— Você planeja colocar todos os oito integrantes da equipe da SWAT no banco de testemunhas?

— A partir de agora, a resposta é não — consegue dizer Finney.

Eu ataco rapidamente:

— Ótimo, então eu os convocarei como testemunhas contrárias. Quero que os oito enfrentem o júri.

O juiz olha para mim temerosamente. Eu tenho o direito absoluto de fazer isso e eles sabem disso. Segundos se passam enquanto tentam imaginar o pesadelo dos outros seis soldadinhos de brinquedo enfrentando o júri enquanto eu acabo com eles.

O juiz olha para Finney e pergunta:

—Já pensou em retirar as acusações?

É claro que não. Finney pode estar desmoralizado, mas ainda é um promotor.

Normalmente, em um julgamento de ação penal, o juiz tem o direito de excluir as provas da Promotoria e dirigir um veredicto a favor do réu. Isso raramente acontece. Neste caso, entretanto, o estatuto declara que qualquer pessoa que atira em um policial que está entrando em sua casa, quer os tiras tenham o endereço certo ou não, é culpado de tentativa de assassinato de um policial. É uma lei ruim, de concepção fraca e terrivelmente redigida, mas na opinião do juiz Ponder isso não lhe dá a opção de arquivar o processo e encerrar o caso.

Estamos a caminho de um veredicto final.

23

Durante o fim de semana, um dos seis policiais da SWAT é hospitalizado repentinamente e não pode testemunhar. Outro simplesmente desaparece. Eu levo um dia e meio para aniquilar os quatro restantes. Estamos ganhando cobertura de primeira página e o departamento de polícia nunca, jamais, teve uma imagem tão ruim. Estou fazendo todo o possível para saborear o momento porque é improvável que volte a acontecer.

No último dia de depoimentos, eu me reúno com a família Renfro para o café da manhã. O assunto é se Doug deve ou não testemunhar. Seus três filhos adultos — Thomas, Fiona e Susanna — estão presentes. Eles assistiram ao julgamento inteiro e não têm a menor dúvida de que o júri não condenará seu pai, independentemente do que declare um abominável estatuto.

Eu explico o pior cenário possível: Finney vai provocá-lo no contrainterrogatório e tentar irritá-lo. Ele fará Doug admitir que disparou cinco tiros de sua pistola e deliberadamente tentou matar os policiais. A única maneira de o Estado vencer o caso é se Doug se desmanchar na tribuna, algo que simplesmente não esperamos. O sujeito é forte e insiste em testemunhar. Nesse ponto em qualquer julgamento, o réu tem o direito de testemunhar, independentemente do que pensa seu advogado. Eles me pressionam. Meus instintos são os mesmos de qualquer advogado de defesa criminal: se o Estado não conseguiu provar seu caso, mantenha o cliente fora da tribuna de testemunhas.

No entanto, Doug Renfro se recusa a aceitar que a oportunidade lhe seja negada.

24

Eu começo perguntando a Doug sobre sua carreira militar. Catorze anos de uniforme, orgulhosamente servindo ao seu país, sem uma mancha em seu registro. Duas viagens ao Vietnã, uma condecoração Purple Heart, duas semanas como prisioneiro antes de ser resgatado. Meia dúzia de medalhas, uma dispensa honrosa. Um verdadeiro soldado, não um soldadinho de brinquedo.

Um cidadão cumpridor das leis com uma única multa de excesso de velocidade em sua folha.

Os contrastes são flagrantes e falam por si mesmos.

Na noite em questão, ele e Kitty viram televisão até as dez da noite, depois leram por alguns minutos, até que apagaram as luzes. Ele lhe deu um beijo de boa-noite, disse que a amava como sempre fazia, e eles adormeceram. Foram arrancados de seus sonhos quando o ataque começou. A casa estremeceu, ouviram-se tiros. Doug, tonto e confuso, foi pegar sua pistola e disse a Kitty para ligar para a polícia. No frenesi que se seguiu, ele correu para o corredor escuro e viu duas sombras subindo rapidamente pelo vão das escadas. Ouviam-se vozes no térreo. Ele se jogou no chão e começou a atirar. Foi imediatamente atingido no ombro. Não, ele disse enfaticamente, ninguém nunca anunciou nada sobre polícia. Kitty gritou e saiu correndo para o corredor e para o meio de uma saraivada de balas.

Doug chora quando descreve os sons de sua mulher sendo atingida. Metade dos jurados também está chorando.

25

Finney não quer saber de Doug Renfro. Ele tenta provar que Doug deliberadamente atirou contra a polícia, mas Doug acaba com ele repetindo várias vezes:

— Eu não sabia que eram policiais. Pensei que eram criminosos invadindo minha casa.

Eu não chamo mais nenhuma testemunha. Não é necessário.

Finney expõe sem nenhum entusiasmo um último argumento, durante o qual se recusa a encarar qualquer membro do júri. Quando chega a minha vez, eu recapitulo os fatos importantes e consigo me controlar. Seria fácil esfolar os tiras, lançar-me em um desenfreado exagero, mas o júri já viu e ouviu o suficiente.

O juiz Ponder instrui o júri quanto à lei aplicável, depois diz que é hora de se retirarem para deliberar. Mas ninguém se move. O que acontece em seguida beira o histórico.

O jurado número seis é um homem chamado Willie Grant. Lentamente, ele se levanta e diz:

—Juiz, fui eleito o representante deste júri e eu tenho uma pergunta.

O juiz, um jurista de grande serenidade, fica surpreso e olha admirado para mim e Finney. A sala do tribunal está novamente em completo silêncio. Quanto a mim, nem consigo respirar. O juiz diz:

— Bem, não sei ao certo, neste ponto. Eu instruí o júri para se retirar e começar as deliberações.

Os jurados não se movem.

O sr. Grant diz:

— Não precisamos deliberar, Meritíssimo. Sabemos o que fazer.

— Mas eu os adverti várias vezes para não discutirem o caso - diz Ponder severamente.

Sem se abalar, o sr. Grant retruca:

— Nós não discutimos o caso, mas temos um veredicto. Não há nada a discutir ou deliberar. Minha pergunta é: por que o sr. Renfro está sendo julgado e não os policiais que mataram sua mulher?

Uma onda de arfadas e murmúrios percorre a sala do tribunal. O juiz Ponder tenta recuperar o controle limpando a garganta sonoramente e pergunta:

— O veredicto é unânime?

— Pode ter certeza que sim. Consideramos o sr. Renfro inocente e achamos

que esses policiais deveriam ser acusados de homicídio.

— Vou pedir aos jurados para erguerem a mão se concordarem com o veredicto de inocente.

Doze mãos erguem-se imediatamente no ar.

Eu passo o braço em torno de Doug Renfro e ele desata a chorar outra vez.

PARTE QUATRO

A TROCA

1

Geralmente, eu desapareço depois de um grande julgamento, especialmente um de grande repercussão na mídia. Não é que eu não goste da atenção. Sou um advogado; está nos meus genes. Mas no julgamento Renfro, eu humilhei o departamento de polícia, envergonhei alguns policiais, alguns tiras realmente durões que não estão acostumados a responder pelos seus delitos. Como costumam dizer: “As ruas estão fervendo no momento”, e é hora de dar um tempo. Coloco algumas roupas na minha van, meus tacos de golfe, alguns livros, metade de uma caixa de bourbon especial, e saio da cidade no dia seguinte ao veredicto. O tempo está inclemente e tempestuoso, frio demais para golfe, então me dirijo para o Sul, como incontáveis outros pássaros em busca do sol. Descobri pelas minhas viagens a esmo que quase toda cidade pequena com uma população acima de dez mil habitantes possui um campo de golfe público. Geralmente, estão lotados nos fins de semana, mas nem tanto durante a semana. Eu vou jogando o meu caminho em direção ao Sul, ao menos um campo de golfe por dia, às vezes dois, jogando sozinho sem nenhum caddie e nenhum cartão de pontuação, pagando em dinheiro por quartos de motel baratos, comendo pouco, tomando pequenos goles de bourbon altas horas da noite, enquanto leio o último best-seller de James Lee Burke ou Michael Connelly. Se eu tivesse muito dinheiro, poderia passar o resto da vida assim.

Mas não tenho e, portanto, retorno à City, onde minha notoriedade me alcança instantaneamente.

2

Há cerca de um ano, uma jovem chamada Jiliana Kemp foi sequestrada quando deixava um hospital depois de ter ido visitar um amigo. Seu carro foi encontrado intacto no terceiro andar de um edifício garagem ao lado do hospital. Câmeras de vigilância captaram-na andando em direção ao seu carro, mas a perderam quando ela ficou fora do alcance das câmeras. Os filmes de todas as catorze câmeras foram analisados. Capturaram as placas de licença de todo veículo que ia e vinha por um período de vinte e quatro horas, revelando uma única pista significativa. Uma hora depois de Jiliana ter sido vista andando para o seu carro, uma SUV Ford azul deixou o andar do estacionamento. O motorista era um homem branco com um boné de beisebol e óculos. A SUV tinha placas roubadas, de Iowa. Durante a noite, os funcionários não viram nada suspeito e o que pegou o bilhete do homem branco não se lembrava dele. Quarenta veículos haviam passado pelo portão de saída na hora que precedeu a partida da SUV.

Os detetives esquadrinharam cada centímetro da garagem e não encontraram nada. O sequestrador não fez nenhum pedido de resgate. A busca foi de frenética a inútil. Uma recompensa inicial de cem mil dólares não obteve nenhuma resposta. Duas semanas mais tarde, a SUV azul foi encontrada abandonada em um parque estadual a cento e sessenta quilômetros de distância. Havia sido roubada há um mês no Texas. As placas eram da Pensilvânia, roubadas, é claro.

O sequestrador estava jogando. Ele limpara a SUV metodicamente; nenhuma impressão digital, nenhum cabelo, nenhum sangue, nada. O alcance de sua ação bem como seu planejamento aterrorizaram os investigadores. Não estavam à caça de um criminoso comum.

Tornando o caso ainda mais urgente, estava o fato de que o pai de Jiliana Kemp era um dos dois chefes de polícia adjuntos da City. Desnecessário dizer, o caso recebeu a mais alta prioridade do departamento. O que não foi tornado público na época é que Jiliana estava grávida de três meses. Assim que ela desapareceu, o namorado com quem ela vivia contou aos pais dela sobre a gravidez. Eles mantiveram isso em segredo enquanto a polícia trabalhava vinte e quatro horas por dia para encontrá-la.

Não se ouviu mais falar em Jiliana. Seu corpo não foi encontrado. Ela provavelmente está morta, mas quando foi assassinada? O pior cenário possível é também o mais óbvio: ela não foi morta imediatamente, mas foi mantida em cativeiro até depois do nascimento da criança.

Nove meses depois de seu desaparecimento, enquanto o dinheiro da

recompensa continuava a se acumular, uma dica levou a polícia a uma casa de penhores não muito longe do prédio do meu apartamento. Um cordão de ouro com uma pequena moeda grega fora penhorada por duzentos dólares. O namorado de Jiliana identificou o cordão como o que ele lhe dera no Natal anterior. Cobrindo agressivamente todas as possibilidades, os detetives trabalharam furiosamente para determinar uma cadeia de posse do objeto. Foram levados a outra casa de penhor, a outra transação e finalmente a um suspeito chamado Arch Swanger.

Um vagabundo de trinta e um anos aparentemente sem nenhum meio de vida, Swanger tinha um histórico de pequenos furtos e medíocre tráfico de drogas. Ele vivia em um trailer decrépito com sua mãe, que era uma bêbada que recebia auxílio-doença. Depois de um mês de intensa vigilância e escrutínio, Swanger foi finalmente levado a delegacia para ser interrogado. Ele se mostrou evasivo e reticente, e depois de duas horas de interrogatório inútil, trancou a boca e exigiu um advogado.

Quase sem nenhuma evidência, a polícia o deixou ir, mas continuou a monitorar cada um de seus movimentos. Ainda assim, ele conseguiu escapulir várias vezes, mas sempre voltava para casa.

Na semana passada, eles o pegaram outra vez para interrogatório. Ele exigiu um advogado.

— O.k., quem é seu advogado? - perguntou o detetive.

— Aquele cara chamado Rudd, Sebastian Rudd.

3

A última coisa de que eu preciso é de mais problemas com a polícia. Mas, como dizemos em nosso meio, nem sempre podemos escolher nossos clientes. E todo réu, por mais desprezível que seja a pessoa ou seu crime, tem direito a um advogado. Muitos leigos não compreendem isso e não se importam. Eu também não me importo. É meu trabalho. Para ser franco, no começo fiquei empolgado por Swanger ter me escolhido, empolgado por ter a oportunidade de meter o nariz bem no meio de outro caso sensacional.

Esse, no entanto, me assombrará para sempre. Amaldiçoarei o dia em que corri para a Central para ter minha primeira conversa com Arch Swanger.

O departamento de polícia tem mais vazamentos do que encanamento velho e, quando cheguei a Central, a notícia já se espalhara. Um repórter com um cameraman me alcança quando entro no prédio e me pergunta se eu represento Arch Swanger. Eu respondo com um ríspido “Sem comentários” e continuo andando. A partir daquele momento, entretanto, todo mundo na cidade sabe que eu sou o advogado dele. É uma combinação perfeita, certo? Um assassino monstruoso e o advogado rebelde, ardiloso, capaz de defender qualquer um.

Eu já andei pela Central muitas vezes e o lugar está sempre agitado com uma energia fervilhante. Policiais de rua, uniformizados, correm de um lado para outro, provocando com brincadeiras grosseiras os que ficam atrás das mesas. Detetives em ternos baratos percorrem os corredores com arrogância, com a cara fechada como se estivessem com raiva do mundo. Famílias assustadas ficam sentadas nos bancos aguardando as más notícias. E sempre há um advogado sussurrando com um policial em uma tensa negociação ou correndo para alcançar um cliente antes que ele dê com a língua nos dentes.

Hoje, o ar está particularmente pesado, o clima é tenso. Recebo mais olhares do que o habitual quando atravesso a porta da frente. E por que não? Eles pegaram o assassino; está logo no final do corredor. E lá vem o advogado dele para salvá-lo. Ambos deveriam ser agarrados e duramente interrogados.

Presente também está a demorada ferida do julgamento Renfro. Foi há apenas três semanas e os tiras têm uma boa memória. Alguns desses sujeitos gostariam de pegar um cassetete e quebrar alguns dos meus ossos, ou pior.

Eles me conduzem pelo labirinto de salas de interrogatório. No final do corredor, fumando e olhando através de um espelho de um só lado, estão dois detetives da Homicídios. Um é Landy Reardon, o policial que me ligou com a notícia de que, de todos os advogados na City, fora eu o escolhido. Reardon é o

melhor detetive de homicídios do departamento. Ele já está próximo da aposentadoria e os anos já cobraram seu preço. Tem cerca de sessenta anos, mas parece dez anos mais velho, com uma cabeleira branca e espessa que permanece intocada em sua maior parte. Ainda fuma e tem as rugas irregulares como prova.

Ele me vê e cumprimenta com um sinal da cabeça. Aproxime-se. O outro detetive desaparece.

O bom a respeito de Landy Reardon é que ele é brutalmente honesto e não perde tempo com um caso que não pode provar. Ele cava fundo para obter as provas, mas, se elas não estão lá, não estão. Em trinta anos, nunca acusou o suspeito de assassinato errado. Mas, se Landy o pega por assassinato, o juiz e o júri vão se alinhar com ele, e você provavelmente vai morrer na prisão.

Ele ficou com o caso de Jiliana Kemp desde o início. Há quatro meses, ele teve um leve ataque cardíaco e seu médico lhe disse para se aposentar. Ele procurou outro médico. Paro ao lado dele e nós dois ficamos olhando pelo espelho. Não nos cumprimentamos. Ele acha que todo advogado de defesa é escória e jamais se inclinaria para apertar minha mão.

Swanger está sozinho na sala de interrogatório. Ele relaxou em sua cadeira dobrável e colocou os pés em cima da mesa, totalmente entediado com tudo.

— O que ele disse? — pergunto.

— Nada. Nome, posição e número de série, e depois disso mandou chamá-lo. Disse que viu seu nome no jornal.

— Então ele sabe ler?

— QI de 130, eu imagino que sim. Ele só parece estúpido.

De fato, parece. Gordo, com queixo duplo; grandes sardas marrons do pescoço para cima; cabeça praticamente raspada, a não ser por uns poucos pelos encerados e espetados, como o velho corte à escovinha de sessenta anos atrás, pré Beatles. Para atrair a atenção ou o ridículo, ele usa um par de óculos de aro redondo, absurdamente grandes e de cor azul-clara.

— E aqueles óculos? — digo.

— De drogaria, baratos e falsos. Ele não precisa de óculos, mas acha que fica parecendo mais inteligente em termos de disfarce. Na verdade, ele é muito bom. Conseguiu se esquivar da vigilância algumas vezes no mês passado, mas sempre volta para casa.

— O que você tem contra ele?

Landy expira ruidosamente, de fadiga e frustração.

— Não muito — diz ele, e eu admiro a honestidade do sujeito. Ele é um policial brilhante e não precisa ser franco comigo, mas ele inspira confiança.

— Suficiente para uma pronúncia?

— Quem me dera. Não estamos nem perto de uma prisão. O chefe quer

segurá-lo por uma ou duas semanas. Aumentar a pressão, sabe, ver se o sujeito dá com a língua nos dentes. Mas na verdade é como ver se vai cair um raio e nós vamos dar sorte. Sem chance. Provavelmente, vamos deixá-lo ir embora de novo. Cá entre nós, Rudd, não temos muita coisa.

— Parece que você tem bastante suspeita.

Landy resmunga e ri.

— Somos bons nisso. Olhe para ele, por falar em suspeita. Eu lhe daria dez anos de solitária somente com base na primeira impressão.

— Talvez cinco — digo.

— Fale com ele e, se quiser, eu lhe mostrarei o arquivo amanhã.

— O.k., vou entrar, mas nunca estive com esse sujeito e não tenho certeza se quero ser seu advogado. Sempre há a questão dos honorários e ele não parece muito próspero. Se for indigente, o departamento de polícia assume e eu saio da jogada.

— Divirta-se.

4

Swanger tira os pés da mesa, levanta-se e nos apresentamos. Aperto de mão firme, olhos nos olhos, fala mansa sem nenhum sinal de preocupação. Mantendo o sangue-frio, eu me contenho para não mandar que ele tire aqueles malditos óculos. Se ele gosta deles, então sou louco por eles.

— Eu o vi na televisão — diz ele. - Aquele lutador de MMA que matou o árbitro. O que aconteceu com ele?

— O caso ainda está pendente, a espera de um julgamento. Você frequenta lutas de MMA?

— Não. Eu vejo na televisão, com minha mãe. Pensei em entrar nisso, há alguns anos.

Eu quase ri. Ainda que ele perdesse quinze quilos e treinasse oito horas por dia, esse sujeito não duraria nem dez segundos na gaiola. Ele provavelmente desmaiaria no vestiário. Sento-me em cima da mesa, de mãos vazias, e pergunto:

— Bem, sobre o que você queria falar?

— Essa garota, cara, você conhece o caso. Esses sujeitos acham que eu estou envolvido de alguma forma e ficam me importunando. Eles já estão na minha cola há meses, sempre escondidos nas sombras como se eu não soubesse o que está havendo. Essa é a segunda vez que me arrastam até aqui como em uma série de televisão. Você vê Law & Orderr? Bem, esses caras assistiram demais e na verdade são atores bem ruins, entende? Aquele velho de cabelos brancos, Reardon eu acho, ele é o tira bom, sempre procurando a verdade e tentando encontrar maneiras de me ajudar. Certo. Depois, aquele magrela, Barkley, ele entra e começa a gritar. Anda de um lado para outro. Tira bom e tira mau, como se eu não conhecesse o jogo. Não é minha primeira vez, meu chapa.

— Sua primeira acusação de homicídio, certo?

— Peraí, Super-Homem. Ainda não fui acusado.

— O.k., presumindo que seja acusado de homicídio, entendo que você quer que eu o represente.

— Bem, caramba, por que mais eu o chamaria, sr. Rudd? Não tenho certeza se preciso de um advogado agora mesmo, mas certamente dá essa impressão.

— Compreendi. Você está empregado?

— Aqui e ali. Quanto você cobra por um caso de homicídio?

— Depende de quanto uma pessoa pode pagar. Um caso como esse, vou precisar de dez mil de cara e isso só nos levará pela fase da pronúncia. Quando estivermos diante de um julgamento, então chegamos aos honorários de verdade.

Se não pudermos chegar a um acordo, então você vai a outro lugar.

— Onde é esse outro lugar?

— Defensoria Pública. Eles lidam com praticamente todo tipo de homicídio.

— Números. Mas o que você não está considerando aqui, sr. Rudd, é toda a publicidade. Não há muitos casos tão grandes quanto este. Moça bonita, família importante e essa história do bebê. Se ela teve uma criança, então onde ela está, certo? Isso vai enlouquecer a imprensa. Então, você precisa ver que esse negócio é matéria de primeira página, a começar de agora. Eu já o vi na televisão. E sei o quanto gosta de ladrar, rosnar e se pavonear diante das câmeras. Este caso será uma mina de ouro para meu advogado de defesa. Não concorda, sr. Rudd?

Ele está batendo na tecla certa, mas não posso admitir.

— Eu não trabalho de graça, sr. Swanger, independentemente da publicidade. Tenho muitos outros clientes.

— Claro que tem. Um advogado famoso como você. Eu não chamei nenhum novato aqui para me salvar. Eles estão falando em pena de morte, cara, e falam a sério. Vou arranjar o dinheiro, de uma maneira ou de outra. A questão é: vai aceitar o meu caso?

Geralmente, nesse ponto no primeiro encontro, o acusado já negou as acusações. Eu faço uma anotação mental de que Swanger não o fez, nem se aproximou da questão de sua culpa ou inocência. Na realidade, ele parece estar querendo uma pronúncia, com um grande julgamento em seguida.

— Está bem, eu o representarei, presumindo que possamos chegar a um acordo a respeito do dinheiro e presumindo que eles realmente o indiciem. Acho que ainda vão demorar um pouco. Enquanto isso, não diga nada para os tiras, nenhum tira. Compreendeu?

— Entendi, cara. Pode fazer com que eles se afastem, parem de me importunar?

— Verei o que posso fazer.

Apertamos as mãos novamente e eu saio da sala. O detetive Reardon não se moveu. Ele observou nosso pequeno encontro e provavelmente o ouviu também, embora isso fosse ilegal. De pé ao lado dele, em roupas comuns, está Roy Kemp, pai da jovem sequestrada. Ele olha fixamente para mim com um ódio indisfarçável, como se os poucos minutos que acabei de passar com seu primeiro e um pouco fraco suspeito sejam prova irrefutável de que estou envolvido no desaparecimento de sua filha.

Tenho compaixão pelo sujeito e sua família, mas no momento ele quer colocar uma bala na minha nuca.

Fora do prédio, há mais repórteres reunidos. Quando me veem, começam a saltar e empurrar. Eu passo por eles com “Sem comentários, sem comentários,

sem comentários”, enquanto lançam suas perguntas idiotas. Um deles chega, realmente, a gritar:

— Sr. Rudd, seu cliente raptou Jiliana Kemp?

Tenho vontade de parar, andar até esse palhaço e perguntar a ele se poderia fazer uma pergunta mais idiota. Mas, em vez disso, abro caminho pelo meio deles e entro na van com Partner.

5

Às seis horas, o âncora brada a notícia de que a polícia tem um suspeito no caso Kemp. Eles exibem cenas de Arch Swanger sendo cercado por repórteres enquanto tenta deixar a Central pouco depois de mim. Segundo fontes, não identificadas, naturalmente, mas sem dúvida de dentro do prédio, ele foi interrogado pela polícia e logo será preso e acusado de sequestro e assassinato. Para provar que é culpado, ele contratou Sebastian Rudd para defendê-lo! Eles exibem a minha imagem, de cara fechada para as câmeras.

Finalmente, a City pode respirar melhor. A polícia tem o assassino. Para aliviar a enorme pressão sobre eles, para começar o processo de envenenar a opinião pública e para estabelecer a presunção de culpa, estão manipulando a imprensa, como sempre. Um vazamento aqui e ali, e câmeras aparecem para captar o rosto que todos estão desesperados para ver. Os “jornalistas” vêm atrás e Arch Swanger está praticamente condenado.

Para que se dar ao trabalho de um julgamento?

Se os policiais não podem condenar com provas, eles usam a mídia para condenar com suspeitas.

6

Eu passo muito tempo em um edifício oficial e afetuosamente conhecido como o Velho Tribunal. É uma estrutura antiga e imponente, construída em tomo da virada do século, com altas colunas góticas e tetos altos, com corredores de mármore ladeados de bustos e retratos de juízes mortos, escadas espiraladas e quatro andares de salas de tribunal e gabinetes. Geralmente, está apinhado de gente — advogados em seu trabalho, litigantes procurando uma determinada sala de tribunal, famílias de réus criminais vagando apreensivamente pelos corredores, jurados em potencial agarrados às suas convocações e policiais esperando para depor. Há cinco mil advogados nesta cidade e às vezes parece que cada um de nós está andando apressadamente pelo Velho Tribunal.

Certa manhã, quando estou saindo de uma audiência, um homem que me parece vagamente familiar começa a andar ao meu lado e diz:

— Ei, Rudd, tem um minuto?

Eu não gosto de sua aparência, do seu tom de voz, de sua falta de educação. Que tal "sr. Rudd" para começar? Continuo andando; ele faz o mesmo.

— A gente se conhece? — pergunto.

— Não importa. Temos algo a discutir.

Olho para ele enquanto andamos. Terno mim, camisa marrom, gravata horrorosa, algumas pequenas cicatrizes no rosto, do tipo deixado por punhos e garrafas de cerveja.

— É mesmo? — digo, o mais rispidamente possível.

— Precisamos conversar sobre Link.

Meu cérebro me diz para continuar andando, mas meus pés simplesmente param de se mover. Meu estômago dá uma longa reviravolta de náusea enquanto meu coração se acelera. Olho fixamente para o pilantra e digo:

— Bem, bem, por onde anda Link atualmente?

Faz dois meses desde sua dramática fuga do corredor da morte e eu não soube mais nada de seu paradeiro. Não que devesse saber, no entanto não estou muito surpreso. Com medo, talvez, mas não chocado. Afastamo-nos para o lado do corredor para ter um pouco de privacidade. O pilantra diz que seu nome é Fango, e há uma chance de dez por cento de que Fango seja seu nome na certidão de nascimento. Em um canto, com minhas costas para a parede para poder observar o tráfego de pedestres, conversamos em voz baixa, os lábios quase não se mexendo. Fango diz:

— Link está passando por maus pedaços, sabe. O dinheiro está curto,

realmente curto, porque a polícia está vigiando qualquer um que tenha uma ligação por mais remota que seja com os negócios. Eles vigiam seu filho, seu pessoal, a mim, todo mundo. Se eu comprasse uma passagem de avião hoje para Miami, os tiras ficariam sabendo. É sufocante, entende o que eu digo?

Na verdade, não, mas simplesmente balanço a cabeça. Ele continua:

— De qualquer forma, Link acha que você lhe deve dinheiro. Ele te pagou um monte de dinheiro, não recebeu nada em troca, você realmente fracassou, sabe, e agora Link quer ser reembolsado.

Finjo uma risada como se aquilo fosse uma grande piada. E realmente é cômico - um cliente que perde quer seu dinheiro de volta quando o caso termina. Fango, entretanto, não está achando graça.

— É engraçado - digo. - E quanto ele quer de reembolso?

— Tudo. Cem mil. Em dinheiro.

— Compreendo. Então, todo o trabalho que tive foi na verdade de graça, é isso, Fango?

— Link diria que todo o seu trabalho foi realmente um lixo. Não o levou a lugar nenhum. Ele contratou você porque você é um figurão na defesa, que deveria reverter a condenação e tirá-lo da cadeia. Não aconteceu, é claro, na verdade ele foi derrotado em tudo. E acha que você fez um péssimo trabalho, daí o reembolso.

— Link foi derrubado porque matou um juiz. Estranhamente, quando isso acontece, e é muito raro, isso de fato enfurece os outros juízes, Eu expliquei tudo isso ao Link antes de ele me contratar. Até coloquei por escrito. Eu disse a ele que seu caso seria muito difícil de ganhar por causa das provas decisivas que a Promotoria possuía. Claro que ele me pagou em dinheiro, mas eu coloquei isso nos livros e mandei para o Tio Sam cerca de um terço do total. O resto já foi gasto há muito tempo. Portanto, não resta nada para Link. Sinto muito.

Partner se aproxima e eu faço um sinal com a cabeça para ele. Fango o vê, reconhece-o, diz:

— Você tem um pit bull, Rudd, Link ainda tem mais alguns. Você tem trinta dias para conseguir o dinheiro. Eu voltarei.

Ele se vira e deliberadamente roça em Partner ao sair. Partner poderia quebrar seu pescoço, mas faço um sinal para ele ficar frio. Não vale a pena começar uma briga no meio do Velho Tribunal, embora eu já tenha visto várias ali.

A maioria envolvendo advogados furiosos trocando socos.

7

Não muito tempo depois de Tadeo ficar famoso por matar um árbitro, comecei a receber solicitações de médicos alegando serem peritos judiciais, todos querendo fazer parte do show. Eram quatro ao todo, todos médicos com currículos impressionantes, todos com experiência em tribunais diante de júris. Eles tinham lido sobre o caso, tinham visto o vídeo e, em diversos graus, todos deram a mesma opinião, a saber: Tadeo estava legalmente insano quando atacou Sean King no ringue. Ele não sabia o que era certo ou errado, nem conseguia avaliar a natureza do que estava fazendo.

"Insanidade" é um termo jurídico, não um termo médico.

Conversei com todos os quatro, fiz um pouco de pesquisa, liguei para outros advogados que haviam utilizado os serviços deles e me decidi por um sujeito chamado dr. Taslman, de San Francisco. Por vinte mil dólares, mais despesas, ele estava disposto a testemunhar em favor de Tadeo e fazer sua mágica com o júri. Apesar de ainda não ter se encontrado com o réu, ele já está convencido de que sabe a verdade.

A verdade pode ser cara, especialmente quando vem de peritos judiciais. Nosso sistema está repleto de "especialistas" que pouco fazem na forma de ensino, pesquisa ou redação. Em vez disso, vagam pelo país como pistoleiros de aluguel testemunhando por gordos honorários. Escolha uma questão, um conjunto de fatores, uma causa misteriosa, um resultado inexplicável, qualquer coisa, na verdade, e poderá achar um caminhão de PhDs dispostos a testemunhar com toda espécie de mirabolantes teorias. Eles fazem propaganda. Eles aliciam. Vão a procura de casos. Rondam convenções onde os advogados se reúnem para beber e comparar anotações. Eles se vangloriam de "seus veredictos".

Suas derrotas são raramente mencionadas.

As vezes, eles são desacreditados por maldosos contrainterrogatórios, em audiências públicas, mas continuam no negócio porque muitas vezes são eficazes. Em um julgamento de ação penal, um perito tem que convencer somente um jurado para fazer com que todos os trabalhos sejam suspensos e acarretar o encerramento antecipado do julgamento. Suspenda os procedimentos novamente no novo julgamento e o Estado em geral joga a toalha.

Encontro-me com Tadeo em uma sala de visitas na prisão, nosso local de sempre, e discutimos o possível papel do dr. Taslman em sua defesa. O perito irá testemunhar que ele, Tadeo, teve um blecaute, enlouqueceu e não tem nenhuma lembrança do que aconteceu. Tadeo gosta da nova teoria. Sim, pensando bem,

ele realmente ficou insano. Eu menciono os honorários e ele diz que está falido. Eu já havia mencionado meus honorários e ele estava ainda mais falido. Desnecessário dizer que representarei Tadeo Zapate simplesmente porque o amo. Por isso e pela publicidade.

É a teoria de O. J. Simpson de honorários advocatícios: Eu não vou lhe pagar. Você tem sorte de estar aqui. Pode escrever um livro e ganhar dinheiro.

Usando a papelada de Harry & Harry, eu protocolo a petição apropriada informando a corte que estaremos baseando a defesa em insanidade mental. Como um super-herói dos procuradores, Max Mancini rosna em resposta, como sempre. Max está em pleno controle da questão Zapate, primeiramente por causa da irrefutável prova de culpa, mas também pela publicidade. Ele continua oferecendo quinze anos por homicídio qualificado. Eu insisto em dez, embora não tenha certeza de que meu cliente iria aceitar se declarar culpado por essa pena. Conforme as semanas se passaram e Tadeo se tornou beneficiário de horas de aconselhamento legal gratuito oferecido pelo presídio, ele se tornou ainda mais rígido em sua crença de que eu posso de algum modo mexer os pauzinhos certos e tirá-lo dali. Ele quer um daqueles detalhes técnicos que todos os seus companheiros de cela conhecem.

O dr. Taslman vem a cidade e vamos almoçar. Ele é um psiquiatra aposentado que nunca gostou de ensinar, nem de ouvir os pacientes. A insanidade legal sempre o fascinou — o crime de paixão, o impulso irresistível, o momento em que a mente está tão cheia de emoção e ódio que ela comanda o corpo a agir violentamente e de uma forma nunca contemplada antes. Ele prefere falar sozinho o tempo todo. É sua maneira de me convencer do quanto é brilhante. Ouço toda aquela besteira enquanto tento analisar como um júri reagirá a ele. Ele é uma pessoa simpática, intensa, inteligente e um bom papo. Além do mais, é da Califórnia, a três mil e duzentos quilômetros de distância. Todos os advogados de tribunal sabem que quanto maior a distância que um especialista viaja, mais credibilidade ele tem com o júri.

Eu lhe dou um cheque pela metade de seus honorários. A outra metade será paga no julgamento.

Ele passa duas horas avaliando Tadeo e, surpresa, surpresa, ele agora tem certeza de que o garoto sofreu um blecaute, enlouqueceu e não se lembra de ter surrado o árbitro.

Então, agora temos uma defesa, por mais duvidosa que seja. Não estou muito animado, porque o Estado convocará dois ou três peritos, todos tão dignos de crédito quanto Taslman e eles vão nos ofuscar com seu brilho. Tadeo testemunhará e terá uma atuação verossímil ao vivo, talvez até derrame algumas lágrimas, depois será triturado por Mancini no contrainterrogatório.

Mas o vídeo não mente. Ainda estou convencido de que os jurados assistirão a ele repetidamente e enxergarão a verdade. Silenciosamente, zombarão de Taslman e darão risada de Tadeo, em seguida entregarão o veredicto de culpado. Culpado significa vinte a trinta anos. No dia do julgamento, eu provavelmente conseguirei que o promotor diminua a pena para doze ou quinze anos.

Como posso convencer um cabeça dura de vinte e dois anos a se declarar culpado para uma pena de quinze anos? Amedrontá-lo com trinta? Duvido. O grande Tadeo Zapate nunca se deixou amedrontar facilmente.

8

Hoje é o aniversário de oito anos de Starcher. A ordem judicial surrada e maltratada que determina o tempo que passo com meu filho diz claramente que eu tenho duas horas com ele em cada aniversário.

Duas horas é demais, segundo sua mãe. Ela acha que uma hora é mais do que suficiente; na verdade, tempo nenhum seria a sua preferência. Empurrar-me para fora de sua vida completamente é a sua meta, mas eu não deixo isso acontecer. Posso ser um pai patético, mas estou me esforçando. E pode chegar um dia em que o garoto queira passar mais tempo comigo a fim de se livrar de suas mães rabugentas.

Assim, estou sentado em um McDonald's, à espera de começar as minhas duas horas. Judith finalmente para diante da lanchonete com seu Jaguar, seu carro de advogada, e desce com Starcher. Ela o conduz para dentro, me vê, fecha a cara como se preferisse estar em qualquer outro lugar e o entrega a mim.

— Estarei de volta às cinco horas - diz para mim, entre os dentes.

—Já são quatro e quinze — digo, mas ela finge não me ouvir. Ela se afasta, bufando, e ele senta-se à minha frente. Eu sorrio e digo:

— Como vai, amigão?

— O.k. — murmura ele, quase com medo de falar com seu pai. Nem posso imaginar as ordens rígidas que ela atirou nele durante o percurso de carro. Não coma a comida. Não tome as bebidas. Não brinque no parque infantil. Lave as mãos. Não responda às perguntas se "ele" interrogar você sobre mim, ou sobre Ava, ou qualquer coisa que tenha a ver com nossa casa. Não se divirta.

Em geral, ele precisa de alguns minutos para se livrar dessa pancadaria antes de relaxar na minha companhia.

— Feliz aniversário — digo.

— Obrigado.

— Sua mãe me disse que você vai ter uma grande festa no sábado. Muitas crianças, bolo e coisas assim. Deve ser divertido.

— Acho que sim — diz ele.

Não fui convidado para a festa, é claro. É em sua casa, o lugar onde ele vive metade de sua vida com Judith e Ava. Um lugar que nunca vi.

— Está com fome?

Ele olha ao redor. É um McDonald's, o paraíso de uma criança, onde tudo é cuidadosamente projetado para fazer as pessoas ansiarem pela comida que parece muito mais deliciosa nas paredes do que nas mesas. Ele aponta

diretamente para um grande cartaz anunciando uma enorme bebida com sorvete chamada McGlacier. Parece muito boa.

— Acho que vou experimentar um daqueles. E você?

— Mamãe diz que eu não deveria comer nada aqui. Diz que tudo é ruim para mim.

Este é o meu tempo com ele, não de Judith. Eu sorrio, inclino-me para a frente como se estivéssemos conspirando.

— Mas sua mãe não está aqui, não é? Eu não vou contar, você não vai contar. Só nós, os rapazes, certo?

Ele ri e diz:

— Certo.

Debaixo da mesa, eu retiro uma caixa embrulhada para presente e coloco-a em cima da mesa.

— É para você, amigão. Feliz aniversário. Abra.

Ele agarra a caixa enquanto eu me dirijo ao balcão.

Quando retorno com as bebidas, ele está olhando para um tabuleiro de gamão em cima da mesa. Quando eu era pequeno, meu avô me ensinou a jogar dama, depois gamão, depois xadrez. Eu era fascinado por jogos de tabuleiro de todas as variedades. Quando criança, ganhava jogos de tabuleiro nos aniversários e no Natal. Quando tinha dez anos, eu tinha pilhas deles no meu quarto, uma vasta coleção da qual eu cuidava cuidadosamente. Eu raramente perdia em qualquer dos jogos. O gamão se tornou o meu preferido e eu infernizava a vida de meu avô, minha mãe, meus amigos, qualquer um na verdade, para jogar. Aos doze anos, fiquei em terceiro lugar em um torneio municipal para crianças. Aos dezoito, já competia bem em torneios de adultos. Na faculdade, eu jogava por dinheiro até que os outros alunos pararam de jogar comigo.

Espero que um pouco desse entusiasmo passe para meu filho. Está ficando evidente que ele muito provavelmente ficará parecido comigo, com o mesmo jeito de andar e de falar. Ele é muito inteligente, embora eu tenha que admitir que tenha recebido boa parte disso da mãe. Judith e Ava estão mantendo-o longe de videogames. Depois do julgamento Renfro, eu estou encantado com eles.

— O que é isso? - pergunta ele, pegando seu McGlacier e olhando para o tabuleiro.

— Chama-se gamão, um jogo de tabuleiro que existe há séculos. Vou ensiná-lo a jogar.

— Parece difícil - diz ele, enquanto toma uma colherada do sorvete.

— Não é. Eu comecei a jogar isso quando tinha oito anos. Você vai entender logo.

— Está bem — diz ele, pronto para o desafio. Eu arrumo as peças e começo

com o básico.

9

Partner para nossa van em um estacionamento lotado e entra no centro comercial. Ele vai para um restaurante de dois andares que ocupa uma ala do centro comercial e encontrará um lugar junto a janela em uma pequena área de bar no andar de cima. De lá, vigiará a van para ver quem mais está vigiando a van.

As quatro horas da tarde, Arch Swanger bate na porta de correr. Eu a abro. Eu o convido a entrar em meu escritório. Ele senta-se em uma confortável cadeira reclinável e olha a sua volta. Sorri ao ver o couro, a televisão, o estéreo, o sofá, a geladeira.

— Muito legal - diz ele. — É realmente seu escritório?

— É, sim.

— Eu imaginava que um figurão como você teria um escritório sofisticado em um desses prédios altos no centro da cidade.

— Eu já tive, mas foi alvejado por uma bomba incendiária. Agora, prefiro ser um alvo em movimento.

Ele olha fixamente para mim por um segundo como se não tivesse certeza se eu estaria falando a sério. Os óculos azuis falsificados foram substituídos por óculos de aro preto, que na verdade conseguem fazê-lo parecer um pouco mais inteligente. Ele usa uma boina de golfe de feltro preto que parece autêntica. É uma boa aparência, um disfarce eficaz. De três metros de distância, não daria para perceber que se trata do mesmo sujeito.

— É verdade? Seu escritório foi incendiado?

— Foi, há uns cinco anos. Não pergunte por quem porque eu não sei. Ou foi um traficante de drogas ou algum tira disfarçado. Pessoalmente, acho que foram os narcotraficantes porque a polícia não mostrou muito entusiasmo quando foi investigar o incêndio.

— Veja, é isso que eu gosto a seu respeito, sr. Rudd. Posso chamá-lo de Sebastian?

— Prefiro sr. Rudd, até ser contratado. Depois disso, pode me chamar de Sebastian.

— O. k., sr. Rudd, gosto de saber que os tiras não gostam de você e que você não gosta deles.

— Conheço muita gente na força e nós nos damos bem — digo, floreando um pouco. Gosto de Nate Spurio e de mais uns dois sujeitos. - Vamos falar de negócios. Tive uma conversa com o detetive, nosso amigo Landy Reardon, e eles

não têm muita coisa em termos de provas. Eles têm certeza de que você é o culpado, só não conseguem provar ainda.

Esse seria o momento perfeito para ele negar a culpa. Algo simples e completamente banal como: “Eles pegaram o cara errado”, seria apropriado nesse momento. Em vez disso, ele diz:

—Já tive outros advogados, vários, a maioria indicada pela corte, e nunca senti que podia confiar neles, sabe? Mas sinto que posso confiar em você, sr. Rudd.

— Voltemos aos negócios, Arch. Por honorários de dez mil dólares, eu o representarei até a etapa de pronúncia. Uma vez indiciado, e encarando um julgamento, minha representação terminará. Nesse ponto, sentaremos para discutir nosso futuro juntos.

— Eu não tenho dez mil dólares e acho que isso é demais só para chegar à pronúncia. Sei como o sistema funciona.

Ele não está inteiramente errado sobre isso. Dez mil para os arrufos iniciais é um pouco excessivo, mas eu sempre começo do alto.

— Não vou negociar, Arch. Sou um advogado ocupado com um monte de clientes. — Do bolso de sua camisa, ele retira um cheque dobrado.

— Aqui estão cinco mil, da conta de minha mãe. É o melhor que podemos fazer.

Eu desdobro o cheque. Banco local. Cinco mil. Assinado por Louise Powell.

— Powell foi seu terceiro marido, morto. Meus pais se divorciaram quando eu era pequeno. Não vejo meu velho e querido pai há muito tempo.

Cinco mil podem me manter no jogo e no noticiário, e não é uma soma ruim para o primeiro ou segundo round. Eu dobro o cheque outra vez, coloco-o no bolso da minha camisa e pego um contrato para serviços legais. Meu celular está na mesinha a minha frente. Ele vibra. É Partner.

— Com licença um minuto. Preciso atender.

— O escritório é seu.

Partner diz:

— Você tem dois tiras em um jipe branco a quinze metros de distância. Acabaram de chegar e estão vigiando a van.

— Obrigado. Me mantenha informado.

Eu digo a Swanger:

— Seus amiguinhos estão na sua cola. Sabem que você está aqui e conhecem minha van. Não há nada de errado com um advogado se encontrar com seu cliente.

Ele sacode a cabeça e diz:

— Eles me seguem por toda parte. Você tem que me ajudar.

Devagar, eu o faço ler e compreender o contrato. Quando tudo está esclarecido, nós dois o assinamos. Para que fique bem claro, acrescento:

— Vou direto ao banco. Se o cheque não puder ser descontado, o contrato é anulado. Compreendeu?

— Acha que eu iria lhe dar um cheque sem fundos?

Não posso deixar de sorrir.

— Foi sua mãe quem o assinou. Eu corro algum risco.

— Ela bebe demais, mas não é uma vigarista.

— Desculpe-me, Arch. Não quis dizer isso. É só que recebo minha cota de cheques sem fundos.

Ele abana a mão e diz:

— Tanto faz.

Olhamos fixamente para a mesa por um ou dois minutos, e eu finalmente digo:

— Há alguma coisa sobre a qual você gostaria de falar agora que tem um advogado?

— Tem uma cerveja nesse belo frigobar?

Eu estendo a mão, abro a porta da pequena geladeira e tiro uma lata de cerveja. Ele abre a lata e toma um grande gole. Ele fica satisfeito e diz com uma risada:

Acho que esta é a cerveja mais cara que eu já tomei.

É uma maneira de encarar. Não se esqueça de que nenhum outro advogado lhe serviria um drinque em seu escritório.

— Tem razão. Você é o primeiro. — Outro gole. — Portanto, Sebastian, é Sebastian agora, certo, agora que desembolsei o dinheiro e assinamos um contrato?

— Pode ser Sebastian.

— O. k., Sebastian, além de uma cerveja, o que eu ganho por cinco mil?

— Aconselhamento jurídico, para começar. E proteção. Os tiras não se sentirão tentados a arrastá-lo para a delegacia e atacá-lo em um de seus infames interrogatórios de dez horas. Não vão tocar em você enquanto tiverem que seguir as normas. Eu me relaciono bem com o detetive Reardon e tentarei convencê-lo de que eles não têm provas suficientes para seguir em frente. Se encontrarem alguma prova, é quase certo que ficarei sabendo.

Ele vira a lata de cerveja, esvazia o conteúdo e limpa a boca na manga da camisa. Um garoto de fraternidade não poderia tê-la esvaziado mais depressa. É outro momento perfeito para ele dizer algo como “Não há nenhuma prova”. Em vez disso, ele arrota e diz:

— E se eu for preso?

— Então, estarei na prisão tentando tirá-lo de lá, o que será impossível. Uma acusação de homicídio nesta cidade significa que não há fiança. Entrarei com um monte de petições e farei algum barulho. Tenho amigos no jornal e deixarei vazar o fato de que a polícia tem muito pouco em termos de provas. Começarei por intimidar o promotor público.

— Não parece muito por cinco mil dólares. Posso tomar outra cerveja?

Eu hesito por um segundo e rapidamente decido que duas será seu limite, ao menos em meu escritório. Eu lhe entrego outra lata e digo:

— Eu lhe devolvo o dinheiro agora mesmo, Arch, se você estiver infeliz com nosso arranjo. Como eu disse, sou um advogado ocupado com muitos clientes. Cinco mil dólares não vão mudar a minha vida.

Ele abre a lata e toma um bom gole.

— Quer o cheque de volta?

— Não.

— Então pare de reclamar dos honorários.

Ele olha fixamente para mim e, pela primeira vez, eu vejo o olhar frio, vazio, de um assassino. Já vi isso antes. Ele diz:

— Eles vão me matar, Sebastian. Os tiras não podem provar nada, não conseguem achar seu homem e estão sob uma grande pressão. Eles têm medo de mim porque, se me prenderem, vão ter que lidar com você, e como não têm nenhuma prova, não querem ir a julgamento. Imagine um veredicto de inocente depois de um enorme julgamento. Assim, para evitar problemas, eles vão simplesmente me "apagar" e facilitar a vida de todo mundo. Sei disso porque eles me disseram. Não o detetive Reardon. Não os figurões na Central. Mas os tiras na rua, alguns desses caras que me seguem o tempo todo, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Eles vigiam o trailer até quando estou dormindo. Eles me perseguem, me atormentam, me ameaçam. E eu sei que vão me matar, Sebastian. Você sabe como esse departamento é podre. — Ele se cala e toma outro gole de cerveja.

— Duvido — digo. — Claro, temos algumas maçãs podres, mas nunca soube que algum deles tenha atacado fisicamente um suspeito de homicídio só porque não conseguia provas contra ele.

— Conheci um cara que eles mataram, um traficante de drogas. Fizeram parecer que tinha sido uma entrega que não deu certo.

— Não vou discutir isso.

— Eis o problema, Sebastian. Se colocarem uma bala em minha cabeça, nunca encontrarão o corpo da garota.

Meu estômago dá uma reviravolta, mas eu mantenho uma expressão impassível. É comum o acusado negar a culpa. Nunca se ouviu falar que ele

admita o crime, especialmente não em um estágio tão inicial.

Nunca pergunto a réus criminais se eles são culpados. É uma perda de tempo e eles mentem de qualquer forma. Eu continuo cuidadosamente:

— Então, você sabe onde o corpo está?

— Deixe-me esclarecer uma coisa, Sebastian. Você agora é meu advogado e eu posso lhe dizer qualquer coisa, certo? Se eu matei dez garotas e escondi seus corpos e lhe contei isso, você não pode repetir nem uma palavra, correto?

— Correto.

— Nunca?

— Só há uma exceção à regra. Se você me disser algo em confidência e eu acreditar que isso colocará outras pessoas em perigo, então posso contar às autoridades. Fora isso, nunca posso contar.

Satisfeito, ele sorri e toma um gole de cerveja.

— Relaxe, eu não matei dez garotas. E também não estou dizendo que matei Jiliana Kemp, mas sei onde ela está enterrada.

— Sabe quem a matou?

Ele faz uma pausa, diz que sim, depois fica calado outra vez. É óbvio que ele não vai citar nenhum nome. Abro a geladeira e pego uma cerveja para mim mesmo. Bebemos por alguns minutos. Ele observa cada movimento meu, como se soubesse que meu coração está martelando no peito. Finalmente, eu digo:

— O.k., não estou pedindo nenhuma informação, mas você acha que é importante para alguém, talvez para mim, saber onde ela está?

— Sim, mas tenho que pensar sobre isso. Talvez eu lhe diga amanhã. Talvez não.

Meus pensamentos se voltam diretamente para a família Kemp e seu horrível pesadelo. Neste momento, eu odeio esse sujeito e adoraria vê-lo atrás das grades, ou pior. Tomando uma cerveja em minha van, muito à vontade, enquanto a família sofre.

— Quando ela foi morta? - pergunto, pressionando.

— Não sei ao certo. Não fui eu, eu juro. Mas ela não deu a luz em cativeiro, se é isso o que quer saber. Não houve nenhum bebê vendido no mercado negro.

— Você sabe muita coisa, hein?

— Sei demais e isso vai acabar me matando. Talvez eu tenha que desaparecer, sabe?

— Fugir é um sinal claro de culpa. Será usado contra você no tribunal. Eu não aconselharia.

— Então quer que eu permaneça aqui e leve um tiro.

— Os tiras não matam suspeitos de assassinato, o.k., Arch? Acredite.

Ele amassa sua lata e a deixa sobre a mesa.

— Não tenho mais nada a dizer no momento, Sebastian. Até mais.

— Você tem meu telefone.

Ele abre a porta e sai. Partner o observa enquanto ele olha a sua volta, procura os tiras, depois entra no centro comercial e desaparece.

Partner e eu vamos direto ao banco. O cheque não é bom. Ligo para Arch por uma hora e finalmente consigo falar com ele. Ele pede desculpas e promete que o cheque poderá ser descontado amanhã. Algo me diz que serei um idiota em acreditar nele.

10

São 4h33 da manhã e meu telefone está tocando. Pego o telefone e não reconheço o número. Isso é sempre sinal de encrenca.

— Alô — digo.

— Ei, Sebastian, sou eu, Arch. Tem um minuto?

Claro, Arch. Por mais estranho que pareça, não estou assim tão ocupado no meio da noite. Respiro fundo e digo:

— Claro, Arch, eu tenho um minuto. Mas são quatro da manhã, portanto é melhor que seja importante.

— Estou fora da cidade, sabe, oficialmente em fuga. Eu os despistei e consegui atravessar a rede deles, e não vou voltar, de modo que jamais irão me pegar.

— Grande erro, Arch. É melhor procurar outro advogado.

— Você é o meu advogado, Sebastian.

— O cheque é borrachudo, Arch. Lembra-se do que eu disse?

— Você ainda está com ele, leve-o para descontar hoje, juro que conseguirá. — Suas palavras são rápidas e entrecortadas e sua voz soa como se tivesse corrido. — Olhe, Sebastian, quero que saiba onde a garota está, o.k.? Para o caso de alguma coisa me acontecer. Há outras pessoas envolvidas e eu poderia facilmente me dar mal, entende?

— Na verdade, não.

— Não posso explicar tudo, Sebastian. É complicado. Tem gente atrás de mim, tiras e uns caras que fazem os tiras parecerem escoteiros.

— Que pena, Arch. Não posso ajudá-lo.

— Você já viu aquele outdoor na interestadual, a cerca de uma hora daqui, um grande cartaz luminoso em um milharal que diz “Reversão de vasectomias”? Já viu, Sebastian?

— Acho que não.

Cada pensamento racional e cada instinto meu me dizem para cancelar aquela chamada imediatamente. Simplesmente desligue, idiota. E nunca mais fale com ele. Fisicamente, entretanto, eu fico paralisado e não consigo fazer isso.

Sua voz está animada agora, como se ele estivesse se divertindo muito.

— “Reversão de vasectomias com o dr. Woo. Todos os seguros de saúde aceitos. Ligue vinte e quatro horas por dia. Ligação gratuita. ” É lá que ela está enterrada, Sebastian, embaixo do outdoor, ao lado de um milharal. Meu pai fez vasectomia dois anos antes de eu nascer, não sei o que deu errado e minha mãe

ficou absolutamente perplexa. Talvez ela estivesse saindo com mais alguém. Então, quem é o meu pai, certo? Acho que nunca saberemos. De qualquer modo, sempre tive esse fascínio por vasectomias. Um pequeno corte aqui, um pequeno corte ali, pode voltar dirigindo para casa e será estéril pelo resto da vida. Um procedimento tão simples, mas com resultados tão dramáticos. Você fez vasectomia, Sebastian?

— Não.

— Achei que não. Você é um garanhão.

— Então, você a enterrou, é isso que está dizendo, Arch?

— Não estou dizendo nada, Sebastian. Apenas adeus e obrigado por manter isso em segredo. Darei notícias depois.

11

Eu me enrolo em um cobertor e sento-me no pequeno terraço. Está frio e escuro, e as mas lá embaixo estão silenciosas e vazias. Em momentos assim, eu me pergunto por que me tornei um advogado de defesa criminal. Por que escolhi passar a vida tentando proteger pessoas que, em sua maioria, fizeram coisas terríveis? Posso justificar isso pelos motivos usuais, mas em momentos como este meu coração não está realmente nessa profissão. Penso na escola de arquitetura, minha segunda escolha. Mas, por outro lado, conheço alguns arquitetos e eles têm seus próprios problemas.

Primeiro cenário: Swanger está dizendo a verdade. Nesse caso, estou obrigado pela ética e pelo dever a ficar calado? Lado a lado, está a pergunta: eu sou realmente seu advogado? Sim e não. Assinamos um contrato, mas ele quebrou o contrato ao me pagar com um cheque sem fundos. Sem contrato significa sem representação, mas nunca é muito claro. Eu me reuni com ele em duas ocasiões e durante as duas ele me considerou seu advogado. Ambas foram obviamente reuniões de advogado e cliente. Ele pediu aconselhamento jurídico. Eu dei. Ele seguiu a maior parte. E confiou em mim. Quando ele me contou sobre o corpo, certamente achou que estava falando com seu advogado.

Segundo cenário: digamos que eu seja seu advogado, eu nunca mais o vejo e decido contar à polícia o que ele me disse. Seria uma verdadeira quebra de confiança de cliente, provavelmente suficiente para que a minha licença de advogado seja caçada. Mas quem vai se queixar? Se ele estiver em fuga, ou morto, que transtornos ele pode me causar?

Terceiro cenário: muitos. Se o corpo estiver onde ele diz que está, e eu contar à polícia, então Swanger será caçado, encontrado, julgado, condenado e receberá a pena de morte. Ele me culparia e teria razão. Minha carreira estaria acabada.

Quarto cenário: não posso contar a polícia, sob nenhuma circunstância. Ela não sabe o que eu sei e eu não vou lhes contar. Penso na família Kemp e em seu pesadelo, mas não há nenhuma maneira de quebrar uma relação de confiança. Com sorte, a família jamais ficará sabendo que eu sei.

Quinto cenário: Swanger está mentindo. Ele parecia ansioso demais para me contar. Ele está de brincadeira e me arrastando para dentro de algum terrível esquema que só poderá terminar mal. Ele sabia que o cheque iria voltar. Sua pobre mãe nunca viu cinco mil dólares em sua vida, nem ele.

Sexto cenário: Swanger não está mentindo. Posso deixar a informação vazar para Nate Spurio, meu informante dentro do departamento. O corpo será

encontrado. Swanger será preso e levado a julgamento e eu não estarei nem perto do tribunal. Se ele matou a garota, quero vê-lo atrás das grades.

Imagino vários outros cenários e as coisas começam a ficar mais confusas, não mais claras. As cinco e meia, eu ligo a cafeteira. Enquanto o café está sendo preparado, arrumo todas as quinze bolas e começo com uma leve tacada. O vizinho ao lado queixou-se do barulho de bolas batendo uma na outra nas horas mais estranhas, de modo que eu trabalho minhas tacadas mais delicadas. Encaçapo todas as bolas, encaçapo a bola 8 em um dos cantos, encho uma caneca de café forte e jogo todas outra vez. Um novo rack e eu deixo a bola 4 a três centímetros da bolsa. Trinta e três seguidos. Nada mau.

Reversão de vasectomias?

12

A polícia me segue, mas sem muito entusiasmo. Partner diz que eles estão me seguindo na metade do tempo, que ficaram furiosos quando Swanger foi ao meu encontro na van, mas isso foi há mais de uma semana. Partner me deixa na Ken's Kars, uma revendedora barata de carros usados na parte hispânica da cidade. Já fiz algum trabalho para Ken, o mantive fora da cadeia, e tanto ele quanto eu sabemos que nossos dias de luta livre não se acabaram. Ele adora negócios escusos, quanto mais escuso melhor, e é apenas uma questão de tempo até uma equipe da SWAT aparecer com outro mandado de prisão.

Por vinte dólares em dinheiro, por dia, Ken me "aluga" um utilitário de seu triste estoque, sem perguntas. Eu faço isso às vezes, quando acho que estou sendo vigiado. Minha van Ford preta é muito fácil de localizar. A amassada Subaru que Ken escolhe para mim, entretanto, nunca chamará atenção. Passo alguns minutos com ele, trocamos alguns insultos e eu pego a estrada.

Dou voltas pelas ruelas da parte decadente da cidade, às vezes andando em círculos, sempre com um olho no retrovisor. Por fim, encontro um atalho que me leva à interestadual e quando tenho certeza de que não há ninguém me seguindo eu sigo para o sul. A oitenta e quatro quilômetros dos limites da cidade, passo pelo outdoor do dr. Woo do outro lado da rodovia. Como Swanger disse, é um anúncio grande à beira de um milharal. Ao lado das palavras "Reversão de vasectomias" vê-se o rosto grande e imbecil do dr. Woo olhando para o tráfego que se dirige para o norte. Faço o retorno na próxima saída, dirijo seis quilômetros e meio até o anúncio e estaciono perto dele. O tráfego passa roncando, as rajadas de vento acarretadas pelos grandes caminhões quase levantando nos ares minha pequena perua Subaru. Ao lado do acostamento, há uma vala coberta de ervas daninhas e entupida de lixo, e do outro lado da vala há uma cerca de tela de arame sufocada de trepadeiras. Além da cerca, há uma estrada de acesso, de cascalhos, que beira o milharal. O fazendeiro a quem pertence o lugar escavou um estreito retângulo para arrendar para a companhia proprietária do outdoor, e no centro do retângulo há quatro grandes postes de metal que seguram o outdoor. À volta deles, veem-se mais mato, mais lixo, algumas espigas de milho extraviadas. Acima deles, o dr. Woo ri para o tráfego enquanto apregoa suas habilidades.

Ele seria a última pessoa a quem eu confiaria meus testículos.

Embora eu não tenha nenhuma experiência, imagino que se possa usar a escuridão como cobertura, seguir pela estrada de acesso, cavar uma boa

sepultura, arrastar um corpo para ela, encher de novo o buraco, espalhar terra e lixo à volta e encobrir tudo. Deixar, então, alguns meses se passarem, enquanto as estações mudam e a terra se assenta.

E por que escolher um lugar tão perto de uma rodovia interestadual com vinte mil carros por dia? Não faço a menor ideia, mas lembro a mim mesmo que estou tentando entender uma mente muito doentia. Esconder-se a céu aberto funciona o tempo todo, eu acho. E tenho certeza de que às três da madrugada este lugar é bastante deserto.

Olho para o mato embaixo do outdoor e penso na família Kemp. E amaldiçoo o dia em que Conheci Arch Swanger.

13

Dois dias depois, estou esperando em um corredor no Velho Tribunal quando recebo uma mensagem do detetive Reardon. Ele diz que precisamos conversar, e depressa. É urgente. Uma hora depois, Partner me deixa na Central e eu corro para a sala abafada e apertada de Reardon. Nenhum olá, nenhum aperto de mão, nenhum cumprimento de nenhuma espécie, mas eu não espero nenhum mesmo.

Ele resmunga:

— Tem um minuto?

— Estou aqui — digo.

— Sente-se. - Há apenas um lugar para se sentar, um banco de couro coberto de poeira e pastas de arquivo. Olho para isso e digo:

— Tudo bem. Vou ficar em pé mesmo.

— Como quiser. Sabe onde Swanger está?

— Não, não faço a menor ideia. Achei que vocês estivessem na cola dele.

— Estávamos, mas ele fugiu. Nenhum sinal há mais de uma semana, nada. Desapareceu. - Ele se deixa cair em sua cadeira giratória de madeira e por fim coloca os dois pés em cima da mesa. — Você ainda é o advogado dele?

— Não. Quando ele me contratou, me pagou com um cheque sem fundos. Nosso contrato é nulo.

Um sorrisinho afetado, falso.

— Bem, não é o que ele pensa. Isso chegou logo depois da meia-noite, no telefone da minha sala.

Ele estende o braço e aperta dois botões em sua secretária eletrônica vintage. Depois do sinal sonoro, a voz de Arch começa: “Esta mensagem é para o detetive Landy Reardon. Aqui é Arch Swanger. Estou na estrada e não vou voltar. Vocês me caçaram durante meses e estou cansado disso. Minha pobre mãe está fora de si por causa da permanente vigilância e das táticas abusivas. Por favor, deixem-na em paz. Ela é completamente inocente e eu também. Você sabe Perfeitamente bem que eu não matei aquela garota, que eu não tive nada a ver com isso. Gostaria de explicar isso para alguém disposto a ouvir, mas se eu voltar vocês simplesmente vão me prender e me atirar na prisão. Eu tenho algumas boas informações, Reardon, e gostaria de falar com alguém. Sei onde ela está no momento. Que tal isso?”

Faz-se uma longa pausa. Eu olho para Reardon e ele diz:

— Continue ouvindo.

Arch tosse algumas vezes e quando retoma sua voz está abalada, como se

estivesse ficando emotivo.

“Somente três pessoas sabem onde ela está enterrada, Reardon. Somente três. Eu, o sujeito que a matou e meu advogado, Sebastian Rudd. Eu contei a Rudd porque como advogado ele não pode contar a ninguém. Isso não está errado, Reardon? Por que um advogado deveria poder guardar segredos tão fatais? Eu gosto de Rudd, não me entenda mal. Droga, afinal eu o contratei. E se por algum golpe de sorte você conseguir me encontrar, então eu levarei Rudd para me soltar. ” Mais uma pausa e depois: “Preciso ir, Reardon. Até mais.”

Aproximo-me do banco de couro e sento-me em cima de algumas pastas. Reardon desliga a secretária eletrônica e inclina-se para a frente sobre os cotovelos.

— Veio de um celular pré pago e não pudemos rastreá-lo. Não temos a menor ideia de onde ele esteja.

Respiro fundo enquanto tento ordenar meus pensamentos. Não existe nenhuma razão estratégica ou de bom senso para Swanger dizer à polícia que eu sei onde o corpo está enterrado. Ponto final! E o fato de que ele estava tão ansioso para me contar e depois revelar isso para os policiais me faz duvidar dele ainda mais. Ele é uma fraude, talvez um assassino em série, um psicopata que gosta de fazer joguinhos e se delicia com a mentira. Mas o que quer que ele seja, e quaisquer que sejam seus motivos, ele me atirou de um penhasco e eu estou em queda livre.

A porta se abre repentinamente e entra Roy Kemp, chefe de polícia adjunto e pai da jovem desaparecida. Ele fecha a porta atrás dele e dá um passo em minha direção. É um sujeito durão, um ex-fuzileiro naval com um maxilar quadrado e cabelos grisalhos cortados a escovinha. Seus olhos estão cansados e vermelhos, evidência do preço que o último ano lhe cobrou. Seus olhos também transmitem um ódio que faz minha pele se arrepiar. Meu colarinho fica suado no mesmo instante.

Reardon se levanta, estala os nós dos dedos como se estivesse prestes a usar os punhos e me lança um olhar que poderia matar, e provavelmente o fará.

É fatal demonstrar fraqueza a um policial, a um promotor ou a um juiz, até mesmo a um júri, mas no momento é impossível reunir o menor vestígio de confiança, quanto mais de minha habitual arrogância.

Kemp vai direto ao ponto.

— Onde ela está, Rudd?

Lentamente, levanto-me, ergo as mãos e digo:

— Tenho que pensar sobre isso, o.k.? Isso me pegou desprevenido. Vocês tiveram tempo de planejar essa emboscada. Me deem algum tempo, o.k.?

— Não dou a mínima para sua confidencialidade, ética e toda essa baboseira,

Rudd. Você não faz a menor ideia do que estamos passando. Já faz onze meses e dezoito dias de puro inferno. Minha mulher não consegue se levantar da cama. Minha família inteira está desmoronando. Estamos desesperados, Rudd.

Apesar de todo o seu ar destemido, Roy Kemp é um homem em doloroso sofrimento, um pai que está atravessando como um sonâmbulo seu pior pesadelo. Ele precisa de um corpo, um funeral, uma sepultura permanente onde ele e sua mulher possam se ajoelhar na grama e chorar adequadamente sua perda. O horror e a incerteza devem ser intoleráveis.

Ele está bloqueando minha estreita passagem para a porta e eu me pergunto se ele realmente pretende chegar às vias de fato.

— Olhe, chefe, você está presumindo que tudo que Arch Swanger diz é verdade, e essa pode ser uma pressuposição errada.

— Você sabe onde minha filha está?

— Sei o que Arch Swanger disse, mas não sei se ele está dizendo a verdade. Francamente, eu duvido.

— Então, diga-nos de qualquer forma. Nós vamos ver.

— Não é tão simples. Não posso repetir o que ele me disse em confiança, sabe disso.

Kemp fecha os olhos. Olho para baixo e noto que ele está com os dois punhos cerrados. Devagar, ele os relaxa. Olho para Reardon, que me encara fixamente. Olho novamente para Kemp, cujos olhos vermelhos estão ligeiramente abertos. Ele balança a cabeça, como se dissesse: “O.k., Rudd, vamos jogar a seu modo. Mas nós vamos pegá-lo.”

Para ser franco, eu estou do lado deles. Adoraria dar com a língua nos dentes, ajudar a dar a garota um lugar adequado e definitivo para descansar, ajudar a caçar Swanger e ver com satisfação um júri condená—lo por assassinato. Infelizmente, entretanto, essa não é uma opção. Dou um pequeno passo em direção a porta e digo:

— Eu gostaria de sair agora.

Kemp não se move e de algum modo eu consigo passar roçando por ele sem provocar uma briga. Quando agarro a maçaneta, quase posso sentir uma faca em minhas costas, mas sobrevivo e consigo chegar ao corredor. Nunca deixei a Central tão apressadamente.

14

É a terceira sexta-feira do mês, hora de ir ao encontro de Judith para a nossa obrigatória reunião de dois drinques. Nenhum dos dois o quer, mas nenhum está disposto a se render e ir embora. Fazer isso seria confessar uma fraqueza, algo que nós dois simplesmente não podemos fazer, ao menos não um para o outro. Dizemos a nós mesmos que temos que manter as linhas de comunicação abertas porque temos um filho. Aquela pobre criança.

Esse é o nosso primeiro drinque desde que ela me arrastou ao tribunal em seu esforço inútil de acabar com todos os direitos de visitação. Assim, com aquela escaramuça ainda pairando no ar, haverá uma camada ainda mais grossa de tensão. Para ser franco, eu esperava que ela cancelasse. Eu poderia ser facilmente provocado a um bate-boca.

Chego cedo ao bar e me dirijo a um compartimento. Ela chega pontualmente como sempre, mas com uma expressão agradável no rosto. Judith não é uma pessoa agradável e não sorri muito. A maioria dos advogados não tem que lutar contra o estresse, mas a maioria dos advogados não trabalha em uma firma com nove outras mulheres, todas conhecidas por serem litigantes machonas a procura de uma briga. Seu escritório é uma panela de pressão e eu desconfio que sua vida doméstica também não é muito divertida. Quanto mais velho Starcher fica, mais fala de toda a gritaria entre Judith e Ava. Eu, é claro, extraio do garoto toda a sujeira que posso extrair.

— Como foi sua semana? — pergunto, a abertura de praxe.

— O mesmo. Parece que você está em um rolo. Outra foto no jornal. O garçom anota nossos pedidos, sempre os mesmos: chardonnay

para ela, whiskey sour para mim. Qualquer que tenha sido o pensamento agradável que ela trouxe para o bar, agora já desapareceu.

— Um pouco prematuro - digo. - Eu não represento mais o sujeito. Ele não pôde pagar os honorários.

— Nossa, pense em toda a publicidade que você vai perder.

— Encontrarei outra.

— Não tenho a menor dúvida sobre isso.

— Não estou com disposição para trocar insultos. Pego Starcher amanhã para as minhas trinta e seis horas. Algum problema com isso?

— Quais os seus planos?

— Então, eu tenho que submeter meus planos a sua aprovação? Quando foi que o tribunal ordenou isso?

— Só estou curiosa, só isso. Você precisa de um drinque.

Nós fitamos a mesa por alguns minutos, esperando as bebidas. Quando chegam, agarramos os copos sofregamente. Depois do terceiro gole, eu digo:

— Minha mãe está na cidade. Levaremos Starcher ao shopping para o costumeiro ritual pelo qual o pai que não tem a custódia mata algumas horas tomando café enquanto a criança anda no carrossel e pula pelo playground. Então, comeremos pizza de má qualidade e sorvete de má qualidade na praça de alimentação, veremos os palhaços dar cambalhotas e distribuir balões. Depois disso, iremos de carro até o rio e faremos um passeio a pé junto aos barcos no porto. O que mais você quer saber?

— Você planeja ficar com ele amanhã à noite?

— Tenho direito a trinta e seis horas, uma vez por mês. Isso é das nove da manhã de amanhã até as nove da noite de domingo. Faça as contas. Não é tão complicado.

O garçom aparece para perguntar se queremos alguma coisa. Eu peço outra rodada, embora nossos copos ainda não estejam pela metade. No último ano, eu quase consegui ansiar por esses encontros com Judith. Nós dois somos advogados e algumas vezes encontramos um terreno comum. Eu a amei um dia, embora eu não tenha certeza se ela sentiu o mesmo. Temos um filho. Andei acalentando a fantasia de que poderíamos desenvolver uma amizade, da qual eu preciso porque tenho poucos amigos. No momento, entretanto, não suporto nem vê-la.

Nós bebemos em silêncio, dois ressentidos ex-amantes que na verdade prefeririam se estrangular. Ela quebra a tensão.

— Que tipo de pessoa é Arch Swanger?

Falamos dele por alguns minutos, depois sobre o rapto e o pesadelo que a família Kemp está vivendo. Um advogado que ela conheceu certa vez lidou com um caso de condução de veículo sob efeito de álcool para o último namorado de Jiliana, o que supostamente deveria ser esclarecedor.

Os drinques terminam em trinta minutos, um recorde, e cada um segue seu caminho sem sequer o obrigatório beijinho no rosto.

15

É um desafio todo mês planejar uma atividade que seja divertida para Starcher. Ele já me disse que está cansado do shopping, do zoológico, da estação do corpo de bombeiros, do campo de golfe em miniatura e de teatro infantil. O que ele realmente quer fazer é ver mais lutas de MMA, mas isso não vai acontecer. Assim, eu compro um barco para ele.

Nós nos encontramos com minha mãe em um lugar chamado Landing, um ancoradouro artificial no meio do Parque da Cidade. Ela e eu tomamos café enquanto Starcher bebe sofregamente seu chocolate quente. Minha mãe está preocupada com sua criação. O menino não tem modos a mesa e nunca pronuncia as palavras “senhor”, “senhora”, “por favor” e “obrigado”. Eu tentei forçá-lo a isso, mas não consegui nada.

O barco é um modelo de corrida de controle remoto com um

motor que chia como uma serra elétrica abafada. O lago é artificial, um grande círculo de água com um chafariz no centro. E um ímã para barcos modelo de todos os tipos e para todas as idades. Starcher e eu mexemos com os controles remotos por meia hora antes de ficarmos a vontade com o brinquedo. Quando ele já se sente confortável, eu o deixo sozinho e sento-me ao lado de minha mãe em um banco embaixo de uma árvore.

É um belo dia, com o ar límpido e revigorante, e um luminoso céu azul. O parque está fervilhante de gente - famílias passeando, tomando sorvete, jovens mamães empurrando carrinhos de bebê, namorados rolando nas folhas. E não há falta de pais divorciados exercendo seus direitos de visitação.

Minha mãe e eu conversamos sobre assuntos sem importância enquanto observamos seu único neto ao longe. Ela mora a duas horas de distância e não recebe nossas notícias locais. E não ouviu falar nada do caso Swanger, e eu não estou disposto a tocar no assunto. Ela tem muitas opiniões e não aprova a minha carreira. Seu primeiro marido, meu pai, era um advogado que ganhava bem no ramo imobiliário. Ele morreu quando eu tinha dez anos. Seu segundo marido fez fortuna com balas de borracha e morreu aos sessenta e dois anos. Ela tem medo de se arriscar em um terceiro.

Vou buscar mais café em copos de papel para nós dois e retomamos nossa conversa. Starcher abana a mão me chamando e, quando chego perto dele, ele me entrega os controles e diz que precisa ir fazer xixi. Os toaletes não ficam distantes, logo do outro lado do lago, em um prédio que abriga os estandes com concessão para funcionar no parque e os escritórios da administração. Pergunto a

ele se precisa de ajuda e ele me lança um olhar maligno. Afinal, ele agora tem oito anos e está adquirindo confiança. Eu o observo enquanto se dirige ao prédio e entra no toalete masculino. Eu paro o barco e espero.

Há uma repentina comoção atrás de mim, vozes altas e altercadas, em seguida dois tiros espocam no ar. As pessoas começam a gritar. A cerca de cinquenta metros, um adolescente negro corre pelo parque, salta por cima de um banco, se arremete pelo meio de uns arbustos e desaparece no bosque, correndo como se sua vida estivesse em perigo. Evidentemente está. Não muito atrás dele está outro jovem negro, mais furioso e armado. Ele dispara a arma outra vez e as pessoas se jogam no chão. Em toda a minha volta, as pessoas que estavam desfrutando o dia agora estão agachadas, arrastando-se pelo chão, agarrando as crianças e correndo para salvar suas vidas. É uma cena de televisão, algo que todos nós já vimos antes e leva alguns segundos para se perceber que não se trata de ficção. É uma arma de verdade!

Penso em Starcher, mas ele está do outro lado do lago, no toalete, a uma boa distância do tiroteio. Quando me agacho e olho desenfreadamente ao redor, um homem em fuga esbarra em mim, murmura: “Desculpe”, e continua fugindo.

Quando tanto a presa quanto o caçador se perdem no bosque, eu aguardo, com medo de me mover. Em seguida, mais dois tiros ao longe. Se o segundo garoto encontrou o primeiro, ao menos não tivemos que assistir a isso. Paramos, esperamos, depois começamos a nos mover outra vez. Meu coração está acelerado, enquanto eu me levanto e olho atônito para as árvores densas junto com todo mundo. Quando parece que o perigo passou, respiro fundo. As pessoas se entreolham, aliviadas, mas ainda perplexas. Realmente acabamos de ver o que vimos? Dois policiais de bicicleta dobram a curva a toda a velocidade e desaparecem no bosque. Ao longe, pode-se ouvir uma sirene.

Olho para minha mãe, que está ao telefone como se não tivesse visto nada. Olho para o toalete masculino; Starcher continua lá dentro. Começo a caminhar para lá, parando para colocar o controle remoto no banco ao lado de minha mãe. Vários homens e garotos entraram e saíram do toalete.

— O que foi aquilo? - pergunta ela.

— A vida em uma cidade grande - respondo, enquanto me afasto.

Starcher não está no toalete. Corro para fora e começo a olhar em volta. Pego minha mãe, digo a ela que ele desapareceu e peço para ir verificar no toalete feminino. Por longos minutos nós dois vasculhamos a área, nosso temor crescendo a cada segundo. Ele não é o tipo de criança que se perderia. Não, Starcher faria xixi e voltaria direto para o lago para continuar sua corrida de barco. Meu coração está martelando e eu suo copiosamente.

Os dois policiais de bicicleta emergem do bosque, sem nenhum suspeito, e

vêm em nossa direção. Eu os paro, digo que meu filho desapareceu e eles imediatamente se comunicam pelo rádio. Em meu pânico, eu paro outras pessoas e peço a elas para ajudar.

Mais dois policiais de bicicleta chegam ao local. A área ao redor do Landing agora é uma zona de pânico; todos sabem que um menino desapareceu. A polícia está tentando trancar o parque inteiro, impedir que qualquer um saia, mas há uma dúzia de pontos de entrada e saída. Carros de patrulha chegam ao local. O lamento urgente das sirenes apenas aumenta o pânico. Vejo um homem de suéter vermelho. Eu acho que o vi entrar no toalete. Ele diz que sim, que esteve lá e que viu um garoto no mictório. Tudo parecia normal. Não, ele não viu o garoto sair. Corro para cima e para baixo dos passeios que dão voltas pelo parque, perguntando a todos no caminho se viram um garoto de oito anos parecendo perdido. Ele está usando calça jeans e um blusão de moletom marrom. Ninguém o viu.

Conforme os segundos se passam, eu tento me acalmar. Ele simplesmente se afastou. Não foi sequestrado. Não funciona; estou completamente em pânico.

Essa é a história terrível que você leu, mas acha que nunca poderá acontecer a você.

16

Depois de meia hora, minha mãe está quase desmaiando. Uma paramédica está sentada ao seu lado no banco do parque e cuida dela. A polícia me pede para ficar com ela também, mas não consigo ficar quieto. Há policiais por toda parte. Deus os abençoe.

Um homem jovem, de terno escuro, se apresenta como Lynn Colfax. Ele é o detetive da Divisão de Crianças Desaparecidas, Polícia Municipal. Que tipo de sociedade doente precisa de uma divisão inteira do seu departamento de polícia dedicado a crianças desaparecidas?

Ele e eu percorremos os momentos finais. Fico parado exatamente onde eu estava quando Starcher começou a andar em direção ao toalete, a menos de trinta metros de distância. Mantive os olhos nele até ele entrar, depois fui sobressaltado pelo barulho de tiros. Passo a passo, pensamento por pensamento, repassamos tudo.

O toalete masculino tem apenas uma porta e nenhuma janela. É inconcebível para mim, e também para o detetive Colfax, que alguém pudesse agarrar uma criança de oito anos e fisicamente removê-la do local sem ser visto. Mas, no momento, a maioria das pessoas que circulavam pelo Landing ou estavam agachadas atrás de bancos e arbustos ou estiradas no chão enquanto os tiros eram disparados. Outras testemunhas confirmam isso. Estimamos que a distração tenha demorado quinze, talvez vinte segundos. Tempo suficiente, eu penso.

Depois de uma hora, finalmente admito que Starcher não se afastou simplesmente. Ele foi levado.

17

A melhor maneira de contar a Judith é fazê-la ver por si mesma. Se alguma coisa de ruim acontecer ao nosso filho, ela jamais me perdoará e sempre afirmará que, sendo eu um pai tão negligente, sendo na verdade um pai tão desleixado em todas as áreas de orientação paterna, seu desaparecimento foi e é inteiramente culpa minha. Ótimo, Judith. Você venceu; a culpa é minha.

Creio que pode ser útil se ela vir a cena do crime, especialmente com todos os policiais ao redor.

Olho fixamente para meu celular por um longo tempo, depois faço a chamada. Ela atende com um "O que é? ".

Engulo em seco e tento soar calmo.

— Judith, Starcher desapareceu. Estou no Landing, no Parque da Cidade, com a avó dele e com a polícia. Ele desapareceu há cerca de uma hora. Você precisa vir aqui agora.

— O quê? — grita ela.

— Você me ouviu. Starcher está desaparecido. Acho que ele foi raptado.

Novamente, ela grita:

— O quê?! Como?! Você estava tomando conta dele?

— Sim, estava, sim. Discutiremos mais tarde. Apenas venha para cá.

Vinte e um minutos depois, eu a vejo correndo pelo passeio, obviamente uma mulher desesperada. Quando se aproxima do Landing e vê todos aqueles policiais, depois me vê, em seguida a fita amarela de cena do crime em volta dos toaletes, ela para, leva a mão à boca e desata a chorar. Lynn Colfax e eu vamos até ela e tentamos acalmá-la.

Ela range os dentes e pergunta:

— O que aconteceu?

Ela enxuga os olhos conforme repassamos a história outra vez. E outra vez. Ela não me diz nada, como se eu não fizesse parte do drama. Recusa-se até mesmo a olhar para mim. Ela interroga Colfax até todas as perguntas terem sido feitas. Ela assume o controle completo do lado familiar dos acontecimentos, até mesmo informa ao detetive que ela é quem tem a custódia da criança e que toda a comunicação será feita através dela. Quanto a mim, sou visto como nada mais do que um baby-sitter negligente.

Judith tem uma foto de Starcher no telefone celular. Colfax a envia por e-mail a sua sala. Ele diz que espalhará cartazes imediatamente. Todos os alertas e avisos já estão em andamento. Todo policial na cidade está à procura de Starcher.

18

Por fim, deixamos o Landing, embora seja doloroso. Eu preferiria ficar sentado ali a tarde inteira e a noite inteira, esperando que meu garotinho aparecesse e perguntasse: “Cadê meu barco? ” É o último lugar em que ele viu seu pai. Se ele estiver apenas perdido, talvez encontre seu caminho de volta. Parecemos sonâmbulos, entorpecidos e perplexos, dizendo a nós mesmos que isso não pode estar acontecendo.

Lynn Colfax diz que já passou por isso antes e que o melhor que temos a fazer agora é nos encontrarmos na Central, em sua sala, e conversarmos como devemos proceder. Ou é um rapto, um sequestro ou um desaparecimento, e os três apresentam problemas diferentes.

Levo minha mãe para o meu apartamento, onde é recebida por Partner. Ele tomará conta dela por algumas horas. Ela está se culpando por não ter sido mais atenta e está se queixando de que aquela megera da Judith se recusou a sequer notar sua presença.

— Por que você se casou com aquela mulher? - pergunta ela. Não foi por escolha. Sério, mamãe? Não podemos discutir isso em outra hora?

Colfax tem uma escrivaninha arrumada e uma presença calma e reconfortante. Isso não significa nada para nós —Judith e eu. Ava, a terceira responsável, está fora da cidade. Ele começa a nos contar a história de um rapto, um dos poucos com final feliz. A maioria termina mal e eu sei disso. Li as sumas. A cada hora que se passa, as chances de um bom desfecho se tornam mais fracas.

Ele pergunta se há alguém que a gente conheça que pudesse ser um suspeito. Um parente, um vizinho, o pervertido no final da rua, alguém? Sacudimos a cabeça, não. Já pensei em Link Scanlon e não estou pronto para trazê-lo para dentro disso. Um sequestro não se ajusta ao seu perfil. Tudo que ele quer de mim são cem mil dólares em espécie, um reembolso, e não posso acreditar que ele recorresse ao sequestro de meu filho pelo resgate. Link iria preferir quebrar minha perna direita esta semana e a minha perna esquerda na seguinte.

Colfax diz que é útil oferecer imediatamente uma recompensa por informações. Diz que um bom ponto de partida é cinquenta mil dólares. Judith, a única responsável pela criança, diz:

— Eu posso fazer isso.

Duvido que ela possa fazer um cheque dessa quantia, mas vá em frente, garota.

— Vamos dividir - digo, como se estivéssemos jogando cartas.

Para tornar uma situação insuportável ainda pior, os pais de Judith chegam e são conduzidos à sala. Agarram a filha e os três choram profusamente. Fico parado junto a parede, o mais distante possível. Eles nem tomam conhecimento da minha presença. Starcher vive com esses avós metade do tempo, de modo que são muito apegados a ele. Tento compreender sua dor, mas eu tenho detestado essas pessoas por tanto tempo que não posso nem vê-los. Quando se acalmam, perguntam o que aconteceu e eu lhes conto. Colfax me ajuda com alguns fatos aqui e ali. Quando terminamos a narrativa, estão convencidos de que tudo foi culpa minha. Ótimo - agora estamos chegando a algum lugar.

Eu não tenho que permanecer na sala. Peço licença, deixo o prédio e retorno ao Landing. A polícia ainda está lá, andando pelo ancoradouro, mantendo as pessoas longe do toalete masculino. Falo com eles e agradeço; eles se mostram solidários. Partner chega, diz que minha mãe tomou dois martínis e está mais calma. Ele e eu nos separamos e percorremos os passeios do parque. O sol está se pondo; as sombras estão se alongando. Partner me traz uma lanterna e continuamos nossa busca até a noite.

As oito, telefono para Judith para saber como está passando. Ela está em casa, com os pais, esperando ao lado do telefone. Ofereço-me para ir até lá e ficar de vigília, mas ela diz não, obrigada. Ela tem amigas lá e eu não iria me encaixar. Tenho certeza de que ela tem razão nisso.

Eu vagueio pelo parque durante horas, iluminando com minha lanterna cada ponte, canal, árvore e monte de pedras. Esse é o pior dia da minha vida e, quando termina, eu me sento em um banco à meia-noite e finalmente choro.

19

Ajudado por um uísque e um comprimido, eu consigo dormir por três horas no sofá, antes de acordar em uma poça de suor. Completamente desperto agora, e o pesadelo apenas continua. Tomo uma ducha para matar o tempo e vou ver como minha mãe está. Ela tomou alguns comprimidos e parece estar em coma. Quando amanhece, Partner e eu retornamos ao parque. Não há nenhum outro lugar para onde ir, na verdade. O que mais devo fazer? Sentar-me ao lado do telefone? Está no meu bolso e toca às 7h03. Lynn Colfax, para saber como estou passando. Digo-lhe que estou no parque, ainda procurando. Ele diz que tiveram algumas dicas, mas nada útil. Apenas alguns malucos atrás do dinheiro da recompensa. Ele pergunta se eu vi o jornal da manhã de domingo. Sim, vi. Primeira página.

Partner traz alguns bolinhos e café, e comemos em uma mesa de piquenique de frente para um lago que é usado como pista de patinação no gelo no inverno.

— Você pensou em Link? — pergunta ele.

— Sim, pensei, mas não acho que tenha sido ele.

— Por que não?

— Não é seu tipo de crime.

— Provavelmente você tem razão.

Retornamos ao silêncio que define nosso relacionamento, uma quietude que eu sempre apreciei. Agora, entretanto, preciso de alguém com quem possa conversar. Terminamos de comer e nos separamos outra vez. Eu cubro os mesmos passeios e trilhas, olho embaixo das mesmas passarelas, acompanho os mesmos córregos. Telefono para Judith no meio da manhã e sua mãe atende seu celular. Judith está descansando e, não, não tiveram nenhuma notícia. De volta ao Landing, a polícia retirou a fita que delimitava a cena do crime e tudo voltou ao normal. O lugar está repleto de gente outra vez, todos aparentemente esquecidos do horror de ontem. Observo alguns garotos fazendo seus barcos correrem ao redor do lago. Paro onde estava parado ontem quando vi Starcher pela última vez. Uma dor prolongada e difusa rasga minhas entranhas e sou forçado a ir embora.

No ritmo em que estou indo, Starcher é a única criança que produzirei. Ele foi um acidente, uma criança não desejada nascida no meio de uma guerra devastadora entre os pais, mas apesar disso ele se transformou em um belo menino. Não tenho sido um grande pai, mas fui excluído de sua vida. Nunca pensei que eu poderia sentir tanto a falta de outro ser humano. Mas que pai pode

imaginar um filho sendo sequestrado?

Horas se passam enquanto eu vagueio pelo parque. Tenho um sobressalto toda vez que meu telefone toca, mas sempre é algum conhecido tentando ajudar. Mais tarde no dia, sento-me em um banco do parque, perto de uma trilha de jogging. Do nada, o detetive Landy Reardon aparece e senta-se ao meu lado. Ele está usando terno por baixo da capa preta tradicional.

— O que o traz aqui? - pergunto, admirado.

— Sou apenas o mensageiro, Rudd. Nada além disso. Não estou realmente envolvido. Mas o seu filho está bem.

Eu respiro fundo e me inclino para a frente, os cotovelos nos joelhos, absolutamente confuso. Consigo perguntar com um gemido:

— O quê?

Ele continua olhando direto para a frente como se eu não estivesse ali.

— Seu menino está o.k. O que eles querem é uma troca.

— Uma troca?

— Isso mesmo. Você me diz; eu digo a eles. Você me diz onde a garota está enterrada, você tem seu garoto de volta depois de a encontrarem.

Eu fico sem saber o que pensar ou dizer. Graças a Deus que meu filho está a salvo, mas está a salvo porque os tiras o levaram e o estão mantendo como isca! Digo a mim mesmo que eu deveria estar com raiva, furioso, mas não estou nada além de aliviado. Starcher está bem!

— Eles? Eles quem? Está falando de seu próprio pessoal, certo?

— Mais ou menos. Olhe, Rudd, você tem que entender que Roy Kemp está praticamente fora da ativa. Eles o colocaram em licença administrativa por mais ou menos um mês, mas ninguém sabe disso. Ele está transtornado e está aí fora agindo por conta própria.

— Mas ele tem muitos amigos, certo?

— Ah, sim. Kemp é tido em alta consideração. Ele tem trinta anos de carreira, sabe, com muitos contatos, muita força.

— Então, isso é um trabalho de dentro. Não posso acreditar. E enviaram você para negociar.

— Não sei onde o garoto está, eu juro. E não gosto de estar na posição em que estou agora.

— Então, somos dois. Eu acho que não deveria estar surpreso. Na realidade, eu devia saber que os tiras não estão acima de sequestrar crianças.

— Desista, Rudd. Você fala demais, sabe? Temos um acordo ou não?

— Eu devo dizer a você o que Arch Swanger me disse sobre a garota, certo? Onde ela está enterrada. E digamos que Swanger esteja dizendo a verdade, vocês encontram o corpo, ele é preso e condenado à pena de morte, e minha carreira

como advogado está acabada. Meu filho é devolvido são e salvo a sua mãe e eu começo a passar muito mais tempo com ele. Na verdade, serei um pai em tempo integral.

— Você está no caminho certo.

— E se eu disser não, o que acontecerá com meu filho? Devo acreditar que o chefe de polícia adjunto e seus capangas realmente farão mal a uma criança por vingança?

— Acho que você tem que jogar com a sorte, Rudd.

PARTE CINCO

FORA DA LEI

1

Eu luto contra o pânico. Digo a mim mesmo que meu filho está a salvo e acredito nisso. Mas a situação é tão urgente que é impossível pensar racionalmente. Partner e eu vamos a uma cafeteria barata onde nos amontoamos em um canto. Eu percorro vários cenários e ele, ouve.

Não há realmente nenhuma escolha. A única coisa que importa aqui é a segurança e a devolução de meu filho; tudo o mais a importância em comparação a isso. Se eu divulgo o segredo perco minha licença de advogado, sobreviverei. Ora, eu talvez possa prosperar em algum outro lugar e certamente não estarei lidando com gente como Arch Swanger outra vez. Esse pode ser meu bilhete para fora da profissão, minha única e bela oportunidade para me afastar do direito e buscar a verdadeira felicidade.

Quero meu garotinho nos meus braços.

Partner e eu debatemos se devo ligar para Judith e atualizá-la. Resolvo não o fazer, ao menos não agora. Ela não acrescentará nada além de estresse e complicações. E, muito mais importante, ela pode deixar vazar para mais alguém que Kemp e amigos resolveram fazer um trabalho interno. Reardon me avisou para ficar calado.

Ligo para Judith de qualquer modo, apenas para saber como está. Ava atende ao telefone e diz que Judith está de cama, sob efeito de remédios, e não está indo muito bem. O FBI acaba de deixar a casa. Há um bando de repórteres em frente na rua. A situação é terrível. Como se eu não soubesse.

As sete da noite de domingo, ligo para Reardon e digo que temos um acordo.

Leva uma hora para conseguir um mandado de busca. Obviamente, a polícia tem um juiz amigo de plantão. Às oito e meia, Partner e eu saímos da City, com um carro sem identificação à minha frente e outro atrás, o que não é nada extraordinário. Quando chegamos ao outdoor do dr. Woo, a polícia inteira parece estar lá. Refletores, duas retroescavadeiras, ao menos duas dúzias de homens com pás e paus, um esquadrão de cães em engradados. Eu disse a eles tudo que sabia e eles estão examinando o terreno ao lado do milharal. Patrulheiros estaduais guardam o acostamento da interestadual, mandando embora qualquer motorista que possa ficar curioso.

Partner estaciona onde nos dizem para estacionar, a trinta metros do outdoor e da ação da polícia. Ficamos sentados observando, enquanto os primeiros momentos, tensos e agitados, transcorrem e as longas horas começam. Eles metodicamente perfuram cada centímetro quadrado do solo. Fazem uma grade,

vasculham cuidadosamente, depois fazem outra. As retroescavadeiras não são usadas. Os cachorros permanecem quietos.

Do outro lado do anúncio, há vários carros pretos sem identificação agrupados na escuridão. Tenho certeza de que o chefe de polícia adjunto está aguardando em um deles. Eu o odeio e gostaria de pessoalmente meter uma bala entre seus olhos, mas no momento ele é o homem que pode devolver meu filho.

Então, lembro-me do que ele tem passado: o horror, o medo, a espera, a resignação final quando ele e a mulher chegam a conclusão de que Jiliana não iria voltar para casa. Agora, ele está sentado lá, rezando para que seus homens encontrem alguns ossos, algo para ele enterrar adequadamente. É o melhor que ele pode esperar — um esqueleto. Minhas expectativas são muito maiores e certamente mais realistas.

Até meia-noite, estou amaldiçoando Arch Swanger.

2

Conforme trabalham pela noite adentro, Partner e eu nos revezamos cochilando. Estamos com fome e desesperados por café, mas não queremos sair dali. Às 5h20, Reardon liga para o meu celular e diz:

— Alarme falso, Rudd, não há nada aqui.

— Eu lhe contei tudo que eu sei, juro.

— Acredito em você.

— Obrigado.

— Pode ir embora agora. Volte a interestadual, dirija-se para o sul até a saída para Four Comers. Eu ligo para você novamente em vinte minutos.

Quando nos afastamos dali, o pessoal da busca está começando a guardar seus equipamentos. Os cachorros ainda estão em seus engradados, descansando. Arch Swanger provavelmente está observando e rindo. Tomamos a direção sul e vinte minutos mais tarde Reardon telefona outra vez.

— Sabe aquela parada de caminhões em Four Comers?

— Acho que sim.

— Estacione junto às bombas de gasolina, mas não compre gasolina. Entre, o restaurante fica a direita e, lá no fundo, longe do balcão, há uma fileira de compartimentos. Seu filho estará lá, tomando sorvete.

— Entendido. — Tenho vontade incontrolável de dizer algo idiota como “Obrigado”, como se eu tivesse uma dívida de gratidão com alguém por sequestrarem meu filho, não o machucarem e depois devolverem-no.

Na verdade, entretanto, estou dominado por alívio, alegria, gratidão, antecipação e uma estranha descrença de que esse sequestro possa terminar bem. Isso nunca acontece.

Um minuto depois, meu telefone toca outra vez. É Reardon e ele diz:

— Olhe, Rudd, não há nada a se ganhar levando esse assunto adiante, fazendo um monte de perguntas, correndo a imprensa, indo atrás das câmeras, você sabe, sua típica rotina. Nós cuidaremos da imprensa e deixaremos vazar que você levou a cabo um resgate dramático, depois de um telefonema anônimo. Nossa investigação do sequestro continuará, mas não chegará a nenhum resultado. Estamos falando a mesma língua aqui, Rudd?

— Sim, estou de acordo. — Nesse ponto, eu concordaria com qualquer coisa.

— A história é que alguém pegou seu filho, ficou farto do fedelho porque ele provavelmente age igual a você e resolveu abandoná-lo em uma parada de caminhões. Entendeu a história, Rudd?

— Entendi — consigo dizer enquanto mordo a língua para não despejar todos os palavrões que conheço.

A parada de caminhões está profusamente iluminada e repleta de veículos de carga estacionados em fileiras bem arrumadas. Estacionamos perto das bombas e eu entro rapidamente no restaurante. Partner permanece na van para ver se tem alguém nos vigiando. O restaurante está movimentado com o pessoal do café da manhã. O cheiro de gordura paira no ar. O balcão está repleto de caminhoneiros corpulentos devorando panquecas e salsichas. Viro uma curva, vejo os compartimentos, passo por um, dois, três e lá, no quarto compartimento, sozinho, está o pequeno Starcher Whitly, sorrindo por trás de uma grande taça de sorvete de chocolate.

Beijo o topo de sua cabeça, despenteio seus cabelos e sento a sua frente.

— Você está bem? — pergunto.

Ele dá de ombros e diz:

— Claro, eu acho.

— Alguém machucou você?

Ele sacode a cabeça. Não.

— Diga-me, Starcher. Alguém fez alguma coisa para machucá-lo?

— Não. Eles foram muito legais.

— E quem são eles? Quem esteve com você desde que deixou o parque no sábado?

— Nancy e Joe.

Uma garçonete para junto ao compartimento. Eu peço café e ovos mexidos. E pergunto a ela:

— Quem trouxe essa criança para cá?

A garçonete olha a volta e diz:

— Não sei. Uma mulher estava aqui há um minuto e disse que o menino queria um sorvete de chocolate. Ela deve ter saído. Imagino que você vá pagar o sorvete.

— Com prazer. Vocês têm câmeras de vigilância?

Ela balança a cabeça, indicando a janela.

— Lá fora, mas não aqui dentro. Algum problema?

— Não. Obrigado.

Assim que ela sai, eu pergunto a Starcher:

— Quem trouxe você para cá?

— Nancy. — Ele toma uma colherada do sorvete.

— Olhe, Starcher, quero que você largue a colher por um instante e quero que me conte o que aconteceu quando você entrou no banheiro no parque. Você estava brincando com seu barco, precisava fazer xixi e se dirigiu aos toaletes.

Agora, me conte o que aconteceu.

Ele lentamente enfia a colher no sorvete e a deixa ali.

— Bem, de repente, um homem grandalhão me agarrou. Achei que era um policial porque usava uniforme.

— Ele tinha uma arma?

— Acho que não. Ele me colocou em um caminhão que estava bem atrás dos banheiros. Tinha outro homem dirigindo o caminhão e eles partiram a toda a velocidade. Disseram que iam me levar ao hospital porque algo ruim acontecera a minha avó. Disseram que você estaria no hospital. Assim, andamos, andamos e saímos da City, fomos para o campo, e foi lá que me deixaram com Nancy e Joe. Os homens foram embora e Nancy disse que minha avó ia ficar bem e que você ia passar logo por ali para me pegar.

— O.k. Isso foi no sábado de manhã. O que você fez no resto do sábado e o dia inteiro ontem, domingo?

— Bem, nós vimos televisão, alguns filmes velhos e jogamos gamão à beça.

— Gamão?

— Hum-hum. Nancy me perguntou de que jogos eu gostava e eu disse gamão. Eles não sabiam o que era, então Joe foi à loja e trouxe um tabuleiro de gamão, um bem barato. Eu os ensinei a jogar e também ganhei deles.

— Então eles foram bons com você?

— Foram, muito legais. Sempre me diziam que você estava no hospital e não podia sair.

Partner finalmente entra. Fica aliviado ao ver Starcher e dá um tapinha na cabeça do garoto. Eu digo a ele para ir buscar o gerente da parada de caminhões e localizar as câmeras de vigilância, e informar ao gerente que o FBI vai querer as gravações, então para ele guardá-las.

Meu pedido chega e eu pergunto a Starcher se ele está com fome. Não, não está. Ele andou comendo pizza e sorvete nos últimos dois dias. Qualquer coisa que ele quisesse.

3

Como nunca fui convidado a entrar na casa de Starcher, resolvo que não o levarei lá. Quero evitar as atitudes dramáticas e teatrais. A meia hora da City, eu finalmente ligo para Judith com a notícia de que seu filho está a salvo. Ele vai sentado no meu colo conforme seguimos pela interestadual. Ela está tão abalada que quase não consegue falar, então eu passo meu celular para Starcher.

— Oi, mamãe — diz ele, e acho que ela tem um completo colapso. Eu lhes dou alguns minutos, pego o telefone de volta e explico que recebi uma chamada e fui instruído a pegá-lo em uma parada de caminhões. Não, ele não foi machucado de nenhum modo, a não ser talvez excesso de açúcar.

O estacionamento de seu escritório ainda está vazio — são apenas sete e meia da manhã — e esperamos em paz antes da tormenta. O Jaguar preto entra no estacionamento e para bruscamente ao lado da van. Eu saio com Starcher enquanto Judith sai do carro e se atira sobre o garoto. Ela o abraça, chorando e agarrando-o, e logo atrás dela vêm seus pais e Ava. Eles se revezam apertando o garoto, todos choram. Não consigo aguentar essas pessoas, então me aproximo de Starcher, despenteio seus cabelos outra vez e digo:

— Vejo-o depois, amigão.

Ele está sendo sufocado e não responde. Peço a Judith para se afastar um instante e quando ficamos sozinhos eu digo:

— Podemos nos encontrar aqui com o FBI mais tarde? Há mais coisa nessa história.

— Conte-me agora — diz ela entre os dentes.

— Vou lhe contar quando eu quiser lhe contar e isso é com o FBI ouvindo. O.k.?

Ela detesta quando não está no controle. Ela respira fundo, range os dentes e consegue dizer:

— Claro.

Eu me afasto, me recuso a reconhecer a presença de seus pais e entro na van. Conforme nos afastamos, olho para Starcher e me pergunto quando eu o verei novamente.

4

As nove da manhã, estou no tribunal para uma audiência preliminar. A essa altura, a notícia já se espalhou, cortesia de um vazamento da polícia, de que meu filho foi encontrado e devolvido aos pais. O juiz me concede um adiamento e eu saio às pressas do tribunal. Tenho um punhado de colegas advogados que querem conversar e dar os parabéns. Eu simplesmente não estou no clima.

Fango me para no corredor, exatamente como fez há três semanas. Continuo andando e me recuso a olhar para ele. Ele começa a me acompanhar e diz:

— Digamos, Rudd, que Link esteja ficando muito ansioso a respeito do dinheiro. Eu contei a ele sobre seu filho e tudo o mais e, aliás, ele enviou seus votos de que tudo esteja bem.

— Diga a Link para se preocupar com seus próprios problemas — rebato, enquanto marchamos a passos largos, lado a lado.

— Ele está, e acontece que um de seus problemas é justamente você e o dinheiro.

— Que pena - digo e começo a andar ainda mais rápido.

Ele se esforça para manter o passo, se esforça para dizer algo inteligente e comete um grande erro:

— Sabe, afinal, seu filho pode não estar tão seguro quanto você pensa.

Eu giro nos calcanhares e lanço um cruzado de direita que se choca perfeitamente em seu queixo. Ele só percebe o que está vindo em sua direção quando é tarde demais. Sua cabeça se desloca tão violentamente que eu ouço o triturar dos ossos e na primeira fração de segundo acho que quebrei seu pescoço.

Mas seu pescoço está bem; ele já levou outros socos antes, muitas vezes, e tem as cicatrizes para provar.

Fango se estatela no chão de mármore e finalmente fica imóvel. Desacordado. Um perfeito nocaute que eu jamais conseguiria reproduzir. Tenho vontade de chutá-lo na cabeça algumas vezes só por garantia, mas pelo canto do olho vejo um súbito movimento. Outro bandido vem em minha direção e está levando a mão ao bolso para pegar uma arma. Alguém grita atrás de mim.

O segundo bandido cai tão pesadamente quanto Fango quando Partner o atinge na cabeça com um cassetete de aço inox que ele carrega no bolso do casaco. O bastão destina-se exatamente a situações como essa. Quando fechado, tem cerca de quinze centímetros, mas quando adequadamente estendido chega a quarenta e seis centímetros e é equipado com uma pequena bola de aço na ponta. A arma pode facilmente quebrar um crânio, na verdade é projetada para fazer

exatamente isso. Eu digo a Partner para entregá-la a mim e desaparecer. Um guarda da segurança corre para nós e olha para os dois bandidos inconscientes. Eu lhe entrego minha carteira da Ordem dos Advogados e digo:

— Sebastian Rudd, advogado. Esses dois imbecis tentaram me atacar.

Uma multidão se forma ao redor. Fango é o primeiro a acordar, resmungando e esfregando o queixo, em seguida tenta ficar em pé, mas não consegue. Finalmente, com a ajuda do guarda de segurança, ele se levanta, ainda zonzo, e faz menção de ir embora. Um policial o faz sentar em um banco próximo, enquanto um paramédico da emergência cuida de seu comparsa. Finalmente, o segundo sujeito acorda, com um grande nódulo na parte de trás da cabeça. Colocam gelo no local por alguns minutos e depois o fazem se sentar no mesmo banco ao lado de Fango. Eu paro ao lado deles, encarando-os com raiva. Eles devolvem o olhar. O paramédico me dá uma bolsa de gelo para a minha mão direita.

Levar um soco não é nada para esses dois e não querem prestar queixa. Isso iria exigir uma vasta papelada, um monte de perguntas e muita sondagem pela polícia. Eles trabalham para Link Scanlon e não respondem a perguntas. No momento, mal podem esperar para sair do edifício e voltar às ruas, onde eles ditam as regras.

Eu digo à polícia que eu, também, não quero dar queixa. Quando me afasto, inclino-me junto ao ouvido de Fango e sussurro:

— Diga a Link que se eu ouvir mais uma palavra de você, ou dele, vou ao FBI.

Fango faz um ar de desdém, como se fosse cuspir na minha cara.

5

Creio que alguns dias são destinados a serem passados com o FBI. Entro no saguão da firma de Judith alguns minutos depois das onze. A recepcionista está sorrindo e conversando com um paramédico. Eles sorriem para mim e me parabenizam. Não percebo imediatamente, mas acham que eu sou uma espécie de herói. Uma advogada enfia a cabeça para fora de sua sala e também me parabeniza. A atmosfera é quase festiva, e por que não? Starcher foi resgatado e está são e salvo em casa, que é o seu lugar. Todos nós estávamos entorpecidos, em estado de choque, aterrorizados, a espera de que o pesadelo se tomasse uma tragédia. Em vez disso, demos sorte.

Judith está em uma sala de reuniões grande e bem equipada, com dois agentes do FBI, Beatty e Agnew. Embora minha mão direita esteja dolorida e inchada, consigo apertar a mão dos agentes sem nenhuma demonstração de dor. Cumprimento Judith com um sinal da cabeça, digo não ao café e pergunto como Starcher está passando. Bem. Tudo está bem.

Beatty, o porta-voz, explica que Judith chamou o FBI no final da tarde de sábado, mas que eles não entraram oficialmente na investigação. Agnew, que é quem está tomando notas, vai escrevendo e balançando a cabeça; o que quer que Beatty diga é a pura verdade. O FBI não se envolve em sequestros enquanto a polícia local não os convoca ou quando há evidência de que a vítima foi levada para fora das fronteiras do estado. Ele continua falando por algum tempo, pretensioso, convencido de sua importância. Eu o deixo falar.

— Bem — diz Beatty, olhando para mim -, o senhor pediu esta reunião?

— Sim - respondo. - Sei exatamente quem raptou Starcher e sei por quê.

A caneta de Agnew para no meio do movimento quando todos ficam paralisados. Com as sobrancelhas arqueadas, Judith diz:

— Por favor, conte-nos.

E assim eu conto a história, toda ela.

6

O júbilo que Judith sentiu com a volta de nosso filho se dissipa mais ou menos na metade de minha narrativa. Quando se torna evidente que o sequestro foi um resultado direto de mais um dos meus casos notórios, sua linguagem corporal muda drasticamente e sua mente começa a trabalhar freneticamente. Agora, por fim, ela tem a prova concreta de que eu sou um perigo para Starcher. Ela provavelmente vai entrar com os papéis esta tarde.

Eu evito encará-la, mas as vibrações são bastante fortes para inflamar a tensão na sala.

Quando termino, Beatty parece perplexo. Agnew consumiu um bloco de notas inteiro com sua escrita ilegível.

Beatty diz:

— Bem, acho que havia uma boa razão para a polícia não querer que nos envolvêssemos.

Agnew resmunga em concordância.

Judith pergunta:

— Como você pode provar tudo isso?

— Eu não disse que podia provar. Provar será difícil, se não impossível. Pode haver gravações das câmeras de vigilância com Nancy na parada de caminhões, levando o garoto para dentro, mas aposto que ela está disfarçada. Duvido que Starcher possa identificar o sujeito que o agarrou no parque. Não sei. Você tem alguma sugestão?

— Parece muito absurda a teoria de que a polícia sequestraria uma criança - diz ela.

— Então, você não acredita em mim? - retruco.

A verdade é que ela quer acreditar em mim. Quer que a minha história seja verdadeira, porque, então, ela poderá usá-la como prova contra mim quando me arrastar de volta ao tribunal. Ela não responde a minha pergunta.

— Bem, o que acontece agora? - pergunto a Beatty.

— Nossa! Não sei. Vamos conversar com nosso supervisor e partir dali.

— Eu tenho uma reunião esta tarde com um investigador da polícia. Eles vão parecer preocupados, farão um monte de perguntas, mas isso não vai dar em nada. Encerrarão o caso até o final da semana e ficarão satisfeitos com o desfecho feliz - digo.

Beatty pergunta:

— E você quer que a gente abra uma investigação?

Eu olho para Judith e digo:

— Talvez a gente deva conversar sobre isso primeiro. Estou inclinado a ir atrás de Kemp. E você?

— Vamos conversar - diz ela.

Como para bom entendedor meia palavra basta, Beatty e Agnew levantam-se para ir embora. Nós agradecemos, e Judith os acompanha até a porta da frente. Quando ela retoma a sala de reuniões, senta-se em frente a mim e diz:

— Não sei o que fazer. Não estou pensando com clareza no momento.

— Não podemos permitir que a polícia faça isso, Judith.

— Eu sei, mas você já não tem problemas suficientes com eles? Se Kemp está tão desesperado a ponto de sequestrar uma criança, é capaz de qualquer coisa. Agora você entende por que fico nervosa quando Starcher está com você?

Não posso realmente argumentar contra isso.

— Você acha que Swanger matou a garota? — pergunta ela.

— Sim, e provavelmente matou outras.

— Ótimo. Mais um lunático a solta atrás de você. Você é um desastre ambulante, Sebastian, e vai acabar fazendo com que alguém se machuque. Só espero que não seja meu filho. Tivemos sorte hoje, mas talvez não amanhã.

Há uma batida na porta.

— Entre — diz Judith.

A recepcionista diz a ela que tem um repórter com um cameraman lá fora. Outros dois ligaram para o escritório.

— Livre-se deles — diz ela, olhando-me com raiva. Que confusão eu criei.

Finalmente, concordamos em não fazer nada por algumas horas. Eu cancelarei a reunião com o detetive, a investigação é uma farsa, de qualquer modo. Ao sair, digo-lhe que sinto muito, mas ela não quer saber de desculpas.

Saio furtivamente por uma porta dos fundos.

7

Há repórteres a minha procura, mas já estou farto da história. Outros gostariam de me achar: Link e seus rapazes; Roy Kemp quando souber que andei falando com o FBI; talvez até mesmo Arch Swanger, que é capaz de ligar a qualquer momento e perguntar por que eu abri o bico para a polícia.

Partner me leva até Ken's Kars e eu saio em um Mazda amassado com mais de trezentos e vinte mil quilômetros rodados. Nenhum advogado, por mais empobrecido, seria achado morto em tal veículo. Conheço um que estava dirigindo uma Maserati quando foi forçado a abrir falência.

Passei o resto do dia em meu apartamento, me escondendo e trabalhando em dois casos. Por volta das cinco horas da tarde, ligo para Judith para saber como Starcher está. Ele está bem, ela diz, e os repórteres foram embora. Verifico as notícias locais nas quais o "resgate dramático" é a notícia principal. Eles usam algumas cenas antigas em que estou entrando na delegacia e fazem parecer que eu arrisquei minha vida para salvar meu filho. Os idiotas estão engolindo todas as iscas que a polícia lhes dá. Isso também vai passar.

Como eu dormi cerca de seis horas das últimas setenta e duas, finalmente desmorono no sofá e caio em uma espécie de coma. Pouco depois das dez da noite, meu telefone toca. Verifico a identificação de quem está ligando e atendo. É Naomi Tarrant, a professora de Starcher, a jovem estonteante com quem venho tendo fantasias há meses. Eu a convidei para jantar cinco vezes e fui atingido por cinco nãos. No entanto, as rejeições foram se tornando gradativamente mais suaves. Eu não tenho o talento nem a paciência para os rituais de acasalamento usuais — a espreita, os encontros acidentais, os encontros às cegas, os presentes tolos, os telefonemas desajeitados, a indicação de amigos, as infindáveis conversas na internet. Nem tenho a coragem de ficar on-line e mentir sobre mim mesmo para estranhas. Além do mais, temo que eu esteja para sempre escaldado e tímido por causa do desastre com Judith. Como um ser humano pode ser tão mesquinho?

Naomi quer falar de Starcher, então nós conversamos. Eu lhe asseguro que ele não foi machucado de nenhuma forma. Ele jamais vai entender o que realmente aconteceu e duvido que alguém vá lhe contar. Na verdade, foi mimado por cerca de quarenta e cinco horas por duas pessoas que ele achou muito legais. E estará na escola amanhã e não precisa de nenhuma atenção especial. Tenho certeza de que a mãe dele vai chegar com uma longa lista de exigências e preocupações, mas assim é a mãe dele.

— Que megera — diz Naomi, baixando a guarda pela primeira vez. Fico surpreso com isso, mas ainda assim acho formidável. Passamos alguns minutos aniquilando Judith e Ava, que concordamos é uma cabeça de vento, e há muito tempo eu não me divirto tanto.

Inesperadamente, ela diz:

— Vamos sair para jantar.

Ah, a vida de um herói. O poder da celebridade. Os repórteres alegam que eu arrisquei o pescoço para salvar meu filho e as mulheres começam a se atirar sobre mim.

Estabelecemos algumas regras. O encontro tem que ser um grande segredo. A escola não proíbe expressamente que seus professores solteiros saiam com pais solteiros, mas certamente não é bem visto. E para que arranjar confusão? Se Judith descobrisse, ela provavelmente iria entrar com uma queixa ou abrir um processo judicial ou alguma outra coisa de seu saco sem fundo de maldades.

Encontramo-nos em uma espelunca Tex-Mex escura e barata na noite seguinte. Escolha dela, não minha. Como ninguém ali fala inglês, ninguém estará ouvindo. Ninguém se importa, especialmente eu. Naomi tem trinta e três anos e está saindo de um divórcio. Não tem filhos, nenhuma bagagem discernível. Ela começa me contando tudo sobre o dia de Starcher na escola. Como esperado, Judith o levou bem cedo e deu algumas instruções. Tudo correu bem; ninguém mencionou seu pequeno infortúnio. Naomi e sua assistente de classe ficaram de olho nele e, até onde tenham podido perceber, nada foi dito pelos colegas. Ele parecia Perfeitamente normal e passou o dia como se nada tivesse acontecido. Judith o pegou depois das aulas e interrogou Naomi, mas nada de extraordinário.

— Quanto tempo você foi casado com ela? - pergunta, admirada.

— A papelada diz menos de dois anos, mas só pudemos viver juntos pelos cinco primeiros meses. Era insuportável. Tentei aguentar até a criança nascer, mas descobri que ela já estava saindo com sua namorada anterior. Fui embora, ele nasceu e temos brigado desde então. Casar-me foi um erro terrível, mas ela estava grávida.

— Eu nunca a vi sorrir.

— Acho que acontece uma vez por mês.

As margaritas chegam em copos altos, com sal nas bordas, e entramos de cabeça. Tocamos rapidamente no assunto do casamento dela, em seguida passamos para questões mais agradáveis. Ela anda namorando, tem tido muitos convites, e posso entender por quê. Ela possui belos e meigos olhos castanhos que são hipnotizadores, quase sedutores. O tipo de olhos que você pode ficar fitando por hora, a fio e se perguntar se são reais.

Quanto a mim, não namoro muito, não tenho tempo, muito trabalho e assim por diante. As ressalvas de sempre. Ela parece fascinada pelo meu trabalho, os casos impopulares, a notoriedade, alguns dos bandidos que eu represento. Pedimos enchiladas e eu continuo tagarelando. Logo percebo, entretanto, que ela segue a única regra de um grande interlocutor: manter a outra pessoa falando. Assim, recuo e pergunto sobre sua família, universidade, outros empregos que já teve.

Peço uma segunda margarita, ela ainda não terminou a primeira, e trocamos histórias sobre nossos passados. Uma travessa de enchiladas chega a mesa e ela praticamente nem percebe. A julgar por sua silhueta, ela tem o apetite de um passarinho. Não me lembro da última vez que fiz sexo e quanto mais conversamos, mais eu fico consumido por esse assunto. Quando termino tanto a bebida quanto a comida, estou lutando contra o impulso de me arremessar por cima da mesa.

Mas Naomi Tarrant não é impulsiva, isso vai levar tempo. É terça-feira, então eu lhe pergunto o que vai fazer na quarta. Inútil.

— Sabe do que eu realmente gostaria? - pergunta ela.

O quê? Qualquer coisa.

— Pode parecer um pouco estranho, mas estou realmente curiosa a respeito de MMA.

— Lutas de gaiola? Quer ir às lutas de MMA? — Estou perplexo.

— É seguro? - pergunta ela, e menciona o pequeno episódio que envolveu o motim e o desastre do qual Starcher escapou por um triz. Judith me processou outra vez e Naomi recebeu uma intimação para depor.

— Se não houver pancadaria, é bastante seguro — digo. — Vamos. - A verdade é que ao menos metade dos fanáticos que comparecem às lutas e gritam por sangue é de mulheres.

Marcamos um encontro para a sexta-feira seguinte. Estou empolgado porque há outro jovem lutador que eu preciso avaliar. Seu empresário entrou em contato comigo e precisa de algum suporte financeiro.

8

Como não é de surpreender, Doug Renfro não tem ido bem desde que sua mulher foi assassinada por uma de nossas equipes da SWAT. O julgamento da ação civil será daqui a dois meses e Doug não está ansioso pela ocasião. Ele já teve seu dia no tribunal e não está preparado para mais um.

Eu o encontro para almoço em uma delicatessen vazia e fico assombrado com sua aparência. Ele perdeu muito peso, quilos de que precisava. Seu rosto está encovado e pálido, e seus olhos transmitem a dor e a confusão de um homem derrotado e solitário.

Ele belisca uma batata chip e diz:

— Coloquei a casa a venda. Não posso continuar lá, lembranças demais. Posso vê-la na cozinha. Posso senti-la dormindo na cama ao meu lado. Posso ouvi-la rindo ao telefone. Posso sentir o cheiro de sua loção. Ela está por toda parte, Sebastian, e não vai desaparecer. Pior do que tudo, não consigo deixar de recapitular aqueles últimos instantes, o tiroteio, os gritos, o sangue. Eu culpo a mim mesmo por muito do que deu errado. Eu geralmente saio à meia-noite e vou procurar um motel barato onde pago sessenta dólares e fico olhando para o teto até o sol nascer.

— Sinto muito, Doug — digo. — Certamente não foi culpa sua.

— Eu sei. Mas não estou sendo racional. Além do mais, odeio esta maldita cidade. Toda vez que eu vejo um policial ou um bombeiro ou um lixeiro, começo a maldizer a City e os imbecis que a governam. Não posso mais pagar impostos a este governo. Então, eu vou embora daqui.

— E quanto à sua família?

— Eu os verei sempre que quiser. Eles têm suas próprias vidas. Tenho que tomar conta de mim agora e isso significa que preciso de um recomeço em algum lugar.

— Para onde vai?

— Isso muda a cada dia, mas no momento parece que será a Nova Zelândia. O mais longe que eu puder. Provavelmente, renunciarei a minha cidadania para não ter que pagar impostos aqui. Sou um homem velho e amargo, Sebastian, e preciso ir embora.

— E o julgamento da ação civil?

— Não vou levar a julgamento. Quero que você resolva isso assim que puder. Droga, a dívida da City é de apenas um milhão. Eles vão pagar isso, não vão?

— Sim, presumo que sim. Ainda não conversei com eles sobre pagamento, mas não querem ir a julgamento.

— Existe algum modo de conseguir mais do que um milhão?

— Talvez.

Devagar, ele toma um gole de seu chá e olha fixamente para mim.

— Como?

— Tenho algo podre contra eles. Uma sujeira que é pura imundície. Estou pensando em extorsão.

— Gosto disso - diz ele com um sorriso, o primeiro e único. - Pode agir depressa? Quero ir embora daqui. Estou farto deste lugar.

— Verei o que posso fazer.

9

Quando meu celular toca depois da meia-noite, nunca é uma ligação que eu queira receber. Às 00h02, eu atendo e vejo que é Partner quem quer falar.

— Ei, chefe - diz ele com a voz fraca. — Tentaram me matar.

— Você está bem?

— Na verdade, não. Tenho umas queimaduras, mas vou ficar bem. Estou no hospital, Catholic. Precisamos conversar.

Prendo uma Glock 19 embaixo da axila esquerda, coloco um casaco pesado e um chapéu de feltro, e corro para o estacionamento para pegar meu Mazda velho. Dez minutos depois, entro na ala da Emergência do hospital e cumprimento um tal de Juke Sadler, um dos mais desprezíveis advogados da cidade. Juke vaga pelas salas de emergência dos hospitais à cata de clientes feridos. Como um abutre, fica perambulando pelos corredores em busca de parentes transtornados, apavorados demais para pensar com clareza. Sabe-se que ele almoça e janta nos restaurantes dos hospitais enquanto distribui cartões de visita àqueles com ossos quebrados. No ano passado, ele trocou socos com um motorista de caminhão de reboque que estava importunando a família de uma vítima recente de acidente de carro. Ambos foram detidos, mas somente Juke teve sua foto no jornal. A Ordem dos Advogados está atrás dele há anos, mas ele é muito escorregadio.

— Seu homem está no final do corredor — diz ele, apontando como um desses aposentados que trabalham como voluntários em hospitais, em jalecos cor-de-rosa. Na verdade, eles o pegaram certa vez usando um jaleco desses e se fazendo passar por um recepcionista. Também o pegaram usando um colarinho branco e um casaco preto e fingindo ser um padre. Juke é uma pessoa asquerosa incorrigível, mas eu admiro o sujeito. Ele trabalha nas águas turvas, escuras, da lei, onde temos muito em comum.

Partner veste uma camisola hospitalar e está sentado em uma mesa de exames, o braço direito coberto de gaze. Dou uma olhada e digo:

— O.k., me conte.

Ele estava saindo de um restaurante de frango aberto vinte e quatro horas, levando um lanche para ele e sua mãe. Entrou na van, engatou a marcha a ré e a desgraçada explodiu. Uma bomba, provavelmente do tipo a gasolina, provavelmente presa ao tanque de gasolina e detonada com controle remoto por alguém sentado em um carro nas proximidades. Partner conseguiu se arrastar para fora e se lembra de cair no calçamento com o casaco em chamas. Ele se

afastou rastejando e viu a van se transformar em uma bola de fogo. Logo havia policiais e bombeiros por toda parte, uma grande agitação. Ele não conseguiu encontrar seu telefone. Um paramédico cortou seu casaco e o retirou, e eles o colocaram em uma ambulância. Enquanto empurravam sua maca para dentro da sala de emergência alguém lhe entregou seu telefone.

— Desculpe, chefe — diz ele.

— Não foi culpa sua. Como você sabe, a van tem um seguro bem alto, exatamente para esses casos. Compraremos uma nova.

— Andei pensando nisso - diz, ele fazendo uma careta.

— Ah, é mesmo?

— Sim, chefe. Talvez possamos comprar algo que não chame tanta atenção, não seja tão fácil de localizar e seguir. Entende o que quero dizer? Por exemplo, no outro dia eu estava dirigindo pela auto estrada e fui ultrapassado por uma van de carga branca pertencente a um serviço de entrega de flores. Uma van branca padrão, mais ou menos no mesmo tamanho da nossa, e eu pensei comigo mesmo: “É assim que tem que ser. Ninguém nunca nota uma van branca com um nome e números pintados nas laterais. ” E é verdade. Temos que nos misturar, chefe, e não nos destacarmos na multidão.

— E o que exatamente devemos pintar nas laterais de nossa van nova?

— Não sei, algo fictício. Pete’s Parcel. Fred’s Flowers. Mike’s Masonry. Não importa, apenas algo que siga o fluxo.

— Não sei se meus clientes apreciariam uma van branca genérica com um nome falso pintado na lataria. Meus clientes são muito exigentes.

Ele ri. O último cliente a entrar em minha van foi Arch Swanger, um provável serial killer. Um médico jovem aparece de repente e entra no meio de nós dois sem dizer nem uma palavra. Ele examina os curativos e finalmente pergunta a Partner como ele se sente.

— Quero ir para casa — diz ele. — Não vou passar o resto da noite aqui.

Para o médico, tudo bem. Ele dá um monte de ataduras e algumas amostras de analgésicos para Partner, e desaparece. Uma enfermeira tem as instruções e a papelada da alta. Partner veste sua calça, meias e sapatos intactos e sai com um cobertor barato enrolado em volta do tronco. Deixamos o hospital e vamos ao restaurante de frango frito.

São quase duas da madrugada e um carro da polícia ainda está estacionado perto da cena do crime. Fitas de plástico amarelo vivo cercam a van, que não passa de uma armação enegrecida e fumegante.

— Fique aqui - digo a Partner e saio do carro. Quando dou uns quarenta passos e paro junto a fita amarela, um policial vem em minha direção.

— Pode parar aí, amigo - diz ele. — É a cena de um crime.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Não sei. Está sob investigação. Você tem que se afastar.

— Não estou tocando em nada.

— Eu disse para se afastar, o.k.?

Tiro um cartão de visitas do bolso da minha camisa e o entrego a ele.

— Sou o dono da van, o. k.? Foi uma bomba de gasolina presa ao tanque. Tentativa de assassinato. Por favor, peça ao seu investigador para me ligar mais tarde hoje de manhã.

Ele olha para o cartão, mas não consegue formular uma resposta.

Eu volto para o carro e fico sentado em silêncio por alguns minutos.

— Quer frango? - pergunto finalmente.

— Não. Estou sem apetite agora.

— Acho que vou tomar um café. E você?

— Claro.

Saio do carro outra vez e entro no restaurante. Não há nenhum freguês, o lugar está morto e a pergunta óbvia é: por que um lugar que vende frango frito permanece aberto vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana? Mas essa é uma pergunta para outra pessoa. Uma jovem negra com aço nas duas narinas está à toa perto da máquina registradora.

— Dois cafés, por favor — peço. — Sem creme.

Isso a deixa irritada, mas ela começa a se mover.

— Dois e quarenta — diz ela, enquanto agarra um bule, que provavelmente há horas não é tocado. Quando coloca os dois copos no balcão, eu digo:

— Aquela van lá fora me pertence.

— Bem, acho que você precisa de uma van nova — retruca ela com um sorriso petulante. Que esperta.

— Assim parece. Você a viu explodir?

— Não, não vi, mas ouvi.

— E aposto como você ou um de seus colegas correu para fora com um celular e gravou tudo em vídeo, certo?

Ela balança a cabeça presunçosamente. Sim.

— Você entregou a polícia?

Um largo sorriso.

— Não, não faço nada para ajudar a polícia.

— Eu lhe dou cem dólares se você me mandar o vídeo por e-mail, e não contarei a ninguém.

Ela tira o celular do bolso do jeans e diz:

— Me dê seu endereço e o dinheiro.

Fazemos o negócio. A caminho da saída, eu pergunto:

— Alguma câmera de vigilância lá fora?

— Não. A polícia já perguntou. O cara que é dono deste lugar é muito pão-duro.

No carro, Partner e eu assistimos ao vídeo no meu celular, que nada mais é do que a bola de fogo que ele já descreveu. Pelo menos dois carros de bombeiro atenderam ao chamado e levou algum tempo para extinguir as chamas. O vídeo dura catorze minutos e, embora prenda a atenção porque se trata da minha van, não revela nada de útil. Quando a tela escurece, Partner pergunta:

— O.k., quem fez isso?

— Tenho certeza de que foi Link — respondo. — Nós derrubamos dois de seus capangas na segunda-feira. Olho por olho. Estamos jogando duro, agora.

— Acha que Link está no país?

— Duvido. Seria arriscado demais. Mas aposto como não está muito longe, México ou Caribe, algum lugar fora de alcance, mas de onde seja fácil ir e vir.

Dou partida no carro e nos afastamos. Estou impressionado com o fato de Partner estar falando tanto esta noite. O nervosismo de ter estado na explosão soltou sua língua. Posso ver que está sentindo dor, mas ele jamais admitiria.

— Tem um plano? - pergunta ele.

— Sim. Quero que você encontre Miguel Zapate, irmão de Tadeo. Agora que a promissora carreira do MMA acabou, tenho certeza de que Miguel está dedicando todo o seu tempo a vender drogas. Quero que explique ao Miguel que eu preciso de certa proteção; que estou representando seu irmãozinho em uma acusação de assassinato de graça, completamente pro bono porque eu amo o garoto e ele não pode me pagar; e que estou sendo extorquido por uns bandidos que trabalham para Link Scanlon. Fango é um, embora eu não saiba qual seu verdadeiro nome.

— Eles o chamam de Tubby. Tubby Fango, mas seu verdadeiro nome é Danny.

— Impressionante. Quem é o outro, aquele que você desmontou com o seu bastão?

— Atende pelo nome de Razor, Razor Robilio, o nome verdadeiro é Arthur.

— Tubby e Razor — digo, sacudindo a cabeça. — Quando foi que você se ocupou em fazer essa pesquisa?

— Depois da altercação na segunda-feira, resolvi bisbilhotar um pouco. Não foi muito difícil, para dizer a verdade.

— Bom trabalho. Então, dê os nomes a Miguel e diga a ele que tem que entrar em contato com esses rapazes e dizer a eles para se afastarem. Miguel e seus rapazes estão lidando com cocaína, algo do qual Link tinha o controle há trinta anos. Não é provável que os caminhos de Tubby e Razor tenham se

cruzado com os de Miguel, mas nunca se sabe. Sempre há estranhas ligações lá embaixo no esgoto. Por favor, deixe claro para Miguel que eu não quero que ninguém seja ferido; apenas um pouco de intimidação. Entendeu?

— Entendi, chefe.

Estamos na área dos conjuntos habitacionais públicos. As ruas estão escuras e desertas. No entanto, se eu saísse do meu carro neste instante e mostrasse minha cara branca, imediatamente atrairia alguns tipos desagradáveis. Eu cometi esse erro uma vez, mas, felizmente, tinha Partner ao meu lado. Paro junto ao meio-fio em frente ao seu prédio e digo:

— Presumo que a srta. Luella esteja esperando.

Ele balança a cabeça e diz:

— Eu liguei para ela, disse que foi só um arranhão. Ela vai ficar bem.

— Quer que eu entre?

— Não, chefe. São quase três. Vá dormir um pouco.

— Ligue para mim se precisar de alguma coisa.

— O.k., chefe. Vamos sair para comprar uma van nova amanhã?

— Ainda não. Tenho que lidar com os policiais e com a companhia de seguros.

— Preciso de rodas. Se importa se eu começar a olhar na internet?

— Vá em frente. E tome cuidado.

— O. k., chefe.

10

Já que não posso, neste momento, suportar a ideia de estar em sua presença, e ela certamente prefere evitar olhar para mim, Judith e eu resolvemos discutir pelo telefone. Começamos de forma mais ou menos agradável com as últimas notícias sobre nosso filho. Ele está bem, nenhuma sequela, nenhuma vontade de realmente conversar sobre o que aconteceu no último fim de semana. Com isso fora do caminho, começamos a trabalhar.

Judith decidiu que não quer levar adiante uma investigação do FBI sobre Roy Kemp e o sequestro. Ela tem suas razões e são concretas. A vida é boa. Starcher está bem. Se Kemp e companhia estão suficientemente desesperados para sequestrar uma criança em troca de informações, então quem sabe o que mais são capazes de fazer. Vamos deixá-los em paz. Além do mais, provar que Kemp estava envolvido parece impossível. Podemos de verdade confiar que o FBI irá atrás de um oficial do alto escalão da força policial? Além do mais, seu calendário de julgamentos está lotado. Ela não quer ter a atenção desviada para o caso. Por que deveríamos complicar nossas vidas já tão estressantes?

Judith é guerreira, uma garota durona que não se amedronta com nada. Ela é também uma estrategista conivente que evita os perigos de consequências inesperadas. Se forçarmos uma investigação sobre Kemp, não temos a menor ideia do que possa acontecer em seguida. E como estamos lidando com um cara durão que não está pensando com clareza, é bom presumir que haverá retaliação.

Para sua surpresa, eu não discuto. Chegamos a um entendimento, uma rara ocorrência em nosso relacionamento.

11

Nosso prefeito é um sujeito de três mandatos com o nome pomposo de L. Woodrow Sullivan III. Para o público e os eleitores, ele é simplesmente Woody, um tipo amável, sorridente, benevolente, capaz de prometer qualquer coisa por um voto. Em particular, entretanto, é um idiota irritado, ríspido, que bebe demais e está farto de seu cargo. Mas não pode abandoná-lo, porque não tem nenhum outro emprego. Ele vai se candidatar a reeleição no próximo ano e aparentemente não tem amigos. No momento, seu índice de aprovação está em torno de quinze por cento, bastante baixo para forçar qualquer político orgulhoso a sair de cena em desgraça, mas Woody já resistiu antes. Ele preferia fazer qualquer outra coisa do que ter que passar pela reunião que estamos prestes a realizar.

O terceiro homem na sala é o procurador do município, Moss Korgan, meu colega de turma na Faculdade de Direito. Nós nos desprezávamos na época e as coisas não parecem ter melhorado. Ele editava a revista da Faculdade de Direito e partiu para uma carreira dourada em um sofisticado escritório de advocacia corporativa, um que implodiu e o deixou lutando para arranjar um emprego menor.

Woody e Moss. Parece um anúncio de equipamentos de caça.

A reunião é no gabinete do prefeito, uma sala esplêndida no último andar da Prefeitura, com janelas altas e vistas em três direções. Uma secretária serve café de um antigo bule de prata enquanto tomamos nossos lugares em volta de uma pequena mesa de reunião em um canto. Fazemos um esforço para atravessar as amabilidades iniciais obrigatórias, forçar um sorriso e agir de modo relaxado.

Por meio da descoberta no julgamento do processo civil, faço saber que pretendo intimar estes dois ao banco das testemunhas. Esse fato paira sobre a mesa como uma nuvem escura e torna a gentileza profissional quase impossível.

Woody diz bruscamente:

— Estamos aqui para falar de um acordo, certo?

— Sim - digo, retirando alguns papéis da minha pasta. — Tenho uma proposta, uma que é um pouco longa. Meu cliente, Doug Renfro, prefere chegar a um acordo sobre todas as reivindicações e prosseguir com sua vida, o que restou dela.

— Estou ouvindo — diz Woody, rispidamente.

— Obrigado. Primeiro, os oito policiais municipais que mataram Kitty Renfro devem ser demitidos. Eles estão em licença administrativa desde o

assassinato e…

— Você tem que usar a palavra “assassinato”? — interrompe Woody.

— Eles não foram condenados de nada — acrescenta Moss.

— Não estamos em um tribunal, o.k., e se eu quiser usar a palavra “assassinato”, usarei. Francamente, não há nenhuma outra palavra na língua inglesa bastante adequada para descrever o que os seus rapazes da SWAT fizeram. Foi assassinato. É embaraçoso que esses bandidos não tenham sido eliminados da força e ainda estejam recebendo seus salários integrais. Eles têm que ser dispensados. Isso é o número um. Número dois, o chefe de polícia tem que ir embora com eles. É um imbecil incompetente que não deveria ter sido contratado, para começar. Ele dirige um departamento corrupto. É um idiota e, se não acredita em mim, pergunte aos seus eleitores. Segundo a última pesquisa, ao menos oitenta por cento das pessoas desta cidade querem a demissão dele.

Eles balançam a cabeça com gravidade, mas não conseguem me encarar. Tudo que eu disse foi dito na primeira página do Chronicle. A Câmara Municipal aprovou um voto de censura por três a um contra o chefe de polícia. Mas o prefeito se nega a demiti-lo.

As razões são ao mesmo tempo simples e complicadas. Se os oito policiais da força especial e seu chefe forem demitidos antes do julgamento da ação civil, eles provavelmente se tornariam testemunhas hostis contra a City. É melhor que se mantenham unidos em sua defesa contra o processo Renfro.

Eu prossigo:

— Uma vez que o processo seja resolvido, vocês podem finalmente demiti-los, certo?

Moss diz:

— Devo lembrá-lo de que o teto de nossa responsabilidade é de um milhão de dólares?

— Não, não precisa. Tenho plena ciência disso. Tomaremos o milhão como um acordo e você imediatamente demite os oito policiais e o chefe.

— Fechado! — Woody praticamente berra do outro lado da mesa, enquanto bate no tampo com a mão espalmada. - Fechado! O que mais você quer?

Embora a City esteja obrigada a desprezíveis um milhão de dólares, esses sujeitos estão apavorados de outro julgamento. Durante o primeiro, revelei com detalhes dramáticos a brutal malignidade de nosso departamento de polícia e o Chronicle difundiu isso na primeira página durante uma semana. O prefeito, o chefe de polícia, o procurador do município e os vereadores se esconderam em bunkers. A última coisa que querem é outro julgamento de ampla repercussão em que eu humilho a City.

— Ah, eu quero muito mais, prefeito — digo. Ambos me olham com ar de

espanto. Aos poucos, o medo começa a surgir em seus olhos. — Tenho certeza de que se lembram da história do meu garoto sendo raptado no sábado passado. Algo muito assustador, mas com um final feliz e toda essa bobagem. O que vocês não sabem é que ele foi sequestrado por membros do seu departamento de polícia.

A fachada de cara durão de Woody se desfaz enquanto seu rosto empalidece. Moss, um ex-fuzileiro naval, tem orgulho de sua postura perfeita, mas no momento não consegue impedir que seus ombros arriem. Ele solta a respiração ruidosamente enquanto o prefeito enfia a unha de um dedo entre os dentes. Seus olhos se encontram rapidamente; olhares idênticos de terror.

Com um gesto um pouco dramático, coloco um documento sobre a mesa, fora do alcance deles.

— Isto é uma declaração juramentada, assinada por mim, em que descrevo, sob juramento, o sequestro, uma abdução orquestrada pelo chefe de polícia adjunto Roy Kemp, no esforço de me coagir a divulgar o local do corpo de sua filha desaparecida. Arch Swanger nunca foi meu cliente, ao contrário do que leram e do que acreditam, mas ele de fato me disse onde o corpo supostamente estaria enterrado. Quando me recusei a passar essa informação aos policiais, meu filho foi sequestrado. Eu cedi, disse ao detetive Reardon o que eu sabia, e uma escavação em grande escala foi realizada no local no último domingo à noite. Não encontraram nada. O corpo não estava lá. Kemp, então, soltou meu filho. Agora ele quer que eu esqueça tudo sobre isso, mas isso não vai acontecer. Estou trabalhando com o FBI. Vocês acham que têm problemas com o caso Renfro, esperem até a City descobrir o quanto seu departamento de polícia é realmente podre.

— Pode provar isso? — diz Moss com a garganta seca.

Eu dou um tapinha na declaração e respondo:

— Está tudo aqui. Há gravação das câmeras de vigilância da parada de caminhões onde encontrei meu filho. Ele conseguiu identificar um dos sequestradores, um policial. O FBI está seguindo as pistas e caçando os culpados.

Isso não é inteiramente verdade, é claro, mas como poderiam saber? Como em qualquer guerra, a verdade é a primeira vítima. Retiro outro documento da minha pasta e o coloco ao lado da declaração.

— E este é um rascunho de um processo que eu pretendo mover contra a City por sequestro. Kemp, como sabem, está em licença administrativa, ainda na folha de pagamentos, ainda um empregado. Eu o processarei, processarei o departamento e a City por um crime que será primeira página de costa a costa.

— Quer ver Kemp demitido também? — pergunta Moss.

— Não me importo se Kemp sai ou fica. Ele é um sujeito honesto e um bom policial. Também é um pai desesperado que está passando pelo inferno. Eu posso deixá-lo em paz.

— Muito generoso de sua parte — resmunga Woody.

— O que isso tem a ver com o acordo? — pergunta Moss.

— Tudo. Eu engavetarei o processo e esquecerei o assunto, prosseguirei com a minha vida e ficarei de olho no meu garoto. Mas quero outro milhão de dólares para Renfro.

O prefeito esfrega os olhos com os nós dos dedos enquanto Moss se deixa afundar ainda mais em sua cadeira. Eles estão perplexos e por um longo minuto não conseguem reunir palavras para responder. Finalmente, Woody resmunga um patético “Minha nossa!”.

— Isso é extorsão - diz Moss.

— Sem dúvida, mas no momento extorsão está algumas marcas abaixo na escala. No topo está assassinato, seguido de sequestro. Você não vai querer começar uma competição de mijar comigo.

O prefeito consegue se empertigar e dizer:

— E como deveremos encontrar outro milhão de dólares para passar a você e ao sr. Renfro sem que alguém deixe isso escapar para a imprensa?

— Oh, você já remanejou dinheiro antes, prefeito. Foi pego algumas vezes, ficou constrangido com os escândalos, mas conhece o jogo.

— Não fiz nada de errado.

— Eu não sou um repórter, portanto pode parar. Seu orçamento este ano é de seiscentos milhões. Você tem fundos para os dias chuvosos, fundos discricionários, fundos para baboseiras, reservas para isso e aquilo. Pode descobrir como fazer isso. O melhor caminho talvez seja lidar com a Câmara Municipal em sessão executiva, aprovar uma resolução para chegar a um acordo confidencial com Renfro e lidar com o dinheiro offshore.

Woody ri, mas não porque esteja achando graça de alguma coisa.

— Então você acha que podemos confiar na Câmara Municipal para manter isso em segredo?

— Isso é problema de vocês, não meu. Minha função é conseguir um acordo justo para o meu cliente. Dois milhões não é justo, mas aceitaremos.

Moss levanta-se, parecendo tonto. Caminha até uma janela e fica olhando fixamente para o infinito. Ele estica as costas e anda pela sala. Woody parece perceber a realidade de que o céu está desabando e diz:

— O.k., Rudd, quanto tempo temos?

— Não muito — respondo.

Moss diz:

— Precisamos de algum tempo para investigar isso, Sebastian. Você entra aqui, deixa cair uma bomba como essa e espera que acreditemos em tudo. Há muitas peças móveis aqui.

De fato, mas uma investigação só irá causar vazamentos. E aonde irá levá-lo? Você vai chamar Kemp aqui e perguntar a ele se sequestrou meu filho? Nossa, imagino o que ele irá dizer. Você pode passar meses escavando para descobrir a verdade e não a encontrará. Além do mais, não estou com disposição para esperar.

Eu faço a declaração juramentada e a ação judicial deslizarem sobre a mesa na direção de Woody. Levanto-me e pego minha pasta.

— Eis o acordo. Hoje é sexta-feira. Vocês têm o fim de semana. Estarei aqui às dez na segunda de manhã para acertar os detalhes. Se vocês não conseguirem chegar a uma conclusão, irei direto ao Chronicle com essa pequena pilha de papéis. Imaginem a reportagem, imaginem os danos. Manchetes a cabo vinte e quatro horas por dia.

Woody está pálido outra vez. Ele diz, sem convicção:

— Estarei em Washington na segunda-feira.

— Então, cancele. Pegue uma gripe forte. Às dez na segunda-feira, senhores — digo, enquanto abro a porta.

12

Naomi não fica muito impressionada com meu Mazda alugado. Conforme nos dirigimos para o centro da cidade, para o estádio, eu explico o que aconteceu ao meu outro veículo. Ela fica chocada em saber que há bandidos à solta na City capazes de colocar um dispositivo explosivo em minha van para me intimidar e matar Partner. E quer saber quando a polícia vai pegar esses sujeitos e levá-los à justiça. Ela não compreende quando eu explico que 1) a polícia não tem nenhum interesse real em pegá-los porque eu sou quem eu sou e 2) a polícia não pode pegá-los porque esses caras não deixam pistas para trás.

Ela pergunta se está segura em minha companhia. Quando lhe digo que eu carrego uma arma presa ao torso e encaixada sob minha axila esquerda, ela respira fundo e olha para fora da janela. Claro, estamos seguros, eu lhe garanto.

Em um esforço de revelação completa, eu lhe conto sobre meu último escritório e a bomba incendiária. Não, a polícia também não resolveu esse caso, em primeiro lugar porque muito provavelmente estava envolvida na ação. Ou eles ou alguns traficantes de drogas.

— Não é de admirar que você tenha problemas com as mulheres — observa ela. E ela tem razão. A maioria se assusta logo no começo do jogo e gravita em direção a homens mais seguros. Naomi, entretanto, tem um brilho nos olhos e parece se divertir com a ameaça de perigo. Afinal, as lutas de MMA foram ideia dela.

Andei mexendo uns pauzinhos e nossos assentos ficam próximos ao ringue. Terceira fileira para trás. Compro duas cervejas grandes e nos instalamos para observar a multidão. Ao contrário do cinema ou do teatro, da ópera ou da sinfônica, ou mesmo de um jogo de basquete, os fas já chegam com um espírito arruaceiro, metade já um pouco embriagada. Mais uma vez, é um bom público, provavelmente três a quatro mil, e eu me admiro da velocidade com que o esporte vem ganhando popularidade. Também penso em Tadeo, um garoto talentoso agora em uma prisão, quando deveria estar no topo do card desta noite. Seu julgamento deverá ocorrer em breve, e ele ainda espera que eu faça um milagre e o tire de lá, um homem livre. Para Naomi, eu reconto, em grandes detalhes gráficos, a noite há não muito tempo, quando Tadeo atacou o árbitro e o lugar inteiro se transformou numa baderna. Starcher achou legal e quer voltar ali para se divertir mais.

Ela acha que é má ideia.

Um treinador me reconhece e vem bater papo. Seu garoto é um peso médio-

ligeiro de sessenta e oito quilos que está na segunda luta e não sofreu nenhuma derrota nas últimas seis. Enquanto fala, ele não consegue tirar os olhos de Naomi. Como é uma gata e se veste muito bem, está atraindo muitos olhares.

O treinador acha que seu garoto tem futuro e que eles precisam de algum apoio. Como eu sou visto como um advogado influente com muito dinheiro, ao menos neste mundo, sou um jogador que posso fazer uma carreira. Digo ao sujeito que podemos conversar depois. Deixe-me observar o garoto algumas vezes e então marcaremos uma reunião. O treinador pergunta por Tadeo e sacode a cabeça tristemente. Que desperdício. Quando o local está lotado, as luzes são reduzidas e a multidão vai ao delírio. Os dois primeiros lutadores entram na gaiola e são feitas as apresentações.

— Você conhece esses lutadores? — pergunta Naomi, empolgada.

— Sim, são apenas dois brigões, não têm muito talento. Lutadores de rua, na verdade.

A campainha soa, a luta começa, e minha atraente professorinha senta-se na borda de seu assento e começa a gritar.

13

A meia-noite, estamos em uma pizzaria barata, enfiados em um compartimento estreito e sentados muito juntos. Tem havido algum toque o mãos dadas, e parece haver uma atração mútua. Eu realmente espero que seja mútua. Ela dá uma pequena mordida em uma fatia de pepperoni e tagarela sem parar sobre o principal evento, um banho de sangue de pesos pesados que terminou com um cruel choke hold. O derrotado permaneceu no tapete por um longo tempo. Por fim, ela toca no assunto do sequestro e quer saber o quanto eu sei. Explico que o FBI está investigando e que eu não posso dizer nada.

Houve um pedido de resgate? Não posso dizer. Um suspeito? Não que eu saiba. O que ele estava fazendo naquela parada de caminhões? Tomando sorvete. Gostaria de lhe dar os detalhes, mas é cedo demais. Talvez mais tarde, quando tudo já estiver resolvido.

Quando estamos voltando para seu endereço, ela diz:

— Deve ser difícil ter um relacionamento com você carregando uma arma.

— O.k. Posso tirá-la. Mas estará sempre perto de mim.

— Não sei se gosto disso.

Nada mais é dito até eu estacionar em frente ao seu edifício.

— Eu me diverti muito - diz ela.

— Eu também. — Eu a acompanho até a porta do prédio e pergunto: — Bem, quando posso vê-la de novo?

Ela me dá um rápido beijo no rosto e diz:

— Às sete, amanhã à noite. Aqui mesmo. Tem um filme que eu gostaria de ver.

14

Partner me pega em outro carro alugado, uma nova e reluzente van de transporte U-Haul, com um anúncio de cada lado, numa pintura espalhafatosa cor de laranja e verde, apregoando “Quilometragem ilimitada por 19, 95 dólares por dia”. Olho para ela por um ou dois minutos antes de finalmente entrar.

— Legal - digo.

—Achei que iria gostar - diz ele, rindo. Suas ataduras estão escondidas sob as roupas, não há nenhuma evidência de seus ferimentos. Ele é durão demais para admitir dor ou desconforto.

— Acho melhor nos acostumarmos com ela - digo. — A companhia de seguros está fazendo corpo mole. Além do que, levarei um mês para mandar fazer todas as adaptações em uma van nova. - Estamos atravessando o trânsito do centro da cidade, apenas dois entregadores com uma van cheia de mobília. Ele para diante do prédio da Prefeitura e estaciona em local proibido. Uma van U-Haul com cores tão vivas certamente atrairá um bando de guardas de trânsito.

— Conversei com Miguel — diz ele.

— E como foi? — pergunto, a mão na maçaneta da porta.

—Bem. Expliquei a situação, disse que você estava sendo pressionado por alguns valentões e precisava de um pouco de proteção. Ele disse que poderia cuidar disso, que era o mínimo que ele e os rapazes podiam fazer por você e toda essa baboseira. Enfatizei que ninguém deve sair ferido, só um “olá” para Tubby e Razor, para eles entenderem o recado.

— O que acha?

— Provavelmente, vai funcionar. A gangue de Link está bem enfraquecida ultimamente, por motivos óbvios. Ele perdeu quase toda a força que tinha. Duvido que seus rapazes queiram se meter com uma gangue de drogas.

— Veremos. De volta em trinta minutos — digo, enquanto saio.

Woody cancelou sua viagem a Washington e está me aguardando em seu gabinete na companhia de Moss. Ambos têm uma aparência de quem passou um mau fim de semana. É segunda-feira e meu objetivo é arruinar o resto da semana deles. Não há apertos de mão, troca de amabilidades, nem mesmo a oferta de um café.

Eu aumento a tensão:

— O.k., rapazes, temos um acordo? Sim ou não? Quero uma resposta agora e se eu receber a resposta errada, deixarei este prédio e descerei a rua até o Chronicle. Verdoliak, seu repórter favorito, está me esperando em sua

escrivaninha.

Woody olha para o chão e diz:

— Acordo fechado.

Moss desliza um documento por cima da mesa e diz:

— Este é um acordo confidencial. A companhia de seguros pagará o primeiro milhão agora. A City colocará mais meio milhão neste ano fiscal, o mesmo no próximo ano. Temos um fundo de reserva para litígios que podemos manipular, mas temos que dividir os dois pagamentos entre este ano e o próximo. É o melhor que podemos fazer.

— Está bem assim — digo. - E quando o chefe e os rapazes da SWAT vão ser cortados?

— Amanhã de manhã - diz Moss. — E isso não está nesse acordo.

— Então, não assinarei esse acordo enquanto eles não forem demitidos. Por que esperar? O que há de tão difícil em se livrar desses caras? Droga, a cidade inteira quer vê-los na rua.

— Nós também - diz o prefeito. - Acredite-me, queremos vê-los fora de cena. Confie em nós, Rudd.

Eu reviro os olhos a palavra “confie”. Pego o acordo e o leio devagar. Um telefone toca na imponente escrivaninha do prefeito, mas ele o ignora. Quando termino de ler, deixo o documento sobre a mesa e digo:

— Nem uma palavra de desculpas. A mulher de meu cliente foi assassinada, ele foi baleado, depois arrastado por um julgamento de ação penal, enfrenta a possibilidade de ser preso, vai e volta do inferno, e nem uma palavra de desculpas. Sem acordo.

Woody profere um amargo impropério e fica de pé com um salto.

— Merda!

Moss esfrega os olhos como se fosse começar a chorar. Os segundos se passam, depois um minuto inteiro, sem que nada seja dito. Finalmente, olho furiosamente para o prefeito e digo:

— Por que você não pode agir como homem e fazer o que é certo? Por que não pode convocar uma de suas coletivas de imprensa, exatamente como faz para cada crise sem importância, e começar com um pedido de desculpas à família Renfro? Anuncie um acordo no processo civil. Explique que, depois de uma rigorosa investigação, é claro agora que a equipe da SWAT negligenciou todas as regras de procedimentos e de segurança, e que os oito policiais serão desligados imediatamente. E o chefe deles também.

— Eu não preciso do seu conselho no que diz respeito ao meu trabalho — diz Woody, mas é uma resposta fraca.

— Talvez precise, sim - digo. Fico tentado a me mostrar indignado outra vez,

mas não quero perder o dinheiro.

— O.k., o.k. - diz Moss. — Vamos dar nova redação e enfiar algumas palavras dirigidas a família.

— Obrigado - digo. - Voltarei amanhã, depois da coletiva de imprensa.

15

Encontro-me com Doug Renfro na hora do almoço em uma cafeteria perto da casa dele. Explico o acordo e ele fica empolgado por estar ganhando dois milhões. Meus honorários contratados são de vinte e cinco por cento, mas eu diminuirei para apenas dez por cento. Ele fica surpreso com isso e, no começo, quer argumentar. Eu gostaria de lhe dar todo o dinheiro, mas realmente tenho despesas a saldar. Depois de acertar as contas com Harry & Harry, ficarei com cento e vinte mil dólares líquidos, o que é pouco para o tempo que gastei no caso, mas ainda assim uma boa soma.

Enquanto toma um gole de café, suas mãos começam a tremer e seus olhos se enchem repentinamente de lágrimas. Ele abaixa a xícara e enxuga o nariz.

— Eu só quero a Kitty — diz ele, os lábios trêmulos.

— Sinto muito, Doug - digo. O que mais posso dizer?

— Por que eles fizeram isso? Por quê? Não faz sentido. Arrombando as portas, disparando as armas como idiotas, a casa errada. Por que, Sebastian?

Tudo que posso fazer é sacudir a cabeça.

— Vou embora daqui, posso lhe afirmar isso agora mesmo. Embora. Odeio esta cidade e os palhaços que a governam, e tenho que lhe dizer, Sebastian, com esses oito policiais agora desligados, com raiva e procurando confusão, não me sinto seguro. Você também não deveria, sabe?

— Eu sei, Doug. Acredite-me, penso nisso o tempo todo. Mas, por outro lado, eu já os irritei antes. Não sou um de seus favoritos.

— Você é um grande advogado, Sebastian. Eu tinha dúvidas, no começo. O modo como você me abordou, com tanta força, quando eu ainda estava no hospital. Eu ficava pensando: quem é esse sujeito? Tive outros advogados tentando pegar o caso, sabe? Verdadeiros palhaços bisbilhotando pelo hospital. Mas eu botei todos pra correr. Fico feliz por ter feito isso. Você foi formidável no julgamento, Sebastian. Magnífico.

— O.k., o.k. Obrigado, Doug, mas já chega.

— Quinze por cento, certo? Quero que receba quinze por cento. Por favor.

— Já que insiste…

— Sim. Vendi minha casa ontem, um bom lucro. Vamos fechar em duas semanas. Acho que vou para a Espanha.

— Na semana passada, era a Nova Zelândia.

— O mundo é grande. Posso ir a todos os lugares, morar em um trem por um ano ou mais. Conhecer tudo. Queria que Kitty estivesse comigo. Ela adorava

viajar.

— Devemos receber o dinheiro em breve. Eu o vejo daqui a alguns dias e repartimos.

16

Eu assisto à coletiva de imprensa no meu apartamento. Em determinado momento nas últimas poucas horas, o prefeito Woody tomou a decisão calculada de que se humilhar poderia lhe angariar mais votos do que jogar na defensiva. Ele está de pé em um palanque e pela primeira vez na história recente não há ninguém atrás dele. Nem uma única alma. Ele está sozinho: nenhum vereador posando para as câmeras; nenhuma muralha de musculosos oficiais uniformizados; nenhum advogado de ar sombrio, com o cenho franzido como se estivesse em agonia com hemorroidas.

Ele explica para o pequeno grupo de repórteres que a City liquidou as questões legais com a família Renfro. Não haverá nenhum julgamento de ação civil; o pesadelo acabou. Os termos são confidenciais, é claro. Suas mais sinceras desculpas à família pelo que aconteceu. Erros foram cometidos, obviamente (embora nenhum por ele), e ele tomou a decisão de agir com determinação e levar essa tragédia a um encerramento. O chefe de polícia está demitido, a partir de agora. Ele é, em última análise, responsável pelas ações de seus agentes. Todos os oito membros da SWAT também foram desligados. Seus atos não podem ser tolerados. Os procedimentos serão revistos. E assim por diante.

Ele finaliza apropriadamente com mais um pedido de desculpas e, de vez em quando, parece e soa como se estivesse prestes a chorar. Não foi uma representação ruim para Woody e talvez até lhe angarie alguns votos. Mas qualquer tolo pode ler as pesquisas das urnas.

Uma jogada corajosa, Woody.

Agora, como se minha vida já não estivesse bastante complicada, há mais oito ex-policiais à solta na cidade atrás de algum tipo de vingança.

O dinheiro logo chega, e Doug e eu fazemos nossa partilha. Na última vez era que eu o vejo, ele está pegando um táxi para o aeroporto. Ele disse que ainda não sabe ao certo para onde irá, mas saberá quando chegar lá. Disse que talvez olhe para o painel de partidas e atire um dardo.

Fico com uma ponta de inveja.

17

Tadeo insiste que eu passe pela cadeia para uma visita ao menos uma vez por semana e eu realmente não me importo. A maioria das visitas inclui uma conversa relativa ao seu iminente julgamento e outras que só têm a ver com sua sobrevivência na prisão. Não há nenhum ginásio ou lugar para ele se exercitar - ele terá isso na prisão, mas não conversamos sobre isso —, e ele está frustrado em seus esforços para manter a forma. Ele faz mil abdominais por dia e a mim parece em forma. A comida é horrível e ele diz que está perdendo peso, o que evidentemente leva a uma discussão sobre a categoria de peso de luta que ele vai preferir quando sair. Quanto mais tempo ele passa na prisão e quanto mais aconselhamento jurídico gratuito recebe de seus colegas de cela lá dentro, mais delirante se torna. Ele está convencido de que pode influenciar um júri, jogar toda a culpa em um rápido ataque de insanidade e sair livre. Eu explico, novamente, que o julgamento será difícil de ganhar porque o júri verá o vídeo ao menos cinco vezes.

Ele também começou a duvidar da minha fé nele e em duas ocasiões mencionou o envolvimento de outro advogado. Isso não irá acontecer porque ele terá que pagar um gordo honorário a outra pessoa, mas ainda assim é irritante. Ele está começando a agir como muitos réus criminais, especialmente os que vêm das ruas. Ele não confia no sistema, inclusive em mim, porque sou branco e faço parte da estrutura de poder. Está convencido de que é inocente e preso injustamente. E sabe que pode influenciar um júri se lhe derem a oportunidade. E eu, como seu advogado, só preciso fazer alguns truques no tribunal e, exatamente como na televisão, ele será um homem livre. Eu não discuto com ele, mas tento manter uma visão realista da situação.

Após meia hora, despeço-me e sinto-me aliviado de estar longe dele. Conforme vou percorrendo os corredores da prisão em direção à saída, o detetive Reardon aparece do nada e quase esbarra em mim.

— Ah, Rudd, exatamente o homem que estou procurando.

Eu nunca o vi na cadeia antes. Esse encontro não é acidental.

— Ah, olá, e aí?

— Tem um minuto? — diz ele, apontando para um canto, longe dos demais advogados e carcereiros.

— Claro. — Eu não quero realmente gastar meu tempo com Reardon, mas ele está ali com alguma finalidade. Tenho certeza de que deseja enfatizar novamente o ponto de que nosso suspenso chefe de polícia adjunto, Roy Kemp,

continua profundamente preocupado em manter o sequestro só entre nós. Quando ficamos sozinhos, ele diz:

— Sabe, Rudd, ouvi dizer que você entrou numa escaramuça com dois capangas de Link Scanlon no tribunal na semana passada. Testemunhas dizem que você acertou os dois com um bastão, deixou-os inconscientes. Pena que não colocou uma bala entre os olhos daqueles dois. Quisera ter visto isso. É difícil acreditar que você teve a coragem de nocautear dois quebradores de pernas.

— E daí?

— Acho que Link lhe mandou um recado de que quer alguma coisa, provavelmente dinheiro. Achamos que ele está arruinado, e assim ele envia dois bandidos para pressioná-lo. Por alguma razão, você não quer ser pressionado. Eles insistem, você os derruba em plena luz do dia do lado de fora de um tribunal. Gosto disso.

— E daí?

— Você conhece esses dois sujeitos? Quero dizer, o nome deles?

Algo me diz para me fazer de desentendido.

— Um se chama Tubby, sem sobrenome. Não conheço o outro. Tem tempo para uma pergunta?

— Ah, claro.

— Você é da Homicídios. Por que exatamente está preocupado com Link e seus asseclas e eu ter me divertido um pouco com eles?

— Porque eu sou da Homicídios. — Ele abre com um gesto rápido uma pasta de arquivo e me mostra uma foto colorida de vinte por vinte e cinco de dois corpos em uma espécie de monte de lixo. Estão de bruços, com os pulsos amarrados às costas. A nuca de cada um deles exibe uma crosta de sangue seco. — Encontramos esses dois cadáveres no aterro sanitário da cidade, enrolados em um tapete velho e rasgado. A escavadeira empurrou-o para um pequeno barranco, e Tubby e Razor se desenrolaram para fora. Tubby é Danny Fango, aqui a direita. Razor, a esquerda, é Arthur Robilio. — Ele remexe os papéis e retira outra foto vinte por vinte e cinco. Os dois corpos ensanguentados foram rearrumados e estão virados para cima, lado a lado. A bota preta de um policial aparece na foto, ao lado da cabeça estraçalhada do bom e velho Tubby. Suas gargantas foram cortadas profundamente, de lado a lado.

Reardon diz:

— Cada um levou dois tiros na nuca. Isso além de um corte a canivete de orelha a orelha. Vejo isso o tempo todo. Até agora, assassinatos limpos, sem impressões digitais, nada da balística, nada do laboratório criminal. Provavelmente, ação de uma gangue comum, nenhuma grande perda para a sociedade, sabe o que eu quero dizer?

Meu estômago dá uma reviravolta enquanto o ácido gástrico enche minha garganta. Sinto uma premente vontade de vomitar, junto com uma ligeira tontura que poderia significar um rápido desmaio. Desvio o olhar das fotos, sacudindo a cabeça enojado, e digo a mim mesmo para tentar, se for humanamente possível, parecer despreocupado. Consigo dar de ombros e dizer:

— E daí, Reardon? Acha que eu apaguei esses caras porque me atacaram no tribunal?

— Não sei o que penso no momento, mas tenho esses dois escoteiros na laje e ninguém sabe de nada. No que me diz respeito, você foi a última pessoa a entrar numa briga com eles. Você parece gostar de agir na sarjeta. Talvez tenha alguns amigos lá. Uma coisa leva a outra.

— Nem você mesmo conseguiria acreditar nisso, Reardon. Teoria muito fraca. Vá acusar outra pessoa porque está perdendo seu tempo comigo. Eu não mato ninguém. Eu só defendo quem mata.

— Dá no mesmo, se você me perguntar. Continuarei cavando.

Ele vai embora e eu procuro um toalete. Tranco a porta co cubículo, sento-me no tampo da privada e pergunto a mim mesmo se isso seria possível.

18

Estacionamos a U-Haul em uma vaga de um drive-in de cachorro-quente e pedimos refrigerantes a uma gatinha de patins. Nenhum de nós dois tem apetite. Ela traz as bebidas e Partner fecha a janela, rodando a manivela, a moda antiga. Toma um grande gole e, olhando direto a frente, diz:

— Não é possível, chefe. Eu fiz questão de deixar bem claro. Dê um susto neles, mas não toque neles. Ninguém se machuca.

— Eles não estão sofrendo - digo.

— Mas, chefe, tem que compreender como as coisas funcionam no submundo. Digamos que Miguel e seus rapazes localizam Tubby e Razor e conseguem criar um confronto. Fazem ameaças, mas digamos que Tubby e Razor não se deixam incomodar com ameaças. Ora, é o que eles fazem há trinta anos. Não gostam da intrusão e deixam isso bem claro. Miguel tem que se defender. A discussão esquenta, mais ameaças são feitas e em determinado memento as coisas fogem do controle. É preciso apenas um soco para começar uma briga e não demora muito para alguém sacar uma arma ou um canivete.

— Quero que fale com Miguel.

— Por quê? Ele nunca vai admitir isso, chefe. Nunca.

Eu sugo meu canudinho e forço a bebida a descer. Tudo parece travado, da garganta aos intestinos. Após um longo intervalo, digo:

— Estamos presumindo que tenha sido o Miguel. Pode ter sido outra pessoa. Tubby e Razor fizeram carreira quebrando braços, talvez tenham mexido com o cara errado dessa vez.

Partner balança a cabeça e consegue dizer, debilmente:

— Pode ser.

19

Estou acordado às 3h37 da madrugada quando meu celular começa a vibrar. Devagar, eu e pego. Ligação desconhecida, o pior tipo. Com grande relutância, atendo:

—Alô.

Eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

— É Rudd? - pergunta ele.

— É. Quem está falando?

— Seu velho cliente Swanger, Arch Swanger.

— Esperava nunca mais ouvir falar de você outra vez.

— Eu também não sinto a sua falta, mas temos que conversar. Já que não se pode confiar em você e que você não hesita em sacrificar seus clientes, presumo que seu telefone esteja grampeado e que os policiais estejam ouvindo.

— Não.

— Você é um mentiroso, Rudd.

— Ótimo, desligue e não me ligue outra vez.

— Não é tão simples. Temos que conversar. A jovem está viva, Rudd, e há coisas ruins acontecendo.

— Não me interessa.

— Há uma farmácia vinte e quatro horas na esquina da Preston com a Fifteenth. Compre um creme de barbear. Atrás de uma lata de Gillette Menthol você encontrará um pequeno telefone preto, pré-pago. Pegue-o, mas não se deixe pegar roubando a loja. Ligue para o telefone na tela. Sou eu. Esperarei trinta minutos, depois sairei da cidade. Entendeu, Rudd?

— Não, não vou fazer seu jogo dessa vez, Swanger.

— A garota está viva, Rudd, e você pode trazê-la de volta. Assim como você resgatou seu filho, agora pode ser o verdadeiro herói. Se não, ela estará morta dentro de um ano. Só depende de você, amigo.

— Por que deveria acreditar em você, Swanger?

— Porque eu sei a verdade. Posso não dizer a verdade todas as vezes, mas sei o que está acontecendo com a garota Kemp. Não é nada bonito. Vamos, Rudd, entre no jogo. Não chame seu capanga e não use aquela estúpida van U-Haul. Fala sério. Que tipo de advogado você é?

A ligação fica muda e eu deito de costas, fitando o teto. Se Arch Swanger é um fugitivo, e eu sei com certeza que ele é porque ele é o número um na lista dos mais procurados da polícia, Link Scanlon sendo o número dois, então como

ele poderia saber que estou circulando pela cidade ultimamente em uma van alugada? E como ele poderia comprar e esconder um telefone celular pré-pago?

Vinte minutos depois, eu estaciono em frente à farmácia e espero até que dois bêbados se afastem da porta da frente. Essa é uma parte perigosa da cidade e não sei por que essa empresa, uma cadeia nacional, escolheria este bairro para instalar uma farmácia vinte e quatro horas. Entro e não vejo ninguém senão o empregado, que folheia um tabloide. Encontro o creme de barbear e o telefone, que rapidamente enfio no bolso. Pago o creme de barbear, entro no carro e enquanto me afasto ligo para o número indicado.

Swanger atende dizendo:

— Continue dirigindo. Pegue a interestadual para o norte.

— Para onde, Swanger?

— Para mim. Quero olhá-lo nos olhos e lhe perguntar por que contou aos policiais onde eu enterrei a garota.

— Talvez eu não queira falar sobre isso.

— Vai querer.

— Por que mentiu, Swanger?

— Foi somente um teste para ver se você é confiável. Obviamente, não é. Quero saber por quê.

— E eu quero saber por que você não consegue me deixar em paz.

— Porque eu preciso de um advogado, Rudd, é simples. O que devo fazer? Pegar um elevador ao quadragésimo andar e confiar em um sujeito em um temo preto que cobra mil dólares por hora? Ou talvez ligar para um desses palhaços que se veem em outdoors implorando por falências e acidentes automobilísticos? Preciso de um cara realmente das ruas, Rudd, um verdadeiro canalha que sabe jogar sujo. No momento, você é o homem.

— Não, não sou.

— Pegue a saída de White Bluff da interestadual e vá para leste por três quilômetros. Há uma espelunca de hambúrguer vinte e quatro horas, no momento anunciando um sanduíche com duas fatias derretidas de queijo Velveeta verdadeiro. Que delícia! Vou observar você entrar lá e se sentar. Vou me certificar de que estará sozinho e de que ninguém o está seguindo. Quando eu entrar, você não vai me reconhecer de imediato.

— Tenho uma arma comigo, Swanger, licença e tudo, e sei usá-la. Nenhuma gracinha, entendeu?

— Não há necessidade disso, juro.

—Jure quanto quiser, eu não acredito em nem uma palavra do que você diz.

— Então somos dois.

20

Não há ventilação e o ar é denso com o cheiro de hambúrgueres gordurosos e batatas fritas. Compro um café e sento-me em uma mesa no centro por dez minutos enquanto dois adolescentes bêbados em um compartimento dão risadinhas e conversam com a boca cheia. Em um canto distante, um casal de velhos obesos se empanturram como se nunca mais fossem ver comida outra vez. Parte do brilhantismo de marketing dessa espelunca é que o menu inteiro custa metade do preço de meia-noite às seis da manhã. Isso e o Velveeta.

Um homem em um uniforme marrom do serviço de correios UPS entra e não olha ao redor. Compra um refrigerante e batatas fritas, e de repente está sentado a minha frente. Por trás de óculos redondos sem aros eu finalmente reconheço os olhos de Swanger.

— Que bom que você veio - diz ele, quase inaudível.

— Um grande prazer — digo. — Bonito uniforme.

— Funciona. Eis o que está acontecendo, Rudd. Jiliana Kemp está bem viva, mas tenho certeza de que ela preferia estar morta. Ela teve seu filho há alguns meses. Eles o venderam por cinquenta mil dólares, o valor mais alto. A faixa, disseram-me, é de vinte e cinco a cinquenta, para um bebê caucasiano de boa cepa. Os mais escurinhos são mais baratos.

— Quem são eles?

—Já vamos chegar lá. No momento, ela está trabalhando longas horas como stripper e prostituta em um clube de sexo a uns mil e seiscentos quilômetros daqui. Ela é basicamente uma escrava, pertencente a uns tipos asquerosos que a viciaram em heroína. É por isso que ela não consegue fugir e é por isso que faz tudo que mandarem. Você nunca lidou com tráfico de seres humanos?

— Não.

— Não me pergunte como eu me envolvi. Uma história longa e triste.

— Eu realmente não me importo, Swanger. Gostaria de ajudar a garota, mas não vou meter meu nariz nisso. Você disse que precisava de um advogado.

Ele pega uma única batata frita e a examina como se procurasse veneno, em seguida, lentamente, a coloca na boca. Ele me olha fixamente por trás das lentes falsas e por fim diz:

— Ela vai trabalhar nos clubes por algum tempo, depois decidirão engravidá-la outra vez. Ela é passada de mão em mão, sabe como é, e, quando fica grávida, eles a tiram das drogas e a encarceram. O bebê tem que ser saudável, sabe como é. Ela é uma de oito ou dez jovens na folha de pagamento deles, a maioria

branca, mas algumas morenas, todas deste país.

— Todas sequestradas?

— Claro. Não acha que elas são voluntárias, não é?

— Não sei o que pensar. - Espero que ele esteja mentindo, mas algo me diz que não está. De qualquer modo, a história é tão repulsiva que eu só consigo sacudir a cabeça. Não posso deixar de ver as imagens de Roy Kemp e de sua mulher no noticiário implorando pela volta de sua filha.

— Realmente trágico — digo. - Mas estou perdendo a paciência, Swanger. Primeiro, não posso acreditarem nada do que você diz. Segundo, você disse que precisava de um advogado.

— Por que você disse aos tiras onde ela estava enterrada?

— Porque eles sequestraram meu filho e me forçaram a cuspir o que você me disse.

Ele gosta da história e não consegue evitar um sorriso.

— É mesmo? Os tiras sequestraram seu filho?

— Sim. Eu cedi, contei a eles, eles correram para o local, desperdiçaram uma noite inteira escavando e, quando ficou claro que você estava mentindo, soltaram meu filho.

Ele enfia três batatas fritas na boca e mastiga ruidosamente como se estivesse mastigando um pacote inteiro de chicletes.

— Eu estava no bosque, observando, rindo daqueles palhaços. Também estava amaldiçoando você por contar meu segredo.

— Você é doente, Swanger. Por que estou aqui?

— Porque eu preciso de dinheiro, Rudd. Não é fácil viver fugindo desse jeito. Você não iria acreditar em toda a merda que eu tenho que fazer para ganhar uns trocados e já estou farto disso. Há cento e cinquenta mil dólares de recompensa guardados em algum lugar do departamento de polícia. Imagino que, se eu puder levar a garota de volta a sua família, devo receber um pouco do dinheiro.

Não sei por que fico chocado com isso. Nada do que esse idiota diz deveria me surpreender. Respiro fundo.

— Deixe-me ver se eu consigo entender. Você sequestrou a garota há um ano. Os bons cidadãos de sua cidade doaram seu dinheiro para um fundo de recompensa. Agora você, o sequestrador, gostaria de devolver a garota, e para esse ato de grande humanidade você acha que deve receber uma parte do dinheiro de recompensa, o mesmo dinheiro que agora está reservado para solucionar o crime que você cometeu. Certo, Swanger?

— Não tenho nenhum problema com isso. Funciona em todas as frentes. Eles ficam com a garota, eu com o dinheiro.

— Trata-se mais de um pedido de resgate, eu acho.

— Chame como quiser. Eu não me importo. Só preciso de um pouco de dinheiro vivo, Rudd, e imagino que um advogado como você possa fazer isso acontecer.

Levanto-me de um salto e digo:

— O que você precisa é de uma bala, Swanger.

— Aonde vai?

— Para casa. E, se ligar para mim outra vez, chamarei a polícia.

— Tenho certeza de que sim.

Nossas vozes se altearam e os adolescentes bêbados olham fixamente para nós. Eu me afasto e consigo chegar do lado de fora antes que ele me alcance e agarre meu ombro.

— Acha que estou mentindo sobre a garota, não é, Rudd?

Eu rapidamente tiro a Glock 19 do coldre sob meu braço esquerdo e seguro-a na mão direita. E recuo enquanto ele fica paralisado, olhando a pistola com os olhos arregalados.

— Não sei se você está mentindo e não me importo. Você é um cara doente, Swanger, e tenho certeza de que terá uma morte horrível. Agora, me deixe em paz.

Ele relaxa e sorri.

—Já ouviu falar de uma cidade chamada Lamont, Missouri? Nenhuma razão para ter ouvido, na verdade. Um lugarzinho insignificante de mil pessoas, a uma hora ao norte de Columbia. Há três noites, uma garota de vinte anos, chamada Heather, desapareceu. A cidade inteira está em pânico, todo mundo está participando das buscas, pelo meio dos bosques e embaixo dos arbustos. Nenhum sinal da moça. Ela está bem, quero dizer, ao menos está viva. Está morando no mesmo depósito com Jiliana Kemp, centro-oeste de Chicago, sofrendo os mesmos maus tratos. Verifique na internet, Rudd, o jornal de Columbia publicou uma pequena matéria hoje de manhã. Só mais uma garota, essa a oitocentos quilômetros de distância, mas esses caras são traficantes da pesada.

Eu seguro a pistola ainda com mais força e resisto à tentação de levá-la a altura do ombro e colocar duas balas em sua cabeça.

PARTE SEIS

O ACORDO

1

A seleção do júri no julgamento de Tadeo Zapate começa na segunda-feira. Será um circo, porque a imprensa está eufórica com a expectativa e o tribunal está fervilhando. O vídeo no YouTube de Tadeo devastando o árbitro Sean King já ultrapassou os sessenta milhões de visualizações. Nossos destemidos heróis do Action News! o exibem repetidamente durante os noticiários da noite e da manhã. O mesmo vídeo, as mesmas baboseiras, o mesmo gesto balançando a cabeça com ar sombrio, como se fosse impossível de acreditar no que estavam vendo. Parece que todos têm uma opinião, e poucas favorecem meu cliente. Em três ocasiões, eu pedi à corte uma mudança de foro e as três foram rapidamente negadas. Duzentos jurados em potencial foram convocados para segunda-feira e será fascinante ver quantos alegam não ter nenhum conhecimento do caso.

No momento, entretanto, é sexta-feira, por volta da meia-noite, e estou deitado, nu, sob os lençóis da srta. Naomi Tarrant ao meu lado. Ela dorme, ronronando em longos e profundos sopros, morta para o mundo. Nossa segunda sessão começou por volta das dez, depois de pizza e cerveja, e embora tenha durado menos de meia hora foi, ainda assim, empolgante e completamente exaustiva. Nós dois admitimos que temos andado um pouco inativos e estamos adorando recuperar o tempo perdido. Não faço a menor ideia para onde esse relacionamento embrionário pode nos levar e sou sempre muito cauteloso - resultado, sem dúvida, dos danos permanentes infligidos por Judith —, mas por enquanto eu adoro essa garota e gostaria de vê-la o mais frequentemente possível, nua ou não.

Eu gostaria de poder dormir assim. Ela parece estar em coma e eu estou aqui deitado, completamente acordado, não excitado — isso seria normal —, mas pensando em muitas coisas além de sexo. O julgamento na segunda-feira; Swanger e sua história sobre a jovem Kemp; os corpos ensanguentados de Tubby e Razor, enrolados em um tapete velho e barato e jogados em um depósito de lixo, provavelmente por Miguel Zapate e sua gangue de traficantes de drogas. Penso no detetive Reardon e quase estremeço à ideia de que ele e os outros no departamento de polícia suspeitam, leve ou fortemente, que eu tive alguma coisa a ver com os assassinatos dos capangas de Link. Eu me pergunto se Link resolveu me deixar em paz, agora que basta eu estalar os dedos para acabar com alguém.

Tantos pensamentos, tantos problemas. Sinto-me tentado a me esgueirar da cama e ir procurar alguma bebida, depois me lembro que Naomi não guarda

bebida em casa. Ela bebe muito pouco e come de forma muito saudável, e faz ioga quatro dias por semana para manter o corpo magnificamente tonificado. Não quero acordá-la e, assim, permaneço deitado, imóvel, fitando suas costas, a pele lisa e perfeita que sobe e desce em suas omoplatas e sobe outra vez para formar o traseiro mais bonito que eu já vi. Ela tem trinta e três anos, recentemente divorciada de um crápula com quem desperdiçou sete anos, sem filhos e aparentemente sem estar preocupada com isso. Ela não fala muito de seu passado, mas sei que sofreu muito. Seu primeiro amor foi seu namorado de faculdade que foi morto por um motorista bêbado um mês antes do casamento. Com os olhos rasos d'água, ela disse que nunca conseguiu amar outro homem da mesma forma.

Não estou realmente à procura de amor.

Não consigo me livrar dos pensamentos sobre Jiliana Kemp. Ela é ou era uma linda jovem, como a minha companheira aqui, e há uma boa chance de que esteja viva e vivendo uma vida que é impensável. Arch Swanger é um psicopata, e provavelmente um sociopata, e ele prefere mentir a dizer a verdade sobre o que quer que seja. Mas não estava mentindo sobre a jovem Heather Farris, da cidadezinha de Lamont, Missouri, uma jovem de vinte anos que abandonou os estudos e estava trabalhando no turno da noite de uma loja de conveniências quando desapareceu sem deixar vestígios. Ainda estão vasculhando os bosques, levando cães farejadores e oferecendo recompensas, mas nada deu resultado até agora. Como Swanger sabia a respeito dela? É possível que ele tenha tido acesso a um noticiário inicial, mas isso não é provável. Entrei on-line imediatamente, encontrei a notícia e comecei a segui-la no jornal da Columbia. Lamont fica a mais de oitocentos quilômetros daqui e, infelizmente, ela é apenas mais uma garota desaparecida de uma cidadezinha. Heather não chegou ao noticiário nacional.

E se Swanger estiver dizendo a verdade? Que Jiliana Kemp e Heather Farris são duas jovens de uma dúzia que foram sequestradas por uma rede de tráfico humano e forçadas a trabalhar como strippers, se prostituir e gerar filhos enquanto vivem sob heroína? O fato de eu saber disso, ou ao menos de suspeitar, me faz sentir como um cúmplice. Eu não sou advogado de Swanger e deixei isso bem claro. Na verdade, senti uma verdadeira descarga de adrenalina quando segurei minha Glock e pensei em acabar com a sua vida desgraçada. Não há nenhuma restrição ética confinando-me ao silêncio e a confidencialidade com esse canalha. E ainda que houvesse, eu estaria inclinado a ignorá-la se isso pudesse salvar algumas das garotas.

Já parei de me preocupar com a ética há muito tempo. No meu mundo, meus inimigos são implacáveis. Se eu for bonzinho, serei esmagado.

Agora, é unia da madrugada e eu estou ainda mais acordado. Naomi vira-se e lança uma perna em minha direção. Delicadamente acaricio sua coxa — como uma pele pode ser tão macia — e ela choraminga como se em algum ponto do seu sono profundo ela gostasse do toque. Eu consigo ficar imóvel e fechar os olhos.

Meu último pensamento é de Jiliana Kemp, vivendo na versão de nossa geração da escravatura.

2

Partner e eu passamos a maior parte do sábado no porão dos escritórios de advocacia de Harry & Harry, debruçados sobre questionários de jurados e relatórios tediosos reunidos por Cliff, um consultor de júri, que até aqui já me cobrou trinta mil dólares. O cálculo para a defesa de Tadeo chega quase aos setenta mil, tudo do meu bolso, é claro, e continuará a subir. Ele e eu não discutimos o pagamento de honorários porque é uma perda de tempo. Ele está falido e Miguel e o resto da quadrilha de tráfico de drogas não têm muito interesse em minha remuneração. Eles acham que eu ganhei bastante dinheiro com a breve carreira de Tadeo. Presumo que também achem que nas regras das ruas a eliminação de Tubby e Razor vale muito dinheiro. Olho por olho, dente por dente. Estamos todos quites.

Cliff é de opinião de que a defesa de Tadeo Zapate vai ser muito difícil. Ele e sua firma fizeram seu trabalho habitual de 1) conduzir uma pesquisa com mil eleitores registrados nesta área metropolitana, fazendo perguntas hipotéticas; 2) examinar apressadamente o passado de todos os duzentos jurados em potencial; e 3) rever todo noticiário que menciona o horrível incidente em que Sean King foi surrado. Da pesquisa, assombrosos trinta e um por cento de todos os interrogados Conhecem um pouco ou muito do caso, e a grande maioria é a favor da ordenação. Dezoito por cento viram o vídeo. No caso de assassinato corriqueiro, independentemente do quanto seja sensacionalista, encontrar dez por cento que o conhecem é incomum.

Ao contrário da maioria dos consultores, Cliff é conhecido pela sua franqueza. É por isso que eu recorro a ele. Sua conclusão: as chances de absolvição são baixas. As chances de condenação são altas. Faça um acordo, negocie um acordo sobre a pena. É melhor jogar no seguro e cair fora dessa o mais depressa possível.

Assim que li o relatório, liguei imediatamente para ele.

— O que é isso, Cliff, estou lhe pagando todo esse dinheiro e seu melhor conselho é que eu dê no pé?

Ele é um verdadeiro gênio e sua resposta foi:

— Não, na verdade, eu iria correndo. Seu cliente está ferrado e o júri vai acabar com ele.

Cliff estará no tribunal na segunda-feira observando e tomando nota. Por mais que eu goste de câmeras e holofotes, não estou ansioso pela ocasião.

3

Às 16 horas, Partner e eu subimos na van de transporte Ford personalizada, reluzente, novinha em folha, e completa, com todos os refinamentos habituais de que eu preciso em um esplêndido escritório móvel, e nos dirigimos à universidade. Por sugestão de Partner, concordei em mudar a cor da pintura externa, trocando o preto tão ostensivo por um bronze mais suave. Pintadas dos dois lados, em pequenas letras maiúculas, veem-se as palavras “Empreiteiros Smith”, - outro toque especial que Partner realmente desejava. Ele está convencido de que agora passaremos mais despercebidos no mundo e que a polícia, Link, meus próprios clientes e todos os bandidos, reais e potenciais, que estão de tocaia terão mais dificuldade em nos localizar.

Ele me deixa em frente ao centro aquático da universidade e sai em busca de um lugar apropriado para estacionar. Eu entro, ouço as vozes em eco, localizo a piscina e envio uma mensagem de texto a Moss Korgan. Bandos de crianças pequenas e magricelas estão absorvidas em uma competição de equipes. As arquibancadas estão parcialmente ocupadas por pais barulhentos. Uma corrida de nado de peito está em andamento e garotinhas lançam água para todos os lados nas oito raias da piscina de cinquenta metros.

Moss responde: “Lado direito, terceira sessão, fileira de cima.”

Eu olho e não vejo ninguém, mas tenho certeza de que ele está me observando. Estou usando um casaco de couro com meus cabelos compridos embaixo da gola, além de jeans e um boné dos Mets azul e laranja. Este realmente não é meu ambiente e eu não espero ser reconhecido, mas raramente me arrisco. Na semana passada, Partner e eu estávamos comendo um sanduíche em um café quando um imbecil se aproximou e me informou que, na opinião dele, meu pequeno lutador de MMA deveria apodrecer na prisão pelo resto da vida. Eu agradeci e pedi a ele para nos deixar em paz. Ele me chamou de canalha. Partner se levantou e o sujeito fugiu.

Quando subo os degraus, minhas narinas ardem do forte cheiro de cloro. Starcher certa vez mencionou fazer natação, mas uma de suas mães lhe disse que o esporte era perigoso demais por causa de todos os produtos químicos que colocavam na água. Admiro-me que não coloquem o garoto em uma bolha.

Fico sentado sozinho por um instante, longe de qualquer pessoa, e observo o que acontece na piscina. Os pais gritam e o barulho vai ficando cada vez mais alto até que para de repente e a corrida termina. As crianças saem da água e suas mães já estão à sua espera com toalhas e conselhos. De onde estou, parecem ter

cerca de dez anos.

Moss se levanta de um grupo de pais do outro lado da piscina e dá a volta bem devagar. Ele sobe a arquibancada diante de mim e por fim senta-se, a mais ou menos um metro de distância. Sua linguagem corporal diz tudo: ele detesta onde está e preferia estar falando com um assassino em série.

— É melhor que seja bom, Rudd - diz ele, sem me olhar.

— E "olá" para você também, Moss. Qual é a sua filha? — pergunta idiota; há cerca de mil meninas lá embaixo, aglomeradas em volta da piscina.

— Aquela. - Ele indica com um ligeiro sinal da cabeça. Que espertinho, mas, por outro lado, eu provoquei isso. - Ela tem doze anos, nado livre. Só vai entrar na água daqui a trinta minutos. Podemos prosseguir com isso?

— Tenho outro acordo para você, e é até mais complicado do que o último.

— Foi o que você disse. Eu quase desliguei, Rudd, até você mencionar a garota Kemp. Fale.

— Swanger me procurou outra vez. Nos encontramos. Ele alega saber onde ela está, que ela levou a gravidez até o fim, o bebê foi vendido por traficantes que a viciaram em heroína em troca de todo tipo de atividades sexuais.

— Já se viu que Swanger é um mentiroso.

— Certamente é, mas parte do que ele diz é verdade.

— Por que ele entrou em contato com você?

— Diz que precisa de ajuda e, o que não é de admirar, precisa de dinheiro. Há a possibilidade de que ele entre em contato comigo de novo e se o fizer provavelmente poderei colocar a polícia no seu rastro. Essa trilha pode levar a Jiliana Kemp, ou não. Não há como saber, mas no momento a polícia não tem mais nada.

— Então, você está sacrificando seu cliente outra vez.

— Ele não é meu cliente. Deixei isso bem claro para ele. Ele pode pensar em mim como seu advogado, mas é perda de tempo analisar o que Arch Swanger possa estar pensando.

Uma campainha estridente dispara e oito garotos mergulham na água. Instantaneamente, os pais começam a gritar, como se as crianças pudessem ouvi-los. Além de "Mais rápido! ", o que mais você pode gritar para uma criança no calor de uma corrida? Nós os observamos até eles darem a volta. Moss diz:

— E o que você quer de nós?

— Vou para julgamento segunda-feira com meu lutador de MMA. Quero um acordo melhor. Quero um acordo de cinco anos com a garantia de que ele cumpra a pena na fazenda penal do condado. É um lugar melhor. Tem um bom ginásio. O garoto pode continuar mantendo a forma, servir uns dezoito meses, conseguir a condicional quando tiver, digamos, vinte e quatro, e ainda ter um

futuro no ringue. Caso contrário, ele vai servir quinze anos e sair de lá um bandido de rua calejado com somente uma coisa em mente: mais crime.

Ele já está revirando os olhos. Solta o ar ruidosamente, incrédulo, como se tudo que eu acabei de dizer fosse uma piada. E sacode a cabeça; eu devo ser um idiota.

Finalmente, com grande esforço, ele consegue dizer:

— Não temos nenhum controle sobre a procuradoria. Você sabe disso.

— Mancini foi indicado pelo prefeito e confirmado pela Câmara Municipal, assim como você. Nosso chefe de polícia interino foi indicado pelo prefeito e confirmado pela Câmara Municipal. O mesmo para Roy Kemp, que ainda está de licença. Será que não podemos encontrar um meio de trabalharmos juntos aqui?

— Mancini não vai dar ouvidos a Woody. Ele o detesta.

— Todo mundo detesta Woody e ele, por sua vez, também detesta todo mundo. De algum modo, ele sobreviveu a três mandatos. Eis como você deve vender a ideia a Woody. Está me ouvindo?

Ele ainda não tinha olhado para mim, mas agora ele se vira e me encara. Volta a olhar para a piscina e cruza os braços sobre o peito, meu sinal para falar.

— O.k., entre no jogo, Moss, ajude-me a resolver isso. Vamos supor que eu possa levar a polícia até Swanger. Vamos supor ainda que Swanger possa levar a polícia a Jiliana Kemp. Em algum lugar no centro-oeste de Chicago, aliás. Vamos supor que resgatem a garota, e o que acontece? Nosso amado prefeito, o ilustríssimo L. Woodrow Sullivan III, faz a primeira coletiva de imprensa. Será seu melhor momento. Woody em um terno escuro, todo sorrisos, uma fileira de policiais atrás dele, todos com ar circunspecto, mas felizes porque a jovem foi salva. Woody faz o anúncio como se ele pessoalmente a tivesse encontrado e realizado o milagre. Uma hora depois, vislumbramos a feliz família Kemp reunificada, com Woody, é claro, dando um jeito de aparecer na foto como somente ele sabe fazer. Que momento!

Moss se tranquiliza um pouco quando absorve essa visão. Ela chocalha em sua mente. Ele quer livrar-se dela e me dizer que vá para o inferno, mas é simplesmente impossível. Sua criatividade falha, como sempre, então ele diz simplesmente:

— Você é louco, Rudd.

Nenhuma surpresa. Eu continuo a pressionar:

—Já que estamos tentando alcançar a verdade aqui, e fazendo suposições corajosas, digamos que Swanger não esteja mentindo. Se assim for, Jiliana é uma de muitas jovens arrancadas de suas famílias e vendidas como escravas. Quase todas são jovens brancas americanas. Se a rede for desmantelada e os traficantes

presos, a história vai ressoar de costa a costa. Woody recebe mais do que seu quinhão de crédito; certamente, suficiente para brilhar nesta cidade.

— Mancini jamais irá coadunar com isso.

— Então, despeça Mancini. Na mesma hora. Chame-o diante da autoridade e force-o a pedir demissão. O prefeito tem esse poder em nossa versão de democracia. Substitua-o por um desses burocratas puxa-sacos. Há apenas uma centena deles.

— Acho que são quinze — diz ele.

— Desculpe-me. Então, de quinze promotores públicos assistentes, tenho certeza de que você e Woody podem encontrar um com um pouco de ambição, alguém que faça o que vocês querem em troca de um cargo importante. Vamos, Moss, não é assim tão complicado.

Ele se inclina para a frente, imerso em pensamentos, os cotovelos nos joelhos. O barulho arrefece. A multidão se cala enquanto uma corrida termina e a seguinte começa a ser organizada. Felizmente, eu nunca estive em um torneio de natação, mas ao que parece essa provação continua por horas a fio. Agradeço às mães de Starcher e ao seu medo de cloro.

Ele precisa de um pouco de ajuda, então eu continuo aguilhoando-o.

— Woody tem o poder, Moss. Ele pode fazer isso acontecer.

— Por que tem que ser um acordo? Por que você não pode simplesmente fazer o que é certo e cooperar com a polícia? Se acredita em Swanger, e se ele realmente não for seu cliente, então ajude a polícia. Droga, você está falando de uma jovem completamente inocente.

— Porque não é assim que eu trabalho - digo, embora eu tenha perdido o sono tentando responder a essa pergunta. - Tenho um cliente a representar, que é culpado, como a maioria é, e estou desesperado em busca de uma maneira de ajudá-lo. Eu não tenho clientes que têm o potencial de ganhar muito dinheiro, legalmente, mas esse garoto é diferente. Ele pode tirar a si mesmo e a sua enorme família do gueto.

— Um gueto aqui é melhor do que do local de onde vêm — retruca ele, e imediatamente se arrepende do que disse.

Sabiamente, e contra a minha índole, eu deixo passar.

Vemos um grupo de garotos mais altos flexionando e alongando os músculos nervosamente no local da partida.

— E há mais uma coisa — digo.

— Ah, um acordo de várias partes. Que surpresa.

— Há cerca de um mês, a polícia achou dois corpos em um aterro sanitário. Dois bandidos que trabalhavam para Link Scanlon. Por alguma razão, eu sou um suspeito. Não sei até que ponto isso é sério, mas eu preferia não ter nada a ver

com isso.

— Pensei que Link tivesse sido seu cliente.

— E foi, mas digamos que quando ele desapareceu não estava nada satisfeito com os meus serviços. Ele mandou os dois capangas para arrancar algum dinheiro de mim.

— Quem acabou com eles?

— Não sei, mas não fui eu. Sério, acha que eu correria o risco?

— Provavelmente.

Eu solto uma risadinha de mofa.

— De jeito nenhum. Esses caras são capangas de carreira com muitos inimigos. Quem quer que tenha acabado com eles vem de uma longa lista de gente que gostaria de fazer isso.

— Então, deixe-me ver se entendi bem. Primeiro, você quer que o prefeito force Mancini a pegar leve com seu lutador de MMA de modo que ele possa pleitear um bom acordo e proteger sua carreira. Segundo, quer que o prefeito pressione o departamento de polícia para ir procurar em outra parte quem quer que eliminou os garotos de Link. E terceiro, qual era o terceiro?

— A melhor parte. Swanger.

— Ah, certo. E em troca de o prefeito arriscar o pescoço talvez você possa ajudar a polícia a encontrar Swanger, que pode estar dizendo a verdade e que pode ser capaz de levá-los à jovem. Certo, Rudd?

— Isso cobre tudo.

— Que monte de bosta.

Eu o observo enquanto ele anda pelo corredor na arquibancada e dá a volta pela extremidade oposta da piscina. Do outro lado, olho fixamente para ele por um longo tempo e ele nunca sequer lança um olhar em minha direção.

4

C, para Catfish Cave. Fica a poucos quilômetros a leste da cidade em um subúrbio sujo e sombrio, um conjunto habitacional de casas populares construído há sessenta anos com materiais destinados a durarem cinquenta. O restaurante oferece um bufe barato de peixe e legumes agora meio desmanchados e fritos mais de uma vez, mas anteriormente congelado por meses, até mesmo anos. Por apenas dez dólares os fregueses podem lambiscar e se empanturrar por horas a fio sem limites. Eles enchem o prato como se estivessem morrendo de fome e engolem tudo com galões de chá açucarado. Por alguma razão, vendem bebidas alcoólicas, mas as pessoas não vão ah pela bebida. Escondido em um canto escuro e negligenciado, há um bar vazio, e é ali que eu às Vezes me encontro com Nate Spurio.

Na última vez em que nos encontramos, foi em B, de loja de bagels. Na vez anterior foi em A, para uma espelunca de carne da Arby's em outro subúrbio. A carreira de Nate chegou a um beco sem saída há uma década. Ele não pode ser demitido e, evidentemente, não pode ser promovido. Mas, se por algum acaso fosse visto tomando um drinque fora do serviço comigo, ele se veria orientando o trânsito em frente a uma escola pública. Ele é honesto demais para trabalho de polícia nesta cidade.

Seu chefe é o capitão Truitt, um sujeito decente, muito amigo de Roy Kemp. Se eu quiser enviar uma mensagem a Kemp, o caminho começa aqui entre um drinque e outro. Coloco tudo sobre a mesa. Nate fica surpreso com o fato de eu alimentar ainda que a mais leve esperança de que Jiliana Kemp esteja viva. Eu lhe asseguro que não sei em que acreditar, e acreditar em qualquer coisa dita por Swanger provavelmente seja um erro. Mas o que temos a perder? Ele certamente sabe de alguma coisa, o que é muito mais do que nossos investigadores podem dizer. Quanto mais falamos e bebemos, mais Nate fica convencido de que o departamento de polícia e seu sindicato podem pressionar tanto o prefeito quanto Max Mancini. Nosso chefe de polícia anterior era um idiota que permitiu que nossa força policial se transformasse no que é hoje, mas Roy Kemp ainda é tido em alta consideração por seus irmãos. Salvar sua filha vale um acordo de redução de pena de todo réu agora na cadeia.

Eu reitero a Nate inúmeras vezes que encontrá-la é altamente improvável. Primeiro, não tenho certeza de que posso encontrar Swanger ou que ele vá querer me ver de novo. Na última vez em que nos encontramos, eu quase atirei nele. Tenho o celular pré pago, mas não o usei desde nosso encontro anterior. Se

não funcionar, ou se ele não atender, então estaremos sem sorte. E se eu me encontrar com ele e os policiais puderem segui-lo, quais as chances de que ele os levará ao clube de striptease na região centro-oeste de Chicago? Mínimas, eu acho.

Nate tem o alcance emocional de um monge, mas não consegue esconder sua empolgação. Quando deixamos o bar, ele diz que vai direto a casa de Truitt. Lá, eles falarão em off e ele espera que Truitt imediatamente informe Roy Kemp de que há uma possibilidade de acordo em andamento. É um tiro no escuro, mas quando se trata de sua filha você tenta qualquer coisa. Eu digo a ele que se apresse, o julgamento começa amanhã.

5

No domingo à noite, Partner e eu vamos à cadeia pública para a última reunião com o nosso cliente antes do julgamento. Após meia hora de discussão com os carcereiros, eu finalmente tenho permissão para ver Tadeo.

O garoto me assusta. Durante seu tempo de prisão, ele absorveu muitos conselhos gratuitos de seus novos colegas e também se convenceu de que é famoso. Por causa do vídeo, ele recebe um monte de e-mails, a maioria de admiradores. Ele acha que está prestes a sair do tribunal como um homem livre, amado por muitos e pronto para continuar sua brilhante carreira. Eu tenho tentado trazê-lo de volta a realidade e convencê-lo de que as pessoas que lhe escrevem cartas não são necessariamente o mesmo tipo de pessoas que estarão sentadas na tribuna dos jurados. Aqueles que escrevem cartas são da margem da sociedade; algumas até propuseram casamento. Os jurados serão eleitores registrados de nossa comunidade, poucos dos quais têm qualquer simpatia por lutas de MMA.

Como sempre, eu passo a ele a última proposta de acordo, quinze anos por homicídio qualificado. Ele ri com um sorriso afetado e arrogante, o mesmo de antes. Ele não pede conselho e eu não ofereço nenhum. Ele já recusou quinze anos tantas vezes que nem vale a pena discutir. Sabiamente, ele seguiu meu conselho e se barbeou e cortou o cabelo. Eu trouxe comigo um terno azul-marinho de segunda mão, uma camisa branca e gravata, traje que sua mãe encontrou na Goodwill. No pescoço, abaixo da orelha esquerda, ele tem uma tatuagem de origem desconcertante, e será parcialmente visível acima do colarinho. Já que a maioria dos meus clientes tem tatuagem, eu lido com essa questão a maior parte do tempo. É melhor mantê-las fora dos olhos dos jurados. No caso de Tadeo, entretanto, nossos jurados terão uma extraordinária visão da marca quando virem o vídeo.

Evidentemente, quando um sujeito toma a decisão de se tornar um lutador de MMA, sua primeira parada a caminho do ginásio é no salão de tatuagens.

Há uma fenda entre nós que vem crescendo há algum tempo. Ele acha que vai sair livre dessa. Eu acho que ele vai ser preso. Ele vê minhas dúvidas sobre um resultado bem-sucedido não só como falta de confiança nele, mas também como na minha própria habilidade no tribunal. O que realmente incomoda é sua insistência em testemunhar. Ele realmente acredita que pode subir ao banco das testemunhas e enganar o júri, fazendo acreditar que 1) a vitória lhe foi roubada por Sean King; 2) ele surtou, atacou, apagou e ficou temporariamente insano; e

3) agora ele está realmente arrependido. Depois de explicar tudo ao júri, ele quer fazer um pedido de desculpas realmente dramático e emocional à família King. Então, tudo vai dar certo e o júri voltará depressa com o veredicto que ele espera.

Tentei descrever o tratamento realmente ríspido que ele vai receber quando eu o entregar a Max Mancini para um pouco de contrainterrogatório. Mas, como sempre, ele não quer saber do que acontece no calor de um julgamento. Ora, nem mesmo eu sempre tenho certeza do que está prestes a acontecer.

Tadeo não dá atenção a nenhum dos meus avisos. Ele provou glória suficiente na gaiola para saber o que existe lá fora. Dinheiro, fama, adulação, mulheres, uma casa grande para sua mãe e sua família. Tudo isso logo vai ser dele.

6

É impossível dormir na noite que antecede a abertura de um julgamento pelo tribunal de júri. Meu cérebro está em um estado de extrema aceleração e hiperatividade conforme me esforço para me lembrar e organizar detalhes, fatos, medidas a tomar. Meu estômago se revira de ansiedade e meus nervos estão à flor da pele. Sei que é importante descansar e aparecer relaxado e cheio de vigor diante do júri, mas a verdade é que eu terei a mesma aparência de sempre — cansado, estressado, os olhos vermelhos. Tomo um gole de café pouco antes do amanhecer e, como sempre, me pergunto por que eu faço isso. Por que me submeto a algo tão desagradável? Tenho um primo distante que é um grande neurocirurgião em Boston, e sempre penso nele em momentos assim. Imagino que seu mundo seja muito tenso já que ele corta dentro do cérebro, com um risco tão grande. Como ele lida com isso fisicamente? Os nervos, a ansiedade, até mesmo vômitos e diarreia? Raramente nos falamos, então eu nunca perguntei. Lembro a mim mesmo que ele faz seu trabalho sem plateia e, se comete um erro, simplesmente o enterra. Tento não lembrar a mim mesmo que ele ganha um milhão de dólares por ano.

De muitas maneiras, um advogado de tribunal é como um ator no palco. Suas falas nem sempre estão no script e isso dificulta seu trabalho. Ele tem que reagir, ser rápido com os pés e com a língua, saber quando atacar e quando se calar, quando liderar e quando seguir, quando demonstrar raiva e quando ficar frio. Por tudo isso, ele tem que convencer e persuadir, porque nada mais importa além do voto final do júri.

Por fim, eu desisto de dormir e vou para a mesa de bilhar. Arrumo as bolas e inicio com uma jogada delicada. Encaçapo todas as bolas e deixo a bola 8 cair em uma bolsa lateral.

Tenho uma coleção de ternos marrons e cuidadosamente seleciono um para o dia de abertura. Eu uso marrom não porque goste da cor, mas porque ninguém mais o faz. Os advogados, assim como os banqueiros, executivos e políticos, todos eles acreditam que ternos elegantes devem ser azul-marinho ou cinza escuro. Camisas são brancas ou azul claras; gravatas, algum tom de vermelho. Eu nunca uso essas cores. Em vez de sapatos pretos, hoje vou usar botas de caubói de pele de avestruz. Não combinam realmente com meu terno marrom, mas quem se importa? Com minhas roupas estendidas na cama, tomo uma longa ducha. De roupão, ando de um lado para outro da sala, proferindo em voz baixa mais uma versão do meu discurso de abertura. Começo outro jogo, erro as três

primeiras tacadas e abandono o taco.

7

A sala do tribunal está lotada às nove da manhã, a hora determinada para que todos os duzentos jurados em potencial comparecessem para serem selecionados. E como a capacidade da sala é de apenas duzentas pessoas, há um congestionamento quando uma horda de espectadores e algumas dezenas de repórteres também comparecem e manobram por uma posição.

Max Mancini se pavoneia em seu melhor terno azul-marinho e sapatos brilhantes e estilosos, aqueles com a ponta em forma de asa e furinhos decorativos. Ele exibe reluzentes sorrisos para os funcionários e assistentes. Com toda essa gente olhando, ele até mesmo se mostra amável comigo. Nós nos aproximamos e conversamos com ar de importância, enquanto os guardas da segurança do tribunal lidam com a multidão.

— Ainda quinze anos? - pergunto.

— Isso mesmo - diz ele, sorrindo e olhando para a plateia. Obviamente, entre Moss e Spurio, a notícia ainda não chegou aos ouvidos do Max. Ou talvez sim. Talvez Max tenha sido instruído para fazer um acordo e conseguir um reconhecimento de culpa, e talvez Max tenha feito o que eu esperaria que ele fizesse: dizer a Woody, a Moss e a Kemp e a todos os demais que fossem para o inferno. Esse é o seu show, um grande momento em sua carreira. Vejam toda essa gente admirando-o. E todos esses repórteres!

Presidindo esta semana está a morosa Janet Fabineau, discretamente conhecida entre os advogados como Go Slow Fabineau. Ela é uma jovem juíza, ainda um pouco novata, mas amadurecendo bem na magistratura. Ela tem medo de cometer erros, então é muito ponderada. E vagarosa. Fala devagar, pensa devagar, decide devagar e insiste em que os advogados e testemunhas falem sempre com absoluta clareza. Ela finge que isso é para o benefício do relator que deve anotar cada palavra, mas desconfiamos que na verdade é porque a Meritíssima também absorve as coisas… realmente devagar.

Um funcionário do tribunal aparece e diz que a juíza quer ver os advogados em seu gabinete. Entramos e tomamos nossos lugares ao redor de uma antiga mesa de reunião, eu de um lado, Mancini e seus bajuladores do outro. Janet senta-se em uma das pontas, comendo fatias de maçã de uma tigela de plástico. Dizem que ela está sempre às voltas com sua mais recente dieta e seu mais recente personal trainer, mas eu não vi nenhum progresso no campo da redução. Misericordiosamente, ela não nos oferece nenhum dos seus alimentos.

— Mais algum pedido antes do julgamento? — pergunta ela, olhando para

mim. Continua mastigando ruidosamente.

Mancini sacode a cabeça, não. Faço o mesmo e acrescento, por motivos puramente hostis:

— Não ia adiantar nada. Já protocolei dezenas e todas elas foram indeferidas.

Ela absorve esse golpe baixo, engole com força, toma um gole do que parece ser a primeira urina da manhã e diz:

— Alguma chance de um acordo sobre a pena?

— Ainda estamos oferecendo quinze anos em homicídio qualificado - diz Mancini.

— E meu cliente ainda diz não. Desculpe-me — digo.

— Não é uma oferta ruim - diz ela, revidando o golpe baixo. - O que o réu aceitaria?

— Não sei, Meritíssima. Neste ponto, não tenho certeza se ele quer declarar-se culpado de nada. As coisas podem mudar depois de um ou dois dias de julgamento, mas no momento ele está ansioso pelo seu dia no tribunal.

— Muito bem. Nós certamente lhe daremos espaço.

Conversamos sobre uma coisa e outra, e matamos o tempo enquanto os oficiais de justiça selecionam os jurados e organizam tudo. Finalmente, às dez e meia, o funcionário diz que a sala do tribunal está pronta. Os advogados saem e assumem seus postos. Sento-me ao lado de Tadeo, que parece um pouco estranho todo arrumado. Nós sussurramos e eu lhe asseguro que tudo vai bem, exatamente como eu esperava, até agora, ao menos. Atrás de nós, os jurados olham fixamente para as costas de sua cabeça e se perguntam que crime terrível ele terá cometido.

Quando assim instruídos, todos nós nos levantamos em deferência ao tribunal, conforme ajuíza Fabineau entra, sua figura volumosa bem camuflada pela toga longa e preta. Como grande parte de seu deprimente trabalho é feito sem plateia, os juízes adoram tribunais lotados. Eles são os governantes supremos sobre tudo que está à vista e gostam de ser reconhecidos. Alguns tendem a tentar impressionar o público e estou curioso para ver como Janet se conduz sob o escrutínio de tanta gente. Ela dá as boas-vindas a todos, explica por que estamos todos ali, divaga um pouco demais e finalmente pede a Tadeo para se levantar e ficar de frente para a plateia. Ele faz isso, sorri como eu o instruí a fazer, em seguida senta-se. Janet apresenta Mancini e a mim. Eu simplesmente me levanto e faço um sinal com a cabeça. Ele se levanta, abre um largo sorriso e faz um gesto como se fosse abrir os braços, dando boas-vindas às pessoas em seus domínios. Seu fingimento é difícil de digerir.

Os jurados já receberam seus números e Fabineau pede aos que detêm os números de 101 a 198 que deixem a sala do tribunal e façam um intervalo.

Devem ligar para o funcionário às 13 horas e ver se sua presença é necessária. Metade dos jurados sai em fila, alguns apressadamente, alguns até sorrindo com sua sorte. Em um dos lados do tribunal, os oficiais de justiça colocam os restantes em fileiras de dez e temos uma primeira visão dos prováveis jurados. Isso se arrasta por uma hora e Tadeo sussurra que ele está entediado. Eu lhe pergunto se prefere ficar na cela. Não, não prefere.

Do grupo, são retirados os que têm mais de sessenta e cinco anos e aqueles com licenças médicas. Os noventa e dois que vemos agora estão prontos a serem examinados. Fabineau dá o intervalo para almoço e nos dizem para estarmos de volta às 14 horas. Tadeo pergunta se há alguma chance de um almoço de verdade em um bom restaurante. Eu sorrio e digo que não. Ele é levado de volta para a cadeia.

Quando me reúno a Cliff o consultor de júri, um oficial de justiça uniformizado se aproxima e pergunta:

— É o sr. Rudd?

Eu faço um sinal afirmativo com a cabeça e ele me entrega alguns papéis. Tribunal de Relações Domésticas. Uma convocação para uma reunião de emergência a fim de extinguir todos os direitos paternos.

Eu praguejo baixinho. Dirijo-me à tribuna dos jurados e sento-me. Aquela megera da Judith esperou até este momento para complicar ainda mais as coisas. Eu leio e meus ombros começam a afundar. Ontem, domingo, era meu dia com Starcher; doze horas, das oito às vinte horas, um acordo verbal, modificado, entre mim e Judith. Estando preocupado com o julgamento, eu naturalmente esqueci e deixei meu filho esperando. No modo de pensar doentio de Judith, isso é prova incontestável de que eu sou um pai inapto e deveria ser completamente banido da vida de meu filho. Ela exige uma audiência de emergência como se Starcher corresse risco iminente, e se lhe for concedida será a quarta nos últimos três anos. Estou ganhando de 3 a 0! E ela está Perfeitamente disposta a perder mais uma vez para provar alguma coisa. O que, eu não sei.

Compro um sanduíche Fresh!, que já foi congelado, em uma máquina, e vou andando até o Tribunal de Relações Domésticas. Comida de máquina geralmente é subestimada. Carla, uma funcionária por quem me interessei certa vez, pega o arquivo e nós o examinamos, nossas cabeças a apenas alguns centímetros de distância. Quando dei em cima dela há cerca de dois anos, ela estava “em um relacionamento”, o que quer que isso queira dizer. O que realmente queria dizer era que não tinha o menor interesse em mim. Eu levei na esportiva. Já me dei mal tantas vezes que fico surpreso quando uma mulher diz “Talvez”. De qualquer modo, Carla deve ter saído de seu relacionamento porque é toda sorrisos e olhares, o que não é tão incomum entre o exército de auxiliares,

secretárias e recepcionistas que entopem esses escritórios e corredores. Um advogado heterossexual solteiro com um pouco de dinheiro e um terno bonito recebe muitos olhares das jovens solteiras, e de algumas das casadas também. Se eu entrasse no jogo, tivesse o tempo e o interesse, poderia me dar muito bem por ali. Carla, entretanto, ficou consideravelmente rechonchuda nos últimos meses e está longe de ser tão atraente quanto antes.

—Juiz Stanley Leef — diz ela.

— O mesmo da última vez. Estou surpreso que ainda esteja vivo.

— Parece que a sua ex é um osso duro de roer.

— Você não faz nem ideia.

— Ela vem aqui de vez em quando. Não é muito amável.

Eu agradeço e, quando estou saindo, ela diz:

— Ligue para mim uma hora dessas.

Tenho vontade de dizer: “Bem, se você frequentar a academia por uns seis meses, então eu vou considerar. ” Em vez disso, e porque sou um cavalheiro, eu digo:

— Claro.

O juiz Stanley Leef já deu um basta às intenções de Judith em sua última tentativa de acabar com meus direitos de pai. Ele não teve nenhuma paciência com ela e na mesma hora lavrou a sentença a meu favor. O fato de ela ter corrido o risco com esse último pedido de ir parar nas mãos de Leef outra vez diz muito sobre sua integridade e sua ingenuidade. No meu mundo, se o caso for crucial — e o que poderia ser mais drástico do que eliminar o direito de um pai respeitável ver seu filho -, todas as medidas devem ser tomadas para garantir uma audiência justa diante de um juiz adequado. Isso pode exigir apresentar um pedido para que um juiz indesejado seja afastado. Pode exigir uma queixa no Conselho Estadual de Ética Judicial. Meu método preferido, entretanto, é simplesmente um suborno em dinheiro ao funcionário certo.

Judith jamais consideraria nenhuma dessas táticas. Assim, ela vai ter que aturar Leef outra vez. Lembro a mim mesmo que não se trata de ganhar ou perder, nem deste ou daquele juiz. Não passa de abuso do sistema judiciário para infernizar um ex-cônjuge. Ela não tem que se preocupar com honorários. Não tem nenhum medo de retaliação. Ela anda por esta parte do Velho Tribunal todos os dias, de modo que este é o seu território.

Encontro um banco e leio sua petição enquanto termino meu sanduíche.

8

Para a sessão da tarde, mudamos nossas cadeiras para o outro lado de nossas mesas e ficamos diretamente de frente para os jurados. E eles olham fixamente para nós como se fôssemos alienígenas. Sob o esquema de seleção de Fabineau — e todo juiz de tribunal tem grande espaço de manobra para divisar métodos de escolha de júris os de número um a quarenta sentam-se nas quatro primeiras fileiras e dali provavelmente tiraremos nossos doze jurados finais. Assim, nós nos concentramos neles enquanto a juíza fala desconexamente sobre a importância cívica do serviço prestado por um júri.

Dos primeiros quarenta, vinte e cinco são brancos, oito negros, cinco hispânicos, uma jovem vietnamita e outra da Índia. Vinte e duas mulheres, dezoito homens. Graças a Cliff e sua equipe, eu sei seus nomes, endereços, vocações, estado civil, religião, histórico de litígios, dívidas e condenações criminais, se tiverem. Para a maior parte deles, eu tenho fotografias de suas casas ou apartamentos.

Escolher os jurados certos será complicado. Lavrada em pedra, há a crença de que você deve querer todos os jurados negros que puder em um julgamento criminal, porque os negros têm mais simpatia pelos acusados e uma desconfiança maior da polícia e dos promotores. Não é assim hoje. A vítima, Sean King, era um negro jovem e amável com um bom emprego, mulher e três filhos bem-educados. Por alguns dólares por fora, ele arbitrava lutas de boxe e de MMA.

Quando Fabineau finalmente começa a tratar das questões mais prementes, pergunta quantos no grupo estão familiarizados com os fatos que cercam a morte de Sean King. De noventa e dois, cerca de um quarto das mãos se ergue, uma enorme porcentagem. Ela pede que todos fiquem de pé, de modo que possamos anotar seus nomes. Olho para Mancini e meneio a cabeça. Nunca se viu uma resposta tão grande e, em minha opinião, é uma prova clara de que o julgamento deveria ser transferido para outro foro. Mas Mancini continua sorrindo. Eu anoto vinte e dois nomes.

Para impedir maior contaminação, a juíza Fabineau resolve chamar cada um dos vinte e dois e interrogá-los individualmente. Retornamos ao seu gabinete e nos reunimos em volta da mesma mesa. O jurado número três é trazido. Seu nome é Liza Parnell e ela vende passagens em uma companhia aérea regional. Casada, dois filhos, trinta e quatro anos, o marido vende cimento. Mancini e eu nos mostramos encantadores, na tentativa de cair nas graças dessa jurada em

potencial. A juíza assume o comando e começa a interrogar. Nem Liza nem seu marido são fãs de MMA, na verdade ela considera o esporte repugnante, mas ela se lembra da baderna. Estava em todo noticiário e ela viu o vídeo de Tadeo socando o árbitro. Ela e seu marido discutiram o incidente. Até rezaram na igreja pela recuperação de Sean King e se entristeceram com sua morte. Ela teria muita dificuldade em manter uma mente aberta. Quanto mais é interrogada, mais ela percebe com que firmeza acredita que Tadeo é culpado.

— Ele o matou - diz ela.

Mancini faz algumas das mesmas perguntas. Faço o mesmo quando chega a minha vez, mas não perco tempo. Liza logo será eliminada. Por enquanto, entretanto, é instruída a retornar ao seu lugar na fileira um e não dizer nem uma palavra.

A jurada número onze é mãe de dois meninos adolescentes, os dois adoram lutas de MMA e passaram horas discutindo sobre Tadeo e Sean King. Ela não viu o vídeo, apesar de seus filhos terem suplicado. No entanto, ela sabe tudo sobre o caso e admite já ter muitas ideias formadas a respeito. Mancini e eu educadamente cutucamos e indagamos, mas não obtemos nada. Ela, também, será dispensada.

A tarde se arrasta conforme interrogamos os vinte e dois jurados, todos os quais, como se verifica, sabem muito mais do que deveriam. Um casal alega que pode deixar de lado suas opiniões iniciais e decidir o caso com a mente aberta. Eu duvido, mas, por outro lado, sou o advogado de defesa. Mais tarde, depois que terminamos com os vinte e dois, eu renovo meu pedido de uma mudança de foro. Armado de provas novas e irrefutáveis, argumento que acabamos de ver a prova clara de que quase todos nesta cidade sabem demais a respeito do caso.

Go Slow ouve e age como se acreditasse em mim, o que eu acho que de fato acredita.

— Vou indeferir seu pedido no momento, sr. Rudd. Vamos continuar e ver como será o dia de amanhã.

9

Depois do tribunal, Partner me leva ao depósito de onde Harry & Harry conduzem suas operações. Eu me reúno com Harry Gross e nós revisamos a última petição de Judith. Ele vai preparar uma resposta, semelhante às outras três já em arquivo, e eu assinarei e darei entrada nos papéis amanhã.

Partner e eu vamos para o porão, onde Cliff e sua equipe já estão trabalhando. Das quatro primeiras fileiras do grupo de jurados em potencial, de número um a quarenta, nove pessoas foram interrogadas em particular, durante a sessão da tarde. Acredito que as nove serão dispensadas por justa causa ou por uma boa razão. Cada lado tem o direito a quatro objeções, quatro eliminações automáticas, que podem ser usadas sem absolutamente qualquer razão. Isso perfaz o total de oito. Não há limite no número dos que podem ser dispensados por justa causa. O truque, a habilidade, a arte é ler os jurados e tentar determinar qual recusar. Eu tenho direito a apenas quatro recusas, assim como o promotor, e um único erro pode ser fatal. Não só eu decido quem manter e quem eliminar, como também jogo xadrez com Mancini. De quem ele vai querer se livrar? Certamente dos hispânicos.

Eu não espero uma absolvição, assim estou me inclinando para um júri que não consegue chegar a um veredicto por causa das opiniões distintas de seus integrantes. Tenho que encontrar um ou dois jurados que possam mostrar alguma comiseração.

Durante horas, enquanto comemos insossos sushis para viagem e garrafas de chá-verde, dissecamos cada jurado em potencial.

10

Não recebo nenhum telefonema no meio da noite; nada de Arch Swanger, nem de Nate Spurio. Nenhuma palavra de Moss Korgan. Evidentemente, minha brilhante proposta de acordo não foi muito longe. Quando o sol se levanta, estou ao computador respondendo a meus e-mails. Resolvo enviar um para Judith. Diz o seguinte: “Por que você não pode parar com essa guerra? Já perdeu tantas batalhas e vai perder mais esta. A única coisa que vai conseguir provar é o quanto é ridiculamente teimosa. Pense em Starcher, não em si mesma. ” A resposta, previsivelmente, será áspera e bem elaborada.

Partner me deixa em um Strip mall, um centro comercial com as lojas uma ao lado da outra ao longo de uma calçada, no subúrbio. O único estabelecimento aberto é uma loja de bagel onde é ilegalmente permitido fumar. O proprietário é um velho grego que está morrendo de câncer de pulmão. Seu sobrinho tem um alto cargo na Prefeitura e os inspetores sanitários não o incomodam. O lugar oferece café forte, iogurte de verdade, bagels muito bons e uma camada de fumaça de cigarros, espessa e azul, que é um retorno aos dias não muito distantes quando era comum comer em um restaurante enquanto inalava a fumaça e os vapores dos seus vizinhos. Hoje em dia, é difícil acreditar que ainda toleremos isso. Nate Spurio fuma dois maços por dia e adora esse lugar. Eu respiro fundo na entrada, encho os pulmões de ar puro, entro e vejo Nate a uma mesa, café e jornal a sua frente, um novo Salem no canto da boca. Ele indica uma cadeira e deixa o jornal de lado.

— Quer café? - pergunta.

— Não, obrigado. Já tomei o suficiente.

— Como vão as coisas?

— Quer dizer, a vida em geral ou o julgamento Zapate?

Ele resmunga, tenta sorrir.

— Desde quando conversamos sobre a vida em geral?

— Bem lembrado. Nada de Mancini. Se ele estiver no acordo, com certeza não está agindo como tal. Continua a oferecer quinze anos.

— Estão tentando convencê-lo, mas, como você sabe, ele é um idiota que quer fazer sucesso. No momento, ele está no palco e isso é muito importante para ele.

— Então, Roy Kemp continua pressionando?

— Pode crer. Ele está apertando cada parafuso que encontra. Está desesperado. Não posso dizer que o culpo. E ele o odeia porque acha que você

está escondendo informações.

— Nossa, sinto muito. Diga a ele que eu o odeio também porque ele sequestrou meu filho, mas nada pessoal. Se ele pressionar o prefeito, que por sua vez pode pressionar Mancini, talvez tenhamos um acordo.

— Está em andamento. As engrenagens estão se movendo.

— Bem, as coisas precisam andar mais depressa. Estamos escolhendo o júri e, com base no que eu vi e ouvi até agora, meu cliente está em apuros.

— Foi o que ouvi.

— Obrigado. Provavelmente começaremos a chamar testemunhas amanhã e não há muitas. Tudo isso pode terminar até sexta. Temos que fazer o acordo o mais depressa possível. Cinco anos, fazenda penal do condado, antecipação da condicional. Entendeu, Nate? Será que todo mundo na cadeia alimentar compreende os termos do acordo?

— Claro como dia. Não é tão complicado assim.

— Então, diga a eles para fazer acontecer. Meu cliente está prestes a ser derrubado por esse júri.

Ele traga o cigarro, enche os pulmões, pergunta:

— Você vai estar por aí à noite?

— Acha que vou sair da cidade?

— Acho que devíamos conversar.

— Claro, mas agora eu tenho que correr. Tenho esse julgamento hoje e estamos tentando encontrar alguns jurados para subornar.

— Não ouvi nem uma palavra e certamente não estou surpreso.

— Até logo, Nate.

— Foi um prazer.

— E você realmente devia parar de fumar.

— Preocupe-se com você mesmo, sim? Você tem seus próprios problemas.

11

Go Slow está atrasada, o que, por um lado, não é incomum, porque ela é uma juíza e a festa só começa quando ela chega. Por outro lado, no entanto, esse é um ponto alto em sua carreira e seria de se esperar que ela chegasse cedo para saborear o momento. Mas aprendi há muito tempo a não perder tempo analisando por que juízes fazem o que fazem.

Todos estão esperando há pelo menos uma hora, sem nenhuma informação sobre o que está causando a demora, quando o suplente da juíza fica alerta de repente e anuncia o início da sessão. A juíza sobe a tribuna como se já estivesse terrivelmente sobrecarregada e diz a todos que se sentem. Nenhum pedido de desculpas, nenhuma explicação. Ela se lança em observações introdutórias, nem uma palavra das quais é sequer remotamente original e, quando o combustível acaba, ela diz:

— Sr. Mancini, pode examinar o painel para o Estado.

Max levanta-se rapidamente, pavoneando-se ao longo do corrimão de mogno que nos separa dos espectadores. Com noventa e dois jurados de um lado e pelo menos o mesmo número de repórteres e espectadores do outro, o tribunal está novamente lotado. Há até pessoas em pé, encostadas a parede dos fundos. Max raramente tem uma plateia como essa. Ele começa com um terrível e vigoroso monólogo sobre o quanto se sente honrado de estar ali no tribunal representando os bons cidadãos de nossa cidade. Ele sente o peso do fardo, sente uma obrigação. Sente muitas coisas, e depois de alguns minutos noto alguns dos jurados começarem a franzir a testa e olhar para ele como quem diz: esse sujeito está falando a sério?

Depois de Mancini ter falado de si mesmo por um tempo longo demais, eu me levanto devagar, olho para a juíza e digo:

— Meritíssima, podemos prosseguir com isso?

Ela diz:

— Sr. Mancini, tem alguma pergunta para o grupo de jurados?

— Claro, Meritíssima. Não sabia que estávamos com tanta pressa.

— Ah, não há pressa alguma, mas eu realmente não quero perder tempo. — Isso para uma juíza que chegou com uma hora de atraso.

Max começa com perguntas de praxe sobre participação anterior em júris, experiências com o sistema judiciário criminal, preconceitos contra a polícia e manutenção da ordem pública. De modo geral, é uma perda de tempo porque as pessoas raramente revelam seus verdadeiros sentimentos em tal cenário. No

entanto, isso nos dá muito tempo para analisar os jurados. Por instrução minha, Tadeo está enchendo páginas de anotações. Eu também estou anotando, mas estou principalmente observando a linguagem corporal. Cliff e seu sócio estão nos bancos do outro lado do corredor entre as fileiras de assentos, observando tudo. A essa altura, eu sinto como se já conhecesse essas pessoas, especialmente as primeiras quarenta, há anos.

Max quer saber se algum deles já foi processado um dia. Uma pergunta padrão, mas não muito pertinente. Afinal, essa é uma questão criminal e não civil. Dos noventa e dois, cerca de quinze admitem terem sido processadas em algum momento em seu passado. Aposto como há pelo menos mais quinze que não estão admitindo. Afinal, estes são os Estados Unidos. Que cidadão honesto nunca foi processado? Max parece empolgado com essa resposta, como se de fato tivesse encontrado solo fértil para escavar. Ele pergunta se suas experiências dentro do sistema judiciário iriam de alguma forma afetar sua capacidade de deliberar neste caso.

Não, Max. Todo mundo adora ser processado. E não guardamos o menor ressentimento em relação ao sistema. Mas ele continua batendo na mesma tecla com perguntas que não levam a lugar nenhum.

Por pura irritação, eu me levanto e digo:

— Meritíssima, poderia lembrar ao sr. Mancini que este é um caso criminal e não civil?

— Eu sei disso! — Max rosna para mim e trocamos olhares fuzilantes. — Sei o que estou fazendo.

— Prossiga, sr. Mancini - diz a juiza. - E, por favor, mantenha-se sentado, sr. Rudd.

Max tenta disfarçar sua raiva e deixa passar. Mudando de tática, ele entra em uma questão delicada. Alguém em sua família imediata já foi condenado por um crime violento? Ele pede desculpas por se intrometer em uma questão tão particular, mas não tem escolha. Por favor, perdoem-lhe. Lá do fundo, a jurada número oitenta e um levanta a mão devagar.

A sra. Emma Huffmghouse. Branca, cinquenta e seis anos, despachante em uma companhia de frete. Seu filho de vinte e sete anos está cumprindo pena de doze anos por uma invasão de domicílio instigada por drogas. Assim que Max vê sua mão, ele ergue a dele e suplica:

— Não quero ouvir os detalhes, por favor. Sei que é uma questão muito particular e muito dolorosa, tenho certeza. Minha pergunta é a seguinte: sua experiência com o sistema judiciário criminal foi satisfatória ou insatisfatória?

Fala sério, Max. Não estamos fazendo um pesquisa de satisfação do consumidor.

A sra. Huffmghouse levanta-se devagar e diz:

— Acho que meu filho foi tratado com justiça pelo sistema.

Max quase salta por cima do corrimão para ir abraçá-la. Deus a abençoe, querida, Deus a abençoe. Que endosso para as forças do bem! Que pena, Max, ela é inútil. Não vamos chegar perto do número oitenta e um.

O jurado número quarenta e sete levanta a mão, fica em pé, diz que seu irmão cumpriu pena por lesão corporal qualificada e, ao contrário da sra. Huffmghouse, ele, Mark Wattburg, não ficou favoravelmente impressionado com o processo criminal.

Mas Max lhe agradece profusamente, de qualquer modo. Mais alguém? Nenhuma outra mão. Há mais três e eu sei disso, mas acho que Max não sabe. Isso confirma que a minha pesquisa é melhor do que a dele. Também me alerta para o fato de que esses três não são totalmente afáveis.

Max continua enquanto a manhã se arrasta. Ele pisa em outro delicado campo minado, o de complexo de vítima. Algum de vocês já foi vítima de um crime violento? Você, os membros de sua família, amigos íntimos? Várias mãos se erguem e Max faz um bom trabalho de extrair informações úteis, para variar.

Ao meio-dia, a juíza, sem dúvida exausta por duas horas na tribuna e provavelmente ansiando por suas fatias de maçã, anuncia um intervalo de noventa minutos. Tadeo quer permanecer no tribunal para o almoço. Faço um amável pedido ao seu guarda, que concorda, para nossa surpresa. Partner corre até a delicatessen mais próxima e retoma com sanduíches e batatas chips.

Enquanto comemos, conversamos com cuidado, mantendo a voz baixa de modo que os agentes e oficiais de justiça não possam nos ouvir. Não há mais ninguém no tribunal. A imponência do cenário e do ambiente impressiona e faz Tadeo perder um pouco de sua arrogância. Ele absorveu os olhares implacáveis daqueles que podem ser convocados a julgá-lo. E já não acredita que eles sejam seus iguais. Suavemente, ele diz:

— Tenho a sensação de que eles não gostam de mim.

Um jovem muito observador.

12

Max termina por volta das três horas e passa a palavra a mim. A essa altura, eu já sei mais do que o suficiente sobre essas pessoas e estou pronto para a seleção. No entanto, essa é a minha primeira chance de falar diretamente ao grupo e uma oportunidade para lançar as bases do que todo advogado espera que se torne algum nível de confiança. Eu observei seus rostos e sei que muitos deles acharam Max obsequioso, até mesmo um pouco pateta. Tenho muitos defeitos e maus hábitos, mas bajulação não faz parte da minha prática. Eu não agradeço a eles por estarem ali — foram convocados, não têm escolha. Não finjo que estamos fazendo alguma coisa grandiosa e que eles são parte disso. Não me vanglorio do nosso sistema judiciário.

Em vez disso, falo em amplos termos sobre a presunção de inocência. Eu os convoco a perguntar a si mesmos se já não decidiram que meu cliente é culpado de alguma coisa ou, caso contrário, não estariam ali. Não levantem a mão, apenas balancem a cabeça comigo se acham que ele é culpado. É da natureza humana. É a maneira como a nossa sociedade e a nossa cultura funcionam hoje em dia. Há um crime, uma prisão, vimos o suspeito na televisão e ficamos aliviados pela polícia ter pego o nosso homem. Simples assim. Crime solucionado. Culpado em custódia. Atualmente, nós nunca, nunca paramos e dizemos: “Esperem, presume-se que ele seja inocente e ele tem direito a um julgamento justo. ” Nós corremos para o julgamento.

— Perguntas, sr. Rudd? — Go Slow grasna em seu microfone.

Eu a ignoro, aponto para Tadeo e pergunto se eles podem verdadeiramente dizer que, neste momento, acreditam que ele seja completamente inocente.

Claro, não há resposta porque nenhum jurado em potencial jamais dirá que já tomou sua decisão.

Eu continuo, passo ao ônus da prova e discuto isso até Max não aguentar mais. Ele se levanta, os braços abertos em total frustração, e diz:

— Meritíssima, ele não está interrogando o painel. Está dando uma aula da escola de Direito.

— Concordo. Faça suas perguntas ou sente-se, sr. Rudd - Go Slow diz, um pouco rispidamente.

— Obrigado — respondo como o espertinho que realmente sou. Olho para as três primeiras fileiras e digo: — Tadeo não tem que prestar nenhum depoimento, não tem que chamar nenhuma testemunha. Por quê? Porque o ônus de provar que ele é culpado é da Promotoria. Bem, digamos que ele não suba ao banco dos

réus. Isso vai fazer diferença para vocês? Vão pensar que ele está escondendo alguma coisa?

Eu uso essa tática o tempo todo e raramente obtenho uma resposta. Hoje, entretanto, o jurado número dezessete quer dizer alguma coisa. Bobby Morris, trinta e seis anos, branco, pedreiro. Ele levanta a mão e eu faço um sinal com a cabeça para ele. Ele diz:

— Se eu estiver no júri, eu acho que ele deve testemunhar. Quero ouvir o lado do réu.

— Obrigado, sr. Morris — respondo calorosamente. — Mais alguém?

Com o gelo quebrado, vários outros levantam a mão e eu cordialmente faço perguntas subsequentes. Como eu esperava, isso se transforma em uma discussão conforme mais e mais jurados perdem a inibição. É fácil conversar comigo, um bom sujeito, alguém que vai direto ao ponto e tem senso de humor.

Quando termino, a juíza nos informa que escolheremos o júri antes de irmos para casa e nos dá quinze minutos para consultarmos nossas anotações.

13

O e-mail de Judith diz o seguinte: “Starcher ainda está chateado. Você é patético como pai. Vejo você no tribunal. ”

Fico tentado a disparar uma resposta, mas para que me dar ao trabalho? Partner e eu estamos no carro, deixando o tribunal. Está escuro, já passam das 19 horas e foi um dia difícil. Paramos em um bar para uma cerveja e um sanduíche.

Nove brancos, um negro, um hispânico, um vietnamita. Com seus nomes e rostos tão claros em minha cabeça, eu preciso falar deles. Partner, como sempre, ouve obsequiosamente, quase sem comentários. Ele esteve no tribunal durante a maior parte dos últimos dois dias e gosta do júri.

Eu paro depois da segunda cerveja, apesar de que na verdade gostaria de tomar várias outras. Às 21 horas, Partner me deixa em um Arby’s e eu fico bebericando um refrigerante por quinze minutos, a espera de Nate. Finalmente ele chega, pede anéis de cebola, desculpa-se por estar atrasado.

— Como vai o julgamento? — pergunta.

— Fechamos o júri no final da tarde. Depoimentos de abertura de manhã. Depois Mancini começa a chamar testemunhas. Deve andar bem rápido. Temos um acordo?

Ele enfia na boca um anel de cebola grande e crocante, e mastiga furiosamente enquanto olha ao redor. O lugar está vazio. Ele engole com força e diz:

— Sim. Woody reuniu-se com Mancini há duas horas e o demitiu. Substituiu-o por um bajulador que planeja passar para uma anulação de julgamento logo de manhã. Mancini recuou e concordou em entrar no jogo. Ele quer encontrar-se com você e a juíza amanhã às oito e meia.

— A juíza?

— Isso mesmo. Parece que Woody e Janet Fabineau têm alguns acordos, amigos mútuos, seja lá o que for, e Woody insistiu em colocá-la no circuito. Ela concorda. Vai acatar o pedido, aprovar o acordo, condenar seu garoto por cinco anos na fazenda penal, recomendar a soltura precoce. Exatamente como você pediu, Rudd.

— Maravilha. E os capangas de Link?

— Essa investigação não vai levar a lugar algum. Esqueça. — Ele suga seu canudinho e seleciona outro anel de cebola. - Agora, Rudd, a parte divertida.

— Na última vez em que vi Swanger, o encontro foi arranjado através de um celular pré pago que ele deixou para mim em uma farmácia. Eu ainda tenho o

telefone. Está aqui na minha van. Não o usei mais desde então, de modo que não sei se vai funcionar. Mas se eu conseguir Swanger ao telefone, tentarei marcar um encontro. Vou ter que lhe dar algum dinheiro.

— Quanto?

— Cinquenta mil, sem marca. Ele não é idiota.

— Cinquenta mil?

— É cerca de um terço do dinheiro da recompensa. Estou presumindo que ele vai pegar porque está falido. Qualquer quantia menor do que isso pode causar problemas. No ano passado vocês descontaram bens apreendidos até a quantia de quatro milhões de dólares, tudo retido pelo departamento, de acordo com nossa brilhante lei estadual. O dinheiro está lá, Nate, e Roy Kemp pagaria qualquer valor pela chance de ver sua filha outra vez.

— O.k., o.k. Vou passar a informação a eles. É tudo que posso fazer.

Eu o deixo com seus anéis de cebola e corro para a van. Conforme Partner nos leva dali, eu abro o telefone barato e ligo para o número. Nada. Uma hora mais tarde, eu ligo outra vez. E outra vez. Nada.

14

Ajudado pela exaustão, pelas duas cervejas e dois whiskey sours, eu adormeço com a televisão ligada. Acordo em minha poltrona reclinável, ainda de terno, mas sem gravata, de meias, mas sem sapatos. Meu celular está tocando; a identificação diz “Desconhecido”. É lh40 da madrugada. Resolvo arriscar e atendo.

— Está procurando por mim? — pergunta Swanger.

— Sim, na verdade, estou—digo, abaixando o descanso dos pés e ficando em pé de um salto. Estou meio zonzo e meu cérebro precisa de sangue. — Onde você está?

— Pergunta imbecil. Mais alguma idiotice e vou desligar.

— Olhe, Arch, pode haver um acordo em andamento. Quer dizer, isso se você estiver dizendo a verdade, o que, francamente, ninguém envolvido acredita que seja possível.

— Não liguei para ser insultado.

— Claro que não. Você ligou porque quer dinheiro. Acho que posso negociar um acordo, agir como intermediário, sem cobrar nada, é claro. Não sou seu advogado, de modo que não vou lhe mandar uma conta.

— Muito engraçado. Você não é meu advogado porque não é confiável, Rudd.

— O.k., da próxima vez que raptar uma garota, contrate outra pessoa. Quer o dinheiro ou não, Arch? Eu realmente não me importo.

Faz-se uma breve pausa enquanto ele pensa no quanto precisa de dinheiro. Finalmente:

— Quanto?

— Vinte e cinco mil agora para nos dizer onde a garota está. Se a encontrarem, mais vinte e cinco.

— Isso é apenas um terço do dinheiro da recompensa. Você está ficando com o resto?

— Nem um centavo. Como eu disse, não estou ganhando nada e é por essa mesma razão que estou me perguntando o que estou fazendo no meio de tudo isso.

Outra pausa enquanto ele considera uma contra oferta.

— Não gosto do acordo, Rudd. Jamais verei os outros vinte e cinco.

E nós nunca veremos a garota, eu penso, mas não digo.

— Olhe, Arch, você está ganhando vinte e cinco mil dólares das mesmas

pessoas que lhe dariam um tiro no instante em que o vissem. Isso é bem mais do que o que você fez no ano passado com trabalho honesto.

— Não acredito em trabalho honesto. Nem você. É por isso que é advogado.

— Ha, ha. Você é inteligente. Quer um acordo, Swanger? Se não, vou cair fora. Tenho coisas mais importantes na cabeça ultimamente.

— Cinquenta mil, Rudd. Em espécie. Cinquenta mil e eu lhe digo, e somente a você, onde a garota está neste exato momento. Se isso for uma armadilha ou se eu sentir cheiro de polícia por perto, eu fujo, dou um telefonema e a garota desaparecerá para sempre. Compreendeu?

— Compreendi. Não sei ao certo a respeito do dinheiro, mas tudo que eu posso fazer é passar essa informação adiante para o meu contato.

— Ande rápido, Rudd, minha paciência está se esgotando.

— Ah, você vai arranjar tempo se o dinheiro estiver na mesa. Quem você pensa que engana, Swanger?

A linha fica muda. Lá se foi uma boa noite de sono.

15

Três horas mais tarde, paro em uma loja de conveniência vinte e quatro horas e compro uma garrafa de água. Do lado de fora, sou abordado por um policial a paisana que resmunga:

— Você é Rudd?

Já que sou, ele me entrega uma sacola de mercado de papel pardo com uma caixa de charutos dentro.

— Cinquenta mil - diz ele. - Tudo em notas de cem.

— Está bem — digo. O que deveria dizer? Obrigado?

Deixo a City sozinho. Durante a minha última conversa com Swanger, há cerca de uma hora, ele me instruiu para dispensar meu "capanga" e eu mesmo ir dirigindo. Também me disse para esquecer a pomposa van nova e ir dirigindo algum outro carro. Expliquei que, no momento, eu não tinha nenhum outro e nem tempo para procurar uma locadora. A van vai ter que servir.

Eu tento não pensar no fato de que esse sujeito está me vigiando. Ele soube no instante em que Partner e eu começamos a usar uma van U-Haul. Agora ele sabe que eu tenho um veículo novo. É impressionante que ele esteja na City o suficiente para saber essas coisas, e ainda assim não ser descoberto pela polícia. Desconfio que ele finalmente desaparecerá quando conseguir o dinheiro, o que não será nada mau.

Seguindo as instruções, eu ligo para ele quando deixo a City no desvio sul da interestadual. Suas indicações são precisas: "Dirija vinte e cinco quilômetros para o sul até a saída 184, pegue a Rota 63 para leste, para a cidade de Jobes." Enquanto dirijo, lembro a mim mesmo que tenho um julgamento que deve começar em apenas algumas horas. Será? Se a juíza Fabineau está realmente no circuito, o que isso significará para o resto do dia?

Não faço a menor ideia de quanta vigilância está me seguindo no momento, mas tenho certeza de que é substancial. Não fiz perguntas, não tinha tempo, mas sei que Roy Kemp e sua equipe convocaram todos os cães de caça. Há dois microfones em minha van e um dispositivo de rastreamento dentro do para choque traseiro. Permiti que ouçam meu celular, mas apenas pelas próximas horas. Aposto como já têm pessoal deles fechando o cerco na cidade de Jobes. Um ou dois helicópteros no ar acima de mim não seria de surpreender. Não estou com medo — Swanger não tem nenhum motivo para me ferir —, mas, ainda assim, meus nervos estão a flor da pele.

O dinheiro não é marcado e não pode ser rastreado. A polícia não se importa

se não o conseguirem de volta; só querem a jovem. Também estão presumindo que Swanger é bastante esperto para detectar algo suspeito.

Jobes é uma cidade pequena de três mil habitantes. Quando passo por um posto de gasolina da Shell na periferia da cidade, ligo para Swanger, conforme instruções. Ele diz:

— Permaneça na linha. Vire a esquerda logo depois do lava-jato. - Viro a esquerda em uma ma calçada e escura, com algumas casas antigas dos dois lados. Ele diz: — Jura que tem os cinquenta mil, Rudd?

— Tenho.

— Vire à direita e atravesse a linha do trem.

Faço o que ele diz e ele continua:

— Agora vire à direita nessa primeira rua. Não tem nome. Pare no primeiro sinal de parada e espere.

Quando paro, uma figura aparece de repente da escuridão e dá um arranco na maçaneta da porta do passageiro. Aperto o botão para destrancá-la e Swanger salta para dentro. Ele aponta para a esquerda e diz:

— Vá naquela direção, sem pressa. Estamos voltando para a interestadual.

— É muito bom te ver de novo, Arch. — Ele está usando um lenço de cabeça preto, que amarra na nuca, cobrindo suas sobrancelhas e orelhas. Tudo o mais também é preto, do lenço no pescoço às botas militares. Eu quase lhe pergunto onde ele estacionou, mas por que me incomodar?

— Onde está o dinheiro? — ele quer saber.

Faço sinal por cima do ombro e ele agarra a sacola de papel. Ele abre a caixa de charutos e com uma pequena lanterna de chaveiro conta o dinheiro. Ergue os olhos e diz:

— Dobre à direita.

Ele continua contando. Quando estamos deixando a cidade, ele respira fundo, satisfeito, e me oferece um sorriso idiota.

— Está tudo aqui — diz ele.

— Duvida de mim?

— Claro que duvido de você, Rudd. — Ele aponta para o posto de gasolina Shell e pergunta: — Quer uma cerveja?

— Não. Eu normalmente não bebo cerveja às cinco e meia da manhã.

—É melhor hora. Entre.

Ele vai lá dentro sem levar o dinheiro. Sem pressa, seleciona um pacote de batatas chips para acompanhar sua embalagem de seis cervejas e caminha devagar de volta para a van como se não tivesse absolutamente nada com que se preocupar. Quando pegamos o caminho novamente, ele rasga a embalagem, tira uma lata de cerveja e abre. Toma a cerveja em grandes goles e abre o pacote de

batatas chips.

— Aonde vamos, Arch? — pergunto, bastante irritado.

— Entre na interestadual e siga para o sul. Esta van ainda cheira a nova, sabe, Rudd? Acho que eu gostava mais da antiga. — Ele mastiga ruidosamente um punhado de chips e engole tudo com um grande gole de cerveja.

— Que pena. Não deixe cair nenhum farelo, o.k.? Partner fica realmente com raiva quando encontra migalhas na van.

— O seu capanga?

— Você sabe quem é. - Estamos na Rota 63, ainda escura e deserta. Nem sinal do nascer do sol. Eu fico olhando à volta, achando que vou ver algum sinal da vigilância, mas naturalmente eles são bons demais para isso. Estão lá fora, ou lá em cima ou à espera na interestadual. Mas o que sei eu dessas coisas? Sou um advogado.

Ele tira um telefone pequeno do bolso da camisa e o segura no alto para que eu o veja.

— Saiba de uma coisa, Rudd. Se eu vir um policial, sentir cheiro de um policial ou ouvir um policial, tudo que tenho que fazer é apertar este botão neste telefone e em algum lugar, muito distante daqui, coisas ruins vão acontecer. Compreende?

— Compreendo. Agora, onde, Arch? É a primeira coisa. Onde, como, quando? Você tem o dinheiro, agora nos deve a história. Onde está a garota e como chegamos lá?

Ele termina a primeira lata, estala os lábios, coloca mais um punhado de chips na boca e, por alguns quilômetros, parece que ficou mudo. Então, abre outra cerveja. No cruzamento, ele diz:

— Vá para o sul.

As pistas na direção norte estão movimentadas, conforme os primeiros motoristas se encaminham para o trabalho na City. O tráfego para o sul, entretanto, é quase inexistente, as pistas estão praticamente desertas. Olho para ele e tenho vontade de arrancar aquele sorriso afetado de seu rosto.

— Arch?

Ele toma outro gole da cerveja e senta-se ereto no banco.

— Eles levaram as garotas de Chicago para Atlanta. Estão sempre se mudando de lugar, a cada quatro ou cinco meses. Trabalham intensamente em uma cidade, mas depois de algum tempo as pessoas começam a comentar, a polícia começa a xeretar e, assim, eles desaparecem, vão se estabelecer em outro lugar. É difícil guardar segredos quando se está oferecendo jovens bonitas a bons preços.

— Se é o que você diz… Jiliana Kemp ainda está viva?

— Oh, sim. Bem viva. E muito ativa, embora não tenha escolha.

— E está em Atlanta?

— Na área de Atlanta.

— É uma cidade grande, Arch, e não temos tempo para joguinhos. Se tem um endereço, me dê logo. Esse é o acordo.

Ele respira fundo e toma mais um longo gole.

— Estão em um grande Strip mall, onde há trânsito, muitos carros e pessoas indo e vindo. Atlas Physical Therapy é o nome da companhia, mas não passa de um bordel de alto nível. Não tem número no catálogo telefônico. Terapeutas por solicitação. Somente com hora marcada, não pode entrar sem reserva. Todo cliente tem que ser indicado por outro cliente e eles… os chefes das terapeutas… sabem com quem estão lidando. Assim, se você é um cliente, você para no estacionamento, talvez tome um sorvete no Baskin-Robbins, anda tranquilamente pela calçada, depois entra furtivamente no Atlas. Um sujeito que usa um jaleco branco o cumprimenta, muito amavelmente, mas sob o jaleco carrega uma arma. Ele finge ser um terapeuta e ele de fato sabe muito a respeito de ossos quebrados. Pega seu dinheiro, digamos trezentos dólares em espécie, e o leva para os fundos, para onde estão os quartos. Ele aponta para um, você entra, e há uma pequena cama e uma mulher jovem e bonita, quase nua. Você tem vinte minutos com ela. Você sai por outra porta e ninguém fica sabendo que você recebeu seu tratamento. As garotas trabalham a tarde inteira. Elas têm a manhã de folga porque dormem até tarde. Em seguida, eles reúnem todas elas e as levam para a boate de striptease onde dançam e fazem seus números. A meia-noite, eles as levam para casa, um bonito condomínio onde são trancadas pelo resto da noite.

— Quem são eles?

— São traficantes, alguns extremamente sórdidos. Uma gangue, uma rede, um cartel, um bando disciplinado de criminosos, a maioria com ligações com o Leste Europeu, mas alguns caras daqui também. Eles exploram as garotas, as mantêm aterrorizadas, confusas e viciadas em heroína. A maioria das pessoas neste país não acredita que haja tráfico de sexo em suas cidades, mas está lá. Está por toda parte. Eles, os traficantes, caçam jovens que fugiram de casa, sem-teto, garotas buscando escapar de famílias ruins. É um negócio sujo, Rudd. Realmente sujo.

Eu penso em começar a censurá-lo e xingá-lo, lembrando-o de seu papel bem importante em um negócio que ele parece detestar, mas de nada adiantaria. Em vez disso, concordo com ele.

— Quantas garotas agora?

— É difícil dizer. Eles as separam, levam de um lugar para outro. Algumas

desapareceram para sempre.

Eu realmente não tenho vontade de prosseguir com essa conversa. Somente um desgraçado envolvido no negócio saberia tanto a respeito.

Ele aponta e diz:

— Faça o retorno nesta saída e volte para o norte.

— Aonde estamos indo, Arch?

— Eu lhe mostrarei. Apenas continue.

— O. k. Agora o endereço.

— Eis o que eu faria se fosse a polícia — diz ele, repentinamente com uma voz de autoridade. - Eu vigiaria o lugar, Atlas, e agarraria um cliente qualquer assim que ele acabasse de sair da terapia. Ele provavelmente é um agente de seguros do local que não está recebendo nenhum tratamento em casa e se encantou com uma das garotas. Você pode de fato pedir sua favorita, mas não quer dizer que vá ser atendido, eles têm suas regras. Ou talvez seja um perseguidor de ambulâncias como você, Rudd, apenas mais um advogado pilantra que está atirando para todos os lados, mas não está acertando muito, e por trezentos dólares ele recebe sua terapia.

— Prossiga.

— Bem, eles agarram o sujeito, quase o matam de medo e, em poucos minutos, ele está batendo com a língua nos dentes. Ele lhes conta tudo, especialmente o layout do interior. Eles o fazem chorar, depois o soltam. Eles, os tiras, já têm um mandado. Cercam o local com uma de suas equipes da SWAT e tudo é resolvido. As jovens são resgatadas.

Os traficantes são pegos com a mão na massa, e se os policiais agirem direito, podem espremer um deles na mesma hora. Se ele der com a língua nos dentes, vai implicar a rede inteira. Pode haver centenas de jovens e dezenas de bandidos. Pode ser uma operação imensa, Rudd, tudo por causa de mim e de você.

— Sim, nós formamos uma verdadeira dupla, Swanger.

Pego a rampa da saída, atravesso a interestadual e entro nela novamente, rumo ao norte. Todos os olhos que observam minha van devem estar se perguntando para onde vamos. Meu passageiro abre outra lata, a terceira. As batatas acabaram e tenho certeza de que ele deixou migalhas para trás. Acelero para cento e dez quilômetros e digo:

— O endereço, Arch.

— Fica no subúrbio de Vista View, a cerca de dezesseis quilômetros a oeste do centro de Atlanta. O Strip mall chama-se West Ivy. Atlas Physical Therapy fica ao lado de Sunny Boy Cleaners. As garotas vão chegar lá por volta das 13 horas.

— E Jiliana Kemp é uma delas?

—Já respondi a isso, Rudd. Acha que eu lhe diria tudo isso s; e ela não estivesse lá? Mas é melhor a polícia chegar logo. Esses caras podem empacotar e fugir em questão de minutos.

Eu tenho o que preciso, então fico calado. Por alguma razão, digo:

— Posso tomar uma cerveja?

Por um segundo, ele parece irritado, como se ele próprio precisasse das seis, mas depois sorri e passa uma para mim.

16

Alguns quilômetros na estrada e após um longo e agradável período de silêncio, Swanger balança a cabeça e diz:

Lá está. Dr. Woo e seu cartaz de reversão de vasectomias. Traz lembranças de volta, não é, Rudd?

— Passei uma longa noite lá vendo-os cavar. Por que você fez isso, Arch?

— Por que eu faço o que faço, Rudd? Por que eu raptei aquela garota? E a maltratei? E a vendo? Ela não é a primeira, sabe?

—Já não me importo, a esta altura. Só espero que seja a última.

Ele sacode a cabeça e diz com alguma tristeza:

— Sem chance. Pare aqui no acostamento.

Eu freio e a van para sob luzes feéricas do dr. Woo. Swanger agarra o saco de dinheiro, deixa a cerveja para trás e abre a maçaneta da porta.

— Diga àqueles policiais idiotas que eles nunca me encontrarão.

Ele salta da van, bate a porta, desce do acostamento e entra no capim alto, pula uma cerca e fica embaixo do outdoor. A última imagem é de Swanger agachando-se entre os postes grossos, correndo, deixando trilhas, depois desaparecendo no milharal alto.

Por segurança, eu dirijo por uns oitocentos metros pela interestadual, paro novamente no acostamento e ligo para os policiais. Eles ouviram cada palavra dita na van na última hora, de modo que pouco tenho a dizer. Eu enfatizo que seria um erro tentar encurralar Swanger enquanto a incursão é realizada em Atlanta. Eles parecem concordar. Não vejo nenhum movimento perto ou dentro do milharal nas proximidades do outdoor.

Quando estou voltando para a City, meu celular toca. Max Mancini.

— Bom dia — digo.

— Acabo de falar com a Juíza Fabineau. Parece que ela tem um caso grave de intoxicação alimentar, Não vai ter sessão do tribunal hoje.

— Nossa, que lástima.

— Sabia que Você iria ficar decepcionado. Durma um pouco e conversaremos mais tarde.

— O.k. Devo procurá-lo depois?

— Sim. E, Rudd, bom trabalho.

— Veremos.

Pego Partner em seu apartamento e nos instalamos em uma loja de waffles para um longo café da manhã. Eu narro as aventuras das últimas sete horas e ele,

tipicamente, ouve sem dizer nada. Eu preciso me deitar e tentar dormir, mas ainda estou na pilha. Ando pelo tribunal tentando matar o tempo, mas estou tão preocupado com a incursão em Atlanta que não consigo pensar em mais nada.

Normalmente, eu estaria me preparando freneticamente para o julgamento de Tadeo, mas agora duvido que seja realizado. Eu cumpri minha parte da barganha e, independentemente do que aconteça a Jiliana Kemp, devemos ter um acordo. Uma boa negociação sobre a pena permitirá que meu cliente lute outra vez, e logo. Mas não confio em ninguém com quem estou lidando no momento. Se a incursão não produzir nada, não seria uma surpresa se o prefeito, Max Mancini, Moss Korgan, Go Slow Fabineau e o alto escalão da polícia se reúnam todos em uma sala e decidam: “Dane-se Rudd e seu cliente! Vamos para o julgamento.”

11

Às 14 horas, o estacionamento do West Ivy Shopping Center está apinhado de agentes federais, todos trajando uma ampla variedade de roupas informais e dirigindo veículos comuns. Os que portam armas mais substanciais estão escondidos em vans sem identificação.

O cliente azarado é um vendedor de carros de quarenta e um anos de idade chamado Ben Brown. Marido, pai de quatro, bonita casa não muito longe dali. Depois da terapia, ele deixa o Atlas por uma porta sem identificação, dirige-se ao seu carro, um veículo de demonstração, e dirige por uns oitocentos metros antes de ser parado por um policial local. As primeiras palavras de Ben são no sentido de que ele certamente não estava em alta velocidade, mas quando uma SUV preta para a sua frente, ele desconfia que há um problema maior. Ele é apresentado a dois agentes do FBI e levado para o banco de trás do veículo deles. É detido por incitar prostituição e informado de que provavelmente será indiciado por todo tipo de delitos federais posteriormente. Atlas, ele é informado, faz parte de uma rede de sexo interestadual, por isso que as acusações são federais. A vida de Ben passa diante de seus olhos e ele mal consegue conter as lágrimas. Ele diz aos agentes que tem mulher e quatro filhos. Eles não mostram compaixão. Ele vai enfrentar anos de prisão.

Os agentes, entretanto, estão dispostos a fazer um acordo. Se ele lhes contar tudo, deixarão que ele pegue seu carro e vá embora, um homem livre. Por um lado, algo diz a Ben que ele deve se calar e pedir um advogado. Por outro, quer acreditar neles e salvar a pele.

Ele começa a falar. Essa é a sua quarta ou quinta visita ao Atlas. Ele geralmente fica com uma garota diferente a cada vez. É isso que ele gosta a respeito do lugar, a variedade. Trezentos dólares por vez. Nenhum papel, é claro. Ele foi recomendado por um amigo na concessionária de carros. Tudo é mantido muito discretamente. Sim, ele indicou dois outros colegas. É necessário ser recomendado. A segurança parece reforçada. A confidencialidade é assegurada. Dentro, há uma pequena área de recepção onde ele sempre encontra o mesmo homem, Travis, que usa um jaleco branco, e tenta fazer o tipo terapeuta. Uma porta dá acesso a seis ou oito quartos, todos praticamente iguais — cama pequena, cadeira pequena, jovem seminua. Tudo se passa rapidamente. É mais ou menos como um bordel drive-through, entra e sai, ao contrário de um lugar em Vegas onde a garota fica por perto, os clientes comem chocolates e bebem champanhe.

O FBI não acha graça.

— Há outros homens lá?

Sim, talvez, em uma das vezes, parecia haver outro homem lá. Tudo é muito limpo e eficiente, só que as paredes são muito finas e não é incomum ouvir os barulhos típicos de outras sessões de terapia. As garotas? Bem, é claro que há uma Tiffany, uma Brittany e uma Amber, mas quem sabe quais são os verdadeiros nomes?

Dizem a Ben que vá embora e não peque mais. Ele se afasta às pressas, ansioso para dizer aos colegas para ficarem longe do Atlas.

O ataque acontece pouco depois. Com todas as portas bloqueadas por agentes fortemente armados, não há tempo nem para pensar em fuga ou resistência. Três homens são algemados e levados. Seis jovens, inclusive Jiliana Kemp, são resgatadas e levadas em custódia de proteção. Pouco antes das 15 horas, ela liga para seus pais, soluçando histericamente. Ela fora sequestrada há treze meses. E dera a luz no cativeiro. Não faz a menor ideia do que aconteceu a seu bebê.

Sob enorme pressão, um dos três homens, um americano, morde a isca e começa a dar com a língua nos dentes. Ele revela nomes, endereços, depois tudo de que consegue se lembrar. Conforme as horas se passam, a teia se expande. Agentes do FBI em uma dúzia de cidades deixam de lado tudo o mais e dão prioridade ao caso.

Um banqueiro, colega do prefeito Woody, possui um jatinho da empresa e fica ansioso para enviá-lo. Às 19 horas, em um dia em que ela normalmente estaria terminando mais um pesadelo no Atlas e se preparando para uma noite de striptease e dança em mesas, Jiliana Kemp está de repente voando para casa. Uma aeromoça cuida dela e mais tarde dirá que ela chorou durante toda a viagem.

18

Mais uma vez, Arch Swanger desliza através da rede. Não há mais nenhum sinal dele depois que desaparece no milharal. A polícia acha que podia tê-lo pegado lá mesmo naquela hora, mas, como tinham ordens de esperar até depois da incursão no Atlas, eles o perderam. É evidente que ele tem um cúmplice. Do ponto onde eu o peguei no sinal de parada em Jobes, são cerca de sessenta e quatro quilômetros até o outdoor do dr. Woo a margem da interestadual. Alguém tinha que estar guiando um carro de fuga.

Duvido que eu nunca mais tenha notícias dele.

19

Depois que anoitece, Partner e eu vamos a cadeia para dar a grande notícia a Tadeo. Ele vai receber o melhor de todos os acordos — uma sentença leve, uma prisão mais cômoda, a garantia de uma condicional precoce por bom comportamento. Com alguma sorte, estará de volta em dois anos, a carreira reforçada pela aura de ex-presidiário e por aquele famoso vídeo do YouTube. Tenho que admitir que estou começando a ficar empolgado com a ideia de sua volta.

Com grande satisfação, coloco tudo sobre a mesa. Ou a maior parte. Eu poupo a ele os detalhes da aventura Swanger e, em vez disso, dou ênfase à minha perícia como negociador e temido advogado de tribunal.

Tadeo não fica impressionado. Ele diz não. Não!

Eu tento explicar que ele não pode simplesmente dizer não. Ele está enfrentando uma década ou mais em uma prisão inclemente e agora eu estou lhe dando um acordo tão fantástico que a juíza presidente nem pode acreditar. Acorde, homem! Não.

Estou perplexo, incrédulo.

Ele permanece sentado com os braços cruzados sobre o peito, um delinquente arrogante, e repete não sem parar. Nenhum acordo. Ele não vai se declarar culpado sob nenhuma circunstância. Ele já viu seus jurados e, após algumas dúvidas, está novamente confiante de que não irão condená-lo. Vai insistir em subir à tribuna das testemunhas e contar a sua versão da história. Ele se mostra arrogante, teimoso e irritado com minha intenção de vê-lo se declarar culpado. Eu mantenho a calma e volto ao básico — as acusações, as provas, o vídeo, a fragilidade do depoimento de nosso perito, a composição do júri, o banho de sangue que o aguarda no contra interrogatório, a probabilidade de dez ou mais anos na prisão, tudo. Nada o convence. Ele é um homem inocente que quase acidentalmente matou um árbitro com nada além de suas mãos e ele pode explicar tudo isso ao júri. Ele vai sair dali um homem livre e quando o fizer, bem, então será a hora de dar o troco. Vai arranjar um novo empresário e um novo advogado. Ele me acusa de ser desleal. Isso me deixa com raiva e eu digo a ele que está sendo burro. Eu lhe pergunto a quem ele está dando ouvidos lá atrás, no pavilhão das celas. As coisas vão de mal a pior e após uma hora eu saio da sala, furioso.

Achei que pudesse dormir essa noite, mas parece que atravessarei a mesma insônia que precede todo julgamento.

20

Às cinco da manhã de quinta-feira, estou tomando um café forte e lendo o Chronicle on-line. A edição é toda sobre o resgate de Jiliana Kemp. A maior foto na primeira página é exatamente a que eu havia imaginado: o prefeito Woody no pódio, em toda a sua glória, com Roy Kemp ao seu lado, um muro de azul atrás deles. Jiliana não está na foto, embora haja uma foto ligeiramente menor de sua chegada ao aeroporto. Boné de beisebol, grandes óculos escuros, gola virada para cima, não dá para ver com clareza, mas ela parece estar razoavelmente bem. Está descansando em casa com a família e amigos, diz a matéria. A história do tráfico de sexo cobre páginas e a operação do FBI obviamente ainda está em andamento. Prisões estão sendo feitas em todo o país. Até agora, cerca de vinte e cinco jovens foram resgatadas. Houve um tiroteio em Denver, mas nenhum ferido grave.

Felizmente, não há nem uma palavra sobre o vício de Jiliana em heroína ou sobre o bebê perdido. Um pesadelo está terminando; outros continuam. Imagino que eu deveria auferir certo grau de satisfação em ter dado uma contribuição a tudo isso, mas não sinto. Troquei informações por benefícios a um cliente. Apenas isso. Agora, esse cliente ficou idiota e eu não ganho nada com o acordo.

Espero até as sete para enviar uma mensagem de texto a Max Mancini e à juíza Fabineau. Diz o seguinte: “Após extensas discussões, meu cliente se recusa a aceitar o acordo sobre a pena agora oferecido pela Promotoria. Eu o aconselhei enfaticamente a aceitar o acordo, em vão. Ao que parece, o julgamento deve continuar, dependendo apenas da saúde da juíza. Desculpem-me. SR.”

Mancini responde: “Vamos continuar. Até breve. ” Ele, obviamente, está empolgado, porque está de volta ao centro do palco. Evidentemente, a juíza Fabineau se recuperou rápido. Ela manda a seguinte mensagem: “O.k., o show deve continuar. Reunião no meu gabinete às oito e meia. Vou informar meu oficial de justiça.”

21

Os atores se reúnem no tribunal como se nada tivesse acontecido no dia anterior ou ao menos nada que de alguma forma pudesse afetar o julgamento. Alguns de nós sabem — eu, o promotor, a juíza, Partner —, porém ninguém mais sabe, nem deveria. Sussurro para Tadeo. Ele não mudou de ideia; ele pode vencer esse julgamento.

Nós nos retiramos para o gabinete da juíza para nossa atualização do início da sessão. Para me proteger, informo a ela e a Max que eu quero colocar meu cliente nos registros, para que não haja dúvidas nos próximos anos sobre sua recusa em aceitar um acordo. Um oficial de justiça o traz ao gabinete, sem algemas, sem nenhuma restrição. Ele está sorridente e muito educado. É colocado sob juramento e diz que está lúcido e sabe o que está acontecendo. Fabineau pede a Mancini para recitar os termos do acordo sobre a pena: cinco anos por uma admissão formal de culpa de homicídio culposo. A juíza diz que não pode prometer nenhum tipo de penitenciária em particular, mas é de opinião que o sr. Zapate ficaria muito bem ali perto, na fazenda penal do condado. A apenas dez quilômetros de distância dali; sua mãe poderia visitá-lo com frequência. Além disso, ela não controla a condicional, mas como a juíza responsável pela sentença tem a autoridade de recomendar uma soltura precoce.

Ele compreende tudo isso? Ele diz que sim e continua afirmando que não vai admitir a culpa de nada.

Eu declaro que o aconselhei a aceitar o acordo. Ele afirma que sim, compreende meu conselho, mas não quer aceitá-lo. Passamos a conversar sem registros e o relator para de anotar. A juíza Fabineau entrelaça os dedos como uma veterana professora de jardim de infância, e de uma maneira dolorosamente deliberada, diz a Tadeo que ela jamais viu um acordo tão bom para nenhum réu acusado de matar outra pessoa. Em outras palavras, rapaz, você é um idiota em recusar esse acordo.

Ele não se mexe.

Em seguida, Max explica que ele, como promotor de carreira, nunca viu uma oferta de acordo tão benevolente quanto essa. Na verdade, é extraordinária. Uns dezoito meses na penitenciária, acesso completo à sala de musculação, e há excelentes instalações na fazenda penal. Quando você se der conta, já estará de volta à jaula.

Tadeo apenas sacode a cabeça.

22

Os jurados entram e olham à volta com expectativa, nervosamente. Há certa agitação no ar do tribunal conforme esse drama está prestes a se desenrolar, mas eu não sinto nada a não ser o habitual nó no estômago. O primeiro dia é sempre o mais difícil. Conforme as horas se passarem, entraremos em uma rotina, e o nervosismo gradualmente se dissipará. No momento, entretanto, eu gostaria de vomitar. Um velho advogado dos tribunais me disse uma vez que, se chegasse o dia em que eu entrasse em um tribunal e encarasse um júri sem medo, seria hora de parar.

Max levanta-se resolutamente e caminha até um ponto em frente à tribuna dos jurados. Exibe seu amável sorriso padrão e deseja a todos um bom dia. Desculpa-se pelo adiamento de ontem. Novamente, seu nome é Max Mancini, promotor-chefe da City.

Essa é uma questão grave porque envolve a perda de uma vida. Sean King era um bom homem com uma adorável família, um chefe de família trabalhador que tentava ganhar alguns trocados extras como árbitro. Não há dúvidas sobre a causa da morte ou sobre quem o matou. O réu, sentado bem ali, tentará confundi-los, tentará convencê-los de que a lei faz exceções para pessoas que temporariamente, ou permanentemente, perdem a cabeça.

Besteira. Ele continua a tagarelar mais um pouco sem anotações, e eu já notei há algum tempo que Max tem dificuldades de sair do script. Os advogados mais hábeis passam a impressão de que estão falando de improviso, quando na verdade passaram horas decorando e ensaiando. Max não é um desses, mas não é tão ruim quanto a maioria dos promotores. Ele faz algo muito inteligente prometendo aos jurados que eles em breve verão o agora famoso vídeo. Ele os faz esperar. Ele poderia, mesmo nesse estágio inicial do julgamento, mostrar o vídeo. Go Slow já deu sua aprovação. Mas ele os provoca com isso. Bela jogada.

Sua declaração de abertura não é longa porque seu caso é blindado. Impulsivamente, eu me levanto e digo a juíza que reservarei minha declaração de abertura para o começo de nossa defesa, uma opção dentro das regras. Max prossegue e chama sua primeira testemunha, a viúva, sra. Beverly King. Ela é uma senhora bem apessoada, vestida para a igreja e aterrorizada com o banco das testemunhas. Max a conduz através do ritual padrão de compaixão e solidariedade, e em poucos minutos ela está em prantos. Embora tal testemunho nada tenha a ver com culpa ou inocência, sempre é permitido bater na mesma tecla do fato de que o falecido está realmente morto e que ele ou ela deixou para

trás seus entes queridos. Sean era um companheiro fiel, pai dedicado, trabalhador, chefe de família, filho amoroso de sua querida mãe. Entre um soluço e outro, formamos a ideia e, como sempre, é dramática. Os jurados engolem tudo e alguns olham furiosamente para Tadeo. Eu gritei com ele, advertindo-o a não olhar para os jurados, mas permanecer sentado à mesa, atento, e fazer anotações sem parar em um bloco de notas. Não meneie a cabeça. Não mostre nenhuma reação ou emoção. Em qualquer momento, haverá sempre dois membros do júri olhando para você.

Eu não contrainterrogo a sra. King. Ela é dispensada e retoma ao seu assento ao lado dos três filhos na primeira fila. É uma linda família, a mostra para todos que ali estão, mas especialmente para os jurados.

A próxima testemunha é o médico legisla, um patologista forense chamado dr. Glover, um veterano nessas batalhas. Como minha carreira tem envolvido uma série de casos de terríveis homicídios, o dr. Glover e eu já nos encontramos diante de júris. Na verdade, neste mesmo tribunal. Ele fez a autópsia de Sean King no dia seguinte à sua morte e tem fotos para provar. Há um mês, Mancini e eu quase chegamos às vias de fato por causa das fotos da autópsia. Normalmente, elas não são admitidas porque são repulsivas. No entanto, Max convenceu Go Slow que três das mais brandas eram admissíveis como prova. A primeira é de Sean estendido na prancha, nu exceto por uma toalha branca cobrindo a parte do meio de seu corpo. A segunda é uma foto close-up de seu rosto com uma câmera diretamente acima dele. A terceira é de sua cabeça raspada, virada para a direita para revelar um inchaço considerável devido a várias incisões. As vinte e tantas fotos sabiamente excluídas por Go Slow são tão chocantes que nenhum juiz em seu perfeito juízo permitiria que o júri as visse: o topo do crânio retirado; fotos de perto do cérebro danificado; e a última do cérebro solitariamente pousado em uma laje de pedra.

As consideradas admissíveis são projetadas em uma tela alta e larga. Mancini conduz o médico por elas, uma a uma. A causa da morte foi lesão traumática aguda infligida por golpes sucessivos na parte superior do rosto. Quantos socos? Bem, temos o vídeo para nos mostrar. Essa é outra jogada inteligente de Max - introduzir as cenas com o médico especialista na tribuna. As luzes são amortecidas e na enorme tela somos levados a reviver a tragédia: os dois lutadores no meio do ringue, ambos confiantes da vitória; Sean King ergue a mão direita de Crush, que parece surpreso; os ombros de Tadeo, incrédulo, se arriam, em seguida, ele golpeia Crush de lado, um soco completamente inesperado. Antes que King possa reagir, Tadeo desfecha um duro golpe de direita em seu nariz, em seguida um de esquerda. Sean King cai de costas, contra a tela da gaiola, e escorrega para o chão, cai sentado, desmoronado, indefeso,

inconsciente. E Tadeo salta sobre ele como um animal, socando-o sem parar.

— Vinte e dois golpes na cabeça — diz o dr. Glover aos jurados, magnetizados pela violência. Estão vendo um homem Perfeitamente saudável sendo espancado até a morte.

E meu cliente idiota pensa que sairá livre dessa.

O vídeo termina quando Norberto corre para dentro do ringue e agarra Tadeo. Nesse ponto, o queixo de Sean King está enterrado no peito e seu rosto é uma massa de sangue. Crush está desmaiado. Segue-se o caos enquanto outros entram desvairadamente em cena. Quando a rebelião se instala, a tela escurece.

Os médicos fizeram de tudo para aliviar o intenso inchaço do cérebro de King, mas nada resolveu. Ele morreu cinco dias depois sem recobrar a consciência. A imagem de uma tomografia computadorizada substitui o vídeo, e o dr. Glover fala de contusões cerebrais. Outra imagem e ele fala de hemorragia no interior dos hemisférios. Outra revela um grande hematoma subdural. A testemunha tem discutido autópsias e causas de morte com júris há muitos anos e sabe testemunhar. Ele não se apressa, dá explicações claras e tenta evitar palavras e frases esotéricas. Esse deve ser um de seus casos mais fáceis por causa do vídeo. A vítima estava Perfeitamente saudável quando entrou na gaiola. Ele saiu em uma maca e o mundo inteiro sabe por quê.

Discutir com um verdadeiro especialista diante de um júri é sempre um negócio arriscado. Quase sempre, o advogado perde tanto a discussão quanto sua credibilidade. Por causa dos fatos neste caso, eu tenho bem pouca credibilidade para começar. Não estou mais disposto a perder. Levanto-me e digo educadamente:

— Sem perguntas.

Quando me sento, Tadeo sibila para mim:

— O que é que você está fazendo, cara? Tem que ir atrás desses sujeitos.

— Pode parar, está bem? - digo entre os dentes. Estou realmente cansado de sua arrogância e de sua óbvia falta de confiança em mim. Duvido que as coisas melhorem.

23

Quando interrompemos para uma pausa na tarde, recebo uma mensagem de texto de Miguel Zapate. Eu o vi no tribunal durante toda a manhã, um dos vários parentes e amigos aglomerados na fileira de trás, observando atentamente, mas de tão longe quanto possível. Encontramo-nos no corredor e vamos para o lado de fora. Norberto, o ex-empresário do Team Zapate, se une a nós. Partner segue a distância. Faço questão de deixar bem claro que Tadeo está recusando um acordo muito bom. Ele poderia sair em dezoito meses e continuar a lutar.

Mas eles têm um acordo melhor. O jurado número dez é Esteban Suarez, trinta e oito anos, um motorista de caminhão de uma empresa de fornecimento de alimentos. Há quinze anos ele emigrou legalmente do México. Miguel diz que tem um amigo que o conhece.

Eu disfarço minha surpresa conforme entramos em águas traiçoeiras. Viramos em um estreito beco sem saída com toda a luz do sol bloqueada por prédios altos.

— Como seu amigo o conhece? - pergunto.

Miguel é um reles bandido das ruas, um traficante de drogas de último escalão para uma gangue que está pesadamente envolvida com contrabando de cocaína, mas não pesadamente envolvida com seus lucros. Na sombria cadeia de distribuição, Miguel e seus rapazes estão presos no meio, sem nenhum espaço para crescer. É onde Tadeo estava quando nos conhecemos há menos de dois anos.

Miguel dá de ombros.

— Meu amigo conhece muita gente.

— Tenho certeza que sim. E quando foi que seu amigo se encontrou com o sr. Suarez? Nas últimas vinte e quatro horas?

— Não importa. O que importa é o fato de que podemos lidar com Suarez e ele não é muito careiro.

— Subornar um jurado pode colocá-lo na mesma penitenciária de Tadeo.

— Señor, por favor. Por dez mil, Suarez pode conseguir que o júri chegue a um impasse, talvez até mesmo conseguir uma absolvição.

Eu paro de caminhar e olho para esse bandidozinho medíocre. O que ele sabe sobre absolvição?

— Se você acha que aquele júri vai deixar seu irmão sair livre, você está maluco, Miguel. Não vai acontecer.

— O.k., então, nós trancamos o júri com um impasse. Você mesmo disse que

se o júri não conseguir chegar a um veredicto uma vez, depois duas vezes, o promotor indeferirá tudo.

Eu começo a caminhar novamente, devagar porque não sei para onde estamos indo. Partner nos segue a uns cinquenta metros atrás.

— Muito bem, vá subornar um jurado, mas eu não vou me envolver.

— O. k., senõr, me dá o dinheiro e eu resolvo isso.

—Ah, compreendo. Você precisa do dinheiro.

— Sim, senõr. Não temos esse tipo de quantia.

— Nem eu, especialmente depois de defender seu irmão. Já desembolsei mais de trinta mil por um consultor de júri e vinte mil por um psiquiatra, além de mais vinte mil para outras despesas. Não se esqueça, Miguel, que no meu ramo de negócios eu devo ser pago pelo cliente, honorários de representação. E o cliente também é quem cobre todas as despesas. Não é o contrário.

— É por isso que não está brigando?

Eu paro outra vez e olho para ele com raiva.

— Você não faz a menor ideia do que está falando, Miguel. Estou fazendo o melhor que posso com os fatos que tenho. Vocês estão com a ideia errada de que eu posso enfiar seu irmão em um grande e misterioso buraco na lei e fazê-lo sair de lá um homem livre. Sabe de uma coisa? Isso não vai acontecer, Miguel. Diga isso ao seu irmão cabeça dura.

— Precisamos de dez mil, Rudd. E agora.

— Que pena. Não tenho esse dinheiro.

— Queremos um novo advogado.

— Tarde demais.

24

D é para donut. Após outra noite sem dormir, encontro-me com Nate Spurio em uma loja de donuts perto da universidade. Para o café da manhã, ele pediu duas rosquinhas cobertas de mel e com recheio de geleia, e café puro. Não tenho fome, assim apenas tomo café. Depois de alguns minutos de amenidades, eu digo:

— Olhe, Nate, estou muito ocupado atualmente. O que tem em mente?

— O julgamento, hein?

— Sim.

— Ouvi dizer que estão te dando uma surra.

— A situação está bastante ruim lá dentro. Você me ligou. O que é?

— Nada de mais. Pediram-me para passar a você palavras de agradecimento de Roy Kemp e família. Eles levaram a jovem para um centro de reabilitação em algum lugar. Quero dizer, olhe, Rudd, essas pessoas pensavam que ela estava morta. Agora, a conseguiram de volta. Farão o que for necessário para que ela fique bem outra vez. E pode ser que tenham uma pista do bebê. Esse caso ainda está se desdobrando por todo o país. Mais prisões ontem à noite, mais jovens resgatadas. Conseguiram uma pista relacionada à venda de bebês e estão debruçados sobre isso.

Eu balanço a cabeça, tomo um gole do café, digo:

— Isso é muito bom.

— É, sim. E Roy Kemp quer que você saiba que ele e sua família estão muito agradecidos a você por ter conseguido trazer a jovem de volta e fazer tudo isso acontecer.

— Ele sequestrou meu filho.

— Ora, vamos, Rudd.

— A filha dele foi sequestrada, então ele deve saber como é. Não me interessa o quanto está agradecido. Ele tem sorte por eu ter cancelado a ação do FBI ou ele podia estar na cadeia.

— Vamos, Rudd. Deixe isso pra lá. Há um final feliz aqui, graças a você.

— Não mereço nada e não quero ter nada a ver com isso. Diga ao sr. Kemp que vá se danar.

— Farei isso. Eles conseguiram uma pista sobre Swanger. Ontem a noite, uma dica de um barman em Racine, Wisconsin.

— Ótimo. Podemos nos encontrar daqui a mais ou menos uma semana e tomar uma cerveja? Estou um pouco preocupado no momento.

— Claro.

25

Reúno-me com Partner e Cliff no corredor antes do reinicio do julgamento na manhã de sexta-feira. Nesse ponto, a função de Cliff é sentar-se em diversos lugares entre os espectadores e observar os jurados. Sua reação a ontem não é de surpreender: os jurados não têm nenhuma compaixão por Tadeo e já tomaram sua decisão. Agarre o acordo sobre a pena se ainda estiver na mesa, ele não para de dizer. Eu lhe conto minha conversa com Miguel no dia anterior. A resposta de Cliff:

— Bem, se consegue subornar um deles, é melhor andar depressa.

Quando o júri entra em fila, eu olho de soslaio para Esteban Suarez. Eu planejava apenas olhar rápido para ele, como faço normalmente durante os julgamentos. No entanto, ele está me olhando como se esperasse que eu lhe entregasse um envelope. Que idiota. Não resta dúvida, entretanto, de que alguém fez contato com ele. Também não resta dúvida de que ele não é confiável. Será que ele já está contando com o dinheiro como certo?

A juíza Fabineau cumprimenta com um bom dia e dá as boas-vindas a todos que estão de volta ao seu tribunal. Ela prossegue com a rotina padrão de inquirir os jurados sobre qualquer contato não autorizado com pessoas malignas desejosas de influenciá-los. Olho novamente para Suarez. Ele está me fitando sem piscar. Tenho certeza de que outras pessoas estão notando isso.

O sr. Mancini se levanta e anuncia:

— Meritíssima, a acusação está satisfeita. Talvez tenhamos novas testemunhas para contraprova, mas por enquanto estamos satisfeitos.

Isso não é de surpreender, porque Max me deu um alerta. Ele chamou apenas duas testemunhas porque isso é tudo de que ele precisa. Novamente, o vídeo já diz tudo e Max faz bem em deixá-lo falar por si mesmo. Ele determinou com clareza a causa da morte e sem dúvida identificou o criminoso.

Ando até o banco das testemunhas, olho para todos, exceto para Suarez, e começo afirmando o óbvio. Meu cliente matou Sean King. Não houve premeditação, nenhum planejamento. Ele o golpeou vinte e duas vezes. E Tadeo não se lembra disso. Nos quinze minutos anteriores ao ataque a Sean King, Tadeo Zapate foi atingido no rosto e na cabeça num total de trinta e sete vezes por Crush, também conhecido como Bo Fraley. Trinta e sete vezes. Ele não foi nocauteado, mas ficou mentalmente prejudicado. Ele se lembra de pouca coisa depois do segundo round, quando Crush deu uma joelhada em seu queixo. Mostraremos a vocês do júri a luta inteira, contaremos os trinta e sete golpes em

sua cabeça e provaremos a vocês que Tadeo não sabia o que estava fazendo quando atacou o árbitro.

Sou breve porque simplesmente não há muito o que dizer. Eu agradeço e deixo o pódio.

Minha primeira testemunha é Oscar Moreno, o treinador de Tadeo e o homem que primeiro viu seu potencial como um boxeador de dezesseis anos. Oscar tem aproximadamente a minha idade, mais velho do que a gangue de Tadeo e tem muita experiência. Ele fica rondando uma academia para crianças hispânicas e se oferece para treinar os mais talentosos. Ele também tem uma ficha limpa, o que é um verdadeiro trunfo quando se chama testemunhas para dar depoimento. Condenações criminais passadas sempre voltam para assombrá-lo. Os júris são rígidos com criminosos sob juramento.

Com Oscar, eu lanço as bases para os acontecimentos que levaram à luta. É um esforço para apelar ao sentimento de compaixão do júri. Tadeo é um garoto pobre de uma família pobre cuja única chance real na vida até agora tem sido dentro da gaiola. Finalmente chegamos à luta e as luzes da sala do tribunal são esmaecidas. Na primeira vez, assistimos a luta sem interrupção. Na semi escuridão, eu observo os jurados. As mulheres ficam enojadas com a brutalidade do esporte. Os homens ficam completamente fascinados. Durante a reapresentação, eu paro a fita toda vez que Tadeo leva um soco no rosto. A verdade é que a maioria desses golpes não foram muito prejudiciais e Crush só marcou poucos pontos com eles. Mas, para os jurados que não sabem disso, um soco no rosto, especialmente um desproporcionalmente exagerado por mim e por Oscar, se toma um golpe quase letal. Devagar, metodicamente, eu os conto. Quando exibidos de maneira tão exagerada, qualquer um pode facilmente se perguntar como Tadeo conseguiu continuar de pé. Faltando 1: 20 do segundo round, Crush é capaz de puxar a cabeça de Tadeo para baixo e batê-la em seu joelho direito. É um golpe brutal, sem sombra de dúvida, mas que mal abalou Tadeo. Agora, entretanto, Oscar e eu fazemos parecer que ele foi a causa de permanente dano cerebral.

Eu paro o vídeo depois do segundo round e por meio de perguntas e respostas, cuidadosamente ensaiadas, extraio de Oscar suas impressões de seu lutador entre um round e outro. Os olhos do garoto estavam vidrados. Ele só conseguia grunhir, não conseguia falar. E não reagia às perguntas que Norberto e Oscar lhe faziam. Ele, Oscar, pensou em chamar o árbitro e parar a luta.

Eu colocaria Norberto no banco das testemunhas para corroborar essas mentiras, mas ele possui uma ficha criminal com duas condenações e seria humilhado por Mancini.

O que não foi dito nesse depoimento é o fato de que eu também estava no

Corner. Eu usava minha jaqueta amarelo berrante “Tadeo Zapate” e tentava agir como se fosse de alguma forma necessário ali. Eu havia explicado isso para Max e Go Slow e lhes assegurado que não tinha ouvido, nem visto nada crucial. Eu era apenas um espectador; assim, não posso ser considerado uma testemunha. Max e Go Slow sabem que estou aqui por amor e não por dinheiro.

Assistimos ao terceiro round e contamos mais golpes à cabeça de Tadeo. Oscar testemunha que, quando a luta terminou, Tadeo achava que ainda tinha mais um round. Ele estava completamente desnorteado, quase inconsciente, mas ainda de pé. Depois de ter atacado Sean King e ter sido arrancado dali por Norberto e outros, ele parecia um animal enfurecido, sem saber onde estava ou por que estava sendo contido. Trinta minutos depois, quando trocava de roupa no vestiário enquanto a polícia observava e esperava, ele começou a voltar a si. Quis saber o que os policiais estavam fazendo ali. E perguntou quem venceu a luta.

No computo geral, não foi um mau trabalho em criar alguma dúvida. No entanto, mesmo uma vista descontraída de todos os três rounds mostra claramente uma luta que foi bastante equilibrada. Tadeo causou tantos danos quanto absorveu.

Mancini não consegue chegar a lugar nenhum no contra interrogatório. Oscar se restringe aos fatos que criou. Ele estava lá, no Corner, falando com seu lutador e se ele diz que o garoto levou muitos golpes na cabeça, que assim seja. Max não consegue provar nada em contrário.

Em seguida, chamo nosso especialista, dr. Taslman, o psiquiatra aposentado que agora trabalha como testemunha profissional. Ele veste terno preto, camisa imaculadamente branca, minúscula gravata-borboleta vermelha e, com seus óculos de aro de tartaruga e cabelos grisalhos compridos e esvoaçantes, parece incrivelmente inteligente. Eu lentamente discorro sobre suas qualificações e o apresento como um especialista no campo da psiquiatria forense. Max não faz nenhuma objeção.

Em seguida, peço ao dr. Taslman para explicar, em termos leigos, o conceito legal de incapacidade volitiva, o padrão adotado pelo nosso estado há uma década. Ele sorri para mim, em seguida olha para os jurados como um velho professor adoraria conversar com seus afetuosos alunos.

— Incapacidade volitiva significa simplesmente que uma pessoa mentalmente saudável faz algo errado e ao mesmo tempo sabe que é errado, mas no momento ele está tão desequilibrado mentalmente, ou perturbado, que não consegue evitar de fazer o que faz. Ele sabe que é errado, mas não consegue se controlar e, assim, comete o crime.

Ele viu a luta inúmeras vezes e o vídeo do que aconteceu depois. E passou

algumas horas com Tadeo. Durante seu primeiro encontro, Tadeo lhe disse que não se lembrava do ataque a Sean King. Na verdade, ele não se lembrava praticamente de nada depois do segundo round. Entretanto, durante uma sessão posterior, Tadeo pareceu se lembrar de algumas coisas que aconteceram. Por exemplo, disse que se lembrava do olhar presunçoso no rosto de Crush quando seu braço foi erguido em sinal de vitória. Ele se lembrou da multidão gritando sua desaprovação da decisão. Lembrou-se de seu irmão Miguel gritando alguma coisa. Mas não se lembrava de nada em relação ao ataque ao árbitro. No entanto, independentemente do que se lembrava, ele estava cego pela emoção e não tinha escolha senão atacar. Ele fora roubado e o responsável mais próximo era Sean King.

Sim, na opinião do dr. Taslman, Tadeo estava tão perturbado que não conseguiu se conter. Sim, ele estava legalmente insano e, portanto, não podia ser responsabilizado por seus atos.

E há outro fator extraordinário em jogo aqui que torna o caso singular. Tadeo estava em uma gaiola destinada a abrigar lutas. Acabara de passar nove longos minutos trocando socos com outro lutador. Ele ganha a vida socando pessoas. Para ele, naquele momento crucial, era certo resolver a questão com mais socos. Colocado em contexto, e no ambiente daquele instante, ele sentiu que não tinha escolha senão fazer o que fez.

Quando eu termino com Taslman, é anunciado o intervalo de almoço.

26

Passo pelo Relações Domésticas para verificar a ação movida por Judith. Como esperado, o juiz Leef negou seu pedido de uma audiência de emergência e marcou a questão para dali a quatro semanas. Ele também determinou que as visitas regulares devam continuar inalteradas. Aceite isso, querida.

Cliff, Partner e eu caminhamos alguns quarteirões até um restaurante popular e nos escondemos em um compartimento para um rápido sanduíche. O testemunho dessa manhã não poderia ter sido melhor para Tadeo. Nós três estamos surpresos com a atuação de Oscar no banco das testemunhas e no quanto foi convincente ao dizer aos jurados que Tadeo fora nocauteado, mas continuou de pé. Poucos fãs de lutas teriam acreditado nisso, mas não há nenhum em nosso júri. Por vinte mil dólares, eu esperava que o dr. Taslman tivesse um desempenho admirável, e ele o fez. Cliff diz que os jurados agora estão pensando, com certa dúvida firmemente plantada. No entanto, uma absolvição é impossível. Um júri que não consegue chegar a um veredicto ainda é nossa única chance. E pode ser uma longa tarde quando Mancini inquirir nosso especialista.

De volta ao tribunal, Max começa perguntando:

— Dr. Taslman, em que momento o réu tornou-se legalmente insano?

— Nem sempre há um começo e um fim claramente definidos. Obviamente, o sr. Zapate ficou furioso com a decisão dos juízes dando a vitória ao seu adversário.

— Então, antes daquele momento, ele estava insano de acordo com sua definição?

— Não é claro. Há uma forte probabilidade de que o sr. Zapate estivesse mentalmente danificado durante os últimos minutos da luta. Essa é uma situação muito incomum e é impossível saber com que clareza ele estava pensando antes da decisão ser anunciada. É Perfeitamente óbvio, no entanto, que ele surtou rápido.

— Por quanto tempo ele ficou legalmente insano?

— Não creio que seja possível dizer.

— O.k., de acordo com sua definição, quando o réu girou nos calcanhares e atingiu Sean King com o primeiro soco, isso foi um ataque?

— Sim.

— E passível de punição por algum padrão?

— Sim.

— E desculpável, em sua opinião, por causa de sua definição de insanidade legal?

— Sim.

— O senhor viu o vídeo muitas vezes. Está claro que Sean King não fez nenhum esforço para se defender quando caiu e ficou sentado contra a gaiola, certo?

— Parece ser esse o caso.

— O senhor precisa ver isso outra vez?

— Não, não agora.

—Então, depois de apenas dois socos, Sean King está caído inconsciente, incapaz de se proteger, certo?

— Esse parece ser o caso, sim.

— Dez socos depois, seu rosto está sangrando e basicamente pulverizado. Ele não pode se proteger. O réu o golpeou doze vezes em volta dos olhos e na testa. Bem, nesse ponto, doutor, o réu ainda estava legalmente insano?

— Ele não conseguia se controlar, então, a resposta é sim.

Mancini olha para a juíza e diz:

— Muito bem. Quero exibir o vídeo outra vez, em câmera lenta.

As luzes são diminuídas novamente e todos olham para a enorme tela. Max roda o vídeo em câmera muito lenta e anuncia em voz alta a cada soco:

— Um! Dois! Ele está caído agora. Três! Quatro! Cinco!

Eu olho rapidamente para os jurados. Eles podem estar cansados dessas imagens, mas ainda são hipnotizados por elas.

Max para com o golpe de número doze e pergunta:

— Bem, doutor, o senhor está dizendo a este júri que eles estão olhando para um homem que sabe que está fazendo algo errado, violando a lei, mas não consegue fisicamente ou mentalmente se controlar. Correto? — O tom de voz de Max é de incredulidade e zombaria, e é eficaz. O que estamos vendo é um massacre por um lutador furioso. Não a ação de um homem ensandecido.

— Correto — diz o dr. Taslman, sem ceder nem um centímetro.

Treze, catorze, quinze. Max conta-os devagar e para em vinte. Max fala bem alto:

— Agora, nesse ponto, doutor, ele ainda está insano?

— Está sim.

Vinte e um, vinte e dois, e corpos se jogam sobre Tadeo quando Norberto finalmente mergulha e para a carnificina. Max pergunta:

— E agora, doutor, eles o arrancaram dali e o ataque terminou? Em que ponto o rapaz retorna à sanidade?

— É difícil dizer.

— Um minuto depois? Uma hora depois?

— É difícil dizer.

— É difícil dizer porque você não sabe, certo? Em sua opinião, sanidade legal é como um interruptor que liga e desliga, um pouco conveniente para o réu, certo?

— Não foi o que eu disse.

Max aperta um botão e a tela desaparece. As luzes voltam ao normal e todos soltam a respiração. Max sussurra para um assistente e pega outro bloco coberto de anotações. Ele se dirige ao pódio devagar, olha intensamente para a testemunha e pergunta:

— E se ele o golpeasse trinta vezes, doutor? Ainda assim o senhor o diagnosticaria como legalmente insano?

— Sob o mesmo conjunto de fatos, sim.

— Ah, estamos falando dos mesmos fatos. Nada mudou. E quarenta vezes? Quarenta golpes na cabeça de um homem que está obviamente inconsciente. Ainda legalmente insano, doutor?

— Sim.

— Este réu não deu nenhuma mostra de parar depois de somente vinte e dois. E se ele desfechasse cem golpes na cabeça, doutor? Ainda legalmente insano em seu livro?

Taslman faz jus ao seu dinheiro dizendo:

— Quanto maior o número de golpes, maior é a prova de uma mente perturbada.

27

É sexta-feira à tarde e não há nenhuma maneira de podermos terminar o julgamento hoje. Como a maioria dos juízes, Go Slow gosta de usar o fim de semana para reavivar o julgamento. Ela adverte os jurados sobre contatos não autorizados e decreta o recesso mais cedo. Quando os jurados saem em fila, Esteban Suarez olha em minha direção mais uma vez. É como se ele ainda estivesse procurando o envelope. Bizarro.

Passo alguns minutos com Tadeo e faço uma recapitulação da semana. Ele ainda insiste em subir ao banco das testemunhas e eu lhe digo que isso provavelmente acontecerá na segunda-feira de manhã. Prometo passar na prisão no domingo e ensaiar mais uma vez seu depoimento. Eu repito minha advertência de que nunca é uma boa ideia o acusado testemunhar. Ele é levado algemado. Eu passo alguns minutos com sua mãe e família e respondo às suas perguntas. Ainda estou pessimista, mas tento esconder isso.

Miguel me segue para fora do tribunal e por um longo corredor. Quando não há ninguém ouvindo, ele diz:

— Suarez está esperando. Contato confirmado. Ele aceita o dinheiro.

— Dez mil? - pergunto, só para me certificar.

— Sí, señor.

— Então, vá em frente, Miguel, mas me deixe fora disso. Eu não vou subornar um jurado.

— Acho, então, señor, que vou precisar de um empréstimo.

— Esqueça. Eu não faço empréstimos a clientes e não faço empréstimos que jamais serão reembolsados. Você está por sua própria conta, amigo.

— Mas nós cuidamos daqueles dois bandidos para você.

Eu paro e olho para ele furiosamente. Essa é a primeira vez que ele mencionou os capangas de Link — Tubby e Razor. Devagar, eu digo:

— Para constar, Miguel, eu não sei nada sobre aqueles dois. Se você acabou com eles, fez isso por conta própria.

Ele está sorrindo e sacudindo a cabeça.

— Não, señor, fizemos isso como um favor para você. — Ele balança a cabeça indicando Partner ao longe. - Ele pediu. Nós fizemos. Agora precisamos que o favor seja retribuído.

Eu respiro fundo e olho fixamente para uma enorme janela de vitrais pela qual os contribuintes pagaram há um século. Ele tem um argumento. Dois bandidos mortos valem mais do que dez mil dólares, ao menos na moeda das

ruas. O transtorno vem com a comunicação. Eu não solicitei dois bandidos mortos. Mas, agora que eu me beneficio de suas mortes, sou obrigado a retribuir o favor?

Suarez está provavelmente usando uma escuta e talvez até mesmo uma câmera. Se o dinheiro puder ser seguido até mim, então minha licença de advogado é cassada e eu encaminhado a prisão. Já estive por um triz antes e prefiro a vida aqui fora. Engulo com força e digo:

— Sinto muito, Miguel, mas não vou me envolver nisso.

Eu me viro e ele agarra meu braço. Eu liberto-me dele enquanto Partner se aproxima. Miguel diz:

— Vai lamentar isso, señor.

— Isso é uma ameaça?

— Não. Uma promessa.

28

Há lutas esta noite, mas já vi muito derramamento de sangue por uma semana. Preciso encontrar outro esporte e no momento é perseguir a adorável Naomi Tarrant. Como ainda estamos nos encontrando às escondidas ou ao menos com medo de sermos vistos por alguém que possa reconhecê-la como professora, estamos frequentando bares escuros e restaurantes baratos. Esta noite vamos a um novo lugar, um restaurante tailandês a leste da cidade, bem longe da escola onde Naomi é professora de Starcher. Estamos confiantes de que não seremos vistos por nenhum conhecido.

Não é bem assim. Naomi a vê primeiro e, como não consegue acreditar no que vê, me pede para confirmar. Não é fácil porque não queremos ser pegos. O restaurante é suficientemente escuro e possui uma série de sinuosos refúgios e alcovas. É um excelente lugar para se esconder e jantar sem ser visto por muitas pessoas. Quando Naomi retorna do toalete, ela vê três compartimentos nos fundos de uma das salas de refeições. Sentada em um deles, lado a lado e conversando intensamente, estão Judith e outra mulher. Não é Ava, a atual companheira, mas outra pessoa. Uma cortina de contas está parcialmente fechada no compartimento e bloqueando uma parte da visão, mas ela tem certeza de que é Judith. O bom senso diria que as duas mulheres, se fossem apenas amigas, sócias ou colegas de trabalho, estariam sentadas uma de frente para a outra. Mas essas duas mulheres estão ombro a ombro e perdidas em outro mundo, segundo Naomi.

Dirijo-me furtivamente ao toalete, agacho-me atrás de alguns vasos de plantas artificiais em uma prateleira e vejo o que desesperadamente desejo ver. Volto apressadamente para a mesa e confirmo tudo com Naomi.

Penso em ir embora e evitar uma situação embaraçosa. Não queremos que Judith nos veja e tenho absoluta certeza de que ela não quer que a vejamos.

Penso em enviar Naomi para o carro, depois irromper no meio do pequeno rendez-vous de Judith. Como seria bom vê-la desmoronar e começar a mentir. Perguntarei sobre Ava, mandarei lembranças.

Penso em Starcher e no que isso pode significar na guerra que está sendo travada pelos seus pais biológicos. As mães dele não são legalmente casadas, então suponho que tudo bem que uma ou ambas vejam outras mulheres, embora eu realmente duvide que tenham um relacionamento aberto. Como posso saber as regras? Mas, se Ava descobrir, haverá ainda mais guerra, mais tristeza para o menino. E mais munição para mim.

Penso em chamar Partner e fazê-lo seguir Judith, talvez tirar algumas fotos.

Enquanto considero tudo isso e tomo um gole do meu whiskey sour, Judith aparece de uma esquina e caminha direto para a nossa mesa. A distância, vejo sua amiga sair apressadamente pela porta da frente, um último olhar furtivo, revelador, por cima do ombro. Judith, no modo de total megera, diz:

— Ora, ora, não esperava vê-lo aqui.

Não vou permitir que ela intimide Naomi, que está temporariamente petrificada.

— Também não esperava vê-la aqui. Está sozinha?

— Sim - diz ela. — Só pegando uma comida para viagem.

— Ah, é mesmo? Então, quem é a garota?

— Que garota?

— A garota no compartimento. Cabelos curtos, ruivos, quase raspados de um lado só, conforme o modismo atual. A garota que quase quebrou o pescoço saindo pela porta da frente. Ava sabe sobre ela?

— Ah, aquela. É apenas uma amiga. A escola permite que seus professores saiam com os pais?

— É desaprovado, mas não proibido — diz Naomi friamente.

— Ava permite que você saia com outras pessoas? - pergunto.

— Não era um encontro. Ela é apenas uma amiga.

— Então, por que você acabou de mentir sobre ela? Por que mentiu sobre a comida para viagem?

Ela me ignora e olha furiosamente para Naomi.

— Acho que devo comunicar isso à escola.

— Vá em frente - digo. — Eu comunicarei a Ava. Ela fica tomando conta de Starcher enquanto você sai por aí?

— Eu não estou “saindo por aí” e meu filho não é da sua conta no momento. Você meteu os pés pelas mãos na semana passada.

Um homenzinho tailandês de terno se aproxima educadamente e, com um largo sorriso, pergunta:

— Está tudo bem por aqui?

— Sim, ela já está de saída - digo. Olho para Judith. - Por favor. Estamos tentando fazer nossos pedidos.

— Vejo-o no tribunal — sibila ela entre os dentes e gira nos saltos altos. Eu a observo sair e ela não está levando nenhuma comida. O pequeno tailandês afasta-se discretamente, ainda sorrindo. Terminamos nossos drinques e por fim consultamos o cardápio.

Após alguns minutos, digo:

— Nosso segredo está seguro. Ela não dirá nada à escola porque sabe que eu

ligarei para Ava.

— Você realmente faria isso?

— Num piscar de olhos. Isso é uma guerra, Naomi, e não há regras, ninguém pensa em jogar limpo.

— Você quer a custódia de Starcher?

— Não. Não sou um pai bastante bom. Mas realmente quero permanecer relevante em sua vida. Quem sabe? Um dia, talvez, ele e eu sejamos amigos.

Passamos a noite em seu apartamento e dormimos até tarde na manhã de sábado. Estamos ambos exaustos. Acordamos com o barulho de uma chuva forte e resolvemos fazer omeletes e comer na cama.

29

A última testemunha para a defesa é o próprio réu. Antes de ser chamado, na segunda-feira de manhã, eu entrego a juíza e ao promotor uma carta que escrevi para Tadeo Zapate. O propósito é informá-lo por escrito de que ele está testemunhando contra o aconselhamento de seu advogado. Eu o interroguei por duas horas no dia anterior e ele acha que está pronto.

Ele jura dizer a verdade, sorri nervosamente para o júri e sem demora aprende a aterradora lição de que a visão do banco das testemunhas é bastante assustadora. Todos o observam e esperam para ouvir o que ele possa dizer em sua defesa. Um relator da corte registrará cada palavra. A juíza tem o cenho franzido como se estivesse pronta para uma rápida reprimenda. O promotor está ansioso para atacar. Sua mãe, longe, na última fileira, parece terrivelmente preocupada. Ele respira fundo.

Eu o faço falar de sua formação - família, educação, emprego, ausência de ficha criminal, carreira no boxe e seu sucesso nas artes marciais mistas. O júri, junto com todos os demais no tribunal, está farto do vídeo, assim não o exibirei. Apegando-nos ao nosso script, falamos da luta e ele faz um bom trabalho em descrever o que é ser golpeado tantas vezes. Ele e eu sabemos que Crush não desfechou muitos golpes graves, mas ninguém no júri compreende isso. Ele diz ao júri que não se lembra do final da luta, mas pode se recordar de uma imagem turva de seu adversário erguendo os braços em uma vitória que não merecia. Sim, ele surtou, embora não possa realmente se lembrar de tudo. Ele estava sufocado por uma sensação de injustiça. Sua carreira estava desfeita, roubada. Lembra-se vagamente do árbitro erguendo o braço de Crush, depois tudo escureceu. Quando se deu conta de si novamente, estava no vestiário e dois policiais o vigiavam. Ele perguntou aos policiais quem tinha ganhado a luta e um deles disse: “Qual luta? ” Eles o algemaram e explicaram que ele estava preso por lesão corporal qualificada. Ele ficou perplexo com isso, não podia acreditar no que estava acontecendo. Na prisão, outro policial lhe contou que Sean King estava em estado grave. Ele, Tadeo, começou a chorar.

Mesmo hoje, ele ainda não consegue acreditar. Sua voz fica um pouco embargada e ele limpa algo no olho esquerdo. Ele não é um bom ator.

Quando eu me sento, Mancini levanta-se com um salto e brada a primeira pergunta:

— Então, sr. Zapate, quantas vezes você já enlouqueceu?

É uma abertura brilhante, uma fala esplêndida, feita com a dose adequada de

sarcasmo.

Ele continua, fazendo Tadeo parecer um tolo. Quando foi a primeira vez em que você enlouqueceu? Quanto tempo durou? Alguém se feriu da primeira vez? Você sempre perde a consciência quando enlouquece? Você consultou um médico para a sua loucura? Não! Por que não! Desde que atacou Sean King você foi avaliado por um médico, algum não ligado a este julgamento? A insanidade corre em sua família?

Após trinta minutos desse ataque, a palavra “insanidade” não significa mais nada. É uma piada.

Tadeo se esforça para se manter calmo, mas não consegue. Mancini está praticamente rindo dele. Os jurados parecem estar se divertindo.

Max pergunta sobre seu histórico como boxeador amador. Vinte e quatro vitórias, sete derrotas. Max diz:

— Agora, corrija-me se eu estiver errado, mas há cinco anos, quando você tinha dezessete e lutava no torneio distrital Golden Gloves, você perdeu em uma decisão dividida para um homem chamado Corliss Beane. Certo?

— Sim.

— Uma luta difícil, certo?

— Sim.

— Você ficou aborrecido com a decisão?

— Não gostei, achei que foi errada, achei que eu tinha vencido a luta.

— Você enlouqeceu?

— Não.

— Você perdeu a consciência?

— Não.

— Você de alguma forma expressou sua frustração com a decisão?

— Acho que não.

— Bem, você se lembra disso ou perdeu a memória de novo?

— Eu me lembro.

— Enquanto você ainda estava no ringue, atacou alguém?

Tadeo me lança um olhar culpado que o trai, mas responde:

— Não.

Mancini respira fundo, sacode a cabeça como se detestasse fazer o que está prestes a fazer e diz:

— Meritíssima, tenho outra parte de vídeo que acho que pode nos ajudar aqui. É o final da luta há cinco anos com Corliss Beane.

Eu me levanto e digo:

— Meritíssima. não sei nada a respeito disso. Não me foi comunicado.

Max está pronto porque ele vem preparando essa emboscada há semanas. Ele

diz, com grande confiança:

— Meritíssima, não foi comunicado porque não era necessário. O Estado não está oferecendo o vídeo como prova da culpa do réu, portanto, segundo nossa Regra 92F, não há revelação. Em vez disso, o Estado está oferecendo o vídeo para contestar a credibilidade desta testemunha.

— Eu poderia ao menos ver esse vídeo primeiro antes que o júri o veja? — pergunto devagar.

— Parece razoável — responde Go Slow. — Vamos fazer um recesso de quinze minutos.

No gabinete da juíza, vemos o vídeo: Tadeo e Corliss Beane no centro do ringue com o árbitro, que ergue a mão direita de Beane em sinal de vitória. Tadeo liberta-se da mão do árbitro violentamente, vai para seu Corner, gritando algo em um ataque de raiva. Ele anda pelo ringue batendo os pés, tornando-se cada vez mais insano a cada segundo. Vai para as cordas, grita com os juízes e inadvertidamente esbarra em Corliss Beane, que está alheio a ele e saboreando sua vitória. Há outras pessoas no ringue e alguém começa a dar empurrões. O árbitro entra no meio dos dois lutadores e Tadeo o empurra. O árbitro, um sujeito corpulento, o empurra de volta. Por um segundo, parece que o ringue está a beira do caos, mas alguém agarra Tadeo e o afasta dali, gritando e esperneando.

Mais uma vez, a câmera não mente. Tadeo parece um mau perdedor, impetuoso, imaturo, um homem perigoso que não se importa de começar uma briga.

Go Slow diz:

— Parece relevante para mim.

30

Eu observo os jurados enquanto eles veem o vídeo. Vários sacodem a cabeça. Quando termina, as luzes se acendem e Max alegremente retorna à besteira da falsa insanidade e continua a pressionar. A credibilidade de Tadeo está completamente estraçalhada. Eu não posso ressuscitá-la por meio de uma nova investigação.

A defesa descansa. Mancini chama sua primeira testemunha de contraprova, um psiquiatra chamado Wafer. Ele trabalha para o departamento estadual de saúde mental e possui credenciais que não podem ser contestadas. Ele frequentou faculdades neste estado e tem o nosso sotaque. Não é o brilhante perito de longe como Taslman, mas é muito eficiente. Ele viu os vídeos, todos eles, e passou seis horas com o réu, mais tempo do que Taslman.

Eu discuto com Wafer até o meio-dia, mas não marco muitos pontos. Como estamos fazendo o intervalo para o almoço, Mancini me segura e pergunta:

— Posso falar com seu cliente?

— Sobre o quê?

— O acordo, cara.

— Claro.

Dirigimo-nos à mesa da defensoria onde Tadeo está sentado. Max se inclina e diz em voz baixa:

— Olhe, cara, eu ainda estou oferecendo cinco anos, que significa dezoito meses. Homicídio culposo. Se disser não, você realmente é maluco porque está prestes a pegar vinte anos.

Tadeo parece ignorá-lo. Ele apenas sorri, sacode a cabeça, não.

Ele está ainda mais confiante agora porque Miguel conseguiu o dinheiro e entregou o envelope a Suarez. Disso eu só ficarei sabendo quando for tarde demais.

31

Depois do almoço, nos reunimos no gabinete da juíza, onde Go Slow tem à mostra um prato de plástico coberto com cenouras e aipos fatiados, como se estivéssemos interrompendo sua refeição. Suspeito que seja apenas para exibição. Ela pergunta:

— Sr. Rudd, e quanto ao acordo de confissão? Pelo que eu saiba, o acordo ainda está na mesa.

Dou de ombros e digo:

— Sim, juíza, eu discuti isso com meu cliente, bem como o sr. Mancini. O garoto não arreda o pé.

Ela diz:

— Bem, estamos em off aqui. Agora que vi as provas, estou inclinada a uma sentença maior, algo como vinte anos. Não me convenci do negócio da insanidade, nem o júri. Foi um ataque maligno e ele sabia exatamente o que estava fazendo. Acho que vinte anos é a sentença apropriada.

— Posso passar isso ao meu cliente? Também em off, é claro.

— Por favor, faça isso. - Ela passa um pedaço de aipo em sal, olha para Mancini e pergunta: - O que vem agora?

— Tenho apenas mais uma testemunha, dr. Levondowski, mas não tenho certeza se precisamos dele. O que acha, juíza?

Go Slow dá uma mordida no pedaço de aipo.

— A decisão é sua, mas acho que o júri já está pronto. — Sr. Rudd?

— Está perguntando a mim?

— Ah, por que não? — diz Max. — Coloque-se no meu lugar e dê sua opinião.

— Bem, Levondowski só vai repetir o que Wafer disse. Eu já o interroguei antes e ele é bom, mas acho que Wafer é uma testemunha muito melhor. Eu deixaria assim como está.

Max diz:

— Acho que você tem razão. Nós vamos descansar.

Unidos, uma verdadeira equipe.

Durante a argumentação final de Max, eu fico olhando para Esteban Suarez, que parece completamente absorvido pelos seus pés. Ele se recolheu dentro de um casulo e parece não estar ouvindo nada. Algo mudou com esse sujeito e, por um segundo, eu me pergunto se Miguel conseguiu convencê-lo. Se não com dinheiro, então com ameaças, intimidação. Talvez tenha prometido alguns quilos

de cocaína.

Max faz um bom trabalho na finalização do caso. Felizmente, ele não mostra aquele maldito vídeo outra vez. Ele enfatiza o ponto irrefutável de que Tadeo pode não ter planejado seu ataque fatal a Sean King, mas obviamente pretendia infligir-lhe graves danos físicos. Ele não pretendia matar o árbitro, mas foi o que fez. Podia ter dado um ou dois socos e parado. Culpado de ataque, mas não de um crime grave. Mas não! Vinte e dois socos desfechados por um lutador altamente treinado cujo objetivo admitido era ver todo adversário deixar o ringue em uma maca. Bem, ele atingiu seu objetivo. Sean King saiu de maca e nunca mais acordou.

Max luta contra a tendência natural da Promotoria de martelar tempo demais no mesmo ponto. Ele já tem o júri do seu lado e pode ver isso. Creio que todos veem isso, talvez com a exceção do meu cliente.

Eu começo dizendo que Tadeo Zapate não é um assassino. Ele viveu nas ruas, viu seu quinhão de violência, até perdeu um irmão para guerras sem sentido entre gangues. Viu tudo isso e não quer fazer parte disso. É por esse motivo que sua ficha é imaculada: nenhuma história de violência fora do ringue. Eu ando de um lado para outro diante da tribuna do júri, olhando para cada jurado, tentando me conectar com eles. Suarez parece querer se esconder em um buraco.

Apelo para a compaixão e toco ligeiramente na questão da insanidade. Peço ao júri um veredicto de inocente ou, como alternativa, homicídio culposo. Quando volto à mesa da defensoria, Tadeo puxou sua cadeira para o mais longe possível da minha.

A juíza Fabineau instrui os jurados e eles se retiram às 15 horas.

Tem início a espera. Pergunto a um oficial de justiça se Tadeo pode ficar com sua família na sala do tribunal enquanto o juri está fora, deliberando. Ele consulta seus colegas e em seguida, relutantemente, concorda. Tadeo dirige-se à plateia e senta-se na primeira fileira. Sua mãe, uma irmã e algumas sobrinhas e sobrinhos se reúnem a sua volta e todos choram copiosamente. A sra. Zapate não tocou fisicamente em seu filho há muitos meses e não consegue tirar as mãos dele.

Eu deixo a sala do tribunal, encontro-me com Partner e vamos a uma cafeteria mais abaixo na rua.

32

Às 17hl5, os jurados voltam em fila para a sala do tribunal e não se vê um único sorriso entre eles. O representante dos jurados entrega o veredicto a um oficial de justiça, que o entrega à juíza. Ela o lê, bem devagar, e pede ao réu para fazer o favor de se levantar. Eu também me levanto. Ela limpa a garganta e lê:

— “Nós, o júri, declaramos o réu culpado de assassinato em segundo grau na morte de Sean King.”

Tadeo emite um grunhido sufocado e abaixa a cabeça. Alguém no clã dos Zapate na última fileira exala um suspiro. Nós nos sentamos enquanto ajuíza apura os votos dos jurados. Um a um, todos unanimemente o declaram culpado. Ela os parabeniza pelo bom trabalho, informa que seus cheques pelo serviço no júri serão remetidos pelo correio e os dispensa. Depois que se vão, ela estabelece prazos finais para moções pós-julgamento e determina a data dali a um mês para a sentença. Eu anoto essas informações e ignoro meu cliente. Ele também me ignora enquanto enxuga os olhos. Os oficiais de justiça o cercam e colocam as algemas. Ele sai sem dizer nada.

Quando a sala vai ficando vazia, a família Zapate sai lentamente. Miguel tem o braço sobre o ombro de sua mãe, que está transtornada. Uma vez lá fora, no corredor, e bem à vista de alguns repórteres e câmeras de TV, três policiais à paisana agarram Miguel e dizem que ele está preso.

Obstrução da justiça, suborno e manipulação do júri. Suarez estava de fato usando uma escuta.

33

Como eu perdi, evito os repórteres. Meu telefone toca e eu o desligo. Partner e eu vamos a um bar escuro para lamber nossas feridas. Eu bebo quase uma jarra cheia de chope antes de qualquer um de nós falar. Ele começa:

— Diga, chefe, até onde você chegou no suborno de Suarez?

— Eu pensei nisso.

— Sei que pensou. Eu podia ver.

— Mas algo não estava certo. Além do mais, Mancini estava jogando limpo, não estava trapaceando. Quando os bons sujeitos começam a trapacear, então eu não tenho escolha. Mas Mancini não precisava. Fizemos um julgamento limpo, o que é raro.

Termino a jarra e peço outra. Partner tomou dois goles do seu copo. A srta. Luella tem restrições a bebidas e dirá alguma coisa se sentir o cheiro.

— O que acontece com Miguel? — pergunta ele.

— Parece que vai cumprir pena com seu irmão.

— Vai defendê-lo?

— Não, de jeito nenhum. Estou farto dos rapazes Zapate.

— Acha que ele vai cantar sobre os capangas de Link?

— Duvido. Já está bastante encrencado. Mais dois assassinatos não vão ajudá-lo.

Pedimos um prato de batatas fritas e consideramos isso o jantar.

Quando deixamos o bar, eu fico com a van e deixo Partner em seu apartamento. É segunda-feira e Naomi está ocupada corrigindo provas. “Não deixe de dar A a Starcher”, eu digo a ela. “Claro”, ela diz. Eu preciso ser amado, mas esta noite ela não pode namorar. Finalmente, vou para casa e o lugar parece frio e solitário. Visto minha calça jeans e vou para o The Rack, onde tomo cerveja, fumo um charuto e jogo bola 8 por duas horas, sozinho. Às dez, verifico meu telefone. Todo Zapate na cidade está à minha procura: mãe, uma tia, uma irmã, e Tadeo e Miguel da prisão. Parece que precisam de mim agora. - Estou farto dessa gente, mas eu sei que eles não vão desaparecer.

Dois repórteres estão ligando. Mancini quer tomar um drinque. Por que, eu não faço a menor ideia.

E há um recado de voz de Arch Swanger. Condolências sobre a grande derrota. Como é possível?

Tenho que deixar a cidade. À meia-noite, carrego a van com algumas roupas, os tacos de golfe e meia caixa de bourbon especial. Lanço uma moeda, dirijo-me

para o norte e consigo dirigir por duas horas antes de quase adormecer ao volante. Paro em um motel barato e pago quarenta dólares por uma noite. Estarei em um campo de golfe, em algum lugar, até o meio-dia, completamente sozinho.

Dessa vez, não tenho certeza se vou voltar.

Table of Contents

Contra capa
Orelhas
Rosto
Ficha
PARTE UM
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15

PARTE DOIS
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12

PARTE TRÊS
- 1

2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
PARTE QUATRO
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14

15
16
17
18
19
PARTE CINCO
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
PARTE SEIS
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12

13
14
15
16
11
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33

Digitalizado por

José Eduardo Cruz

Fevereiro de 2019